

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

CARLA DE OLIVEIRA TÔZO

**A práxis do jornalismo científico: a experiência do *Jornal da USP* e de universidades
públicas brasileiras no período pandêmico**

São Paulo
2024

CARLA DE OLIVEIRA TÔZO

A práxis do jornalismo científico: a experiência do *Jornal da USP* e de universidades públicas brasileiras no período pandêmico

Versão Corrigida
(versão original disponível na Biblioteca da ECA/USP)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumo

Orientador: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

São Paulo
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Tôzo, Carla de Oliveira

A prxis do jornalismo científico: a experiência do
Jornal da USP e de universidades públicas brasileiras no
período pandêmico / Carla de Oliveira Tôzo, orientador,
Luciano Victor Barros Maluly. - São Paulo, 2024.
298 p. : il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação / Escola de Comunicações e Artes
/ Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão corrigida

1. Divulgação Científica. 2. Jornal da USP. 3.
Jornalismo Científico. 4. Período Pandêmico. 5.
Universidades Públicas. I. Victor Barros Maluly, Luciano
. II. Título.

CDD 21.ed. - 070

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: TÔZO, Carla de Oliveira

Título: A práxis do jornalismo científico: a experiência do *Jornal da USP* e de universidades públicas brasileiras no período pandêmico

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Aprovado em: 08 de abril de 2024.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

Prof. Dr. Eugênio Bucci

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

Profa. Dra. Andréia Terzariol Couto

Instituição: Independente

Julgamento: Aprovada

Profa. Dra. Adriana Cristina Omena dos Santos

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia

Julgamento: Aprovada

Profa. Dra. Cláudia do Carmo Nonato Lima

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese

Aos meus pais, Luiza Luzeide de Oliveira Tôzo e Antonio Carlos Tôzo, que me deram a vida, amor e sempre me apoiaram na busca pelo conhecimento.

À minha irmã, Kelly Cristina Oliveira Tôzo, pela parceria na vida.

Ao meu companheiro e amor, Luciano Somenzari, pelo ouvido, colo e pelas inúmeras leituras e correções ao longo desses quatro anos.

Amo-os imensamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus e a toda a minha ancestralidade, por me permitirem chegar aqui, apesar de todas as dificuldades enfrentadas.

Aos meus pais Antonio Carlos e Luiza, e à minha irmã Kelly, pela paciência, pelo amor, pela compreensão e pelo apoio.

Ao meu companheiro Luciano pelo amor e pela parceria de todas as horas.

Ao meu orientador Luciano Maluly pelo aprendizado e pela parceria nesses quatro anos.

À Universidade de São Paulo, pela estrutura, pelo apoio intelectual e financeiro. É um sonho realizado estudar nesta instituição de ensino tão importante.

À Escola de Comunicações e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e ao Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE), pela estrutura, pelo apoio intelectual e, especialmente, agradeço aos funcionários que sempre me receberam com carinho e atenção. Cito os nomes de: Maria Teixeira Sousa, Karina de Andrade, Daniela Cristina Atico, Vilma Ohata de Almeida, Celso Luiz de Oliveira Junior e Fábio Quintino dos Santos.

A toda a comissão do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE), nesses quatro anos pela parceria e confiança depositadas em mim como representante discente junto aos meus parceiros Camila Acosta e Jamir Kinoshita. Um agradecimento especial a Mirian Zarate Villalba pela postura profissional, paciência e doçura.

Aos professores dos Departamentos de Comunicações e Artes (CCA) e de Jornalismo e Editoração (CJE), da ECA-USP, pela atenção, pelas conversas, pelos ensinamentos e pelas palavras de incentivo. Este trabalho tem um pouquinho de cada um, seja na indicação de autores, seja nas provocações, seja nos conselhos acadêmicos.

À professora Mônica de Fátima Rodrigues Nunes Vieira, pela oportunidade e confiança depositadas em mim como estagiária-bolsista, em 2022, à frente do *Foca nas Mídias* no projeto interunidades *Educação para as mídias em escolas públicas: jornalismo, cultura, vídeo, ensino e aprendizagem*, integrante do Projeto de Inclusão Social e Diversidade na USP e em Municípios de seus *Campi* da Pró-reitora de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo.

Às professoras Andréia Terzariol Couto e Adriana Cristina Omena dos Santos, pelas contribuições sugeridas durante o exame de qualificação.

Ao professor Eugênio Bucci e toda à equipe do *Jornal da USP*, em especial Marcia Blasques, Luiza Caires, Cinderela Caldeira, Fabiana Mariz, Pedro Ferreira e Luiz Roberto Serrano, que fizeram parte desta pesquisa e gentilmente me concederam entrevistas e abriram as portas da redação.

A todos os jornalistas das demais universidades públicas (federais e estaduais) que fizeram parte desta pesquisa e, por meio das entrevistas, falaram tão abertamente sobre a realidade da prática do jornalismo científico dentro das universidades públicas. São eles (as): Álvaro Kassab, Ana Cláudia Theme, Danielle Tavares Teixeira, Diélen Borges, Josafá, Bonifácio Neto, Luís Carlos Ferrari, Pablo Nogueira, Rosyane Rodrigues, Serena Veloso, Vanessa Vieira, Walter Teixeira Lima Júnior e William Casagrande Fusaro.

Aos profissionais que realizaram as transcrições das entrevistas, as revisões e as traduções desta tese, em especial, Júnior, Sandra Andrade do Val e Romina Cássia.

Aos colegas do PPGCOM por compartilharem dúvidas, ansiedades, frustrações, descobertas, conquistas, alegrias, choros e risadas durante essa jornada: Felipe Parra, Sergio Quintanilha, Gean Gonçalves, Karla Meira, Cíntia Gomes, Daniely Duarte, Camila Acosta, Jamir Kinoshita, Júnior, Daniel Muñoz, Marcia Ohlson, Vinicius Alves, Lorena Trindade, Daniela Ferreira Oliveira, Gislene Nogueira, entre outros queridos discentes.

Também agradeço a Nadini Lopes, Juliana Doretto, Danilo Postinguel e Rita Ribas, os quais conheci quando trabalhei no Centro Universitário FIAM FAAM e, que lá em 2019, me apoiaram na formulação do projeto e vibraram com minha entrada no doutorado.

Agradeço aos meus queridos ex-alunos de jornalismo, especialmente, a Maria Carolina, da unidade Ana Rosa, e a toda a turma do Morumbi noturno, que me abraçaram com o olhar (era o começo de 2020 e não sabíamos ainda o que era a tal da covid, mas já evitávamos o contato físico) quando me emocionei ao compartilhar que realizaria o sonho de cursar o doutorado na USP.

Agradeço, ainda, com muito carinho, às amigas que conheci na docência e, que hoje são minhas irmãs de alma: Ana Lúcia TsuTsu, Caroline Paschoal Sotilo, Chirles Virginia Oliveira, Cláudia Nonato, Edilaine Heleodoro Felix, Maria Lucia da Silva e Samara Brochado. Obrigada por me ouvirem mencionar com frequência a tese e me acolherem com palavras, olhares de conforto e abraços.

E, por último, mas não menos importante, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) pela bolsa de estudos que me foi concedida no último ano de pesquisa e sem a qual não teria condições de realizar este trabalho.

EPIGRAFES

“É o meu desejo mais sério que alguns de vocês continuem a fazer o trabalho científico e mantenham a ambição e a determinação de fazer uma contribuição permanente para a ciência” (Marie Curie, 1867-1934).

*“Cada qual sabe amar a seu modo; o modo, pouco importa; o essencial é que saiba amar”
(Machado de Assis; Ressurreição, 1872).*

RESUMO

TÔZO, Carla de Oliveira. **A práxis do jornalismo científico: a experiência do *Jornal da USP* e de universidades públicas brasileiras no período pandêmico**. 2024. 298f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Esta tese busca identificar e compreender como se configura o jornalismo científico produzido pelas universidades públicas (federais e estaduais) brasileiras, principalmente considerando o legado deixado pela pandemia de covid-19. A pesquisa parte da hipótese de que: (a) a ciência é uma pauta caracterizada no jornalismo realizado nas universidades públicas, em especial a Universidade de São Paulo com o *Jornal da USP*, porque permite a ampliação do acesso à informação científica de qualidade dentro e fora da instituição e, (b) ao realizar esse tipo de jornalismo, as universidades públicas preenchem lacunas deixadas pela grande mídia na cobertura desse tema, contribuindo, assim, para a valorização da universidade, da ciência e do próprio jornalismo. Do ponto de vista metodológico, os procedimentos são: levantamento bibliográfico pertinente aos conceitos de Divulgação Científica e Jornalismo Científico, realização de entrevistas semiestruturadas com 12 universidades e 15 profissionais que ajudaram a compreender as características, a rotina produtiva, os conteúdos e para quem é feito o jornalismo científico produzido dentro dessas instituições e observação do *Jornal da USP* com a realização de visitas técnicas na redação do veículo. Como resultado, foi constatado um jornalismo menos apressado, mais consciente e com maior profundidade. O jornalismo científico produzido pelas universidades públicas assume uma postura política ideológica muito clara quando traz para si a defesa da ciência e tecnologia, da universidade, do jornalismo, dos direitos humanos e da cidadania. Essa prática tem ocupado as lacunas deixadas pela grande mídia na cobertura da pauta de ciências, pois faz parte da política editorial desses veículos permitir que seu conteúdo seja usado/reproduzido livremente, ampliando o acesso à informação científica dentro e fora das instituições. Além disso, há um reconhecimento tanto interno quanto externo a respeito do trabalho realizado pelo *Jornal da USP* na prática de um jornalismo científico de referência.

Palavras-chave: Divulgação Científica. *Jornal da USP*. Jornalismo Científico. Período Pandêmico. Universidades Públicas.

ABSTRACT

TÔZO, Carla de Oliveira. **The praxis of scientific journalism: the experience of *Jornal da USP* and Brazilian public universities during the pandemic period.** 2024. 298f. Thesis (Ph.D. in Communication Sciences) - School of Communications and Arts, University of São Paulo, São Paulo, 2024.

This thesis aims to identify and understand how the scientific journalism produced by Brazilian public universities (federal and state institutions) is configured, mainly considering the legacy left by the COVID-19 pandemic. The research is based on the hypothesis that: (a) science is a characteristic news story in journalism carried out by public universities, especially by the University of São Paulo with the *Jornal da USP*, because it allows the increase of access to scientific information of quality within and outside the institution and, (b) while doing this type of journalism, public universities fill the gaps left by the mainstream media in covering this topic, thus contributing to the appreciation of universities, science and journalism itself. From a methodological point of view, the procedures are: a bibliographical study of concepts of Science popularization and Scientific Journalism, carrying out semi-structured interviews with 12 universities and 15 professionals, who helped to understand the characteristics, the work routine, the contents, and the public of the scientific journalism produced within these institutions; and observation of *Jornal da USP* with technical visits to the newsroom of the publication. As a result, it was observed to be less hurried, more conscious, and with greater depth in reporting. Scientific journalism produced by public universities adopts a clear ideological political stand when it defends science and technology, universities, journalism, human rights, and citizenship. This practice has filled the gaps left by the mainstream media in covering science news stories, since it is part of the editorial policy of these publications to allow the use or reuse of their content freely, expanding access to scientific information inside and outside institutions. Furthermore, there is both internal and external acknowledgment of the work done by *Jornal da USP* as a reference in scientific journalism.

Keywords: Science popularization. *Jornal da USP*. Scientific Journalism. Pandemic Period. Public Universities.

RESUMEN

TÔZO, Carla de Oliveira. **La praxis del periodismo científico: la experiencia del *Jornal da USP* y de las universidades públicas brasileñas durante el período de pandemia.** 2024. 298f. Tesis (Doctorado en Ciencias de la Comunicación) - Facultad de Comunicaciones y Artes, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2024.

Esta tesis intenta identificar y comprender cómo se configura el periodismo científico desarrollado por las universidades públicas brasileñas (federales y estatales), observando principalmente el legado dejado por la pandemia de covid-19. La investigación se basa en la hipótesis de que: (a) la ciencia es un tema característico del periodismo desarrollado en las universidades públicas, sobre todo en la Universidad de São Paulo con el *Jornal da USP*, porque permite ampliar el acceso a la información científica de calidad dentro y fuera de la institución y, (b) al desarrollar este tipo de periodismo, las universidades públicas rellenan los huecos dejados por los grandes medios de comunicación en la cobertura del tema, contribuyendo así para la valorización de la universidad, de la ciencia y del propio periodismo. Desde el punto de vista metodológico, los procedimientos son: estudio bibliográfico de los conceptos de Divulgación Científica y Periodismo Científico, entrevistas semiestructuradas con 12 universidades y 15 profesionales, que ayudaron a comprender las características, la rutina de trabajo, los contenidos y el público del periodismo científico desarrollado en esas instituciones; y observación del *Jornal da USP* con visitas técnicas a las salas de redacción de la publicación. Como resultado, fue constatado un periodismo menos apresurado, más consciente y con mayor profundidad. El periodismo científico desarrollado por las universidades públicas expone una postura político-ideológica muy clara cuando defiende la ciencia y la tecnología, las universidades, el periodismo, los derechos humanos y la ciudadanía. Esta práctica ha relleno los huecos dejados por los grandes medios de comunicación en la cobertura de temas científicos, ya que es parte de la política editorial de estas publicaciones permitir el uso/la reproducción libre de sus materiales, ampliando el acceso a la información científica dentro y fuera de las instituciones. Además, hay un reconocimiento interno y externo del trabajo realizado por el *Jornal da USP* como un periodismo científico de referencia.

Palabras clave: Divulgación Científica. *Jornal da USP*. Periodismo científico. Período de pandemia. Universidades públicas.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1– Os eixos da espiral da cultura científica
- Figura 2 – Conceitos de acordo com Bueno (1985)
- Figura 3 – Conceitos de acordo com Caribé (2015)
- Figura 4 – *Card* de divulgação do *workshop*
- Figura 5 – Print da *home* do jornal *Beira do Rio*
- Figura 6 – Prints de duas edições impressas do jornal *Beira do Rio*
- Figura 7 – Prints da *home* do *UFS Ciência*
- Figura 8 – Formas de publicação do *UFS Ciência*: texto, áudio e vídeo
- Figura 9 – Prints da página *UnB Ciências e Revista Darcy*
- Figura 10 – Prints da *home*, seção Notícias e das Editorias
- Figura 11– Print de uma reportagem publicada na seção Pesquisa
- Figura 12 – Prints da página *Comunica UFU* com o destaque para o *Comunica Ciência*
- Figura 13 – Prints da *home Comunica Ciência* e do podcast *Ciência ao Pé do Ouvido*
- Figura 14 – Prints da *home* do Centro de Tecnologia Educacional (CTE)
- Figura 15 – Prints da *home* e da página de Notícias
- Figura 16 – Print da reportagem para o programa *Uerj em Pauta* produzido pelo CTE
- Figura 17 – Print da *home* com destaque para as notícias
- Figura 18 – Prints da página de Comunicação
- Figura 19 – Prints da revista eletrônica *Tá Na Mão*
- Figura 20 – Prints da página de Comunicação
- Figura 21 – Print do *Jornal da Unesp*
- Figura 22 – Prints das páginas do *Jornal da Unicamp* e Rádio e TV Unicamp
- Figura 23 – Print da *home* do *Jornal da Unicamp*
- Figura 24 – Prints do *Jornal da Unicamp* versão impressa
- Figura 25 – Prints da *home* e do *Jornal Notícia UEL*
- Figura 26 – Prints do conteúdo do *O Perobal*
- Figura 27 – Prints da produção de jornalismo científico
- Figura 28 – Prints de uma reportagem de jornalismo científico
- Figura 29 – Print do início da página da *Rádio USP*
- Figura 30 – Print do *USP Talks* sobre Racismo estrutural
- Figura 31 – Print do *Desafios* sobre América Latina
- Figura 32 – Print do *Diálogos na USP* sobre jornalismo de dados

- Figura 33 – Reprodução da 1ª edição do *Jornal da USP* impresso
- Figura 34 – Print do *Jornal da USP*, 2 de agosto de 2022
- Figura 35 – Prints de Articulistas e Artigos, *Jornal da USP*, 12 de setembro de 2022
- Figura 36 – Print da tela da reunião de *home* em 16 de dezembro de 2022
- Figura 37 – Desenho da *home* do *Jornal da USP* em 2 de agosto de 2022
- Figura 38 – Como ficou a *home* do *Jornal da USP* em 2 de agosto de 2022
- Figura 39 – Modelos de layout da *home* do *Jornal da USP*
- Figura 40 – *Home* das editorias Atualidades e Ciências
- Figura 41 – Print do documento com as informações do dia 2 de agosto de 2022
- Figura 42 – Print da *home* de 22 de dezembro de 2022 a 5 de janeiro de 2023
- Figura 43 – Print da página da editoria de Ciências
- Figura 44 – Prints da reportagem sobre o escorpião constipado
- Figura 45 – Prints das redes sociais @cienciausp
- Figura 46 – Prints dos *reels* sobre o escorpião constipado e sem cauda
- Figura 47 – Prints dos *reels* sobre bactéria gigante
- Figura 48 – Prints dos *podcasts* *Novos Cientistas* e *Ciência USP*
- Figura 49 – Prints da reportagem sobre câncer no jornal e do post no Instagram

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Universidades públicas federais e estaduais no Brasil

Gráfico 2 – Distribuição das universidades federais por região

Gráfico 3 – Distribuição das universidades estaduais por região

Gráfico 4 – Há espaço e/ou produto de jornalismo científico (universidades federais)

Gráfico 5 – Há espaço e/ou produto de jornalismo científico (universidades estaduais)

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Representação da Desordem Informacional
- Quadro 2 – Categorias da Desordem Informacional
- Quadro 3 – Como os termos aparecem: em busca de uma proposta
- Quadro 4 – Duas visões do jornalismo científico: clássico e ampliado
- Quadro 5 – Alguns produtos especializados em ciência, tecnologia e afins dos anos 1980, 1990 e 2000
- Quadro 6 – Modelo Metodológico de acordo com Lopes (2005)
- Quadro 7 – Referências organizadas por autor, ano e tema (A)
- Quadro 8 – Referências organizadas por autor, ano e tema (B)
- Quadro 9 – Referências organizadas por autor, ano e tema (C)
- Quadro 10 – Diretrizes para a Comunicação da USP
- Quadro 11 - Modelo de tipologia em entrevista
- Quadro 12 - Fontes e roteiro de questões sobre o *Jornal da USP*: conhecendo o produto
- Quadro 13 – Fontes e roteiro de questões sobre as mudanças nas mídias da USP
- Quadro 14 – Lista de Universidades consultadas sobre sua produção jornalística, 2021
- Quadro 15 – Pauta: outras universidades, 2021
- Quadro 16 – Pauta: jornalismo científico na visão de acadêmicos
- Quadro 17 – Pauta final: entrevista com as universidades, 2022-2023
- Quadro 18 – Lista final de Universidades para a entrevista sobre a produção jornalística
- Quadro 19 – Levantamento geral da *home Jornal da USP*, 2021
- Quadro 20 – Levantamento geral da página de Ciências, 2021
- Quadro 21 – Levantamento das subeditorias de Ciências, 2021
- Quadro 22 – Equipe do *Jornal da USP* que participou do *workshop*
- Quadro 23 – O mês artificial e a produção jornalística do *Jornal da USP*
- Quadro 24 – Lista das Universidades consultadas e seus respectivos produtos
- Quadro 25 – Secretaria de Comunicação, UnB
- Quadro 26 – Organização das reuniões de pauta
- Quadro 27 – Cuidados com a Redação
- Quadro 28 – Por que fazer jornalismo científico
- Quadro 29 – A comunicação na Universidade de São Paulo
- Quadro 30 – Lista dos Colunistas, 2021 e 2023
- Quadro 31 – Indicações dos *podcasts* em sua *home*

- Quadro 32 – Apresentação dos *podcasts* de acordo com as editorias
- Quadro 33 – *Jornal da USP* e as subeditorias
- Quadro 34 – O *Jornal da USP* na visão de outras universidades
- Quadro 35 – Resumo da reunião de pauta de agosto de 2022
- Quadro 36 – Resumo da reunião de pauta de setembro de 2022
- Quadro 37 – Especial Jornalismo Científico
- Quadro 38 – Cuidados com o texto na editoria de Ciências
- Quadro 39 – A lógica do *lead* na editoria de Ciências
- Quadro 40 – Lista de *webinars* e *lives* realizadas em 2020 e 2021
- Quadro 41 – Características do *Jornal da USP*
- Quadro 42 – Matriz para a análise do conteúdo dos sites das universidades
- Quadro 43 – Guia de jornalismo científico para universidades públicas

LISTA DE SIGLAS

AAAS - American Association for the Advancement of Science
ABC - Academia Brasileira de Ciências
ABEJ - Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo
ABJC - Associação Brasileira de Jornalismo Científico
ACC - Assessoria de Comunicação e Cultura
ACI - Assessoria de Comunicação e Imprensa
Adusp - Associação dos Docentes da USP
Agecom - Agência de Comunicação
AIPC - Associação Ibero-Americana de Jornalismo
ALCAR - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
Andifes - Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
Anvisa - Agência Nacional de Vigilância Sanitária
APCA - Associação Paulista dos Críticos de Arte
Ascom (a) - Assessoria de Comunicação
Ascom (b) - Assessoria de Comunicação e Imprensa
ASSIBERCOM - Associação Ibero-americana de Comunicação
AUN - Agência Universitária de Notícias
Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCI - Coordenação de Comunicação Institucional
CCSP - Coordenadoria de Comunicação Social e Publicações
CCS - Coordenadoria de Comunicação Social
CDC - Coordenadoria de Divulgação Científica
CdF - Ciência de Fato
CECA - Centro de Educação, Comunicação e Artes
CGEE - Centro de Gestão e Estudos Estratégicos
CIBA - Centro Ibero-americano
CIESPAL - Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina
CII - Coordenadoria de Imprensa e Informação
CJE – Departamento de Jornalismo e Editoração
CMP - Coordenadoria de Marketing e Propaganda
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNU - Canal Universitário

Codac - Coordenadoria de Atividades Culturais
Cogecom - Colégio de Gestores de Comunicação
COM - Coordenadoria de Comunicação
Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
Comuns - Diretoria de Comunicação Social
CPCT - Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia
CTE - Centro de Tecnologia Educacional
C&T&I - Ciência e Tecnologia e Inovação
C&T - Ciência e Tecnologia
CT&I - Ciência, Tecnologia e Inovação
CWR - Coordenadoria de Web e Redes Sociais
DC - Divulgação Científica
DCI - Departamento de Comunicação Institucional
DDC - Divisão de Divulgação Científica
DECAV - Diretoria de Editoração, Comunicação Institucional e Produção Audiovisual
Dirco - Diretoria de Comunicação Social
EACH - Escola de Artes, Ciências e Humanidades
EBC - Empresa Brasil de Comunicação
ECA - Escola de Comunicações e Artes
EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo
EEFE - Escola de Educação Física e Esporte
Esalq - Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz
FAC - Faculdade de Comunicação
Fapemig - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
Faperj - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FCFRP - Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto
FEA - Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária
FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas
FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz
FM - Faculdade de Medicina
FMUSP - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

FUVEST - Fundação Universitária para o Vestibular
FZEA - Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos
Gecom - Gestão de Comunicação
HU - Hospital Universitário
HQ - História em Quadrinhos
IA - Inteligência Artificial
IB - Instituto de Biociências
IBERCOM - Congresso Ibero-Americano de Comunicação
IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IBPAD - Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados
ICB - Instituto de Ciências Biomédicas
ICFJ - International Center for Journalists
IEA - Instituto de Estudos Avançados
IEB - Instituto de Estudos Brasileiros
Iesc - Instituto de Ensino Superior de Cáceres
IFCN - International Fact-Checking Network's
INCT - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia
InCiTe - Inovação, Cidadania, Tecnociência
Inep - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
IP - Institutos de Pesquisa
IRI - Instituto de Relações Internacionais
IQ - Instituto de Química
IQC - Instituto Questão de Ciência
IS - Instituto Serrapilheira
JC - Jornalismo Científico
JU - Jornal Universitário
KSJ - Knight Science Journalism
Labjor - Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo
LGBTQIA+ - Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero
MASP - Museu de Arte Assis Chateaubriand
MCT - Ministério da Ciência e Tecnologia

MCTIC - Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
MEC - Ministério da Educação
ME - Ministério da Economia
MP - Museu Paulista
MZUSP - Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo
NASW - National Association of Science
NEV - Núcleo de Estudos da Violência
Ongs - Organizações Não-Governamentais
ONU - Organização das Nações Unidas
OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde
PAE - Programa de Aperfeiçoamento de Ensino
POLI - Escola Politécnica
PPGCOM - Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação
Projor - Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo
PUCRJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUCSP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
QTR - Quadro Teórico de Referência
RedeComCiência - Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência
RedPOP - Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia na América Latina e Caribe
SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
SCS - Superintendência de Comunicação Social
SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SEC - Secretaria Executiva de Comunicação
Secom - Secretaria de Comunicação
SIOP - Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento
SVBR - Science Vlogs Brasil
TAR - Teoria do Ator Rede
UEA - Universidade do Estado do Amazonas
UEL - Universidade Estadual de Londrina
UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UFABC - Fundação Universidade Federal do ABC
UFAC - Universidade Federal do Acre
UFAL - Universidade Federal do Alagoas
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFG - Universidade Federal de Goiás
UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos
UFU - Universidade Federal de Uberlândia
UMESP - Universidade Metodista de São Paulo
UnB - Universidade de Brasília
UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unesp - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Unicamp - Universidade Estadual de Campinas
Unifap - Universidade Federal do Amapá
UniSantos - Universidade Católica de Santos
UNIVESP - Fundação Universidade Virtual do Estado de São Paulo
USCS - Universidade Municipal de São Caetano do Sul
USP - Universidade de São Paulo
UTP - Universidade Tuiuti do Paraná
WCSJ - World Conference of Science Journalists

LISTA DE ENTREVISTAS

Os nomes, a seguir, são de todas as pessoas consultadas entre os anos de 2020-2023 durante o levantamento de dados para essa pesquisa:

Álvaro Kassab

Ana Cláudia Theme

Cinderela Caldeira

Danielle Tavares Teixeira

Diélen Borges

Elizabeth Nicolau Saad Côrrea

Eugênio Bucci

Fabiana Mariz

Gilberto Mendes da Silveira Lobo

Josafá Bonifácio Neto

José de Moura Leite Netto

Kharen Stecca

Luís Carlos Ferrari

Luiz Prado

Luiz Roberto Serrano

Luiza Helena Gonçalves Caires

Marcia Aparecida Silva Blasques

Márcia Alencar

Mayra Cajueiro Warren

Pablo Nogueira

Pedro Ferreira

Ricardo Alexino

Rosyane Rodrigues

Serena Veloso

Sergio Henrique Gerelus

Simoneide Araújo

Vanessa Vieira

Walter Teixeira Lima Júnior

William Casagrande Fusaro

Wilson da Costa Bueno

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	25
2. JORNALISMO CIENTÍFICO ONTEM E HOJE	41
2.1 E o jornalismo científico, o que é?.....	51
2.2 Jornalismo científico no Brasil: contexto histórico e sociocultural	70
3. CAMINHO DA PESQUISA: A DESCRIÇÃO DO PERCURSO METODOLÓGICO NA BUSCA DO JORNALISMO CIENTÍFICO EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS	85
3.1 Pesquisa bibliográfica e documental: a construção do referencial teórico voltada à análise do Jornalismo Científico	91
3.2 Entrevistas aplicadas	100
3.3 Em busca da pauta de ciências ou produtos de jornalismo científico nas universidades públicas	110
3.4 A observação do <i>Jornal da USP</i> (<i>workshop</i> e visitas técnicas)	122
4. A PRÁXIS DO JORNALISMO CIENTÍFICO EM ONZE UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS.....	130
4.1 Panorama da prática de jornalismo científico em onze universidades públicas do Brasil – autores e processos.....	135
4.1.1 Quem eu sou e o que eu faço? Apresentação da instituição, do entrevistado, da equipe de comunicação e do(s) produto(s)	138
4.1.2 Como é feito, quando e onde o material é publicado? Rotinas produtivas: pauta, fontes, redação e publicação/divulgação	167
4.1.3 Por que e para quem fazer jornalismo científico? Prós e contras e a contribuição dessa prática para o acesso à informação científica de qualidade	179
5. A EXPERIÊNCIA DO <i>JORNAL DA USP</i> NA PRÁTICA DO JORNALISMO CIENTÍFICO	193
5.1 <i>Jornal da USP</i> : um veículo de referência na divulgação da Ciência	212
5.2 <i>Jornal da USP</i> : a rotina produtiva a partir da observação durante as visitas técnicas.....	226
5.3 A editoria de Ciências no <i>Jornal da USP</i> e a contribuição de Luiza Caires para a prática de um jornalismo científico em prol da informação científica de qualidade	242

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	264
REFERÊNCIAS.....	277
APÊNDICE.....	298

1. INTRODUÇÃO

Parte do desenvolvimento desta tese ocorreu em meio a uma pandemia, ao aumento da proliferação de desinformações¹ (conteúdo falso criado propositalmente com a intenção de enganar e/ou prejudicar pessoas ou instituições), principalmente, aquelas ligadas às ciências e sob a *tutela* de um grupo político que criticava abertamente a ciência, o jornalismo e as universidades.

Para situar historicamente o tema, foram levantadas publicações que abordassem o papel das universidades no país, o investimento (ou não) em educação e ciência e a atuação do jornalismo científico.

O relatório *Clarivate Analytics* (2019) intitulado *A Pesquisa no Brasil: Promovendo a excelência*, realizado a pedido da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por exemplo, divulgou que 10 universidades – todas elas públicas – são responsáveis por mais da metade da produção científica brasileira, com as três universidades estaduais paulistas (Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista e Universidade Estadual de Campinas) encabeçando a lista.

A interação entre universidade e indústria tem estado como objetivo central de Políticas Brasileiras de Ciência e Tecnologia por muitas décadas. [...] O número de publicações com coautoria entre pesquisadores em universidades e na indústria oferece uma visão das ideias que foram em conjunto criadas e desenvolvidas por esses pesquisadores nesses dois setores indicando um nível mais elevado de engajamento que meramente consultivo, contratação de pesquisa e desenvolvimento, ou suporte à pesquisa e doações. [...] As dez universidades – todas públicas – são responsáveis por 81% das publicações conjuntas para o período 2015-2017. (*Clarivate Analytics*, 2019, p.15)

Esses dados são importantes porque contradizem a crítica feita pelo então governo federal, liderado pelo presidente da República Jair Messias Bolsonaro, sobre o (não) desenvolvimento de pesquisas pela universidade pública. Em entrevista ao jornalista Augusto Nunes para o programa da *Jovem Pan*, *Os Pingos Nos Is*, em 8 de abril de 2019, o ex-presidente afirmou que poucas universidades desenvolviam pesquisas e a maior parte dessas estaria na iniciativa privada².

¹ Popularmente convencionou-se associar desinformação à *fake news*, no entanto, conceitualmente os termos não significam a mesma coisa. (VER QUADRO 1)

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FSOAahACt_Y&t=277s>. Acesso em: 22 de jan. de 2022. Apesar da entrevista ser exibida em um veículo cujo apoio editorial e político ao governo eram claros, as falas do presidente também eram repercutidas em outros veículos de imprensa.

A partir dessa entrevista e retomando os resultados do Relatório *Clarivate Analytics*, alguns veículos repercutiram o tema e desmentiram a fala do ex-presidente. Podemos citar o jornal *GGN*, *Desmente Bolsonaro: Mais de 95% da produção científica do país vem de Universidades públicas*³; o site *Medium*, *Bolsonaro mentiu sobre a pesquisa científica brasileira*?⁴ e o jornal *Valor Econômico*, *Interação entre universidade e empresa no país é subestimada*⁵.

Todo esse contexto de desmonte e desacreditização eram pesadamente incômodos para quem é jornalista, mestre em Comunicação e professora universitária interessada em pesquisas e pautas científicas, integrante do Grupo de pesquisa Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), sócia da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e membro da Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência (RedeComCiência).

Assim, um questionamento passou a ser constante: como pode haver um movimento organizado com forte repercussão social que desqualifique o papel da universidade, das pesquisas, da ciência e do jornalismo? Deveria haver alguma coisa errada, afinal, o país produz ciência, seja nas universidades, seja em institutos de pesquisa.

Devido ao fato de viver em São Paulo, estar próxima à Universidade de São Paulo (USP)⁶ e acompanhar a produção do *Jornal da USP*, o interesse em compreender como as universidades públicas se comunicam com a sociedade, ou melhor, como fazem a divulgação científica, cresceu em decorrência do período de pandemia. Um dos desafios era conviver com um cenário político de incertezas, pois se tratava do segundo ano de um novo governo federal⁷ declaradamente com um discurso contrário à ciência, à universidade pública, à educação, à cultura, à imprensa livre, entre outras áreas do conhecimento e das artes, como observamos no

³ Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/educacao/desmente-bolsonaro-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-pais-vem-de-universidades-publicas/>>. Acesso em: 22 de jan. de 2022.

⁴ Disponível em: <<https://medium.com/boletimantidoto/bolsonaro-mentiu-sobre-a-pesquisa-cient%C3%ADfica-brasileira-91fb3e647f73>>. Acesso em: 22 de jan. de 2022.

⁵ Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/01/06/interacao-entre-universidade-e-empresa-no-pais-e-subestimada.ghtml>>. Acesso em: 22 de jan. de 2022.

⁶ Esse projeto nasceu em 2019 e naquele momento havia uma ideia mais geral de buscar compreender como a Universidade de São Paulo fazia a divulgação da sua produção científica. No entanto, a partir das pesquisas, leituras e entrevistas, identificou-se que a universidade é muito grande, ou seja, com diversas unidades, institutos e departamentos. Há as assessorias de imprensa de cada um deles, a assessoria de imprensa geral (ligada à reitoria) e a Superintendência de Comunicação Social, que é responsável pela comunicação mais geral (voltada para o público interno e externo), via canais e ferramentas de caráter jornalístico, cujo carro-chefe é o *Jornal da USP*, que passou a ser o objeto de interesse desta pesquisa.

⁷ É importante deixar claro que, apesar de este trabalho ter sido finalizado em 2024, já com um novo governo federal, presidido por Luiz Inácio Lula da Silva (2023-2026), todo o levantamento e apuração dos dados foram feitos durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022).

contexto apresentado pelas pesquisadoras Catarina Chagas e Luisa Massarani, no livro *Manual de sobrevivência para divulgar ciência e saúde*, publicado em 2020.

[...] Com o governo Bolsonaro, que assumiu a Presidência em 2019, as ações de divulgação científica foram enxutas e passaram a estar subordinadas à assessoria de comunicação. Assim, também foram substancialmente reduzidos os recursos alocados em divulgação científica. (Chagas; Massarani, 2020, p. 47)

Segundo dados do Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento (SIOP), os recursos para custear as universidades federais, por exemplo, caíram de R\$ 8,1 bilhões, em 2019, para R\$ 4,4 bilhões, em 2022. (Smaili, Minhoto, Arantes, SoU_Ciência, 2022).

A ciência brasileira tem vivido quatro longos anos de intempéries e precisa voltar à estabilidade. [...] Precisamos ocupar o lugar de destaque e evitar a destruição que o desprezo pela Ciência pode gerar. Trata-se de pôr fim à violência no tratamento de instituições e profissionais que trabalham em prol do País, que foram vilipendiados durante a pandemia, mesmo tendo sido protagonistas de ações que salvaram milhares de vidas e não pararam um minuto sequer. [...] (Smaili, Minhoto, Arantes, SoU_Ciência, 2022).

Ainda em 2019 podemos citar o congelamento de R\$ 1,7 bilhão dos gastos das universidades de um total de R\$ 49,6 bilhões e das 5.613 bolsas que seriam ofertadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), agência de fomento à pesquisa. O número se soma às 6.198 bolsas que já haviam sido bloqueadas no primeiro semestre do mesmo ano.

Ouros números são a redução de 87% da verba do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) que fez com que o orçamento da Pasta científica caísse de R\$ 690 milhões para apenas R\$ 89 milhões em outubro de 2021 e a redução de mais de R\$ 1,7 bilhões do Ministério da Educação (MEC), sendo R\$ 244 milhões das universidades federais, em novembro de 2022.

Nesse último caso, ao perceber manifestações e apoio da sociedade às universidades, o MEC voltou atrás. No entanto, no mesmo dia, o Ministério da Economia (ME) declarou que iria reduzir os investimentos novamente e depois recuou da decisão mais uma vez.

Em fevereiro de 2023, inclusive, um grupo de cientistas brasileiros publicou uma carta na revista *Science* sobre como essas alterações de orçamento se agravaram desde 2015. Segundo o documento, a diminuição dessa verba prejudicou o sistema de Ciência, Tecnologia e Inovação (C&TI) no Brasil e, conseqüentemente, tem feito com que um número grande de cientistas do país esteja sem colocação profissional ou desempenhando funções que não demandam

formação acadêmica.

A respeito do tema e outros assuntos ligados à pesquisa científica no Brasil, o médico, ex-reitor da USP e presidente do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Marco Antonio Zago, em entrevista ao *Jornal da Ciência*, afirmou que:

A carta chama a atenção para o fato de que a taxa de desemprego entre os pesquisadores em início de carreira no Brasil já era 12 vezes mais alta do que a média global em 2019. A própria Fapesp vem registrando, a cada ano, reduções no número de pessoas interessadas em bolsas de pesquisa. (Zago, In *Jornal da Ciência*, 2023)

Todo esse contexto também contribuiu para a ampliação da propagação de desinformações científicas, principalmente durante o período da pandemia da covid-19, mesmo que a questão já fosse alvo de atenção e preocupação por parte da comunidade científica. Controvérsias ligadas à negação do aquecimento global e aos supostos malefícios das vacinas, a defesa de medicamentos ineficazes para o tratamento do coronavírus, o terraplanismo e outros movimentos negacionistas têm preenchido as narrativas já há algum tempo, sobretudo nas mídias sociais, como mostra a reportagem *Os caminhos da desinformação nas redes sociais na pandemia*⁸, da Revista *Pesquisa FAPESP*, em 2021.

Mas, no governo Bolsonaro esses temas ganharam ainda mais visibilidade e foram cercados de polêmicas. Na questão ambiental ocorreu um recorde de desmatamento na Amazônia e no número de queimadas. De 2018 para 2019 houve um aumento de 34% (com 10.129 km²) de desmatamento na Amazônia e de 2019 para 2020 foram desmatados 11.088 km². No que se refere às queimadas, foram mais de 30 mil focos de incêndio na região só em agosto de 2019, e quase 26,5% do Pantanal foi queimado em outubro de 2020⁹.

Desse período podemos destacar a frase do ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, proferida em uma reunião ministerial realizada, em 22 de abril de 2020¹⁰, que demonstra o descaso desse governo com a questão ambiental: “Precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid, e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas.”

⁸Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/os-caminhos-da-desinformacao-nas-redes-sociais-na-pandemia/>>. Acesso em: 15 de nov. de 2023.

⁹Dados obtidos em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2021/06/veja-numeros-frases-e-polemicas-de-ricardo-salles-a-frente-do-ministerio-do-meio-ambiente.shtml>>. Acesso em: 1º de nov. de 2023.

¹⁰Diversos veículos jornalísticos repercutiram o caso, como a *BBC* e a revista *Exame*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364652>> e <<https://exame.com/brasil/salles-sugeriu-aproveitar-pandemia-para-passar-a-boiada-no-meio-ambiente/>>. Acesso em: 1º de nov. de 2023.

No que se refere à ampliação da desinformação, popularmente conhecida como *fake news*, a expressão não é nova e surgiu no século XIX com os *penny press newspapers*, jornais e revistas de cunho popular com o objetivo único de entreter. A desinformação pode ocorrer por: (1) falta de cuidado na apuração e/ou na redação; (2) situações em que a fonte mesmo sendo confiável, se engana e (3) intenção deliberada de manipular debates e favorecer certos grupos políticos e ideológicos que procuram mimetizar materiais jornalísticos com o objetivo de enganar massivamente a audiência. (Gelfert, 2018).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2019, no Manual¹¹ para educação e treinamento em jornalismo, *Jornalismo, Fake News & Desinformação*, organizado por Cherilyn Ireton e Julie Posetti, admite que o termo *fake news* não é o mais adequado e prejudica a compreensão do significado real do que seja notícia.

No prefácio da obra, o diretor de Liberdade de Expressão e Desenvolvimento de Mídia da UNESCO, Guy Berger, afirma: “[...] ‘notícias’ significam informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias. [...]” (Berger, 2019, p.7). Ele também ressalta que, ao longo do documento, os autores diferenciam claramente desinformação de informação incorreta, má informação e jornalismo ruim, apesar de todos serem danosos - em graus diferentes - para a sociedade.

[...] o jornalismo de baixa qualidade às vezes possibilita que a desinformação e a informação incorreta derivem-se ou vazem para o sistema de notícias legítimo. Mas as causas e soluções para o jornalismo fraco são diferentes do caso da desinformação e da informação incorreta. [...] (Berger, 2019, p.9)

De acordo com Bimber e Gil de Zúñiga (2020), os estudos convergem em demonstrar como as *fake news* ganharam força com a plataforma digital e contribuíram massivamente para o processo desinformativo, sobretudo ao se adotar um discurso populista autodeclarado e marcadamente de cunho político mais conservador. Tal fenômeno está longe de ser espontâneo: as plataformas digitais favorecem a circulação de desinformação por meio de *affordances* tecnológicas (potencial de uso para o qual tal plataforma foi projetada), que ajudam a ocultar a procedência da informação de seus usuários, facilitando possíveis enganos quanto ao real autor da mensagem (humano ou máquina), bem como manipulam sinais de manifestações do público.

Para a cientista política Rosemary Segurado, no livro *Desinformação e democracia: A*

¹¹ Com o título original: *Journalism, 'Fake News' & Disinformation: Handbook for Journalism Education and Training*, esse manual foi publicado em inglês no ano de 2018. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>>. Acesso em: 1º de mar. de 2022.

guerra contra as fake news na internet, publicado em 2021, a comunicação direta nas redes digitais com a população é uma das formas empregadas para que a ideia de autoritarismo prospere e mantenha o maior número de pessoas sintonizadas com os valores conservadores e até mesmo reacionários.

[...] A desinformação, o medo, o discurso de ódio, o racismo, a homofobia e diversas manifestações de intolerância vêm sendo utilizadas para influenciar eleições e processos políticos através de uma lógica de engajamento que se diferencia das formas tradicionais pelo uso intenso das redes digitais para impulsionar uma dinâmica comunicacional jamais vista anteriormente. [...] (Segurado, 2021, p.53)

Para dar conta dessa complexidade, o Manual da UNESCO¹² reforça que para além do termo *fake news*, é preciso entender que há uma desordem informacional que compreende muitas *nuances* para esse fenômeno da desinformação, como a informação incorreta, desinformação e a má-informação.

Quadro 1 – Representação da Desordem Informacional

Tipo	Definição	Impacto
Informação incorreta (<i>Mis-information</i>)	conexão falsa; conteúdo ilusório	conteúdo falso sem a intenção de danificar a imagem das pessoas ou instituições.
Desinformação (<i>Dis-information</i>)	contexto falso; conteúdo impostor; conteúdo manipulado; conteúdo fabricado	conteúdo falso criado deliberadamente com a intenção de prejudicar pessoas ou instituições.
Má-informação (<i>Mal-information</i>)	(algum) vazamento, assédio, discurso de ódio	conteúdo verdadeiro, mas usado fora do contexto pode causar dano individual ou coletivo.

Fonte: produção da autora (2023). Adaptação do Manual da UNESCO (2019) e dos autores Wardle e Derakhshan (2017, p.5).

Ainda de acordo com o Manual da UNESCO, essa desordem, pode ser classificada em sete categorias:

¹² Entre março e outubro de 2022, participei como monitora da equipe do Instagram, Facebook e do Blog *Focanas Mídias*, que faz parte do projeto de extensão *Alfabetização midiática e produção audiovisual na escola pública: ensinar crianças e jovens a interpretar e a produzir informação*, realizado com o apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, contemplado no Edital 01/2019 – Empreendedorismo Social. Fazíamos as reuniões semanais com os monitores da graduação para discutirmos as temáticas seguindo o livro da UNESCO, *Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo*, para definirmos as ações e pautas para a produção dos posts. A produção do projeto pode ser encontrada no YouTube (www.youtube.com/focanasmidias), site (www.focanasmidias.com.br) e no Instagram, Facebook e TikTok com o @focanasmidias.

Quadro 2 – Categorias da Desordem Informacional

Tipo de Categoria	Definição
Sátira ou Paródia	Nenhuma intenção de causar danos, mas tem potencial para enganar.
Conteúdo Enganador	Uso enganoso de informações para enquadrar uma questão ou indivíduos.
Conteúdo Impostor	Quando fontes genuínas são imitadas.
Conteúdo Fabricado	O conteúdo é 100% falso, destinado a enganar e prejudicar.
Conexão Falsa	Quando as manchetes, imagens ou legendas não são compatíveis.
Contexto Falso	Quando conteúdo genuíno é compartilhado com informações contextuais falsas.
Contexto Manipulado	Quando informações ou imagens genuínas são manipuladas para enganar.

Fonte: produção da autora (2023). Adaptação do manual da UNESCO (2019).

Como já mencionado anteriormente, essa prática não é recente, mas, sobretudo após o ano de 2016,¹³ com os escândalos envolvendo a empresa *Cambridge Analytica* e a enorme quantidade de informações (infodemia) a que estamos expostos, os conceitos desinformação e *fake news* estão mais presentes no dia a dia.

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo em decorrência de um evento específico, como ocorreu com a pandemia. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, assim como ocorre com um vírus.

Ao mesmo tempo, para tentar combater esse problema da desinformação, as agências de checagem ganham força e, para realizar o seu trabalho, seguem o código de ética da International Fact-Checking Network's (IFCN). As agências de checagem nascem nos anos 1990, mas ficam populares nos anos 2000 com a criação da FactCheck.org nos Estados Unidos. Na prática, elas verificam e checam a veracidade de declarações de figuras públicas, dados, boatos e conteúdos sensacionalistas. No Brasil, algumas das principais agências são: *A Lupa*, *Estadão Verifica*, *Aos Fatos*, *Publica*, *Fato ou Fake* e *Uol Confere*.

Apesar de todo esse esforço em discutir conceitualmente a desinformação, além de combatê-la de forma prática, Chagas e Massarani (2020, p.54), acreditam que, infelizmente, há

¹³ Em 2016 temos dois exemplos sobre o perigo da manipulação das informações: a campanha presidencial de Donald Trump nos Estados Unidos e o Brexit, saída do Reino Unido da União Europeia. Em ambos os casos, há um fator comum: a empresa de análise de dados *Cambridge Analytica*, do bilionário do mercado financeiro Robert Mercer, que era presidida à época por Steve Bannon, principal assessor de Trump e que, em 2018, tornou-se uma espécie de mentor do clã Bolsonaro. A empresa teria comprado acesso a informações pessoais de usuários do Facebook e usado esses dados para influenciar as escolhas das pessoas nesses dois casos. Sobre o assunto, ver o Documentário *Privacidade Hackeada*, 2019, disponível na plataforma de *streaming* Netflix.

um ambiente propício para o problema porque: “[...] ao nos depararmos com conteúdos que contradizem nossas verdades pessoais, também tendemos a descartá-los [...] com base em nossas convicções.”

Para as autoras:

Cada pessoa que escreve um texto (ou produz um vídeo, um podcast, uma exposição etc.) o faz com uma intenção em mente [...] quem lê/assiste/ouve frequentemente também quer apenas respaldar seu ponto de vista, e não ser convencido/a do contrário. Portanto, ao se depararem com informações que corroboram suas convicções e instituições políticas, religiosas, científicas, as pessoas tendem a se dar por satisfeitas com o conteúdo, considerá-lo verdadeiro e, possivelmente, compartilhá-lo, ainda que não tenham, por exemplo, feito uma checagem cuidadosa dos dados, das fontes e dos argumentos utilizados - com base no raciocínio: “se me serve, é bom para mim”. (Chagas; Massarani, 2020, p.53-54)

O doutor em psicologia Ronaldo Pilati, no livro *Ciência e pseudociência: por que acreditamos apenas naquilo em que queremos acreditar*, 2022, explica que essa propensão em “acreditar no que queremos acreditar” foi descrita pelo psicólogo social Leon Festinger já em 1957, no livro *Quando a profecia falha*, a qual ele chamou de dissonância cognitiva. Portanto, Pilati esclarece que:

A teoria da dissonância, que explica o mecanismo por meio do qual as pessoas acomodam incoerências entre suas crenças e seu comportamento, nos ajuda a compreender como e por que somos capazes de acreditar em coisas que não possuem evidências na realidade. Acreditamos mesmo que tenhamos evidências contrárias àquilo que acreditamos. [...] (Pilati, 2022, p.15)

Esta pesquisa não tem como foco principal o estudo da desinformação ou mesmo da pandemia de covid-19, mas é impossível não reconhecer que essas questões impactaram a produção da ciência, o dia a dia das universidades e a prática jornalística.

Trata-se de um momento histórico em que tivemos ao mesmo tempo uma infodemia de desinformações científicas e um reforço da defesa da ciência, do jornalismo e da universidade, portanto, é importante deixar claro que este trabalho é *atravessado* por esse contexto.

Além disso, entre os anos 2020 e 2021, houve maior mobilização por parte da comunidade científica quanto ao problema da desinformação em dois movimentos: (1) divulgar melhor suas pesquisas ao se comunicar – direta ou indiretamente – com a sociedade; (2) estudar o fenômeno e propor ações de enfrentamento ao problema.

Uma dessas ações foi o projeto *ECA-USP Contra as Fake News* da Escola de

Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, coordenado pelo professor Luciano Victor Barros Maluly e o doutorando Felipe Parra¹⁴.

Muitos cientistas, pesquisadores e divulgadores científicos perceberam a importância de se transmitir informações sobre suas pesquisas ou o fazer científico, seja via imprensa, seja pelos canais digitais pessoais (YouTube, X, Instagram, Facebook, site, *podcast*), afinal, a consciência sobre a importância da ciência não vai surgir espontaneamente na sociedade. Em outras palavras, esse interesse precisa ser despertado e construído diariamente. Inclusive, muitos tornaram-se figuras públicas nas redes sociais digitais para refutar informações falsas ou distorcidas em relação à pandemia de covid-19.¹⁵

Chagas e Massarani (2020) defendem que todos os cientistas devem fazer divulgação científica, pois, segundo as autoras, é importante manter esse diálogo com a população porque cientistas são fontes em que a sociedade confia. Além disso, é por essa troca que eles exercem sua responsabilidade social – em especial em situações de crise. Por sinal, isso pode ser decisivo na tomada de decisões dos cidadãos em questões com impacto em toda a sociedade – vacinação, ressurgimento de doenças, uso inadequado de medicamentos etc. E essa comunicação pode ajudar a própria ciência quando da necessidade de sensibilizar a sociedade e os tomadores de decisão sobre sua importância social para o desenvolvimento do país.

A pesquisa *O Brasil e os influenciadores digitais* (2019), realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), mostrou que, em 2019, o país tinha 230 milhões de smartphones, 70% de internautas e 92% dos lares com celular. Das 149 milhões de pessoas conectadas à internet, 140 milhões usavam redes sociais. E, nesse universo, estavam os influenciadores digitais. O estudo revelou que 52% dos brasileiros seguiam algum influenciador digital, sendo 74% interessados em “conteúdo com informação relevante” e 53% por ter “ideias ou pensamentos parecidos com os seus”. Desse total, o conteúdo de saúde era o segundo mais popular (35%), ficando atrás apenas de humor (41%).

A quinta rodada da pesquisa *Percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil*, também realizada nos anos de 1987, 2006, 2010 e 2015, por meio do *Relatório da Percepção Pública da C&T no Brasil* (2019), apontou que, apesar de uma queda em todos os interesses declarados (política, esportes, arte e cultura, ciência e tecnologia, economia, religião, meio ambiente e saúde), permanecem sendo os temas de maior interesse dos brasileiros aqueles

¹⁴Disponível em: <<https://www.usp.br/radiojornalismo/index.php/category/eca-usp-contra-as-fake-news/>>. Acesso em: 1º de mar. de 2022.

¹⁵O biólogo Átila Iamarino, a jornalista Luiza Caires, a biomédica Mellanie Fontes-Dutra e os médicos Otavio Ranzani e Marcio Bittencourt foram os principais influenciadores brasileiros sobre covid-19 no antigo Twitter (Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados, 2020).

relacionados à medicina e à saúde, ao meio ambiente e à religião – que se mantiveram estáveis nos últimos anos.

Com o intuito de conhecer a visão, o interesse e o grau de informação da população em relação à Ciência e Tecnologia no país, o estudo foi realizado por meio de parceria que envolveu o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Participaram dessa última versão 2.200 pessoas com idade superior a 16 anos, com cotas por gênero, idade, escolaridade, renda e local de moradia em todas as regiões do país.

Em relação às fontes de maior confiança, as respostas apresentadas foram médicos (49%), jornalistas (38%), cientistas de universidades/institutos públicos de pesquisa e/ou empresas (34%), religiosos (29%), militares (12%), representantes de organizações de defesa do meio ambiente (9%), escritores (7%), artistas e políticos (2% cada).

Em 2020, a ComScore¹⁶ promoveu uma investigação de dados sobre como a pandemia estava interferindo na audiência e no comportamento dos consumidores em plataformas digitais. Entre as semanas de 9 a 15 e de 16 a 22 de março, foi identificou um salto de 440 milhões de pessoas em média por dia para mais de 560 milhões de usuários em sites de informação categorizados como notícias.

Com o isolamento social provocado pela pandemia, a busca por entretenimento e informação nesses ambientes virtuais não parou de crescer. Assim, quem não estava nas redes digitais, seja indivíduo, seja instituição, viu a necessidade dessa participação e, para os que já tinham alguma conta/canal, o investimento em tempo e publicações tornou-se maior, com a realização de *lives* ou webnários, como fizeram institutos de pesquisas, cientistas e muitas universidades públicas, a exemplo do *Jornal da USP*, entre os anos pandêmicos de 2020 e 2021.

Durante o período de emergência sanitária, houve uma revalorização importante do jornalismo, tanto daquele produzido pelos meios tradicionais quanto do realizado pelas universidades, foco desta pesquisa. Em vista disso, há o reconhecimento de que tornar a ciência pública é fundamental, principalmente no contexto das democracias, da cidadania e do desenvolvimento da própria ciência e de que, para isso, a divulgação científica, em seus diversos formatos (museus, desenhos, reportagens, etc.), é de suma importância.

No *1º Congresso Brasileiro de Divulgação Científica*, realizado em 2021, na palestra de

¹⁶ComScore é uma empresa de análise de internet que fornece dados de marketing para muitas das maiores empresas, editores e agências do mundo.

abertura, Helena Nader, vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e presidente de honra da SBPC, defende que uma boa divulgação científica depende de uma boa matéria-prima, e questiona:

A ciência brasileira oferece essa matéria-prima? A Ciência brasileira é muito boa. O que o cientista brasileiro produz, mesmo com poucas condições, traz reconhecimento nacional e internacional. Nos últimos dois anos, por causa da pandemia, ficou claro o que a Ciência pode/poderia fazer. Mas a preocupação é com o futuro, porque há passos largos para a destruição desse trabalho, há uma falta de visão estratégica do Estado brasileiro. (Nader, 2021)¹⁷

Não basta dizer que investe, pesquisa ou divulga os resultados de um projeto, é preciso haver uma atuação conjunta do Estado e das universidades na defesa da ciência e do próprio papel da universidade na sociedade.

A reportagem especial, *10 mitos da universidade pública no Brasil*¹⁸, publicada no *Jornal da USP*, em 2019, cuja pesquisa e produção de texto são de Aline Naoe, Denis Pacheco, Hérika Dias, Herton Escobar e Luiza Caires, mostrou que, ao contrário das crenças que envolvem a universidade pública, elas prestam, sim, uma série de serviços para a população por meio de suas pesquisas, de seus hospitais, museus e de outras atividades de extensão. Os mitos abordados no texto foram: (1) a universidade pública vive de costas para a sociedade; (2) nos países desenvolvidos, a ciência na universidade é privada; (3) a universidade pública não se relaciona com empresas; (4) a universidade pública é cara demais; (5) a universidade pública é só para os ricos; (6) universidade pública não faz pesquisa; (7) a pesquisa na universidade pública não gera resultados práticos; (8) cobrar mensalidade resolveria o problema de financiamento das universidades; (9) as cotas reduzem a qualidade do ensino nas universidades; e (10) a universidade pública do Brasil é de esquerda.

A partir de todo esse contexto, a justificativa para a realização desta investigação científica está relacionada à defesa da universidade pública, do jornalismo e da ciência, pois de acordo com a pesquisadora Lilian Márcia Simões Zamboni, autora do livro *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica*, 2001, credita-se à produção científica e à divulgação da ciência a tarefa maior de:

¹⁷Evento realizado virtualmente em 27 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.academica.jor.br/congresso/>>. Acesso em: 5 de out. de 2021.

¹⁸Disponível em: <<https://jornal.usp.br/universidade/10-mitos-sobre-a-universidade-publica-no-brasil/>>. Acesso em: 28 de jan. de 2022.

Exercer a partilha social do saber, levando ao homem comum o conhecimento do qual ele historicamente foi apartado e do qual foi se mantendo cada vez mais distanciado, à medida que as ciências se desenvolviam e mais se especializavam. (Zamboni, 2001, p.49).

Herton Escobar, repórter especial do *Jornal da USP*, no artigo *Divulgação Científica: faça agora ou cale-se para sempre*¹⁹, para a revista digital do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, *ComCiência*, em 4 de abril de 2018, defende que nunca a divulgação científica fez tanta falta quanto agora. Para ele, a crise orçamentária que foi imposta à ciência brasileira, nos últimos anos, escancarou o abismo entre a comunidade científica e a sociedade e, assim, não podemos mais delegar somente à imprensa a responsabilidade de falar sobre a importância da ciência. É preciso haver uma rede comunicativa de fato.

[Antes] os cientistas não precisavam do apoio da sociedade para conseguir recursos para suas pesquisas — bastava impressionar seus pares nas agências de fomento, publicar um *paper* no final, e estava tudo certo. A sociedade, por sua vez, nunca enxergou (nem foi ensinada a enxergar) a importância ou a relevância da ciência para as suas vidas; portanto, não havia muito sobre o que conversar. [...] Não basta mais convencer os seus pares do mérito científico de seus projetos - “pregar para os convertidos”, por assim dizer. Agora, é preciso convencer também os ateus, agnósticos e desinformados de todo tipo, incluindo (em especial e em última instância) a classe política do nosso país - que, convenhamos, mal sabe o que fazer ciência significa e, mesmo que soubesse, tem outras prioridades na agenda. [...] As universidades e institutos de pesquisa do Brasil precisam urgentemente criar programas de divulgação científica, bem estruturados, bem financiados e com recursos humanos qualificados na área de comunicação. É uma questão de sobrevivência perante a opinião pública. (Escobar, 2018)

Sendo assim, o objeto desta pesquisa é de construção complexa, especialmente por interseccionar algumas áreas científicas como jornalismo, ciência e universidade, o que chamamos de objeto de fronteira porque compartilha conhecimento de distintas áreas do saber, como é o caso da divulgação científica.

No que se refere à complexidade, Morin (2000b, p.34) defende que a construção do conhecimento se dá pela invocação de saberes de diversas naturezas, de diversos campos do conhecimento. “[...] O conhecimento do todo necessita do conhecimento das partes. [...]”. Portanto, para compreender a prática do jornalismo científico nas universidades públicas é

¹⁹Artigo escrito para o Dossiê Divulgação Científica 2018, da revista eletrônica *ComCiência*. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/divulgacao-cientifica-faca-agora-ou-cale-se-para-sempre/>>. Acesso em: 6 de dez. de 2021.

preciso primeiramente aprender/conhecer qual é o papel da ciência, da universidade pública, do jornalismo e da divulgação científica.

Para a construção do objeto da pesquisa²⁰ buscou-se referenciais teóricos relacionados aos conceitos de jornalismo e jornalismo especializado, sendo selecionadas as publicações de Medina (2008); Lage (2019); Vilas Boas (2005); Cornu (1994); Kovach e Rosenstiel (2004); Ramírez e Moral (1999); Berger e Marocco (2008), entre outros.

A respeito do jornalismo científico, consultamos os autores: Oliveira (2002); Bueno (1985, 1998, 2002, 2003, 2009, 2010, 2014, 2018, 2021, 2022); Burkett (1990); Marques de Melo (1982, 2001, 2014); Massarani (1998, 2002, 2017, 2018, 2020, 2021) e Blum, Hatch e Jackson (2020).

Para Wilson da Costa Bueno (2010), a divulgação científica compreende a utilização de recursos, técnicas, processos e produtos como programas de rádio e televisão, jornais, revistas e sites, para a veiculação de informações científicas para o público leigo. Nesse sentido, muitos jornalistas e pesquisadores da área defendem que a maneira mais efetiva para divulgação do conhecimento científico para a população em geral é pelo jornalismo (Burkett, 1990; Kovach e Rosenstiel, 2004), em especial, o jornalismo científico.

Não é recente o interesse de pesquisadores por estudar a divulgação científica dentro ou fora das universidades. Há estudos sobre ações de pesquisadores e/ou departamentos específicos, além de pesquisas sobre o papel da assessoria de imprensa, a contribuição da divulgação para a alfabetização científica, seu uso em sala de aula, assim como sobre a atuação das redes sociais institucionais como propagadores desse conhecimento. Contudo, percebe-se que a produção de pesquisas cuja intenção seja identificar e compreender como se produz jornalismo científico dentro das instituições de ensino superior ainda é pequena, ainda mais olhando para as universidades públicas das diferentes regiões brasileiras.

A ideia desta pesquisa ser realizada na linha selecionada *Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumos* ocorre pela possibilidade de esta auxiliar na identificação de como os processos de comunicação são construídos, quais as tecnologias, formatos e linguagens são selecionados para a divulgação científica, via jornalismo científico, feita pelas universidades públicas, especialmente a Universidade de São Paulo com o *Jornal da USP*.

Simplificadamente, o objeto de pesquisa é o jornalismo científico e o *corpus*, as universidades públicas federais e estaduais com observação direta do *Jornal da USP*, da

²⁰ O Capítulo *Caminho da pesquisa: a descrição do percurso metodológico na busca do jornalismo científico nas universidades públicas* traz um quadro de referencial teórico mais detalhado.

Universidade de São Paulo que, durante o período pandêmico, devido à sua cobertura científica, teve aumento significativo de público em busca por informações sobre ciência. Somente no ano de 2020 o jornal foi acessado por 10.640.355 milhões de usuários e houve quase 25.680.505 milhões visualizações de páginas²¹.

Desse modo, diante da problemática no campo da divulgação científica, a pesquisa visa identificar e compreender como se configura o jornalismo científico produzido pelas universidades públicas. Quais são suas características, como se dá a sua rotina produtiva, quais são os conteúdos e para quem é feito esse jornalismo? A sua produção contribui para o aumento do acesso à informação científica de qualidade?

A partir dessas questões, a hipótese levantada é que: A ciência é uma pauta caracterizada no jornalismo realizado nas universidades públicas, em especial a Universidade de São Paulo, porque permite a ampliação do acesso à informação científica de qualidade dentro e fora da instituição. Nesse sentido, acredita-se também que ao realizar esse tipo de jornalismo, as universidades públicas preenchem lacunas deixadas pela grande mídia na cobertura desse tema, contribuindo, assim, para a valorização da universidade, da ciência e do próprio jornalismo.

Além disso, durante a pandemia de covid-19, a busca por informações científicas (vírus, doença, cuidados, tratamento, vacinas) de expressiva parcela da população demonstra que o jornalismo científico é fundamental para o acesso à informação científica de qualidade.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar (discutir) de que modo as universidades públicas brasileiras (federais e estaduais) produzem jornalismo científico, principalmente considerando o legado deixado pela pandemia de covid-19.

Já os objetivos específicos deste estudo são: (1) Identificar quantas e quais universidades públicas brasileiras mantêm algum canal de comunicação de jornalismo científico; (2) Comprovar se realmente a pauta da ciência está caracterizada na linha editorial do jornalismo produzido pelas universidades públicas (federais e estaduais); (3) Demonstrar quais são as pautas, os recursos, formatos e conteúdos que as universidades utilizam para a prática do jornalismo científico; (4) Descrever como ocorre a produção do jornalismo científico nas universidades públicas (federais e estaduais) selecionadas nas cinco regiões do país (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) a partir da realização de entrevistas com os profissionais dessas instituições e (5) Analisar a prática do jornalismo científico realizado pela Universidade de São Paulo, por meio do *Jornal da USP*.

²¹ Dados obtidos durante o *Workshop Jornal da USP – jornalismo em ambientes universitários*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=molY7XIAW2s&list=PLAudUnJeNg4uQn_7hJ2cLR5QSvSCJperf&index=16>. Acesso em: 10 de dez. de 2021.

Sendo assim, esta tese de Doutorado se organiza em quatro capítulos. O primeiro capítulo, *Jornalismo científico ontem e hoje* corresponde ao estado da arte sobre a temática com a reflexão sobre os conceitos de divulgação científica e jornalismo científico. O foco é compreender o que é o jornalismo científico, quais são suas características e como deve ser sua prática, seja ele produzido na grande mídia ou na universidade. Para isso, há a leitura de autores referência e a realização de entrevistas com especialistas na prática do jornalismo científico.

O segundo capítulo, *Caminho de pesquisa: a descrição do percurso metodológico na busca do jornalismo científico nas universidades públicas*, se propõe a apresentar os autores que guiam este trabalho, além de descrever as etapas de pesquisa: o acesso ao site de todas as universidades públicas (federais e estaduais) brasileiras na busca pela pauta de ciências; a identificação das universidades que têm canais de jornalismo científico e/ou que cobrem a pauta de ciências; os critérios de seleção das universidades que foram consultadas para descrever suas práticas jornalísticas e a apresentação das fontes que foram entrevistadas.

O terceiro capítulo, *A práxis do jornalismo científico em onze universidades públicas brasileiras*, concentra-se em apresentar como se desenvolve a rotina de produção desse conteúdo mediante a lógica: atores e processos, produtos e conteúdo bem como a prática do jornalismo científico – prós e contras, a partir de entrevistas com os jornalistas das universidades selecionadas dentro do período analisado.

Já o quarto capítulo, *A experiência do Jornal da USP na prática do jornalismo científico*, mergulha na trajetória do *Jornal da USP*, retrata as mudanças pelas quais o jornal passou até se tornar referência na cobertura de ciências, assim como explora qual é o papel que a jornalista Luiza Caires tem como responsável pela editoria de Ciências.

Por fim, as *Considerações finais* trazem os resultados sobre a produção do jornalismo científico em doze universidades públicas (federais e estaduais) brasileiras de diferentes regiões do país, a partir de entrevistas com os jornalistas dessas instituições que nos auxiliaram a responder nossas dúvidas iniciais. Não se trata de comparar as produções das diferentes universidades, mas, sim, de compreender essa prática em cada uma dessas realidades.

Tendo isso em mente, os resultantes da pesquisa são expostos de acordo com alguns tópicos: objetivo, prática jornalística, equipe, conteúdo, a produção e o meio, recursos financeiros, abrangência, audiência e periodicidade e *Jornal da USP*.

Nessa reflexão identificamos a prática de um jornalismo menos apressado, mais consciente e com maior profundidade. O jornalismo científico produzido pelas universidades públicas assume uma postura política ideológica muito clara quando traz para si a defesa da

ciência e tecnologia, universidade, jornalismo, dos direitos humanos e da cidadania.

Em termos práticos, a pesquisa contribui com a sugestão de um modelo que auxilia pesquisadores na análise do conteúdo disponibilizado pelas instituições em seus sites e um guia de jornalismo científico para universidades públicas partindo de alguns pontos comuns identificados durante todo o processo de investigação.

Outro ponto a ser destacado é a possibilidade de criação de produtos midiáticos (podcasts) que auxiliem na divulgação de informações sobre o jornalismo científico produzido nas universidades públicas por meio do uso de áudios das entrevistas já existentes. Há, ainda, a perspectiva de oferecer oficinas de jornalismo científico para estudantes de escolas públicas utilizando como referência de conteúdo e texto os produtos de jornalismo científico das universidades, especialmente o *Jornal da USP*.

2. JORNALISMO CIENTÍFICO ONTEM E HOJE

Fundamentada na pesquisa bibliográfica e na realização de entrevistas, a ideia deste capítulo é refletir sobre a definição de jornalismo científico, seus parâmetros, para quem é produzido e de que maneira.

No entanto, antes de discorrermos a respeito, é preciso retomar alguns conceitos. Comunicação científica, disseminação científica, cultura científica, alfabetização científica, popularização da ciência, vulgarização da ciência, divulgação científica, jornalismo científico, entre outros, são termos afins, mas com significados práticos bem diferentes.

O jornalista e professor sênior da Universidade de São Paulo, Wilson da Costa Bueno, autor da pesquisa *Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente*, orientada pelo professor José Marques de Melo (1943-2018) e defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 1985, é um dos primeiros no país a refletir academicamente a respeito da relação entre ciência e comunicação.

A referida tese foi dedicada ao professor José Reis, decano da divulgação científica no Brasil, que respondeu ao trabalho com um artigo no jornal *Folha de S. Paulo* e a publicação na íntegra do primeiro capítulo da pesquisa na *Revista Ciência e Cultura* da SBPC, em setembro de 1985.

O estudo tinha uma perspectiva crítica porque, naquele momento, a imprensa dependia de informações exclusivamente oriundas do exterior, nem sempre alinhadas com a realidade brasileira. No primeiro capítulo, em específico, ao levantar o histórico do que seria o jornalismo científico, o autor aborda algumas confusões relacionadas a outras teorias e práticas, ao que chamamos de difusão, disseminação e divulgação, mas que retratam o mesmo objeto. Para ele, cada um dos conceitos tem contornos próprios, mesmo que atuem em um terreno comum formado por processos, estratégias, técnicas e mecanismos para a veiculação de fatos/informações do universo da ciência e tecnologia. Na verdade, vigora “[...] entre eles uma relação de inclusão ou de complementaridade, isto é, cada qual mantém com os demais uma relação estreita do tipo de gênero-espécie.” (Bueno, 1985, p.1420).

Aliás, essas imprecisões e ambiguidades conceituais ainda ocorrem nos dias de hoje, e por isso, retomamos minimamente cada um desses conceitos.

Bueno (1985) toma como ponto de partida a conceituação de difusão, disseminação e divulgação proposta pelo venezuelano Antonio Pasquali (1979), que se apoia no que denomina como *nível de codificación e universo perceptoral deliberado*, traduzido livremente à época como linguagem e público-alvo. O que isso significa? O conceito/função desses termos ocorre

a partir do momento em que pensamos cada um deles de acordo com a linguagem utilizada na construção da mensagem e para qual público se destina.

Pasquali (1979) entende que a difusão e a divulgação são voltadas para um público diverso. Já a disseminação concentra-se exclusivamente nos especialistas, como explica Bueno (1985):

[...] Pasquali não admite o uso do termo difusão para representar a veiculação de informações cuja produção está restrita a um número reduzido de pessoas. [...] recusaremos essa limitação e imprimiremos à expressão difusão científica um caráter global, entendendo-a como um processo abrangente que circunscreve, inclusive, os demais conceitos. O jornalismo científico, como iremos ver, constituir-se-á, em última instância, em um caso particular da difusão científica. (Bueno, 1985, p.1420)

Bueno (1985) também difere difusão científica de disseminação científica. Ele tem uma visão mais ampla do que seria a difusão: todo e qualquer processo ou recurso utilizado para a veiculação de informações científicas e tecnológicas que permite abranger periódicos especializados, sistemas de informação ligados aos institutos, centros de pesquisa e bibliotecas, reuniões científicas, seções especializadas da imprensa, cinema etc.

[...] a difusão incorpora a divulgação científica, a disseminação científica e o próprio jornalismo científico, considerando-os como suas espécies. [...] A difusão pode ser pensada em pelo menos dois níveis, segundo o público a que estas se destinam: 1) difusão para especialistas e 2) difusão para o público em geral. No primeiro caso, a difusão confunde-se com a disseminação da ciência e tecnologia; no segundo, refere-se, exatamente, à divulgação científica. (Bueno, 1985, p.1421)

Já o processo de disseminação científica seria a transferência de informações científicas e tecnológicas, escritas em linguagem mais técnica e direcionada a um público mais restrito, formado por especialistas. Essa disseminação ocorreria em dois níveis: intrapares (circulação entre pares da mesma área ou áreas conexas) e extrapares (circulação para um público especializado, mas não necessariamente daquela área específica). Aqui não existe a difusão (no sentido de propagar, multiplicar, divulgar) para um público leigo (não familiarizado), haja vista que o código (linguagem), o conteúdo (temática) e o ambiente (espaço, local para a comunicação) utilizados excluem os não especialistas.

Dessa forma, Bueno (1985) dedica-se ao conceito de difusão, pois este engloba a divulgação científica e, conseqüentemente, o jornalismo científico, para começar a discussão sobre todos esses termos e suas funções.

Portanto, a divulgação científica compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação das informações sobre ciência e tecnologia visando ao público geral, ou seja, para o Bueno (1985), é necessária a recodificação da linguagem especializada para a não especializada.

Essa ideia de *traduzir* o conteúdo para sua melhor compreensão é aceito e defendido até os dias de hoje por diversos autores, como Rita de Cássia do Vale Caribé (2015). No artigo *Comunicação científica: reflexões sobre o conceito*, ela escreve que a tradução é o “[...] processo de recodificação, de transposição de linguagem especializada para linguagem cotidiana, fazendo uso de metáforas, com o objetivo de tornar o conteúdo acessível ao grupo amplo de receptores.” (Caribé, 2015, p.93)

É importante destacar que, muitas vezes, a divulgação científica é *entendida* como popularização ou vulgarização da ciência. Caribé (2015) explica que isso ocorre porque etimologicamente *divulgação* e *vulgarização* remetem a povo, sendo que na origem latina aparecem com o significado de *vulgar*, no século XIV, e como *divulgar*, somente, no século XIX.

Além disso, a autora reforça que:

[...] o termo divulgação não é utilizado nos países de língua inglesa, as derivações do latim *vulgus* são encontradas apenas nos idiomas de origem latina como o francês, o espanhol e o português, como é o caso da divulgação. [...] O termo popularização da ciência ou popularização científica aparece nos países anglófonos, porque os termos vulgarização e divulgação, ambos de origem latina, não são utilizados. (Caribé, 2015, pp.92; 93)

Luisa Massarani (1998) endossa que realmente há dificuldades referentes ao uso pejorativo do termo vulgarização (vulgar, trivial, usual), mesmo que o vocábulo também esteja relacionado a “tornar conhecido”. Massarani reforça que isso tudo tem a ver com o fato de o astrônomo, físico, engenheiro Galileu Galilei ter contrariado a ordem da igreja ao usar uma língua vulgar (o italiano) ao invés do tradicional latim ao escrever duas de suas principais obras; tratava-se de uma das primeiras iniciativas da vulgarização (aqui entendida como tornar comum) da ciência.

E quanto à comunicação científica? Na época, Wilson Bueno (2010) não utilizou e/ou analisou o termo, mas ao escrever o artigo *Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais* associa sua práxis ao que definiu como disseminação em sua tese. Ele acredita que ambos os processos têm conceitos com características comuns, ou seja:

[...] ambos os processos se reportam à difusão de informações em ciências, tecnologia e inovação (CT&I), eles pressupõem [...] aspectos e intenções bem distintos [...] entre eles, o perfil do público, o nível de discurso, a natureza dos canais ou ambientes utilizados para a veiculação e a intenção explícita de cada processo em particular. (Bueno, 2010, pp.89; 90)

Bueno (2010) explica que a comunicação científica visa à disseminação de informações especializadas entre os pares, com o intuito de tornar conhecidos os resultados das pesquisas, experiências em áreas específicas. Já Caribé (2015) percebe a comunicação científica como algo mais genérico que engloba todos os outros termos (difusão, disseminação, divulgação, popularização) como processos, ou seja, a autora se aproxima do que Bueno (1985) definiu como difusão.

Caribé (2015) explica que a comunicação científica é um processo de comunicação clássico em que há emissor, mensagem, canal e receptor. O conteúdo informacional é gerado por cientistas, pesquisadores, acadêmicos, entre outros, para ser compartilhado com um público variado.

[...] a comunicação científica engloba todas as demais formas de comunicação que variam de acordo com o tipo de linguagem utilizada ou com o tipo de entidade do processo de comunicação ao qual se encontra relacionado. Incorpora tanto a comunicação interna dirigida à comunidade científica quanto a externa, destinada ao público leigo. (Caribé, 2015, p.101)

Há, ainda, outros termos vinculados a essa relação entre ciência e sociedade, mas que variam conforme a região geográfica e os campos de conhecimento, prático e acadêmico. As pesquisadoras Mariana Rocha, Luisa Massarani e Constanza Pedersoli, no artigo *La divulgación de la ciencia en América Latina: términos, definiciones y campo académico*, 2017 – sem pretensões de criar uma definição ou limitação –, fazem uma análise, de 609 artigos acadêmicos, de como os termos (divulgação científica, jornalismo científico, comunicação científica, popularização da ciência, entre outros) são utilizados na América Latina.

Rocha, Massarani e Pedersoli (2017) partem de conceitos propostos pelos(as) autores(as) latino-americanos Carmen Sánchez Mora y Ana María Sánchez Mora (2003), Marcelo Germano e Wojciech Kulesza (2007) e Elaine Reynoso (2012) que reconhecem “não existir consenso sobre o que cada um dos termos significa” e mostram que em um mesmo trabalho (artigo ou pesquisa) podemos encontrar mais de um significado e, muitas vezes, descrito como sinônimo de outro conceito. (QUADRO 3)

Quadro 3 – Como os termos aparecem: em busca de uma proposta

Carmen Sánchez Mora y Ana María Sánchez Mora (2003)	Comunicação da Ciência	É a mesma definição de divulgação científica, já que, significa transmitir o conhecimento científico das fontes aos mais diversos públicos
	Cultura Científica	É o mínimo de conhecimento científico que um cidadão deveria ter
	Divulgação Científica	É multidisciplinar; o objetivo é comunicar utilizando uma diversidade de meios para distintos públicos
	Educação formal	É a educação escolarizada, baseada em um currículo, programa, ministrada em uma instituição
	Educação informal	É uma educação informal, cotidiana, sem a necessidade de seguir um sistema, programa
	Educação não formal	É uma educação que também tem um programa, um sistema, mas pode acontecer tanto nas instituições formais de ensino quanto em outros locais
	Popularização da Ciência	É usado como sinônimo de divulgação científica em países de língua espanhola
	Vulgarização da Ciência	Também é utilizado como sinônimo de divulgação científica em alguns países de língua espanhola, mas no México é visto como algo pejorativo. Na França significa o mesmo que divulgação científica
Marcelo Gomes Germano e Wojciech Andrzej Kulesza (2007)	Alfabetização da Ciência	A ideia vem do que se entende por alfabetização, que é ensinar o alfabeto para que a pessoa tenha uma mínima compreensão de leitura e escrita. No caso, é o mínimo de conhecimento, compreensão sobre ciência e tecnologia
	Divulgação Científica	É fazer a ciência se tornar conhecida por todo tipo de público
	Popularização da Ciência	É um termo que também surgiu na França, mas não foi incorporado pela comunidade científica, no entanto, é muito utilizado em países da América Latina e Caribe
	Vulgarização da Ciência	Termo que nasceu na França no século XIX e significa “fazer com que a ciência seja conhecida”, porém, o termo é visto como pejorativo em muitos lugares do mundo por ser associado a vulgar, ordinário
Elaine Reynoso (2012)	Alfabetização Científica	Baseado no que seria o papel da alfabetização: o mínimo básico de acesso à leitura e escrita para a vida diária. No caso, é ter o conhecimento básico da ciência e tecnologia que ocorre em seu entorno
	Apropriação social da ciência e da tecnologia	É um termo muito usado na Colômbia e visa a mudança social e cultural porque ao permitir o acesso adequado à ciência e tecnologia cria uma relação crítica do conhecimento, ou seja, ajuda a promover a cultura científica
	Divulgação Científica	A autora se apropria da mesma definição dada por Sánchez e Sánchez; é tornar o conhecimento público (comunicar) por diversos meios para um público amplo e de forma acessível
	Popularização da Ciência	Assume um sentido político e surge da necessidade de mudanças sociais para que as parcelas excluídas da sociedade tenham acesso ao conhecimento e espaços de aprendizagem. Ela visa a divulgação, ampliação do conhecimento como a divulgação científica se propõe, mas aqui o enfoque é mais de inclusão social

Fonte: a autora, (2022). Adaptação de Rocha; Massarani; Constanza (2017; pp. 42-45). O texto original é em espanhol; tradução nossa.

Especificamente sobre os artigos produzidos no Brasil, as autoras mencionam que no começo dos anos 1980 era comum encontrarmos o termo *comunicação da ciência*, apesar de gerar algumas confusões, pois alguns setores o enxergaram como algo ligado à comunicação feita entre pares, como escreve Bueno (2010). Depois, no final dos anos 1980 e na década de 1990, como resultado da criação da *Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia na América Latina e Caribe* (RedPOP), passam a ser mais comum os termos *popularização da ciência* e *divulgação científica*. Já na penúltima década (2000 e 2010), *divulgação científica* passa a ser o termo mais utilizado.

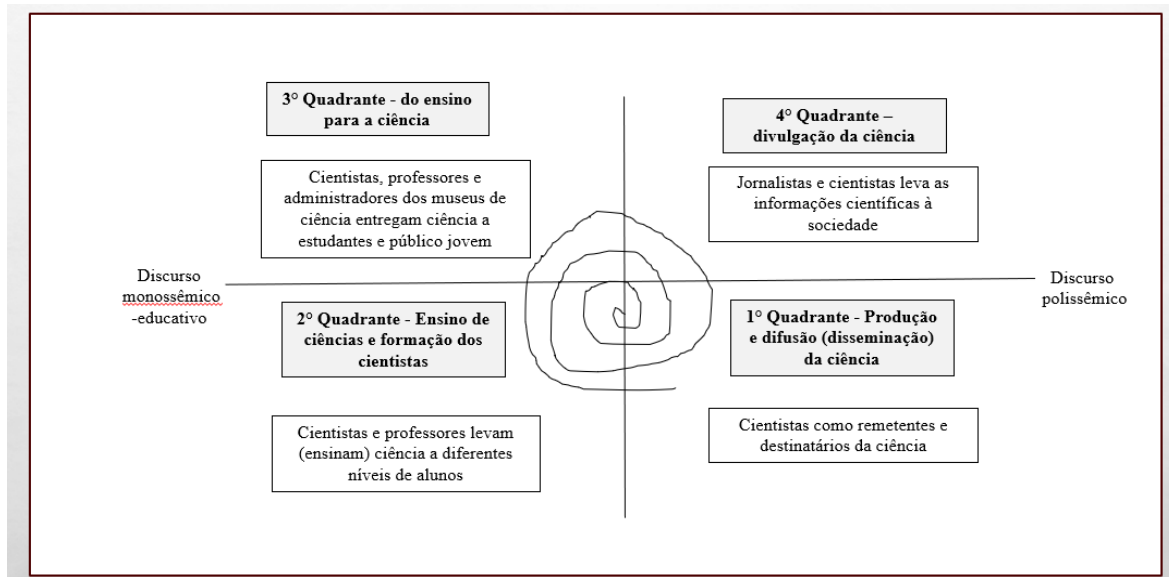
Em outro texto, *Estado del arte de la divulgación de la ciencia en América Latina*, 2018, Luiza Massarani, explica que, a partir de 2014, há uma observação do aumento do uso dos termos *popularização da ciência* e *divulgação científica*. O que isso significa? Reconhecemos esses dois usos quando olhamos para a América Latina como um todo, mas, especialmente no Brasil, é mais comum encontrarmos divulgação científica. No levantamento, 62,8% utilizavam divulgação científica e 20,3% comunicação da ciência.

É importante destacar que outra expressão bastante mencionada no Brasil é *cultura científica*, em especial, pelo linguista e professor emérito da Unicamp, Carlos Vogt. Para ele, em texto escrito para a Coluna *Tendência e Debates*, publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 2003, a expressão “parece mais adequada que várias outras já utilizadas em tentativas de explicar o amplo e cada vez mais difundido fenômeno da divulgação científica e da inserção dos temas da ciência e da tecnologia no dia a dia de nossa sociedade”. (Vogt, 2003)

O professor se propõe a representar a cultura científica na forma de uma espiral, cujo movimento pelos quadrantes desenha a dinâmica da “produção, da difusão e da divulgação da Ciência e da Tecnologia na teia intrincada de atores e instituições sociais que constituem os seus interlocutores [...]”. (Vogt; Polino, 2003, p.17)

A ilustração a seguir representa a espiral da cultura científica. Temos, no 1º Quadrante, com seus respectivos papéis, as universidades, os centros de pesquisa, os órgãos governamentais, as agências de fomento, os congressos, as revistas científicas; no 2º Quadrante, acumulando funções, outra vez as universidades, o sistema de Ensino Fundamental e Médio e o sistema de pós-graduação; no 3º Quadrante, os museus e as feiras de ciência; no 4º Quadrante, as revistas de divulgação científica, as páginas e editoriais dos jornais voltadas para o tema, os programas televisivos, entre outros.

Figura 1 - Os eixos da espiral da cultura científica



Fonte: produção da autora (2023). Adaptação de Vogt (2003, 2011); tradução nossa.

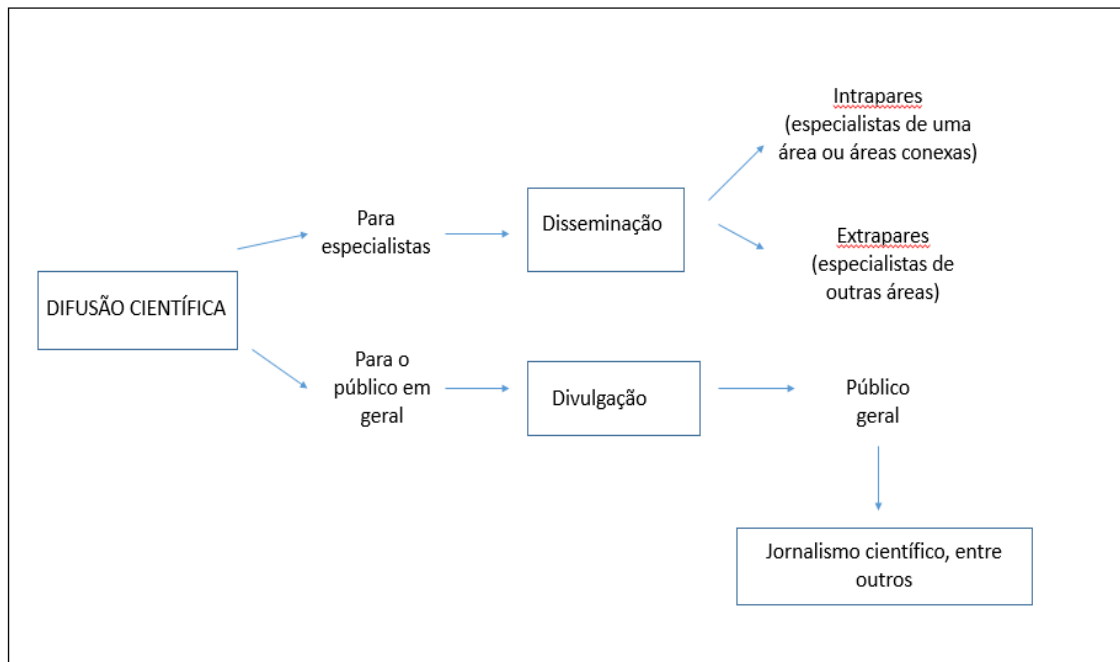
A ideia é que a partir da produção e da circulação do conhecimento científico entre cientistas, a espiral evolui para o segundo quadrante (o do ensino da ciência e da formação de cientistas) e continua para o terceiro quadrante, em que se amplia o ensino da ciência e completa o ciclo, no quarto quadrante, com a divulgação científica.

[...] a espiral da cultura científica, ao completar o ciclo de sua evolução, ao retornar ao seu eixo de partida, não volta, porém, ao mesmo ponto de partida. Ao contrário, caminha para um ponto ampliado com conhecimento e participação da população no processo dinâmico da ciência e sua relação com a sociedade, abrindo-se ao chegar ao ponto de partida, não havendo descontinuidade no processo [...] (Vogt, 2011, p.6, tradução nossa)

Apesar de compreendermos que é fundamental que uma sociedade tenha – de fato – uma cultura científica no sentido de permitir às pessoas compreender mais naturalmente que atividades realizadas no dia a dia envolvem conceitos e explicações científicas, essa pesquisa não traz esse recorte.

Neste trabalho, especificamente, buscamos compreender como as universidades públicas, em especial, a Universidade de São Paulo, produzem jornalismo científico. Assim, a seguir, as figuras 2 e 3 sintetizam, em uma representação gráfica, os pontos comuns entre Bueno (1985) e Caribé (2015) sobre a prática do jornalismo científico estar inserida/associada ao conceito de divulgação científica.

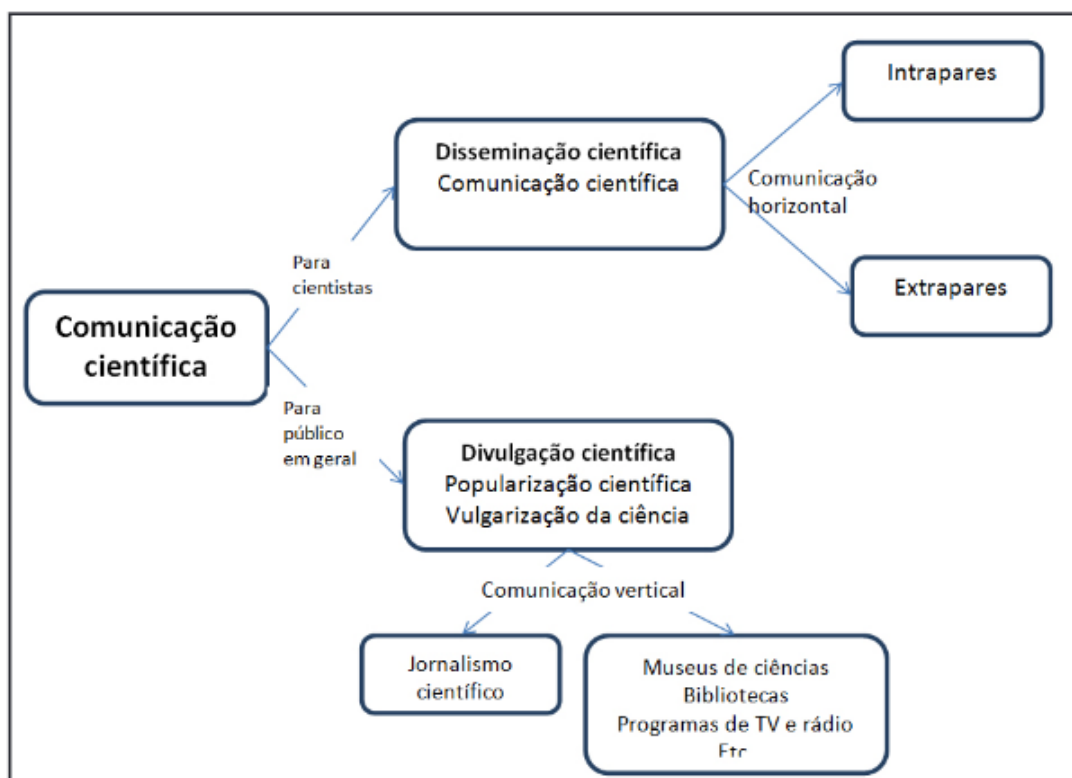
Figura 2 – Conceitos de acordo com Bueno (1985)



Fonte: produção da autora (2022). Adaptação de Bueno (1985).

Em 2010, Bueno compreende que o termo disseminação pode ser associado à comunicação. Assim, encontramos autores como Caribé (2015) que quando querem se referir a difusão científica feita para especialistas usam tanto o termo disseminação quanto comunicação.

Figura 3 – Conceitos de acordo com Caribé (2015)



Fonte: Caribé (2015). Reprodução da autora (2022).

A divulgação científica tem sido abordada sob diferentes pontos de vista, por vários profissionais e dentro das mais diversas perspectivas teóricas e filosóficas, mas o que é divulgação? Define-se como o fato de divulgar, difundir, promover, publicar, colocar algo ao alcance do público leigo ou acadêmico. Por público leigo, segundo Bueno (2014, p. 6): “entende-se a pessoa não especializada, o cidadão comum.” Bueno (2009, 2010) defende que a divulgação científica cumpre uma função primordial na sociedade: a de auxiliar na democratização, ou melhor, na ampliação do acesso ao conhecimento científico.

Desse modo, a divulgação pode se dar tanto pela publicação de artigos e livros quanto pela realização de eventos direcionados a um público específico, como participantes de congressos, seminários e palestras. Também pode dialogar com um público mais amplo, por intermédio de expressões variadas como filmes, espetáculos teatrais, histórias em quadrinhos, *performances* artísticas, ações educacionais, exposições e atividades em museus e centros de ciência e tecnologia, feiras, mostras e olimpíadas, programas de rádio e televisão, jornais e revistas e, mais recentemente, as plataformas digitais.

Caberia ao divulgador, seja jornalista ou não, propagar esse conhecimento. Isso ocorre porque, em sua origem, havia a ideia de adaptar o discurso fechado e técnico do mundo dos

cientistas e *traduzi-lo* em algo de mais fácil compreensão para o receptor não técnico, o não cientista (popularmente denominado leigo) como já mencionado anteriormente.

Cabe destacar que não corroboramos com a ideia de que há de um lado o *ser iluminado*, detentor exclusivo do conhecimento que precisa transmitir seu saber para o outro lado em que está o *ignorante*, o que não vê/compreende as *maravilhas* da ciência. É claro que o especialista tem esse conhecimento, digamos assim, mais elaborado, adquirido via educação formal, contudo, não podemos generalizar que o cidadão comum seja totalmente ignorante sobre o mundo da ciência.

Então, qual seria o papel da divulgação científica? Ser uma ponte, um elo entre emissor e receptor, mas não de forma impositiva, pensando apenas em traduzir. É preciso explicar, possibilitar associações com as práticas diárias cotidianas.

A divulgação científica tem um caráter mais formativo (Bueno, 1985) ou educativo (Marques de Melo, 1982), mas para que isso aconteça deve-se pensar em muitas questões, tais como: quem está falando, sobre o que e para quem? Há de se considerar o contexto e, principalmente, a forma, a linguagem e como isso será feito.

Na prática, a linguagem e a forma como a divulgação científica se apresentam para a sociedade têm características particulares, logo, de fato, não se trata apenas de traduzir o discurso científico. No caso da divulgação científica feita pela imprensa (jornalismo científico), há alguns aspectos que precisam ser considerados, pois “o jornalismo incorpora novos elementos ao processo de circulação de informações científicas e tecnológicas porque estabelece instâncias adicionais de mediação.” (Bueno, 2010, p.4).

Para o autor, neste caso:

[...] a fonte de informações (cientista, pesquisador ou, de maneira geral, um centro de produção de C&T – universidades, empresas e institutos de pesquisa) sofre a interferência de um agente (o jornalista ou o divulgador) e de uma estrutura de produção (que apresenta especificidades dependendo do tipo de mídia e da sua proposta de divulgação). (Bueno, 2010, p.4)

Para além de somente traduzir, Nascimento (2008, p.3) reforça que os jornalistas precisam assumir uma postura mais crítica. Ao produzir textos de divulgação científica, não podem acreditar que basta “tornar inteligíveis determinados conceitos científicos, seja pelo uso de analogias e metáforas, seja pelo emprego de uma linguagem mais atrativa aos leitores”.

É isso também, mas principalmente é estar atento à maneira como essa mediação acontece e se desenvolve, pois pode haver ruídos na interação com o público, comprometendo a qualidade da informação. É fundamental pensar o tempo todo na precisão da informação e no

alcance que o tema pode ter. Afinal, é cada vez mais necessário *furar a bolha* e chegar até as pessoas que não têm o costume ou não estão familiarizadas com a ciência, ainda mais em um mundo em que o negacionismo e a desinformação científica só vêm crescendo.

Manuel Calvo Hernando (1924-2012), no texto *La difusión del conocimiento al público: cuestiones y perspectivas*, publicado em 1998 na *Revista Comunicação & Sociedade*, defende que o grande objetivo da divulgação está vinculado ao conhecimento:

[...] Em outras palavras, ajudar as pessoas a compreenderem a si mesmas e a compreender seu entorno, tanto o visível como o invisível. Esta ação exigirá um plano conjunto de centros de investigação [pesquisa], universidades e instituições educativas em geral, museus de ciência e, claro, de jornalistas, escritores, pesquisadores e professores. (Calvo Hernando, 1998, p. 44, tradução nossa)

Esse trecho do texto do pesquisador espanhol corrobora com a essência deste trabalho, já que nos propomos a conectar três pontos fundamentais: ciência, universidade e jornalismo, ao buscar compreender como se dá a produção do jornalismo científico nas/pelas universidades.

Essa triangulação é importante porque a união da universidade, da ciência e do jornalismo tem papel importante para a democratização do acesso ao conhecimento científico de qualidade. A prática do jornalismo científico produzido pela universidade atinge os dois grandes objetivos da divulgação científica proposto por Calvo Hernando: o conhecimento e a ação prática. Daí a importância de se compreender qual o seu papel e como se dá sua prática.

2.1 E o jornalismo científico, o que é?

Uma das características do ser humano é a curiosidade, o interesse por conhecer seu entorno, seja para se aproveitar das possibilidades, seja para se defender das diversidades. Não à toa que se tem buscado respostas para as inúmeras questões sobre o mundo, respostas essas que, em muitos casos, podem ser oferecidas por pesquisadores, cientistas, jornalistas, entre outros.

O parágrafo 1º do artigo 27 da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*²², aprovada pela *Assembleia Geral das Nações Unidas*, em 10 de dezembro de 1948, menciona a necessidade de uma comunicação mais direta e permanente entre a comunidade científica e os cidadãos. “Toda pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade,

²²Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 23 de dez. de 2021.

de fruir as artes e de participar do progresso científico e dos benefícios que deste resultam.”

Na realidade, a atividade científica alcança na sua plenitude quando o pesquisador, o cientista comunica os resultados de seu trabalho para a sociedade, pois “a comunicação é sempre a busca da *relação* e do compartilhamento com o outro.” (Wolton, 2006, p.16).

Para Wolton, a comunicação atua em duas dimensões: normativa e funcional. A primeira, visa informar, dialogar, compartilhar, compreender-se. Já a segunda, se deve ao fato de que as informações são necessárias para o funcionamento das relações humanas e sociais. “Mas, informar não necessariamente é comunicar”. (Wolton, 2006, p. 15)

Ramírez e Del Moral (1999) também afirmam que se a investigação não resultar em comunicação, pouco ou em nada o esforço terá valido a pena. Neste sentido, eles acreditam que: “[...] a informação jornalística especializada vem para cobrir o abismo que, tradicionalmente, existe entre os cientistas e os cidadãos não especializados nestes conteúdos especializados.” (Ramírez e Del Moral, 1999, p.110, tradução nossa)

A diversificação do saber aumentou enormemente no século XX em virtude do desenvolvimento tecnológico, o que ocasionou a amplitude de conhecimentos, mas também o desequilíbrio entre os interesses e expectativas por parte da população em relação aos pesquisadores e cientistas, assim, paralelamente cresceu a necessidade de especialização. A ideia, para muitos, passa a ser de que é preciso separar os saberes em busca de maior exatidão, rigor, segurança e difusão. (Ramírez e Del Moral, 1999).

Os autores explicam que essa alteração traz vantagens (capacidade de aprofundamento) e desvantagens (incomunicação entre as diferentes áreas do saber), por isso é preciso haver uma ordenação entre esses diferentes conteúdos informativos na busca por uma síntese globalizadora, ou seja, a especialização jornalística.

A prática do jornalismo especializado exige dos profissionais, formados ou não em jornalismo, o conhecimento, mais do que trivial, de conceitos e processos que tipificam as áreas de cobertura, o que os capacita a interagir, de forma competente, com as fontes principais para o seu trabalho, que compreendem não apenas os técnicos, ou pesquisadores ou mesmo ou cientistas, e favorece o acesso a recursos (publicações técnico-científicas, eventos especializados) que irão respaldar as produções jornalísticas. (Bueno, 2022, p. 119)

Entretanto, Alicia Maria Ivanissevich (2005) chama a atenção para o perigo da simplificação, por vezes inadequada, na hora de comunicar sobre ciências para o público leigo, por parte de muitos jornalistas, sejam eles (as) especializados ou não. Mesma opinião da jornalista e pesquisadora Cilene Victor (2009):

Como todo jornalismo especializado, o científico deve recorrer à interpretação, à contextualização e ao resgate histórico dos fatos. Ouvir especialistas não é o suficiente para produzir uma cobertura crítica. O discurso do cientista, como pensam ainda muitos jornalistas, não é sinônimo de isenção, de senso crítico e independência. (Victor, 2009, p.26)

O jornalismo, enquanto atividade, necessita seguir toda uma construção, fundamentação teórica, bem como regras de conduta e escrita. Como fenômeno social, tem documentado ou descrito — no formato impresso, sonoro ou audiovisual, podendo haver combinação desses modos — a realidade histórica, econômica e cultural da sociedade. O jornalismo orienta seu público a formular e exprimir opiniões e a fazer reflexões sobre o mundo.

Beltrão (1960), Bond (1962) e Hudec (1980), autores clássicos dos estudos sobre jornalismo, defendem que independentemente da área de cobertura, o jornalismo tem alguns deveres, como: independência, exatidão e responsabilidade, cuja finalidade é difundir o conhecimento e orientar a opinião pública para a promoção do bem comum.

Qualquer jornalista que pretenda exercer a sua profissão -socialmente tão importante e necessária- com a responsabilidade e com êxito, decerto perguntará, desde logo, *o que é, verdadeiramente, o jornalismo*, qual a sua função social, que factores condicionam as variações do seu grau de influência sobre a opinião pública, o que diferencia o estilo jornalístico do estilo adoptado pelos outros meios de comunicação dos mais diferentes gêneros de informação social. Em resumo, perguntará qual a essência do jornalismo, qual a *lógica interna* desse fenômeno social. Isto é natural, pois só quando encontrar resposta para estas e outras perguntas semelhantes poderá o jornalista empreender conscienciosamente o seu trabalho, com ideias claras e a certeza de que alcançará os objetivos a que se propôs no momento em que começou a sua carreira profissional. (Hudec, 1980, p.11)

Nesse sentido, Pereira Junior (2014) afirma que o jornalismo é uma atividade central nas sociedades democráticas. Medina (2008a, p.67), por sua vez, considera que o jornalismo, como fenômeno social, tem sido o grande portador na arte de tecer o presente: “[...] A par de todas as regulações técnicas, éticas e estéticas, essa consagrada narrativa da contemporaneidade aflora ganhos e perdas na dialogia social.”

O jornalismo é um campo de conhecimento e uma prática social. Ou seja, há um campo jornalístico, constituído por regras, normas, rotinas, pela linguagem, pelas pressões econômicas, políticas e sociais, bem como pela disputa de uma hegemonia entre os agentes que o constituem. (Pereira Junior, 2014, p. 863)

Daniel Cornu (1994, p.382) defende que a missão geral da imprensa é informar o cidadão

para que este seja capaz de formar a sua própria opinião, considerando que essa missão não pode ser cumprida sem liberdade. “A responsabilidade do jornalista é, antes de tudo, para com o público, pelo direito deste último a ser informado. Esta missão pública é a primeira condição da democracia”.

As pessoas têm necessidade – talvez até um instinto – de saber o que acontece além da sua existência, por isso compartilhamos informações a todo momento, seja pela comunicação interpessoal, seja por meios tecnológicos. E as notícias são uma das formas de conhecimento (Park, 1966), pois ajudam o indivíduo a interpretar a realidade que o rodeia.

A notícia é um dos formatos de divulgação de um acontecimento ou fato, seja ele político, social, econômico, cultural, natural, entre outros, por meios jornalísticos que afetam de alguma forma indivíduos ou grupos significativos da sociedade; é também a base de uma reportagem.

O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o que, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se *reportagem*. (Sodré e Ferrari, 1986, p. 11)

Para ser publicada, a notícia precisa ser relevante, de interesse público. É importante destacar também que o processo de escolha daquilo que será ou não publicado é, muitas vezes, subjetivo, ou seja, os critérios que o norteiam são determinados pelo interesse do meio/mídia (organizações jornalísticas), do profissional (jornalista), assim como do público.

Desse modo, recomenda-se que a prática profissional deva estar alicerçada nos princípios e nas técnicas fundamentais do sistema de produção jornalística, ou seja, é preciso seguir alguns atributos básicos, como, por exemplo, atualidade, difusão coletiva, compromisso com o interesse público e ética, portanto, a função do jornalista é oferecer informação de qualidade, mesmo quando o tema possa parecer menos relevante.

Mas há uma diferença grande entre interesse público e interesse do público. O primeiro (uma das principais premissas do jornalismo) pressupõe que, em uma sociedade democrática, as pessoas tenham o direito de receber informações devidamente apuradas que contribuam, promovam o bem-estar social. O próprio Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros²³, publicado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), no artigo 2º, inciso II propõe que “[...] a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter

²³ Disponível em: <<https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>>. Acesso em: 23 de dez. de 2021.

por finalidade o interesse público”.

Já o interesse do público associa-se mais ao entretenimento disfarçado de jornalismo do que ao jornalismo de fato, no sentido de que sua produção segue mais os parâmetros do mercado, do lucro, da busca exagerada por audiência.

[...] os meios de comunicação, antes de tudo, são um negócio com um produto a vender. Seu produto é a informação [...] O sucesso das vendas ou a conquista de vários pontos no Ibope depende, entre outros fatores, de que tipo de informação é veiculada e de que forma ela é apresentada ao público. [...] (Ivanissevich, 2005, p. 14)

Apesar das mudanças pelas quais a prática jornalística tem passado, certos cuidados continuam sendo universais. De acordo com Kovack e Rosenstiel (2004), no livro *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*, há nove passos²⁴ que devem ser seguidos em seu exercício: (1) verdade; (2) lealdade; (3) verificação; (4) independência; (5) monitoramento do poder; (6) espaço para crítica e o compromisso público; (7 e 8) apresentação de conteúdo significativo de forma interessante, relevante e compreensível; (9) ser livre.

Na visão de José Marques de Melo (1982), a prática jornalística deve seguir cinco parâmetros: (1) promover a popularização do conhecimento que está sendo produzido nas universidades e centros de pesquisa; (2) utilizar uma linguagem de fácil entendimento pelo cidadão comum; (3) despertar o interesse permanente pelos processos científicos, e não de fatos isolados; (4) discutir a política científica, conscientizando a população sobre a importância de participar das tomadas de decisões; (5) realizar um trabalho de iniciação dos jovens ao mundo do conhecimento e de educação continuada dos adultos.

Assim, há o reconhecimento da importância do jornalismo para a sociedade. A jornalista Mariluce Moura, criadora e editora, entre 1999 e 2014, da revista *Pesquisa FAPESP*, editada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e responsável pela elaboração do projeto *Ciência na Rua*²⁵, na 15ª live do GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, organizada pela Intercom em 18 de junho de 2021, defende que o jornalismo tem o “[...] compromisso fundamental, histórico de cobrir, revelar, refletir questões factuais. É responsável pela construção de acontecimentos, dos fatos, das micronarrativas, portanto, tem que se fazer inteligível.”²⁶

Para Bueno (1985), por sua vez, o conceito de jornalismo científico deve,

²⁴ O conteúdo foi editado pela autora dessa pesquisa.

²⁵ Disponível em: <<https://ciencianarua.net/projeto/>>. Acesso em: 8 de jan. de 2022.

²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AefeLzPUebw>>. Acesso em: 5 de out. de 2021.

obrigatoriamente, incluir o de jornalismo e, ainda, apropriar-se das características expostas pelo jornalista e pesquisador alemão Otto Groth (1875-1965): atualidade (fatos ou pessoas ligados direta ou indiretamente com o momento presente), universalidade (abrange as diferentes áreas do conhecimento), periodicidade (ritmo de produção e publicação de materiais) e difusão (circulação do conhecimento para o coletivo).

Em linhas gerais, Bueno (2009, p. 170) defende que o jornalismo científico cumpra seis funções: 1) informativa; 2) educativa; 3) social; 4) cultural; 5) econômica e 6) político-ideológica.

Basicamente, jornalismo científico - cuja tradução vem da expressão em inglês *scientific journalism* ou do espanhol *periodismo científico* - diz respeito ao processo de circulação de informações - de ciência, tecnologia e inovação para uma audiência não qualificada (público leigo) - que obedecem ao sistema de produção jornalística. (Bueno, 2009; 2022)

Desta forma, ele se distingue tanto da Comunicação Científica como da Divulgação Científica no seu sentido mais amplo, definindo-se como um de seus casos particulares. [...] O Jornalismo Científico cumpre uma série definida de objetivos e funções, que podem ser resumidos em: a) veicular fatos e informações de caráter científico e tecnológico que permitem ao cidadão comum estar em dia com o que acontece no universo da C&T&I e b) propiciar o debate sobre o impacto da ciência, da tecnologia e da inovação no mundo do trabalho, na economia, na cultura, na sociedade e também no cotidiano das pessoas. (Bueno, 2022, p.34)

Calvo Hernando (1997), por sua parte, considera que caberia ao jornalismo científico colocar-se a serviço da minoria e fazer com que um número maior de pessoas participe dos progressos da ciência, ampliem o conhecimento e exerçam a cidadania, pois para ele, os principais objetivos do jornalismo científico seriam quatro: social, político-ideológico, educacional e cultural e informativo. Aliás, a jornalista e pesquisadora Fabíola de Oliveira (2002, p.47) ressalta que “[...] o conhecimento científico pode – e deve – ser utilizado para compreender qualquer coisa e estar presente em qualquer editoria. [...]”

No entanto, a prática do jornalismo científico no Brasil não é tão simples assim, pois o jornalismo e a ciência não são reconhecidos pela diversidade, seja racial, seja de gênero, geográfica ou social.

Segundo o levantamento do *Reuters Institute or the Study of Journalism* (2022)²⁷, realizado em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil, as redações são majoritariamente

²⁷Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/human-impact-lack-diversity-brazilian-newsrooms>>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

branca e de classe média. “No Brasil, onde 43,2% da população se identifica como branca e 55,7% como afro-brasileira, as redações ainda contam com 77% de funcionários brancos.” (Teixeira, 2022).

Dados do Censo 2022 apresentados pelo IBGE, em dezembro de 2023, destacam que 92,1 milhões de pessoas (ou 45,3% da população do país) se declararam pardas; 88,2 milhões (43,5%) se declararam brancos; 20,6 milhões (10,2%) pretos; 1,7 milhões (0,8%) indígenas e 850,1 mil (0,4%), amarelas²⁸.

O fato de a população ser majoritariamente não branca, mas as redações sim, impacta a escolha de pautas e narrativas, além de alimentar olhares de desconfiança. Não cabe mais dizer que a ciência é uma solução quase mágica de todo e qualquer problema, desenvolvida por seres especiais dotados de uma inteligência fora do comum, diferente de nós, meros mortais.

A jornalista Meghie Rodrigues, 2023, no *Blog Ciência Fundamental*, editado pelo Instituto Serrapilheira e publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, ao citar a 12ª *Conferência Mundial de Jornalismo Científico (World Conference of Science Journalists, WCSJ)*, realizada entre os dias 27 e 31 de março de 2023 em Medellín, na Colômbia, escreve que a ciência e o jornalismo estão em crise e que é preciso pensar nas relações de poder existentes nas duas áreas.

Sentindo-se alijada do processo de criação do conhecimento científico, muita gente se voltou para teorias da conspiração, falsas curas e outras ideias aparentemente sem sentido. A avalanche de anticientificismo que inunda as redes sociais, instrumentalizada por campanhas orquestradas de desinformação, é o desaguar de um processo que levou anos para ser construído. [...] Afinal, durante muito tempo contribuímos para a visão da ciência ocidental como uma espécie de caixa-preta hermética e impossível de desvendar. (Rodrigues, 2023)²⁹

Ricardo Whiteman Muniz (2021), jornalista e editor da revista de jornalismo científico *ComCiência*, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na palestra *A Ciência como pauta jornalística*³⁰, chama a atenção para o fato de o jornalismo científico não ser apenas um armazém de coisas boas, interessantes. Muito pelo contrário, é preciso atingir o ponto fraco, compreender que está ligado as questões geopolíticas, econômicas e de saúde pública: “[...] o jornalista científico tem que

²⁸Dados disponíveis em: <[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Em%202022%2C%20cerca%20de%2092,0%2C4%25\)%2C%20amarelas](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Em%202022%2C%20cerca%20de%2092,0%2C4%25)%2C%20amarelas)>. Acesso em: 3 de jan. de 2024.

²⁹Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/ciencia-fundamental/2023/04/e-preciso-pensar-sobre-as-relacoes-de-poder-na-ciencia-e-jornalismo.shtml>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

³⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rEO1kWJfZGY>>. Acesso em: 7 de nov. de 2021.

ter discernimento [...]. O jornalismo científico é jornalismo, então os critérios são os critérios jornalísticos básicos. É a novidade, oportunidade, proximidade, relevância, importância [...]"

Neste sentido, as várias etapas do processo de produção jornalística devem ser percorridas adequadamente e elas compreendem, fundamentalmente, a escolha da pauta ou assunto, a captação das informações (que inclui a seleção e o acesso às fontes), a elaboração do texto ou discurso (notícia, reportagem, editorial, coluna) e a edição final (que define o formato final da matéria jornalística, com a inclusão de recursos que potencializam o acesso da audiência, como os títulos ou chamadas, as imagens, os links para leituras complementares). (Bueno, 2022, p.35)

Na introdução da versão em português do *Manual de Edição em Jornalismo Científico do Knight Science Journalism (KSJ)*, 2020, os editores escrevem que produzir conteúdo sobre ciência pode ser intimidante, mas é fundamental que os jornalistas:

[...] não apenas expliquem temas relacionados à ciência com clareza, mas também cubram a área com o mesmo ritmo e exigência do que acontece em outras editorias, como política, economia ou esportes. Os profissionais que trabalham com jornalismo científico devem fazer perguntas difíceis, analisar as informações e exigir que explicações extraordinárias estejam baseadas em evidências igualmente extraordinárias. (Blum; Hatch; Jackson, 2020, p.5)

É importante deixar claro, também, que há uma espécie de dualidade entre a ciência e o jornalismo. A primeira avança a passos lentos. A segunda, na maioria das vezes, é imediatista, como afirma Bueno (1998):

Ciência e Tecnologia decorrem de processos de longa maturação e que, portanto, não estão condicionadas à obtenção de resultados a curtíssimo prazo, a Comunicação, e o Jornalismo em particular, dependem estritamente da coleta e da circulação rápida de informações. (Bueno, 1998, p. 212)

Ivanissevich (2005, p.15) considera que eventuais choques entre mídia e comunidade científica são inevitáveis: “cientistas e jornalistas vivem mundos diferentes, com regras próprias e objetivos díspares. Enquanto a ciência exige um trabalho metódico, de passos lentos, complexos e precisos, o jornalismo em geral pede agilidade, apelo e simplicidade. [...]"

A jornalista estadunidense Apoorva Madavilli, no *Manual de Edição em Jornalismo Científico do KSJ*, 2020, mais precisamente no capítulo intitulado *Como a Ciência funciona*, reforça que fazer jornalismo de ciência pode ser um desafio:

[...] primeiro, para discernir em que estágio do processo de pesquisa um estudo específico se enquadra e, em seguida, para envolver o público e explicar claramente por que esse único passo, essa nova evidência, afinal, importam. Quando repórteres e editores não conseguem contemplar totalmente esta natureza [...] isso pode resultar em manchetes exageradas, relatos de "curas" ou "descobertas" com base em estudos envolvendo poucos voluntários, camundongos ou até mesmo células. Outro fenômeno comum são as matérias que parecem se contradizer, como costuma ser o caso com estudos sobre dieta e nutrição. (Mandavilli, 2020, p.7)

O fato é que as relações entre ciência, tecnologia e sociedade são complexas, permeadas por interesses. Desse modo, o jornalismo científico necessita estar comprometido com uma postura crítica sobre o processo de produção e divulgação. Não se trata de *propor* um confronto, mas de reforçar uma postura crítica e atenta para evitar a propagação de informações desconstruídas e/ou de maneira ingênua acreditar numa ciência que resolve tudo em um estalar de dedos.

Em entrevista, Ricardo Alexino (2021b)³¹, jornalista, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e responsável pelo programa *Diversidade em Ciência* veiculado pela *Rádio USP*, afirmou que “a Ciência por si só não é boa ou má, é o uso que se faz dela [...] precisa refletir sobre o uso da ciência pelos governos para justificar suas atitudes [...] para justificar seus atos. [...]”

Os jornalistas precisam ser mais ativos, questionadores e deixar de depender dos *papers* (artigos científicos), *press releases* e baixa variedade de fontes, ou seja, é necessário deixar de fazer um jornalismo científico de visão apenas simplista e otimista.

Essa visão simplista e otimista – que ainda persiste em muitos casos – induz, muitas vezes, ao erro, como aconteceu no clássico exemplo de 1983. Na época, a *Veja*, uma das revistas semanais mais importantes do país, publicou um *avanço* científico considerável: a fusão de células de boi com a de tomate, resultando em uma célula híbrida chamada boimate. Os jornalistas entrevistaram cientistas brasileiros respeitados que asseguraram que a biologia molecular (emergente naquele momento) poderia fazer essas *coisas fantásticas*. A base para essa reportagem veio de uma declaração de dois *cientistas* do Departamento de Biologia da Universidade de Hamburgo, Barry MacDonald e William Wimpey, que foi publicada na revista inglesa *New Scientist*.

Alguns meses depois, a partir de uma série de cartas enviadas pelos leitores, o jornal *O Estado de S. Paulo* tornou público o erro ao explicar que a notícia da revista inglesa era, na

³¹ Entrevista realizada via Google Meet no dia 11 de novembro de 2021 sobre jornalismo científico e divulgação científica.

verdade, uma brincadeira de primeiro de abril e os nomes (fictícios) dos cientistas MacDonald e Wimpey faziam referência a duas redes de restaurantes: *McDonald's* e *Wimpy's*, respectivamente.

A barriga (quando o veículo jornalístico publica uma informação inverídica) entrou para a história da cobertura científica no país e nos deixou uma lição: não aceitar a ciência como inquestionável. Além disso, o fato exemplifica bem como ocorria a cobertura de ciências no Brasil, endossando, assim, a crítica feita por Wilson Bueno em sua tese em 1985.

Desde a publicação da sua tese até os dias de hoje muitas mudanças ocorreram, mas as pautas ligadas à saúde, principalmente, nos são apresentadas, diversas vezes, como milagrosas. Já tivemos promessas como a pílula do câncer (fosfoetanolamina sintética), o medicamento para a cura do *Trypanosoma cruzi*, o protozoário causador da doença de Chagas, entre outros.

As manchetes a respeito da fosfoetanolamina sintética, por exemplo, ocuparam espaço na imprensa em 2016 e 2017. O caso envolvia Gilberto Chierice, professor do *Instituto de Química* da USP, campus São Carlos, hoje aposentado, que durante mais de 20 anos produziu – sem qualquer tipo de fiscalização – a fosfoetanolamina sintética e a distribuiu, gratuitamente, em cápsulas. É importante ressaltar que no Brasil a *Agência Nacional de Vigilância Sanitária* (Anvisa) é a responsável pela liberação da utilização e da comercialização de medicamentos no país.

O erro está, portanto, em receber a informação de que foi encontrado um novo medicamento ou uma nova possibilidade de tratamento e já publicar isso como certo. O repórter precisa saber que essa descoberta é apenas o primeiro passo de um caminho longo, difícil e caro que precisa ser testado com segurança em animais ou seres humanos em diferentes fases e momentos, antes de termos um procedimento e/ou medicamento efetivo e seguro para aplicação/uso. Outro problema é quando o jornalismo científico segue um caminho de denunciismo ou alarmismo sem fundamento, análises, interpretações, exposições de contrapontos, tão necessários ao bom jornalismo.

Nesse sentido, a pandemia de covid-19 trouxe um grande aprendizado para quem cobre ciências, como acredita a jornalista e editora de Ciências do *Jornal da USP*, Luiza Helena Gonçalves Caires. Durante o debate intitulado *Diálogo entre gerações*, realizado de forma virtual em 27 de setembro de 2021, como parte do 1º Congresso Brasileiro de Divulgação Científica, Luiza Caires disse que a pandemia foi um curso para saber falar com todos os públicos e não só com quem já gosta ou procura esse tipo de informação. “Tem que falar como a Ciência funciona, como é o processo de produção, os métodos. Não dá para falar em todos os

textos, mas aos poucos. É mostrar que ela não é mágica. (Caires, 2021a)³²

Ricardo Alexino (2021a)³³, durante o evento online *Divulgação científica como prática de resistência em tempos de pandemia e negacionismo*, Cátedra Intercom, defendeu que antes de pensarmos no jornalismo científico, precisamos refletir sobre a ciência. Para o jornalista e pesquisador, a ciência ainda tem uma percepção muito positivista na linha de Augusto Comte, do século XIX, mais voltada para a área de exatas e biológicas, como se as ciências humanas e sociais não fossem ciência, ou melhor, fossem uma *meia ciência*, portanto:

Quando se fala em jornalismo científico eu penso que os veículos acabam apresentando essa distorção. Assim a hora que vai falar de ciência, os primeiros ícones que aparecem são tubos de ensaio, laboratório e, na minha percepção, a ciência é uma releitura do mundo, portanto, ela estaria praticamente em tudo, em todos os fenômenos que você está analisando. [...] Então quando se pensa no jornalismo científico a partir desse viés, a ciência está em todo o jornalismo. Desde a pauta que está pensando, da construção gráfica daquele veículo, dentro da imagem que você vai utilizar, da narrativa, tudo isso é uma construção baseada na ciência. Então a ciência não está só na editoria de ciências. O jornalista deveria libertar a ciência das páginas de ciência, da editoria de ciência. [...] É um equívoco para o jornalista não ter essa percepção de que a comunicação, a área dele está dentro da área de ciências da comunicação. Ele não tem a percepção de que todas as suas atividades são baseadas dentro do pensamento científico. (Alexino, 2021b)

Outro aspecto muito importante para o pesquisador, e que necessita de reflexão constante, é o fato de a ciência estar muito centrada no pensamento eurocêntrico: “Por que a ciência só é produzida pelos europeus? Porque a ideia de pintar o mundo filosoficamente, a base de conhecimento é destacada a partir da Grécia antiga. Por que se nega tudo que veio antes?”. (Alexino, 2021a)

Mas com todos os avanços da Ciência e tecnologia, o conceito de jornalismo científico mudou?

Em entrevista, Wilson Bueno (2021)³⁴, jornalista e professor sênior da Universidade de São Paulo, autor da primeira tese de doutorado em divulgação científica do Brasil e proprietário da *Contexto Comunicação e Pesquisa*, diz que não, mas afirma que:

³²O debate contou com a participação de Luiza Caires e Wilson da Costa Bueno sob a mediação de Graça Caldas. Disponível em: <<https://www.academica.jor.br/congresso/>>. Acesso em: 28 de set. de 2021.

³³Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AefeLzPUebw>>. Acesso em: 5 de out. de 2021.

³⁴ Entrevista realizada via Google Meet no dia 9 de novembro de 2021 sobre jornalismo e divulgação científica.

[...] o que muda é a abrangência, suas aplicações, principalmente, por causa da influência das mídias sociais. Você tem hoje vários recursos [...] o uso de blogs, as mídias sociais, perfis no Facebook, canais de vídeos no YouTube, as Universidades produzindo, tem podcast [...] hoje não se reduz mais aos veículos tradicionais, jornais, revistas, nem só portais, mas o conceito que a gente utiliza é sempre o mesmo. É a veiculação de informações de Ciência, Tecnologia e Inovação obedecendo os critérios de sistema de produção jornalística [...] E a diferença básica entre jornalismo e divulgação é exatamente isso. Um obedece ao sistema de produção jornalística com seus *leads*, pirâmides que se mantêm na mídia tradicional, mas não nas mídias sociais. A divulgação não tem esse compromisso. (Bueno, 2021)

Para o jornalista, doutor em Oncologia pelo *A.C. Camargo Cancer Center*, um dos fundadores e presidente da *Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência* José de Moura Leite Netto (2021)³⁵, o jornalismo científico tem o papel de ser um intermediário da sociedade diante dos cientistas, dos achados científicos para que a:

[...] população tenha mais informação sobre aquilo que é avanço, o que é a produção científica, o que os cientistas produzem. Então quando se fala de Jornalismo Científico parte-se do pressuposto de que está se referindo aos jornalistas que são especializados em ciências. No entanto, quando você considera o cenário de pandemia como esse que a gente ainda está vivendo, em que as editoriais como um todo tiveram que se inteirar de alguma forma sobre temas relacionados às ciências, outros profissionais que não são especializados também fizeram a cobertura desse assunto. (Netto, 2021)

A ciência é um tema muito amplo e há muitas inovações e estudos acontecendo o tempo todo. Então, compreender essas questões complexas demanda dos profissionais muito interesse e exige que estejam sempre atualizados para saber *separar o joio do trigo*. Caso contrário, corre-se o risco de levar a *má ciência* nas suas reportagens. Na opinião do profissional, quem escreve sobre esse tema precisa buscar “[...] mais conhecimento, mais condições de fazer a lição de casa sobre o tema que vão abordar, conhecer o histórico do cientista, não ter sempre os mesmos porta-vozes porque a ciência é muito ampla [...]”. (Netto, 2021)

Bueno (2003, p.130) defende que o jornalismo científico, antes de tudo, precisa ter um compromisso com a qualidade da informação e “[...] não pode ficar à mercê do frenesi da sociedade consumista. Deve, sim, convidar o leitor à reflexão, e até contrariá-lo, se for o caso, buscando trazer antes de tudo conhecimento.”

O jornalismo deve ter o compromisso com uma linguagem mais acessível, buscando

³⁵ Entrevista realizada via Google Meet no dia 12 de novembro de 2021 sobre jornalismo e divulgação científica. José de Moura Leite Netto foi presidente da Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência entre 2021 e 2023.

identificação com a audiência, revendo os formatos, a escrita.

Você tem que adaptar sua escrita ao nível de conhecimento da audiência. Nós temos um problema enorme no jornalismo científico que é não conseguir chegar, falar, alcançar as pessoas não letradas. É muito difícil um cidadão comum acompanhar o debate porque o nível de informação está acima da realidade desse sujeito [...] o nível de alfabetização científica é precário, tem lugares que não tem aula de Ciências, falta professor, então é preciso dar as informações básicas. (Bueno, 2021)

Ainda no 1º Congresso Brasileiro de Divulgação Científica, Luiza Caires (2021a) reconheceu que o jornalismo científico necessita ter um olhar crítico e político, mas, antes de tudo, é preciso entender por quais transformações esse fazer jornalístico vem passando nos últimos anos. O principal deles se refere à redução do número de profissionais nas redações e ao fechamento de editorias, conseqüentemente, o jornalismo científico perde espaço nos veículos e passa a contar, cada vez mais, com profissionais mal preparados.

Outra questão abordada pela jornalista foi o impacto das redes sociais nessa produção.

Hoje temos as mídias sociais que interferem diretamente na maneira como o público vê a temática e o trabalho do jornalista. Hoje o retorno da mensagem é mais rápido. É fato que o interesse já vinha crescendo mesmo antes da pandemia e aumentou nesse período, mas aumentou dentro de um recorte que é o da saúde, vamos ver se isso se mantém. (Caires, 2021a)

Como mencionado anteriormente, as grandes empresas jornalísticas vêm reduzindo o número de profissionais nas redações, cortando editorias e diminuindo drasticamente a cobertura de ciências há anos, mas com a pandemia de covid-19 esses problemas vieram à tona com uma força enorme, pois, de uma hora para outra, foi preciso *correr atrás do prejuízo*, já que o interesse e a busca por informações científicas explodiram.

De um lado, uma sociedade *desesperada* por conteúdos que trouxessem as respostas para a sua proteção e/ou cura. De outro, cientistas diante de um problema até então desconhecido correndo contra o tempo para encontrar soluções. E, no meio disso tudo, os jornalistas. Era preciso ter cuidado com a publicação de informações desencontradas para não acabar alimentando ainda mais teorias mirabolantes em relação à ciência. Mas como fazer isso com as redações enxutas?

A jornalista, pesquisadora e professora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, Graça Caldas, admite que a busca *apressada* por informações dificulta a reflexão e uma produção jornalística mais consistente:

No mundo da informação rápida, fragmentária, a ilusão do conhecimento provoca uma busca desenfreada por notícias científicas que, veiculadas de forma apressada, pasteurizada, descontextualizada, prometem soluções rápidas para problemas que afligem a humanidade. Dessa forma, impossibilita a reflexão, o uso da razão, da lógica, para que se estabeleça a conexão necessária entre o mundo imaginário do receptor e a realidade dos fatos. (Caldas, 2003, p.76)

Sobre o imediatismo e a falsa sensação de estar bem-informado, Bueno (2003) já chamava a atenção para o problema ao escrever a respeito:

Numa sociedade em que as decisões são tomadas rapidamente, gerando repercussões imediatas em nível planetário, a desqualificação da informação é um problema crítico na comunicação contemporânea. O que importa é antes dizer primeiro do que dizer melhor. (Bueno, 2003, p. 143)

Mas quem busca informações científicas, ou seja, quem se interessa pelo jornalismo científico? Na verdade, qualquer pessoa. Burkett (1990) explica que o público busca informações científicas por duas necessidades: a primeira se refere à sobrevivência e a segunda, à satisfação da busca por conhecimento, diversão e variedades.

Portanto, é preciso refletir sempre a respeito de como esse jornalista, que nem sempre foi preparado para cobrir a área, está fazendo seu trabalho. Esse profissional tem critérios para identificar o que é uma informação qualificada, sabe cruzar as informações, *separar o joio do trigo*, buscar as fontes mais adequadas?

No jornalismo científico, esse cuidado deve ser dobrado e o profissional precisa se perguntar sempre quem são essas vozes e se ele está ouvindo as fontes mais adequadas. Temos que contrapor opiniões, sim, mas contrapor dentro do que é confiável, comprovado cientificamente.

A cobertura sobre a pandemia de covid-19 jogou um holofote sobre isso. Acompanhamos *debates* entre ciência e não ciência como se fossem equivalentes nessa produção jornalística, o que acaba criando muita confusão nas pessoas que veem, ouvem, leem esse conteúdo, por isso, Bueno (2021) esclarece:

O contraditório é quando você tem pessoas que estão qualificadas, que têm visão e até teorias diferentes, mas são baseadas em evidências científicas [...] não se pode dar o mesmo espaço/peso para as duas. [...] Não se trata de liberdade de expressão quando você entrega um espaço para que alguém possa prejudicar a população, fazer mal para a vida, para o meio ambiente. Essas informações estão correndo soltas por aí com a alegação de que não se pode impedir a liberdade de expressão. A questão da liberdade de expressão é uma questão da responsabilidade daquilo que você diz [...] sobretudo nesse momento. (Bueno, 2021)

O jornalista nunca pode se esquecer que a ciência é falível, porque há falsos cientistas, incluindo os negacionistas, e que a sua prática é permeada o tempo todo por interesses políticos, públicos e mercadológicos, aliás, nem toda fonte especializada está ligada, conectada com as políticas públicas.

Yurij Castelfranchi, professor associado do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), diretor de Divulgação Científica na mesma instituição, coordenador do Observatório interdisciplinar Inovação, Cidadania, Tecnociência (InCiTe) e membro do Comitê gestor do Instituto Nacional de C&T para Comunicação Pública da C&T (INCT-CPCT), na palestra *Trajetória e desafios da divulgação científica no Brasil*³⁶, destacou que no Brasil sempre tivemos divulgação científica e o acompanhamento – por parte do jornalismo – dessa evolução científica, mas nunca tivemos, de fato, políticas públicas *casadas* com isso. Ele afirma que é ingenuidade acreditar que só divulgar resolve o problema ou traz o conhecimento:

Não somos apenas tradutores, simplificadores, somos mediadores, portanto, precisamos assumir papel político, dar contexto. Se não damos, estamos fazendo errado. Se não fazemos, estamos falhando. Temos que tomar partido, não dá para ficar em cima do muro, temos que escolher. (Castelfranchi, 2021)

Graça Caldas (2021) também chama a atenção sobre o trabalho de quem cobre e escreve sobre ciência. Na palestra *Estado da Arte e desafios na formação e na pesquisa em divulgação científica*³⁷ destacou que o jornalista precisa estar preparado para cobrir de tudo, ou seja, escrever sobre ciência não é só divulgar o texto correto: “Tem que ser investigador, questionador, crítico, cético, não estender o tapete vermelho para o cientista, precisa interpretar.

³⁶A palestra teve como mediadora a jornalista, pesquisadora Fabíola de Oliveira e ocorreu no dia 28 de setembro durante o 1º Congresso Brasileiro de Divulgação Científica realizado virtualmente entre os dias 27 e 30 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.academica.jor.br/congresso/>>. Acesso em: 29 de set. de 2021.

³⁷ A palestra teve como mediador o jornalista, pesquisador e professor Cidival Moraes de Sousa e ocorreu no dia 30 de setembro durante o 1º Congresso Brasileiro de Divulgação Científica realizado virtualmente entre os dias 27 e 30 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.academica.jor.br/congresso/>> . Acesso em: 5 de out. de 2021.

Não adianta só a especialização em ciência, é preciso ter uma visão ampla da sociedade”.

No artigo *Mídia, meio ambiente e mobilidade social*, Caldas (2009), escreve que o jornalismo científico requer, além de bom conhecimento de técnicas de redação, familiaridade com os procedimentos da pesquisa científica, conhecimentos de história da ciência, de política científica e tecnológica, atualização constante sobre os avanços da ciência e contato permanente com a comunidade científica, com as fontes. Aliás, na apuração, a diversidade das fontes deve ser um princípio básico:

[...] Não se trata apenas de ouvir o outro lado como mandam os manuais de redação. Em se tratando de assuntos científicos, todo o cuidado é pouco para evitar um erro ou até mesmo ser instrumentalizado pelos cientistas no processo de construção do conhecimento, a partir de sua ótica exclusiva e de interesses específicos, que nem sempre coincidem com os da sociedade. Na elaboração do texto, é necessário contextualizar os fatos observados em toda a sua dimensão política histórica. Na divulgação da ciência e da tecnologia, a informação meramente factual é um desserviço à opinião pública. [...] (Caldas, 2009, p. 65)

Normalmente o jornalismo científico utiliza fontes testemunhais e documentais (Bueno, 2022). As fontes testemunhais são as pessoas que detêm a informação ou o conhecimento especializado, como os pesquisadores, cientistas, profissionais (médicos, professores, engenheiro, técnicos etc.) e as documentais, anais de congressos, periódicos especializados, relatórios, dissertações e teses, relatórios de pesquisa, entre outros.

É necessário reconhecer que por serem temas complexos, naturalmente, os jornalistas não podem renunciar ao respaldo dos especialistas e documentos. No entanto, é importante chamar a atenção para a restrição às fontes não especializadas. Nem sempre isso é indicado, também é preciso ouvir as pessoas comuns sobre o impacto da ciência e tecnologia em suas vidas.

Em todo caso, Bueno (2022) orienta o jornalista a seguir três etapas para avaliar a qualidade, a credibilidade e a independência da informação que a fonte lhe oferece: 1) avaliar a trajetória, as relações, os interesses da fonte, além de posições anteriores da mesma sobre o tema; 2) buscar outras fontes para não correr o risco de ficar refém de uma única voz; 3) contextualizar as informações, pois a questão da ética deve ser sempre trazida à tona. “Esta contextualização permite analisar o impacto socioeconômico, político de produtos, processos e políticas que caracterizam o universo abrangente da C&T&I.” (Bueno, 2022, p.24)

O jornalista precisa estar ciente dos perigos do deslumbramento que essas relações (cientista-jornalista; fonte-jornalista) podem trazer, precisa tentar fugir do oficialismo excessivo das fontes de informações e não deve ter medo de admitir que não conhece o assunto

que o cientista está pesquisando. Não há problema em pedir ao cientista uma explicação mais detalhada sobre o assunto. O perigo está em ir anotando tudo que a fonte fala sem entender adequadamente, pois, para Fabíola de Oliveira (2002, p. 49), “se o jornalista não entendeu, o leitor vai entender menos ainda. O bom jornalista não deve nunca ter receio de perguntar e admitir que não sabe.”

Além disso, recomenda-se que os veículos de comunicação parem de fazer uma construção caricata da ciência. Diversas vezes a imprensa erra ao apresentar a ciência e seu universo com apenas duas faces. A primeira, como algo exótico, extravagante, feita por gênios. A segunda é apresentá-la como sinônimo de tecnologia, olhando só a técnica, sendo feita por pessoas distantes do cotidiano das *pessoas comuns*.

Reforçando todos os apontamentos feitos até aqui, Carlos Henrique Fioravanti (2013) propõe que o jornalismo científico deixe de ter um enfoque clássico e passe a ter um enfoque ampliado. O jornalista e pesquisador parte da Teoria do Ator Rede (TAR) proposta por Bruno Latour, que considera a produção do conhecimento mediante interações de grupos distintos. “A ciência torna-se, então, um fenômeno social e coletivo, que pode emergir, avançar ou morrer como resultado de negociações, conflitos e impasses entre interessados.” (Fioravanti, 2013, p.317).

O autor, baseado em 11 quesitos (a percepção de ciência por não cientistas; ritmo; tom; ênfase; pressuposto; linguagem jornalística; vocabulário; a imagem dos cientistas; atores; papel do jornalista; papel do entrevistado) propõe uma nova maneira de se produzir jornalismo científico ao fazer um comparativo entre o jornalismo científico de enfoque clássico (o que tem sido feito até hoje) e o de enfoque ampliado (o que já é feito em alguns momentos, mas deveria se tornar padrão).

A seguir (QUADRO 4), a reprodução de cinco desses pontos os quais consideramos fundamentais na prática do jornalismo científico.

Quadro 4 – Duas visões do jornalismo científico: clássico e ampliado

Categoria	Enfoque clássico	Enfoque ampliado
A percepção de Ciência por não cientistas	Ciência linear, não há conflitos internos, desenvolvimento e resultado previsível, é individual [...]	Ciência é não linear, resulta de negociações entre pessoas e interesses iguais ou diferentes, é coletiva [...]
Ritmo	Rápida e previsível	Lenta e os obstáculos e forças contrárias precisam ser considerados
Ênfase	Predomínio de resultados positivos e certeza sobre as conclusões das pesquisas	Resultados negativos ou duvidosos também podem ser considerados
Linguagem jornalística	Descritiva, distante do leitor, racional, especialistas <i>versus</i> leigos	Descritiva e narrativa, mais próxima do leitor, é mais sensível, com mais interação e diálogo
Papel do jornalista	Intermediário (transmite as informações)	Mediador (acrescenta valor à informação e reflete sobre suas consequências)

Fonte: produção da autora a partir da adaptação de Fioravanti (2013).

O enfoque ampliado em jornalismo científico valoriza detalhes, coisas ou pessoas que são normalmente esquecidas, e muda o papel de atuação do jornalista.

Procurando por heróis, raramente consideramos outros personagens que tentaram e não alcançaram os resultados almejados, mas podem ter boas histórias para contar. [...] O jornalista não é mais um intermediário, apenas transmitindo a informação, como um carteiro ou um porta-voz dos cientistas, mas um mediador, refletindo com independência sobre a informação e suas consequências. [...] (Fioravanti, 2013, p. 324; 325)

O cuidado com a linguagem é essencial para a prática do jornalismo científico e o uso da metáfora e da analogia com o cotidiano tem trazido bons resultados. Sem contar que o uso de personagens, ilustrações, recursos gráficos trazem a ciência para o dia a dia das pessoas, tornando-a mais fácil de ser compreendida.

Podemos mencionar, por exemplo, as séries televisivas apresentadas pelo médico Drauzio Varella e veiculadas no programa *Fantástico*, da *TV Globo*. Já nos anos 1980, Drauzio Varella, médico cancerologista formado pela Universidade de São Paulo, sob a orientação do jornalista Fernando Vieira de Melo, utilizava as ondas das rádios *Jovem Pan AM* e *89 FM*, ambas em São Paulo, para falar sobre a pandemia de Aids.

Todas essas discussões e conceitos nos fazem pensar a respeito da formação desse profissional que irá atuar com jornalismo científico. Essa formação deveria ocorrer na graduação, mas geralmente isso não tem sido feito de maneira consistente, pois em muitos casos, a disciplina é optativa e/ou nem é ofertada. Há especializações, mas nem sempre dão conta de todas as áreas. Então, como esse jornalista que está se formando vai saber se gosta ou

não de jornalismo de ciência se não tem essa vivência?

A formação do jornalista científico no Brasil ainda é tímida e precária na Academia, mesmo porque, com raras exceções, a grade curricular dos cursos de Jornalismo nacionais não inclui disciplinas (obrigatórias ou optativas) nesta modalidade ou mesmo abrem espaço para o debate sobre as singularidades desta cobertura em cursos extracurriculares (de extensão, por exemplo). (Bueno, 2022, p.24)

Entre 2002 e 2004, os pesquisadores Graça Caldas, Cidoval Moraes de Sousa, Audre Alberguini e Augusto Diniz, no Congresso da *Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação* (Compós) em 2005, no Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo, apresentaram os primeiros resultados de uma pesquisa sobre a formação do jornalismo científico com o texto *O desafio da formação em Jornalismo Científico*:

Dos 205 cursos de Graduação em Jornalismo existentes em todo o país, 37 contam com algumas atividades exclusivamente relacionadas ao JC, sendo 13 em instituições públicas e 24 em instituições privadas. Das 37 instituições encontradas, 33 delas integram a grade curricular de disciplinas dos cursos – sendo 20 obrigatórias e 13 eletivas, optativas ou complementares. O restante (4) são atividades de natureza prática como oficinas, jornais laboratórios, seminários, simpósios etc. (Caldas; Sousa; Alberguini; Diniz, 2005, p.5)

Os autores destacaram que embora os cursos de graduação estejam distribuídos em todo o Brasil, as instituições que ofereciam as atividades relacionadas ao jornalismo científico estavam concentradas em São Paulo (sete), Bahia (cinco), Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (cada um com três), Paraná e Pernambuco (duas cada um) e Alagoas, Amazonas, Amapá, Ceará, Maranhão, Pará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Santa Catarina (uma cada).

Os pesquisadores Graciele Almeida de Oliveira e Diogo Lopes de Oliveira fizeram um levantamento parecido com o de 2005, mas dessa vez somente nas universidades públicas (federais e estaduais). No texto *Jornalismo científico na graduação das universidades públicas*, publicado no *Ciência de Fato* (CdF)³⁸, da Unicamp, os autores explicam que esse levantamento foi manual, já que procuraram:

³⁸ Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/cdf/2020/06/01/jc-universidades-publicas>>. Acesso em: 24 de dez. de 2021.

[...] um a um, nos cursos de jornalismo das universidades estaduais e federais, as grades, ementas e projetos políticos pedagógicos. Nos cursos em que as informações não estavam disponíveis, os coordenadores dos cursos de jornalismo da instituição foram consultados. (Oliveira; Oliveira, 2020)

Essa pesquisa serviu de base para o capítulo *Jornalismo Científico em tempos de Pandemia*, publicado no livro *Pensando o Brasil pós-pandemia*, 2020, organizado por Ronaldo Pereira Santos e Márcio Pochmann, que traz dados nada animadores. Dos 64 cursos encontrados, 26 oferecem a disciplina de jornalismo científico e em 14 deles este é um dos assuntos presentes na ementa de disciplinas de jornalismo especializado ou divulgação científica. Resumindo, apenas 4,7% das universidades contam com o jornalismo científico como disciplina obrigatória. (Oliveira; Oliveira, 2020)

Esses dados demonstram que a formação de novos jornalistas durante a graduação é muito baixo e, portanto, para os profissionais que pretendem trabalhar nessa área, o aprendizado se dá no dia a dia das redações e/ou na pós graduação através de cursos de especialização e desenvolvimento de pesquisas de mestrado e doutorado.

2.2 Jornalismo científico no Brasil: contexto histórico e sociocultural

Há fortes indícios de que a divulgação da ciência teve início com o advento da imprensa de tipo móvel, em meados do século XV, aliás, isso não só impulsionou a difusão da ciência, como também possibilitou o surgimento do jornalismo científico no século XVII (Oliveira, 2002).

Nesse período, há os primeiros jornais com periodicidade regular na Alemanha, a publicação do livro *Mensageiro Celeste*, de Galileu Galilei, que utiliza uma linguagem mais coloquial e acessível sobre sua descoberta das três luas de Júpiter e a circulação de cartas redigidas em diversos idiomas (o latim deixa de ser a língua dominante na religião e ciência) por cientistas sobre suas ideias e descobertas. (Oliveira, 2002).

Burkett (1990) explica que a redação científica teve seu início no século XVI quando:

os primeiros cientistas se defrontaram com a censura e suas atividades pela Igreja e pelo Estado. Encontravam-se às escondidas em várias cidades para informarem uns aos outros sobre suas descobertas relativas à nova filosofia natural. Das reuniões desses grupos de elite brotou a tradição da comunicação aberta e oral sobre assuntos científicos. (Burkett, 1990, p. 27)

Trata-se do que ficou conhecido como período de revolução científica europeia, que

reconhece a Inglaterra como o berço do jornalismo científico e o alemão Henry Oldenburg como o *inventor* da profissão de jornalista científico. Fabíola de Oliveira (2002) escreve que:

A combinação do caráter informal e fragmentado das cartas com o potencial de alcance do texto impresso foi logo percebida por Oldenburg, que com sua capacidade empreendedora inventou assim a profissão de jornalista científico. Como novo gênero literário da época, o jornalismo científico abriu espaço para a divulgação das mais destacadas notícias dos tempos modernos. [...] Oldenburg foi também o criador, em 1665, do periódico científico *Philosophical Transactions*, que durante mais de dois séculos permaneceu como modelo para as modernas publicações científicas. (Oliveira, 2022, p.19)

No Brasil dos séculos XVI ao XVIII, uma colônia de exploração, as atividades científicas ou de difusão de ideias do que seria a ciência moderna, que emergiram da Europa, eram quase inexistentes. O país tinha uma população escassa, em sua maioria analfabeta, o ensino básico esteve nas mãos dos jesuítas até o século XVIII, a imprensa e certas publicações eram proibidas, ou seja, o acesso ao conhecimento só era permitido aos poucos que tinham condições de estudar no exterior.

De acordo com Moreira e Massarani (2002), a expansão da ciência e de sua cobertura ocorre de forma mais consistente a partir da segunda metade do século XIX. Na Europa, por exemplo, a ciência passa a ser parte do cotidiano das elites em suas conversas, já que os jornais publicavam com frequência artigos científicos. No Brasil, há a abertura dos portos, o surgimento das primeiras escolas de nível superior, a realização das exposições nacionais dentro da perspectiva das exposições universais³⁹ e a criação dos primeiros jornais, como *A Gazeta do Rio de Janeiro* e *O Patriota*, que difundiam em suas páginas artigos e notícias relacionados à ciência. Aliás, alguns veículos como o *Jornal do Commercio* e o *Diário do Rio de Janeiro* anunciavam esses eventos e publicavam resumos sobre o que seria exposto, encontrado⁴⁰.

Nesse período, podemos destacar também o papel do jornalista, militar e engenheiro civil Euclides da Cunha que, em 1897, cobriu para o jornal *O Estado de S. Paulo* o levante do Arraial

³⁹As exposições universais representavam o que o século XIX entendia como modernidade, via progresso da Ciência, tecnologia e indústria. A ideia era mostrar e ensinar sobre as descobertas e vislumbrar um futuro brilhante. As cidades onde as exposições eram montadas (Londres, Paris, Chicago, entre outras) foram consideradas os epicentros dessa modernidade. As exposições serviram também de palco para congressos científicos e demonstrações públicas de novas invenções, como o telefone de Graham Bell (Filadélfia, 1876), e para a inauguração de grandes monumentos, como o Palácio de Cristal inglês (Londres, 1851) e a Torre Eiffel (Paris, 1889).

⁴⁰No período de 1850 a 1880 há um crescimento acentuado de periódicos de caráter geral e, a partir de 1860, o aumento de periódicos relacionados à Ciência. Como exemplo, podemos citar a *Revista Brasileira* (1857), *Doutor Benignus* (1875), *Revista do Rio de Janeiro* (1876) e *Ciência para o Povo* (1981). Esta última trazia semanalmente, em suas páginas, temas ligados à saúde e a comportamento como divórcio, frigidez feminina, impotência masculina e esterilidade (Moreira; Massarani, 2002).

de Canudos no interior da Bahia. Euclides da Cunha não entrou para a história como jornalista científico nem se apresentava dessa forma, mas suas viagens resultaram em inúmeras anotações, consultas a estudiosos, leituras e reflexão sobre a influência do meio ambiente sobre o homem. Cinco anos após o conflito, ele escreveu o livro *Os Sertões*, clássico da literatura brasileira, em que faz reflexões profundas ao discutir as variações do clima, a qualidade da terra, da vegetação, da água e dos minerais na formação do homem brasileiro em diversas regiões do país.

Na visão de Oliveira (2002, p. 48), a obra pode ser considerada um exemplar do jornalismo interpretativo, que utiliza a informação científica para entender a realidade, já que a informação científica “[...] permite ao jornalista visão mais sistêmica e contextualizada dos fatos noticiosos, ao contrário da visão fragmentada e descontinuada que muitas vezes predomina no noticiário.”

Outro nome ligado à origem do jornalismo no país, e que anos depois foi apontado como precursor do jornalismo científico por José Marques de Melo (2001), é Hipólito da Costa. A partir de 2000, via projeto de lei do Congresso Nacional, Hipólito da Costa passa a ser considerado o fundador do jornalismo brasileiro por ter criado e editado o mensário *Correio Braziliense*⁴¹ (1808-1822), que trazia em suas páginas um olhar mais político (liberalismo) inspirado em ideias europeias.

Hipólito da Costa nasceu na Colônia do Sacramento, Uruguai, (à época colônia de Portugal), era de família abastada e concluiu seus estudos na Universidade de Coimbra, em Portugal. Assim que terminou os estudos, foi enviado como diplomata a serviço da Coroa Portuguesa aos Estados Unidos, em uma viagem que duraria dois anos (1798-1800). Sua missão era observar a economia agrícola norte-americana, assim como seus inventos científicos e inovações tecnológicas, para serem replicados no Brasil. Todas as anotações dessa viagem estão preservadas em uma espécie de diário de viagem, que permitiu a muitos pesquisadores verificarem, posteriormente, a sua vocação para o jornalismo.

Muitos historiadores reconhecem que Hipólito da Costa tem uma linha de pensamento burguesa, política e até tecnocrata, principalmente ao defender as aplicações tecnológicas na agricultura, visando às possibilidades comerciais que isso traria. No entanto, ele cumpriu sua tarefa com desempenho acima do esperado pela Corte, pois durante esse período produziu três

⁴¹ Fugindo das tropas de Napoleão que ocuparam a Península Ibérica, os governantes portugueses, quando chegaram ao Brasil, permitiram a instalação de prelos e tipografias e apoiaram a circulação do primeiro jornal em língua portuguesa na América: a *Gazeta do Rio de Janeiro* (10 de setembro de 1808), editado pelo Frei Tibúrcio José da Rocha, que tinha caráter oficialista. Antes disso, porém, Hipólito da Costa lança em Londres (1º de junho de 1808) o jornal *Correio Braziliense*, de natureza mais independente e noticiosa, que era enviado ao país clandestinamente.

relatos distintos: *As cartas de ofício* (espécie de relato dos bastidores com retrato dos ambientes), *A memória de viagem* (lembra uma reportagem científica ao narrar objetivamente os fatos observados) e o *Diário de viagem* (semelhante a uma reportagem investigativa).

Marques de Melo (2001, p.133) avalia que os dois primeiros têm caráter técnico-científico, enquanto o terceiro “[...] tem caráter mais abrangente, onde os tópicos sobre ciência e tecnologia fazem parte de um mosaico que retrata o perfil da sociedade norte-americana na fase da construção da sua identidade nacional.”

Apesar de esses manuscritos não serem de fato peças autenticamente jornalísticas, já que sua circulação é restrita, eles possuem atualidade. Muitas dessas informações referem-se a ações de divulgação científica que antecipam o jornalismo científico, que viria a ser praticado, posteriormente, nas páginas do *Correio Braziliense*. Para José Marques de Melo (2001, p.150), ao reavaliar os produtos jornalísticos embutidos nos “[...] relatos de Hipólito na viagem aos Estados Unidos ou logo depois dela, concluiremos que ali está o embrião daquele jornalismo científico de ‘utilidade imediata’ a que se refere Calvo Hernando.”

Embora reconhecendo essas ações e personagens (Euclides da Cunha e Hipólito da Costa), essa primeira fase da ciência estava muito ligada à elite, à aristocracia, a um ideal de mundo civilizatório no qual ela (a ciência) conseguiria resolver tudo.

Alexino (2021a) chama a atenção para o fato de as discussões e a cobertura jornalística feitas à época terem contribuído, inclusive, para práticas racistas:

Eram discussões sobre o positivismo, darwinismo que mostra a ciência dominada pela elite, que a ciência não tem nada a ver com o popular. Sem contar as distorções com as teorias raciais, a questão da eugenia, a justificativa para a escravidão, havia matérias extremamente racistas. (Alexino, 2021a)

No geral, essa divulgação (propagação) era feita por homens ligados à ciência devido à sua prática profissional ou a suas atividades científicas. Eram professores, engenheiros, médicos, naturalistas, astrônomos, com atuação pouco relevante de jornalistas ou dos chamados escritores interessados em ciência.

No começo do século XX, por exemplo, havia publicações sobre pesquisa agropecuária, como *O Fazendeiro* (1901) e *Chácaras e Quintais* (1909). Mesmo com o crescimento de atividades científicas no Rio de Janeiro nos anos 1920 com a criação da Academia Brasileira de Ciências (1922), da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (1923), da revista *Sciencia e Educação* (1929), além da publicação de vários livros voltados para a divulgação científica e a realização de conferências públicas ligadas à difusão científica, é somente a partir de meados

da década de 1940 que a ciência brasileira entra definitivamente na agenda do governo e da sociedade. (Moreira; Massarani, 2002).

Aqui, como em outros países, a ciência é bastante influenciada pelo término da Segunda Guerra Mundial e pelo grande impacto que a força do avanço tecnológico, demonstrada pelos países aliados da guerra, causou em todo o mundo. É nos anos 1940 que o médico, microbiologista, economista, professor da Universidade de São Paulo e divulgador científico José Reis (1907-2002) começa a atuar.

José Reis é graduado pela Faculdade Nacional de Medicina, com formação científica complementar no *Instituto Oswaldo Cruz*, especialização no *Rockefeller Institute*, em Nova Iorque, e um dos maiores especialistas em aves. Além disso, fundou a SPBC (1948), foi diretor de redação da *Folha de S. Paulo* (1962-1967), colunista do mesmo jornal por mais de 50 anos com as colunas *Mundo da Ciência* e depois *Periscópio* e colaborador na revista *Anhembi*, da Universidade de São Paulo, entre os anos de 1955 e 1962, com a seção *Ciência de 30 Dias*. Reis também criou e editou a revista *Ciência e Cultura* (1949), organizou feiras e clubes de ciências e escreveu vários livros para crianças e adolescentes (Bueno, 2002).

Em sua homenagem, em 1992, a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo criou o Núcleo José Reis de Divulgação Científica (desde março de 2008 foi transformado em um núcleo de apoio às atividades de cultura e extensão universitária e passou a responder à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão). Por sua vez, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em 1999, montou o Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência).

José Reis, em sua atividade como professor, pesquisador e divulgador científico defendeu e praticou uma visão ampla da ciência e da tecnologia, entendendo ser necessário contextualizar o progresso técnico e científico resgatando as suas dimensões política, econômica e sociocultural. Incomodava-o a postura dos que buscavam examinar a ciência (e o cientista) apenas à luz de seu próprio trabalho, sem a preocupação com o uso que pessoas, governos, empresas etc. poderiam fazer das novas descobertas. Tinha, portanto, uma visão moderna da atividade científica e não a enxergava independente do seu momento histórico. (Bueno, 2002, p. 233)

Em 1951 há a criação do Conselho Nacional de Pesquisas, com o objetivo de promover e estimular o desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica em qualquer área de conhecimento. Em 1974, passa a se chamar Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tornando-se a principal agência de fomento do país. Além disso, em 1978, o CNPq lança o Prêmio José Reis de Divulgação Científica, distribuído em um sistema

de rodízio a uma das três categorias: jornalista em Ciência e tecnologia, instituição ou veículo de Comunicação e pesquisador e escritor. Até a criação do Ministério de Ciência e Tecnologia, em 1985 (hoje chamado de Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação), o CNPq era o responsável pelas ações de ciência e tecnologia do país.

No ano seguinte (1952), começa a funcionar, na prática, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão ligado ao Ministério da Educação, responsável por avaliar a pós-graduação *stricto sensu*, divulgar a produção científica, investir na formação de recursos humanos em diversas áreas do saber, promover cooperação científica internacional e fomentar pesquisas e profissionais via doação de bolsas.

No mesmo ano, a UNESCO aprova a criação do *Prêmio Kalinga* de popularização da ciência, instituído pela Fundação Kalinga, na Índia, cujo propósito é reconhecer o mérito daqueles que se destacam no campo da divulgação científica. Os brasileiros agraciados, até o momento, foram o médico José Reis (1974), o geneticista Oswaldo Frota Pessoa (1982), o físico e ex-presidente da SBPC Enio Candotti (1998), o físico e diretor do centro (museu) interativo Estação Ciência⁴² Ernest Hamburger (2000) e o biólogo Jetter Beroletti (2005).

Nesse período, as discussões sobre o uso militar e civil da energia nuclear e o fato de o cientista César Lattes ter participado da descoberta e identificação (1947-1948) do *méson pi* (partícula do átomo que é uma das responsáveis por sua integridade, impedindo sua desintegração), além de sua indicação por duas vezes consecutivas ao prêmio Nobel de Física, contribuem para um interesse mais generalizado da sociedade brasileira sobre Física, fazendo com que jornais e revistas da época, como *O Cruzeiro* e *Manchete*, trouxessem muitas matérias a respeito dessa área da ciência.

Durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), não obstante as perseguições políticas, prisões, cerceamento de liberdade e censura, o regime *investiu* em desenvolvimento científico e tecnológico, pois havia por parte desse grupo o discurso da defesa do nacionalismo, da soberania, portanto, a ciência e a tecnologia ajudariam a atingir esse objetivo. O jornalismo científico produzido nesse período era bem acrítico e seguia à risca as diretrizes dos censores, divulgando de maneira ufanista os projetos da época: a rodovia Transamazônica, as hidrelétricas, a indústria bélica, o programa nuclear e aeroespacial.

⁴²A Estação Ciência foi um centro de difusão científica, tecnológica e cultural da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo. Seu objetivo era oferecer à população oportunidades de conhecer e analisar fenômenos científicos via exposições fixas e itinerantes, cursos, oficinas, palestras, projetos, conferências, espetáculos de teatro, vídeos e mostras científicas. A Estação Ciência abriu suas portas na Lapa, zona oeste da capital paulista, em 1987, e foi fechada à visitação pública em março de 2013, sendo objeto de pesquisa de mestrado desta autora entre os anos de 2003 e 2005, realizado na Universidade Metodista de São Paulo.

Havia no Brasil, também, uma espécie de preconceito – na própria imprensa – de que o jornalismo científico não poderia ser feito por um jornalista. Na época, cada jornal tinha seu médico para falar de medicina, o agrônomo para escrever sobre agricultura, o militar para explicar sobre a guerra. José Hamilton Ribeiro (2014, p.173) explica que até então se acreditava “que jornalista era um profissional rude, incapaz não só de entender a formulação complexa de um assunto científico, como – pior ainda – descrevê-lo corretamente para terceiros.”

A mudança começa a ocorrer com a revista *Realidade* (1966-1976), publicada pela editora *Abril*, que tenta quebrar esse preconceito ao trazer reportagens científicas desde o seu primeiro número. Conforme descreve José Hamilton Ribeiro no capítulo *Esse homem é um palhaço!*, publicado no livro *Jornalismo científico: teoria e prática* de 2014, a revista contava com o jornalista Narciso Kalili, que, em seus textos, buscava juntar a correta informação científica a uma linguagem simples, como fez na reportagem *Fígado à brasileira*. Ribeiro explica que se tratava de:

Um trabalho sobre o fígado, visto pela Anatomia e pela Medicina, com informações preciosas [...]. Cuidava também da mania brasileira de culpar o fígado por tudo de ruim que acontece no organismo e de arranjar remédio natural para ele. As doenças também estavam presentes, assim como todo o ritual (eficiente ou não) pra curar ressaca [...] e ainda terminava desse jeito: “Então, ficamos assim: em caso de problema no fígado, um chá de pariparoba de meia em meia hora”. (Ribeiro, 2014, p. 174)

Outro problema recorrente era a relação entre cientistas e jornalistas. José Marques de Melo (2014) reconhece que muitos jornalistas se julgavam *donos do conteúdo* e estabeleciam uma verdadeira ditadura editorial, decidindo não apenas o que deveria ser publicado (circunstância aceitável, pois eles tinham competência cognitiva), mas como deveria ser divulgado, demonstrando uma atitude arrogante e arbitrária, sem abertura para o diálogo.

Então como resolver o impasse? Com uma boa formação. “As boas relações entre cientistas e jornalistas são indispensáveis para a divulgação apropriada da ciência.” (Marques de Melo, 2014, p.41).

Essa dimensão da importância do jornalismo científico ao redor do mundo, especialmente da necessidade da formação especializada, se deve ao trabalho realizado pelo jornalista espanhol Manuel Calvo Hernando que inspirou diversos países latino-americanos a criarem associações de jornalismo científico e seções de ciências nos jornais.

Nos Estados Unidos, por exemplo, em 1848 é criada a Associação Americana para o Progresso da Ciência (*American Association for the Advancement of Science, AAAS*) e, em

1934, a Associação Nacional de Escritores de Ciências (*National Association of Science Writers*, NASW). Em um trabalho de colaboração entre as duas, desde 1945, organizam o Prêmio de Jornalismo Científico (*Science Journalism Awards*), a publicação da revista *Science* (fundada em 1880 por Thomas Edison) e o serviço de divulgação científica (espécie de agência de notícias) *EurekAlert* (Oliveira, 2002).

O primeiro contato de Manuel Calvo Hernando com o jornalismo científico se deu em 1955, quando participou da *I Conferência sobre Usos Pacíficos da Energia Nuclear*, da Organização das Nações Unidas (ONU), em Genebra, Suíça. Até sua morte, o jornalista espanhol sempre defendeu que, em uma sociedade democrática, os cidadãos precisam de uma compreensão básica de informação científica para que possam tomar suas próprias decisões.

Já em 1962 aconteceu no Chile, durante três dias, o *1º Seminário Interamericano de Jornalismo Científico*, com a participação de pessoas representando instituições científicas e a mídia. Do Brasil tivemos a presença do geneticista Crodowaldo Pavan (Universidade de São Paulo), do médico José Reis (*Jornal da Manhã*) e do agrônomo e político Hugo de Almeida Leme (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz). Esse evento possibilitou a realização de outros encontros nos anos de 1965, 1966 e 1969, além da criação da *Associação Ibero-Americana de Jornalismo Científico* (AIPC) que, por sua vez, iniciou outros congressos e associações locais, como a *Associação Brasileira de Jornalismo Científico* (ABJC), em 1977 (Massarani, 2021).

No artigo *Jornalismo científico na América Latina: registro histórico do Primeiro Seminário Interamericano realizado na região em 1962*, Massarani (2021) explica, ainda, que embora o entusiasmo pelo jornalismo científico tenha se mantido forte em vários desses países nas décadas seguintes, mais recentemente, mudanças começaram a ocorrer em relação à Associação Ibero-americana e às associações argentina e brasileira. Essas duas últimas foram “substituídas por redes que congregam gerações mais jovens, a saber, a Rede Argentina de Jornalismo Científico, criada em 2007, e a RedeComCiência – Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência, em 2018.” (Massarani, 2021, p.275)

José de Moura Leite Netto (2021) reconhece a importância dessas primeiras ações, mas afirma que a *RedeComCiência* nasceu justamente deste hiato de não ter algo mais *consistente* que juntasse os jornalistas de ciências do Brasil, como há em outros lugares.

Para ele, desde as primeiras conversas sobre a possibilidade de se criar uma rede nova ou associação, havia a mesma inquietude: falar sobre o fazer jornalismo de ciência. Isso acabou fazendo com que houvesse muito engajamento das pessoas que se associaram, que se tornaram

membros, e projetos começaram a nascer, como o *Jornalismo Científico em 5 Minutos*, coordenado pela jornalista Mariana Lenharo, iniciativa que nasceu em 2020. O projeto tem o objetivo de apresentar em vídeos curtos e diretos dicas práticas para a produção de conteúdo de qualidade em ciências como: onde buscar fontes, como ler um artigo científico e quais as áreas de atuação.

Nós realizamos *workshops*, oficinas, tanto para cientistas quanto para jornalistas falando de Jornalismo Científico e Divulgação Científica em diferentes universidades e em diferentes estados, em hospitais e outros lugares. Tivemos muitas ações ligadas à saúde, mas também ao meio ambiente, astronomia, além de parcerias com as redes de jornalismo do México e de Portugal. Acho que duas coisas que se destacam também nesse período são: (1) os vídeos de jornalismo científico, de cinco minutos, que nós fizemos no nosso canal no YouTube falando sobre diferentes temas; (2) o programa de mentoria que nós tivemos. Fizemos um convite a 10 profissionais já experientes de jornalismo de Ciência do Brasil para serem mentores de alunos do terceiro e quarto ano de jornalismo. Aí cada dupla produziu uma reportagem de fôlego que foi publicada também no nosso site. (Netto, 2021)

Ainda nos anos 1960, salientamos as atividades de Manuel Calvo Hernando que ministrou o curso de jornalismo científico pelo Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (CIESPAL), voltado a jovens jornalistas e professores de jornalismo de toda a América Latina, como parte da estratégia da UNESCO de melhorar as relações entre cientistas e jornalistas na região.

José Marques de Melo, professor da então recém-criada Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1966), participou dessa formação e enxergou que a solução estaria na nova safra de jornalistas que começariam a ser diplomados. É necessário reforçar que já havia escolas de jornalismo no país, mas não com uma formação consistente em jornalismo especializado em ciência. É de 1947, por exemplo, o primeiro curso de jornalismo do Brasil, na cidade de São Paulo, com a criação da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, seguindo orientação deixada em testamento pelo jornalista, advogado, empresário e dono do jornal vespertino *A Gazeta*, Cásper Líbero.

Mas se engana quem pensa que bastaria incluir a disciplina de jornalismo científico no currículo das faculdades de jornalismo “[...] para forjar profissionais comprometidos com a difusão da ciência e da tecnologia, gerando consequentemente um ambiente pró-desenvolvimentista.” (Marques de Melo, 2014, p.42). Era preciso buscar alternativas e foi assim que nasceu a Agência Universitária de Notícias (AUN), em 1968, na ECA-USP, sob a tutela de José Marques de Melo.

Decidimos criar inicialmente um laboratório noticioso, destinado a formar repórteres bem-anteados sobre outras variáveis societárias. Esse núcleo permitiria aos nossos alunos colocar em prática os conhecimentos teóricos disseminados na sala de aula e ao mesmo tempo focalizar temas e problemas distintos daqueles que povoavam a pauta dos jornais, radiojornais e/ou telejornais existentes na cidade de São Paulo. (Marques de Melo, 2014, p.44)

A ideia era treinar os futuros jornalistas para a realização das tarefas essenciais da profissão: pauta, reportagem e edição, porém, privilegiando os acontecimentos relevantes dentro da universidade ou protagonizados por pessoas ligadas à instituição. Suas fontes eram os cientistas, produtores de conhecimento novo (pesquisadores) e detentores de informação atualizada sobre o conhecimento disponível (professores). Assim, essa experiência conseguiu atingir três pontos: (1) fazer divulgação científica dos novos conhecimentos produzidos na universidade; (2) treinar os futuros jornalistas; (3) cultivar novas fontes, pois aos poucos conseguiu derrubar as barreiras existentes entre cientistas/jornalistas e institucionalizar o jornalismo científico na Universidade de São Paulo, sem a necessidade de criar uma disciplina específica⁴³.

Além disso, foram promovidos “[...] cursos de extensão em Jornalismo com a finalidade de ensinar aos jovens pesquisadores o processo noticioso [...]” bem como foi introduzida uma “[...] linha de pesquisa sobre jornalismo científico na pós-graduação [...]” (Marques de Melo, 2014, p. 47).

Sobre ações ligadas ao jornalismo científico na pós-graduação, podemos mencionar algumas, como a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo que, a partir de 1972, oferece o curso de extensão em jornalismo científico e, em 1978, a criação da linha de pesquisa em Comunicação Científica e Tecnológica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Nos anos 1980, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) promove o curso de especialização em jornalismo científico por tutoria a distância (1982) e o Núcleo de Política Científica e Tecnológica da Universidade de Brasília (UnB) oferece o primeiro Curso de Especialização em Divulgação Científica (1988). Há também a proposta teórica de um modelo jornalístico de assessoria de imprensa na Universidade de São Paulo encabeçado pelo jornalista e professor Manuel Carlos Chaparro para divulgar a ciência produzida na instituição através da criação do Boletim semanal *Pré-pauta*, dirigido e enviado

⁴³ Desde janeiro de 2012, a disciplina Jornalismo Científico é oferecida como uma disciplina optativa no curso de jornalismo da universidade. Disponível em: <<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=CJE0551&codcur=27120&codhab=4>>. Acesso em: 3 de jan. de 2024.

a cerca de 700 jornalistas.

Já na década de 1990, há a criação do Núcleo José Reis de Divulgação Científica da Escola de Comunicações e Artes da USP, com um curso de especialização em jornalismo científico e, em 1999, o Labjor da Unicamp dá início ao curso de jornalismo científico.

Todas essas iniciativas, em sintonia com o próprio desenvolvimento das empresas de comunicação no país, contribuíram para a evolução do jornalismo científico brasileiro, principalmente a partir da década de 1980. Mas é importante mencionar que Marques de Melo (1982) e Bueno (1985) estavam preocupados com o fato de esse jornalismo científico focalizar, na maioria das vezes, na transferência tecnológica dos países desenvolvidos (reforçando a dependência nacional) e na manutenção de poder (mitificação da ciência).

De qualquer forma, nesse período há a criação de editorias e/ou cadernos de Ciência e Tecnologia nos grandes jornais, de revistas (tanto na grande mídia quanto nas agências de fomento), programas televisivos e o investimento das universidades na produção de jornais universitários. O *Jornal da USP*, por exemplo, foi criado em 1985 e, mesmo que não tivesse como linha editorial – naquele momento - o jornalismo científico e nem dialogasse diretamente com a sociedade, fazia uma divulgação das ações e pesquisas da universidade.

Grandes eventos de repercussão internacional também influenciaram esse *boom* do jornalismo científico no Brasil nos anos 1980 e começo do 1990, como a passagem do cometa Halley (1986), a descoberta da supernova de Shelton (1987) e da supercondutividade, as viagens espaciais, as questões ambientais, a realização da ECO-92 no Brasil, entre outros (Oliveira, 2002).

Para exemplificação, o quadro a seguir apresenta um compilado dos produtos de maior destaque do período. Salientamos que nem todos continuam ativos, ou seja, em circulação.

Quadro 5 – Alguns destaques de produtos especializados em ciência, tecnologia e afins dos anos 1980, 1990 e 2000

Nome	Formato/Responsável	Data
Globo Rural	Televisivo (TV Globo)	1980
Ciência Hoje	Revista (SBPC)	1982
Globo Ciência	Televisivo (TV Globo)	1984
Globo Rural	Revista (Editora Globo)	1985
Ciência Hoje das Crianças	Revista (SBPC)	1986
Superinteressante	Revista (Editora Abril)	1987
Globo Ecologia	Televisivo (TV Globo)	1990
Globo Ciência (hoje Galileu)	Revista (Editora Globo)	1991
Repórter Eco	Televisivo (TV Cultura)	1992
ComCiência	Revista eletrônica (Labjor/Unicamp)	1999
Pesquisa Fapesp	Revista impressa e site (FAPESP)	1999
Scientific American Brasil	Editora Duetto (atualmente pela Nastari Editores)	2002
Cidades e Soluções	Televisivo (Globo News)	2007

Fonte: produção da autora (2022) adaptado de (Oliveira, 2002).

Com o aumento do interesse da população por notícias de teor científico, as empresas jornalísticas enxergaram vantagem em cobrir o tema e/ou criar produtos especializados. No entanto, na visão de José Marques de Melo (1982, p.19), esse jornalismo tinha características bem específicas, pensadas dentro de uma lógica capitalista. As escolhas editoriais seguiam “[...] o sensacionalismo (para vender a notícia é preciso despertar as emoções do público consumidor) e a atomização (o real é percebido não em sua totalidade, mas em seus fragmentos: política, economia, esportes, ciência etc.).”

Não podemos ser ingênuos em acreditar que esse olhar não exista mais, porém a cobertura tem mudado, com a possibilidade de uma formação específica na área e a melhor conscientização acerca do papel do jornalismo e da divulgação científica na formação da opinião pública⁴⁴. Não dependemos mais, por exemplo, somente de pesquisas/fontes internacionais para produzir nossas pautas; temos no Brasil ciência e pesquisa de ponta, respeitadas no mundo inteiro. Essa reorientação do jornalismo científico abre perspectivas para que o jornalismo cumpra sua missão de levar a sociedade a entender o mundo mais criticamente. “O jornalismo científico, comprometido com o seu tempo, deve estar disposto e capacitado a enxergar além da notícia.” (Bueno, 2009, p.124).

A partir dos anos 2000, temos que olhar para o jornalismo científico considerando o papel da internet e a crise da mídia impressa. Vários veículos foram descontinuados, jornais

⁴⁴ Mesmo com a possibilidade de formação específica na área, somente 4,7% de universidades públicas tem a disciplina obrigatória de jornalismo científico. Ver o artigo *Jornalismo científico na graduação das universidades públicas*. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/cdf/2020/06/01/jc-universidades-publicas>>. Acesso em: 24 de dez. de 2021.

diminuíram suas páginas e, conseqüentemente, cortaram editorias (entre elas, a de ciência), produtos migraram para o digital (sites) enquanto outros já nascem nesse ambiente (sites, blogs ou mídias sociais) com a proposta de fazer uma comunicação alternativa à da grande mídia. Como a cobertura na grande mídia é, na maioria das vezes, oportunista (tragédias, crises, catástrofes, eventos, decisões políticas), esses novos canais (veículos ou mídias sociais) de Universidades, Organizações Não-Governamentais (Ongs), Institutos de Pesquisa (IP) se tornaram uma alternativa.

Recentemente, em decorrência da pandemia de covid-19, além de já ocupar esses espaços alternativos, a ciência voltou a ter destaque na mídia tradicional. Foram inúmeras as reportagens e entrevistas com especialistas, pesquisadores e cientistas (Drauzio Varella, Miguel Nicolelis, Margareth Dalcolmo, Dimas Tadeu Covas, Nísia Trindade Lima). Alguns veículos criaram quadros com profissionais que atuam nas redes sociais como divulgadores científicos e que, conseqüentemente, têm um número alto de seguidores (Natalia Pasternak e Átila Iamarino) e as instituições de pesquisa ou fomento, como FAPESP, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Butantan investiram consistentemente nesse tipo de comunicação (via assessoria de imprensa ou produzindo jornalismo em seus canais oficiais, sejam tradicionais ou em mídias sociais).

O fato é que vozes científicas, sejam elas cientistas, sejam pesquisadores ou divulgadores científicos, destacaram-se na mídia tradicional ou mídias sociais no período crítico da pandemia. O estudo do *Science Pulse* (ferramenta para monitorar o debate científico nas redes sociais), em parceria com o *Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados* (IBPAD), com apoio do *Instituto Serrapilheira* (IS) e *International Center for Journalists* (ICFJ) publicou, em dezembro de 2021, a lista com as vozes da comunidade científica que mais se destacaram nas redes, especificamente no Twitter, hoje X. Em ordem alfabética, os nomes foram Átila Iamarino (biólogo), Daniel Dourado (médico e advogado sanitário), Denise Garrett (médica infectologista), Isaac Schrarstzhaupt (cientista de dados), Luiza Caires (jornalista), Mellanie Fontes-Dutra (biomédica), Natalia Pasternak (bióloga), Otavio Ranzani (médico epidemiologista), Pedro Curi Hallal (professor) e Vitor Mori (físico). Entre as instituições, tivemos Agência Fiocruz, Fiocruz, Instituto Butantan, Observatório Covid 19 BR e Universidade de São Paulo.

Para o estudo foram analisadas 450.906 publicações sobre a covid-19, feitas no Twitter, por 1.088 cientistas, especialistas e organizações científicas do Brasil e do mundo, entre novembro de 2020 e novembro de 2021, com base nas seguintes métricas: autoridade, articulação e popularidade. Nessa lista temos, por exemplo, a Universidade de São Paulo e a

jornalista Luiza Caires, que fazem parte do escopo desta pesquisa.

Desse modo, questiona-se se estamos caminhando para uma nova fase do jornalismo científico brasileiro?. Provavelmente sim e, apesar de ainda existirem lacunas a serem preenchidas na mídia brasileira no que se refere à cobertura do setor, há sinais de crescimento de novos espaços de divulgação científica, tanto pelos próprios cientistas quanto pelas universidades públicas com os produtos de jornalismo científico.

A divulgação científica via universidades pode ajudar, e muito, a sociedade na proteção contra a desinformação e pode ocorrer por meio de projetos de educação científica, ações de divulgação científica (institucionais ou de pesquisadores), atuação da assessoria de imprensa no contato com a grande imprensa e a produção do seu próprio conteúdo de jornalístico, seja ele científico ou não.

Em um mundo cada vez mais globalizado, é fundamental que a universidade brasileira estabeleça novas diretrizes para o seu relacionamento com a sociedade. Não cabe mais à academia comunicar-se somente por publicações científicas (ainda que prioritárias e fundamentais). É necessário transpor barreiras, deixar de lado o discurso somente institucional e enxergar a comunicação como estratégica.

No Seminário de Comunicação, realizado em dezembro de 2022, pela Comissão de Comunicação da *Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior* (Andifes) e pelo *Colégio de Gestores de Comunicação* (Cogecom) das Universidades Federais, o reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e presidente da Andifes, Ricardo Marcelo Fonseca, fez questão de ressaltar a importância de a Universidade falar para fora de seus muros: “[...] percebemos que falar não só para dentro, mas saber falar para fora se tornou quase que uma questão de sobrevivência para o sistema universitário”. (Andifes, 2022)

André Azevedo da Fonseca (2019), professor e pesquisador no *Centro de Educação, Comunicação e Artes* (CECA) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no artigo *Comunicação das universidades ainda despreza interesse público* para o *Observatório da Imprensa*⁴⁵, ressalta que: “[...] a comunicação das universidades precisa servir à sociedade com informações úteis para o dia a dia das pessoas. E, para isso, não se deve confundir divulgação científica com o mero registro factual de eventos, méritos e honrarias individuais.”

No mesmo artigo, Fonseca (2019) aponta que, ao visitar as seções de notícias nos sites das instituições (federais, estaduais e municipais), com poucas exceções, a maioria das

⁴⁵Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/ciencia/comunicacao-das-universidades-ainda-despreza-interesse-publico/>>. Acesso em: 30 de dez. de 2021.

informações é direcionada ao público interno. São notícias como aquisição ou manutenção de equipamentos, anúncios de acordos e convênios, informes sobre editais, eventos e solenidades, entre outras.

Além disso, observamos que as iniciativas [...] estão não apenas descentralizadas, mas desarticuladas e, na prática, ocultas sob camadas intrincadas de links embaralhados e frequentemente desatualizados. Em muitos casos, os próprios centros, departamentos, programas de pós-graduação ou grupos de pesquisa publicam suas notícias em subdomínios praticamente inacessíveis ao público não especializado. [...] trata-se da ilusão de que basta publicar na internet que os interessados vão chegar. [...] (Fonseca, 2019)

Eugênio Bucci (2021)⁴⁶, jornalista e professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP, em entrevista, também defende que a comunicação na universidade não pode ser a comunicação de assessoria do reitor.

Agora a comunicação nas universidades públicas ainda é vista como uma extensão da assessoria da reitoria e esse é um grande problema. É um enorme problema porque a comunicação na Universidade não pode ser a comunicação de assessoria do reitor. Ela precisa ser a comunicação da comunidade universitária [...] precisamos ter jornalistas íntegros, honestos, capazes, com boa envergadura, boa cultura, apurando fatos e ideias, editando e publicando segundo os desígnios e as necessidades da opinião pública, não da Universidade. [...] Certamente o jornalismo científico é prioritário na interface da universidade com a sociedade, mas um jornalismo científico conduzido por profissionais que tenham independência, isso é crucial para a qualidade do que eles produzem.

De qualquer forma, mesmo que de maneira isolada, as ações para a divulgação da ciência, em especial no que se refere ao jornalismo científico, feitas pelas universidades precisam ser comemoradas, ainda mais quando estão antenadas às aflições, aos anseios da sociedade brasileira e em conexão com o que ocorre no mundo.

Nesse sentido, o próximo capítulo descreve o percurso metodológico desta tese na busca pela identificação de como as universidades públicas (federais e estaduais) têm produzido jornalismo científico, especialmente o *Jornal da USP*, da Universidade de São Paulo.

⁴⁶Entrevista realizada em 22 de março de 2021.

3. CAMINHO DA PESQUISA: A DESCRIÇÃO DO PERCURSO METODOLÓGICO NA BUSCA DO JORNALISMO CIENTÍFICO EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS

Este capítulo traz os autores que serviram de base para a construção metodológica (teoria) deste trabalho, além de descrever os métodos (prática), com suas respectivas etapas.

Antes de tudo, é preciso entender que a ciência, enquanto discurso e prática social, está submetida a condições sócio-históricas de produção (Lopes, 2018), o que é corroborado pelo fato de toda pesquisa estar inserida em um contexto social, histórico, político, entre outros.

O conhecimento científico é sempre o resultado de múltiplos fatores (ordem científica, institucional e social) que constituem as condições concretas de produção de uma ciência. “As condições de produção dessa pesquisa são as condições concretas impostas pela realidade do país onde ela se faz.” (Lopes, 2018, p.34).

Nas Ciências Sociais, o próprio objeto é dinâmico e mutável porque os problemas estudados são fenômenos históricos, instituições, relações de poder, classes sociais, manifestações culturais etc. E o que muda não é somente o dado ou o objeto. As próprias “verdades” e “comprovações” produzidas por essas ciências se relacionam com o processo histórico. (Lopes, 2005, p.37)

“Os conflitos epistemológicos são sempre, inseparavelmente, conflitos políticos” (Bourdieu, 1983). Nesse texto, Pierre Bourdieu nos leva a entender que a ciência acontece dentro de um campo social que é permeado de interesses, forças, relações de troca, monopólios etc, por isso, na introdução desta pesquisa, julgamos ser pertinente a contextualização social e histórica em que esta tese foi desenvolvida.

Assim, tendo em mente que cada pesquisa é única e precisa ser importante para o país e a sociedade, buscamos referências que auxiliassem na elaboração desta investigação. Entre esses caminhos, a escolha em cursar a disciplina *Metodologia da Pesquisa em Comunicação* ministrada pela professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que utiliza um Modelo Metodológico de Pesquisa para guiar/construir a pesquisa em comunicação.

Lopes (2005; 2021)⁴⁷ compõe esse modelo metodológico em níveis e fases, sendo que cada um contém operações específicas, conforme demonstrado a seguir.

⁴⁷O livro referência é o do ano de 2005, que utiliza a nomenclatura instâncias quando se refere aos níveis. No entanto, nas novas versões da obra mencionada e durante a aula ministrada no primeiro semestre de 2021, Immacolata adota a nomenclatura níveis, a mesma que reproduzo na construção dos quadros.

Quadro 6 – Modelo Metodológico de acordo com Lopes (2005)

Componentes Paradigmáticos do Modelo Metodológico	
Níveis Metodológicos	Operações Metodológicas
I – Epistemológico (vigilância epistemológica)	Ruptura epistemológica Construção do Objeto Científico
II – Teórico (quadros de referência)	Formulação teórica do objeto Explicitação conceitual
III – Metódico (quadros de análise)	Exposição Causação
IV – Técnico (construção de dados)	Observação Seleção Operacionalização

Componentes Sintagmáticos do Modelo Metodológico	
Fases Metodológicas	Operações Metodológicas
I – Definição do objeto (teorização da problemática)	O problema de pesquisa Quadro Teórico de referência (QTR) Hipóteses
II – Observação (técnicas de investigação)	Amostragem Técnicas de coleta
III – Descrição (técnicas e métodos de descrição)	Análise descritiva
IV – Interpretação (métodos de interpretação)	Análise interpretativa Conclusões (Notas finais) Referências

Fonte: Lopes (2005). Reprodução da autora.

Lopes (2005) reforça que toda pesquisa se configura como estrutura e processo. Estrutura no sentido de apresentar uma articulação de natureza vertical entre níveis, instâncias ou dimensões: epistemológica, teórica, metódica e técnica. Processo, porque ocorre mediante uma articulação de tipo horizontal entre fases ou momento da investigação: a definição do objeto de pesquisa, a observação, a descrição e a interpretação. Desse modo, “o campo de pesquisa é definido essencialmente por uma dinâmica que resulta de uma *rede de articulações verticais e horizontais* tecida pelo raciocínio científico”. (Lopes, 2005, p. 96)

A autora também defende que a reflexão metodológica não só é importante como necessária para criar uma atitude consciente e crítica por parte do investigador quanto às operações que realiza ao longo da investigação.

Ao conhecer o modelo metodológico e os autores apresentados na disciplina *Metodologia da Pesquisa em Comunicação*, ministrada por Lopes em 2021, identificou-se a necessidade de contextualizar e aprimorar essa investigação, principalmente no que se refere ao quadro teórico metodológico.

O caráter reflexivo da prática da pesquisa é algo natural (não há ciência sem reflexão) e o exercício da flexibilidade é indispensável para criar a atitude consciente e crítica por parte do pesquisador quanto às operações metodológicas que realiza ao longo da investigação. (Lopes, 2010, pp.43-44)

Durante o processo inicial deste trabalho, foi fundamental, também, entender a dupla concepção metodológica. A metodologia *da* pesquisa (a teoria) é a investigação e a teorização e a metodologia *na* pesquisa (a prática) englobam o trabalho com os métodos empregados. “O campo da pesquisa é ao mesmo tempo estrutura enquanto se organiza como discurso científico e é processo enquanto se realiza como prática científica” (Lopes, 2005, p.97).

A ciência é histórica, move-se, avança e se transforma em conformidade com o processo histórico das civilizações (Peruzzo, 2018), e, desse modo, a pesquisa não pode ser concebida como uma receita fechada que deve ser seguida à risca, com normas imutáveis. Toda pesquisa é uma “negociação entre fidelidade ao fenômeno e a viabilidade de abordá-lo de forma objetiva (metódica, argumentada, passível de confrontação com a realidade”, conforme afirma o professor Luiz Claudio Martino (2010, p.158). Além disso, para a professora Virgínia Sá Barreto, a “metodologia não é dada; ela é construída pelo pesquisador”. (2008, p.56)

Como afirma Bourdieu (1983), citado por Lopes (2018), a ciência é definida como um campo de práticas institucionalizados de produção (pesquisa), reprodução (ensino) e circulação de capital e poder científico. O funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesses. A capacidade científica de julgamento do estudante/pesquisador sempre será contaminada/influenciada em função do percurso da sua carreira, posição, do seu conhecimento, da instituição. “Não há ‘escolha’ – científica – do campo da pesquisa, dos métodos empregados, do lugar de publicação [...] – que não seja uma estratégia política”. (Bourdieu, 1983, p.127)

Fazer ciência é fazer uma crítica externa (contexto da produção) e uma crítica interna (específicos da prática). É questionar constantemente a construção, observação e análise do objeto de pesquisa (Lopes, 2010).

A prática da pesquisa é concebida como um campo de forças, submetida a determinados fluxos e exigências internas e externas do conhecimento. Como ponto dessa prática, Lopes (2010) retoma Morin (2000; 2006) quando reflete sobre a importância da reflexividade (entendida como crítica da ciência) e compreende que no interior de qualquer processo de pesquisa científica há uma reflexividade prática/social e reflexividade epistêmica ou racionalizante.

[...] É evidente que na relação sujeito-objeto, subjetividade-objetividade há uma inseparabilidade. O conhecimento objetivo necessita do sujeito, da interação subjetiva e também de projeções das estruturas mentais de sujeito. O conhecimento não é um espelho, uma fotografia da realidade. O conhecimento é sempre tradução e reconstrução do mundo exterior e permite um ponto de vista crítico sobre o próprio conhecimento. [...] Sempre deve haver a integração de si mesmo, o auto-exame, e a possibilidade de fazer a sua auto-crítica. Para mim, integrar qualquer conhecimento é uma necessidade epistemológica fundamental. (Morin, 2000b, pp.52-53)

O conhecimento científico é sempre o resultado de múltiplos fatores (ordem científica, institucional e social) que constituem condições concretas de produção de uma ciência. “Todo conhecimento objetivo comporta um conhecimento subjetivo, uma mente que filtra e traduz as mensagens do mundo exterior”. (Morin, 2000a, pp.38-39)

A ciência – em diversos momentos históricos e com diversos autores – buscou conceber a ideia de que o universo seria uma máquina perfeita que vivia em ordem, no entanto, Morin (2006) demonstra que não é bem assim. Ele afirma que existe uma complexidade, uma ordem e desordem constantes no mundo.

O conhecimento objetivo necessita do sujeito, da interação subjetiva e também de projeções das estruturas mentais de sujeito. O conhecimento não é um espelho, uma fotografia da realidade. O conhecimento é sempre tradução e reconstrução do mundo exterior e permite um ponto de vista crítico sobre o próprio conhecimento. (Morin, 2000b, p.52)

É importante compreender que o processo de coleta de informações, utilizando técnicas específicas, é que vai transformar esses dados em um objeto científico de fato. Para isso, não se pode deixar de entender que a pesquisa passa por um estado permanente de vigilância, crítica e autorreflexão (reflexividade) sobre todos os seus atos, incluindo as técnicas de investigação.

[...] O problema crucial de nosso tempo é o da necessidade de um pensamento apto a levantar o desafio da complexidade do real, isto é, de perceber as ligações, interações e implicações mútuas, os fenômenos multidimensionais, as realidades que são, ao mesmo tempo, solidárias e conflituosas (como a própria democracia, que é o sistema que se nutre de antagonismos, todos lhe regulando). [...] (Morin, 2000a, p.55)

O conhecimento científico é sempre o resultado de múltiplos fatores (ordem científica, institucional e social) que constituem condições concretas de produção de uma ciência e se baseia, ao mesmo tempo, no consenso e no conflito (Morin, 2015).

Além disso, uma pesquisa visa à produção de conhecimento novo, mas também preenche

uma lacuna importante no conhecimento disponível em uma determinada área, por isso, é necessário compreender qual abordagem que irá seguir: qualitativa, quantitativa, mista?

Este trabalho, especificamente, segue a abordagem qualitativa, que oferece diversas possibilidades de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais. Aqui, no caso, o estudo de como se dá a produção do jornalismo científico dentro das universidades públicas (estaduais e federais) de diferentes regiões do Brasil.

O objetivo principal da pesquisa qualitativa é compreender as ações humanas, portanto lida com o universo da subjetividade, das motivações e dos elementos pessoais da pessoa que, naquele momento, participa da pesquisa. (Alves-Mazzoti, 2001; Martino, 2018)

Na pesquisa qualitativa em Comunicação, lidamos com interpretações e análises. Martino (2018) defende que, nesse tipo de investigação, não buscamos a verdade absoluta de uma interpretação, mas coerência entre perguntas, evidências e conclusões, portanto, a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, pois o pesquisador faz a descrição da pessoa/cenário, a análise de dados para identificar temas ou categorias e a interpretação retomando as teorias e as perguntas que foram feitas.

Desse modo, podemos afirmar que esse tipo de pesquisa envolve: a qualificação dos dados, a avaliação da qualidade das informações, a percepção dos atores sociais e a não preocupação com o tamanho da amostra, mas sim, com suas características.

As pesquisas qualitativas são de características multimetodológicas, isto é, usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados. (Alves-Mazzotti, 2001)

Trabalhar a partir de diversas estratégias metodológicas, ou do que também é nomeado como triangulação metodológica⁴⁸, na captação de dados resulta em muitas informações a serem transcritas, sistematizadas e analisadas, portanto, precisa de tempo, atenção e dedicação.

Na perspectiva da pesquisa envolvida com recolha direta de dados de um grupo de informantes, localizado em dada realidade social concreta, métodos quantitativos e qualitativos podem ser utilizados desde que os objetivos e a coerência da pesquisa empírica sejam mantidos. [...] inúmeros autores convergem para o ponto de que há coerência na pesquisa que recorre a técnicas diversificadas – mesmo em se tratando das quantitativas – desde que a coesão da investigação seja mantida em relação a seus objetivos, hipóteses e quadro de referências teóricas. (Figaro, 2014, p. 126; 127)

As pesquisas qualitativas costumam seguir o processo descritivo, indutivo, de observação

⁴⁸Apesar de o papel ser o mesmo (utilização de diferentes abordagens metodológicas), nem todo autor utiliza a nomenclatura triangulação metodológica (seu uso começa a ser construído na área da psicologia por Campbell e Fiske, 1959, ao testar diferentes técnicas quantitativas para completar ou testar os resultados obtidos). Creswell (2017), por exemplo, prefere o termo modelo misto. Alves-Mazzotti (2001), por sua vez, modelo múltiplo e Maldonado (2008), perspectiva ou estratégia transmetodológica.

que considera a singularidade do sujeito e a subjetividade do fenômeno, sem levar em conta princípios já estabelecidos. Dentro da perspectiva das pesquisas qualitativas, elas podem ser exploratórias, descritivas e explicativas, e, dependendo do estudo, o pesquisador é capaz – a cada etapa – de utilizar ora mais, ora menos uma dessas perspectivas.

De modo geral, as pesquisas em algum momento, principalmente o inicial, perpassam pelo caminho exploratório e depois – conforme o objetivo – seguem para uma visão mais descritiva ou analítica.

Esta tese percorre primeiramente o caminho exploratório quando faz um estudo da divulgação científica, do jornalismo científico, nas universidades públicas (estaduais e federais) e a produção de jornalismo científico, bem como, posteriormente, um aprofundamento ao descrever e analisar detalhadamente como essas universidades públicas produzem esse jornalismo, especialmente, o *Jornal da USP*, da Universidade de São Paulo.

Assim, para dar conta de todos os ângulos que essa pesquisa busca olhar, principalmente por se tratar de um estudo empírico, há a necessidade da utilização de vários procedimentos/técnicas, ou seja, é necessário fazer uso da triangulação metodológica, das multimetodologias.

Para esta pesquisa, a estratégia de triangulação metodológica articula a parte qualitativa (pesquisa bibliográfica, documental, observação, entrevistas) na sua primeira e segunda fase com uma etapa quantitativa (levantamento numérico e categórico das universidades - amostragem) na segunda fase.

Por que essa variação? Este projeto foi proposto em 2019, segundo ano de um governo federal com um discurso declaradamente de contestação ao *modus operandi* da ciência, universidade pública, educação, cultura, imprensa livre, entre outras áreas do conhecimento e das artes, e nem imaginávamos que uma pandemia estava por vir.

Naquele momento, o olhar estava voltado apenas para a Universidade de São Paulo, e a inquietação era entender como a maior universidade do país tornava pública a sua produção científica. A ideia era compreender como ocorria a divulgação dessas informações para o público comum (elitista ou agregadora?), identificar quais ferramentas a instituição utilizava e como esse público as recebia/percebia/consumia.

Como a divulgação científica (conceitualmente) pode ser feita via recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais jornalísticos que chamamos de jornalismo científico) para a veiculação de informações para o público geral (não especialista), percebemos que seria inviável estudar a universidade em sua totalidade, por isso, após um primeiro levantamento, percebemos que o *Jornal da USP* era o grande veículo jornalístico da Universidade de São

Paulo para fazer essa divulgação científica, via jornalismo científico. Sem contar que o veículo ganhou notoriedade durante a pandemia, pois havia a busca e o interesse por notícias sobre a doença e possíveis tratamentos.

Assim, naquele momento, todos os olhares se voltaram para ele: pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas, observação do conteúdo produzido, entre outros.

Apesar de esse levantamento ocorrer dentro do que havia sido proposto, em determinado momento, surgiu a necessidade de colocar outros pontos à prova, ou seja, ampliar o olhar. Entende-se que, antes de compreender a prática do jornalismo científico do *Jornal da USP*, é preciso identificar e compreender como se configura o jornalismo científico produzido pelas universidades públicas (estaduais e federais) brasileiras. Para isso, foi necessário o uso de técnicas quantitativas com a criação de marcadores para analisar todos os sites das universidades na busca de pautas sobre ciências e/ou veículos de jornalismo científico.

Como enfatiza Immacolata (2021) ao citar Bourdieu (1983) em suas aulas, é preciso ter vigilância epistemológica, ou seja, os dados, as análises, escolhas e a teoria devem ser vigiados em relação à sua coerência com a proposta do estudo. Caso contrário, corremos o risco de ter verdades enviesadas, apropriadas de forma equivocada.

Uma pesquisa percorre o caminho do macro para o micro, assim, este estudo parte da compreensão conceitual de jornalismo científico, passa pela identificação de se, e como, as universidades públicas (estaduais e federais) produzem esse tipo de jornalismo. Por fim, chega a um estudo mais descritivo e aprofundado, que é a experiência prática de jornalismo científico do *Jornal da USP*.

3.1 Pesquisa bibliográfica e documental: a construção do referencial teórico voltada à análise do Jornalismo Científico

Já que a ideia inicial do projeto era procurar compreender como a Universidade de São Paulo divulga a sua produção científica por canais jornalísticos, fizemos um mapeamento no sistema de busca da biblioteca da própria universidade, catálogo de Teses da Capes (apenas em doutorado), Anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) com as palavras-chave divulgação científica, mídias da USP, jornalismo científico, *Jornal da USP*, jornalismo da USP, rádio USP, jornalismo científico da USP.

A busca por esses trabalhos ocorreu em 2020 e, de maneira geral, os resultados apontaram

para pesquisas sobre uma universidade específica, comunicação, divulgação científica, redes sociais das universidades públicas e/ou da USP, rádio USP, assessoria da USP, rádios universitárias, entre outros. Como exemplo, citamos: as dissertações de Vanessa Aparecida do Carmo, *A divulgação científica nas universidades do grande ABC: inovações ou repetição de formatos?*, pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), em 2015; Luana Rodrigues Campos, *O papel das Universidades na Divulgação Científica do Pantanal: o caso UFMS e UEMS*, pela Universidade Estadual de Campinas, em 2018; Luciane Treulieb, *O uso das novas mídias na divulgação científica nas universidades públicas de São Paulo*, 2020 também pela USCS.

Naquele momento não encontramos nenhum trabalho que englobasse a identificação da produção de jornalismo científico nas universidades públicas brasileiras em sua totalidade ou apenas no *Jornal da USP*, no entanto, durante o desenvolvimento da pesquisa e a participação em congressos da área, entramos em contato com alguns trabalhos que merecem ser mencionados como *Comunicação e universidades: a comunicação pública da ciência e a divulgação em universidades públicas do Sul do Brasil*, de Laís Campos Moser, pela Universidade de São Paulo em 2022; *Jornalismo científico: análise discursiva do ethos da revista Superinteressante e do Jornal da USP*, 2023, da autora Jessica Vitoria Tokarski Mazeto, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e *Comunicação pública da ciência: o uso do discurso constituinte e paratópico da ciência para construção do ethos discursivo no Jornal da USP*, 2023, Marcelha Pereira da Silva, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Mesmo que, eventualmente, esses trabalhos tenham o interesse em olhar – e um recorte – para a comunicação das universidades públicas, o jornalismo científico ou o *Jornal da USP*, não encontramos uma investigação como a que estamos desenvolvendo, pois, nesta pesquisa, temos a preocupação em buscar compreender a práxis do jornalismo científico nas universidades. Para isso: (1) acessamos todos os sites⁴⁹ das universidades públicas (federais e estaduais) em busca de dados sobre a comunicação e o jornalismo científico produzido por elas e (2) realizamos entrevistas com alguns dos jornalistas responsáveis por esse trabalho em doze instituições.

Desse modo, é importante ressaltar que a pesquisa bibliográfica depende de muitos fatores como, por exemplo, a natureza do problema e o nível de conhecimento sobre o assunto. Além

⁴⁹Todas as informações identificadas nos sites das universidades federais e estaduais foram compiladas em planilhas do Excel que foram disponibilizadas no repositório digital dessa tese. O Link e QrCode do repositório estão no Apêndice desse trabalho.

disso, ela ocorre ao longo de uma série de etapas (escolha do tema, levantamento sobre o que já foi dito e pesquisado, orientação na busca de fontes, entre outros) e durante todo o processo de pesquisa, pois a cada momento em que há a decisão de acrescentar ou descartar algum tópico é preciso retomar a busca por outros autores.

Para a construção do objeto, em um primeiro momento, foi necessário um levantamento de autores que auxiliassem na compreensão dos conceitos de comunicação científica, divulgação científica, cultura científica, popularização da ciência, jornalismo científico etc. Posteriormente, percebemos a necessidade de recortar conceitualmente a pesquisa na discussão sobre divulgação científica, jornalismo, jornalismo especializado e jornalismo científico.

Isso posto, alguns dos autores consultados foram: (QUADRO 7)

Quadro 7 – Referências organizadas por autor, ano e tema (A)

Autor	Ano	Tema
Bill Kovach e Carl Rosenstiel	2004	Jornalismo
Carlos Fioravanti	2013	Jornalismo Científico
Carlos Vogt	2003, 2011	Cultura Científica
Carmen Sánchez Mora y Ana María Sánchez Mora	2003	Divulgação Científica, Popularização da Ciência, Vulgarização, Comunicação da Ciência, Cultura Científica, Educação formal, não formal e informal
Cremilda Medina	2008	Jornalismo, Entrevista
Christa Berger e Beatriz Marocco	2008	Jornalismo
Daniel Cornu	1994	Jornalismo
Deborah Blum, Joshua Jackson e Nicholas Jackson	2020	Jornalismo Científico
Elaine Reynoso	2012	Divulgação Científica, Popularização da Ciência, Alfabetização Científica, Apropriação social da ciência e da tecnologia
Fabiola Oliveira	2002	Jornalismo Científico
F. Fraser Bond	1962	Jornalismo
Francisco Esteve Ramírez e Javier Fernández del Moral	1999	Jornalismo Especializado
Graça Caldas	2003, 2005, 2009, 2021	Jornalismo Científico; Divulgação Científica
José de Moura Leite Netto	2021	Jornalismo Científico
José Hamilton Ribeiro	2014	Jornalismo Científico
José Marques de Melo	1982, 2001, 2014	Jornalismo, Jornalismo Científico
Lilian Márcia Simões Zamboni	2001	Divulgação Científica
Luisa Massarani	1998, 2002, 2017, 2018, 2020, 2021	Comunicação da Ciência, Divulgação Científica, Jornalismo Científico
Manuel Calvo Hernando	1997, 1998	Jornalismo científico
Marcelo Germano e Wojciech Kulesza	2007	Alfabetização da Ciência, Divulgação Científica, Popularização da Ciência e Vulgarização da Ciência
Mario Erbolato	1981, 1984	Jornalismo, Jornalismo especializado
Nilson Lage	2019	Jornalismo, Entrevista, Pauta
Ricardo Alexino	2021	Jornalismo Científico, Jornalismo
Rita de Cássia do Vale Caribé	2015	Comunicação Científica
Sergio Vilas Boas	2005	Jornalismo, Jornalismo Científico
Vladimir Hudec	1980	Jornalismo
Warren Burkett	1990	Jornalismo Científico
Wilson da Costa Bueno	1985, 1998, 2002, 2003, 2009, 2010, 2014, 2018, 2021, 2022	Divulgação Científica, Comunicação Científica, Jornalismo Científico

Fonte: produção da autora (2023).

Considerando que esta pesquisa também é atravessada pela propagação de desinformações científicas, utilizamos como referência:

Quadro 8 – Referências organizadas por autor, ano e tema (B)

Autor	Ano	Tema
Axel Gelfert	2018	<i>Fake News</i>
Bruce Bimber e Homero Gil de Zúñiga	2020	<i>Fake News</i>
Cherilyn Ireton e Julie Posetti	2019	Jornalismo, Desinformação e <i>Fake News</i>
Catarina Chagas e Luiza Massarani	2020	Desinformação
Ronaldo Pilati	2022	Ciência, pseudociência e dissonância
Rosemary Segurado	2021	Desinformação

Fonte: produção da autora (2023).

Como estamos discutindo a divulgação científica via jornalismo científico no Brasil, optamos, principalmente, por autores brasileiros como referência na construção tanto da metodologia da pesquisa (teoria, crítica, reflexão) quanto da metodologia na pesquisa (prática, métodos). É a partir deles/delas e suas reflexões que entramos em contato com autores clássicos como Morin (2000; 2006; 2015), Bourdieu (1983) e Thiollent (1980), que são fundamentais para a reflexão teórica deste trabalho no que diz respeito à pesquisa científica e ao uso das entrevistas como técnica de coleta de dados.

Quadro 9 – Referências organizadas por autor, ano e tema (C)

Autor	Ano	Tema
Alda Judith Alves-Mazzotti	2001	Pesquisa qualitativa, Coleta de dados
César Augusto Bernal	2010	Métodos de pesquisa: Entrevista
Cíclia Peruzzo	2018	Ciência, Pesquisa Científica
Edgar Morin	2000, 2006, 2015	Ciência, Teoria da complexidade
Jorge Duarte e Antonio Barros	2005	Métodos e técnicas de pesquisa: Entrevista
Luís Mauro Sá Martino	2018	Métodos de pesquisa
Luiz Claudio Martino	2010	
Maria Immacolata Vassallo de Lopes	2005, 2010, 2018, 2021	Comunicação, Epistemologia da Comunicação, Reflexividade
Michel Thiollent	1980	Métodos de pesquisa: Entrevista
Pierre Bourdieu	1983	Campo Científico, Métodos de pesquisa: Entrevista
Rafael Cardoso Sampaio e Diógenes Lycarião	2021	Análise de Conteúdo Categorical
Roseli Figaro	2014	Métodos e técnicas de pesquisa

Fonte: produção da autora (2023).

Outra técnica utilizada é a de pesquisa documental que se vale de materiais que ainda não

receberam um tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados, de acordo com os objetivos da pesquisa.

Nessa etapa, consultamos alguns documentos internos da Universidade de São Paulo que registram as discussões sobre as mudanças (conceituais e técnicas) das suas mídias a partir dos anos de 2012, além de reportagens publicadas em veículos internos da instituição sobre a mesma temática.

Como documentos, citamos o *Relatório de Gestão 2014-2017 – Uma Universidade em evolução* (2017) e *Relatório de Gestão 2015-2017* (2017), que foram fundamentais para compreensão desse processo de mudança da comunicação da Universidade de São Paulo.

A leitura desses relatórios ajudou a identificar que a estrutura de comunicação da Universidade de São Paulo conta com uma assessoria de imprensa (ligada mais diretamente à reitoria), com as assessorias de comunicação das unidades de ensino, dos laboratórios e grupos de pesquisa e com a Superintendência de Comunicação Social⁵⁰ (SCS), responsável pela comunicação mais geral (voltada para o público interno e externo) sobre o que acontece na universidade relacionado à educação, pesquisa e extensão via canais/ferramentas de caráter jornalístico, sendo que é sob o domínio da SCS que o *Jornal da USP*⁵¹ é visto como uma grande ambiência, agregador de outros produtos jornalísticos, como a *Rádio USP*, o *Canal USP* e a *Revista USP*.

Esses documentos permitiram compreender que no começo da segunda década dos anos 2000, uma série de reuniões e encontros ocorreram para discutir o papel da comunicação dentro da Universidade de São Paulo⁵². No final de 2011, o então reitor João Grandino Rodas, por meio de portaria interna, designou uma comissão para organizar o Encontro da Gestão de Comunicação da USP (Gecom) que ocorreria apenas em agosto de 2012, na cidade de Itupeva, e reuniria cerca de 130 profissionais de comunicação das Unidades de Ensino e Pesquisa, Institutos, Museus, Prefeituras dos *Campi*, Hospitais e Órgãos da Administração Central da USP.

Sobre esse primeiro movimento, mencionamos a notícia *Encontro discutiu a gestão da*

⁵⁰A Universidade de São Paulo conta com oito Superintendências: Superintendência do Espaço Físico, Superintendência de Gestão Ambiental, Superintendência Jurídica, Superintendência de Prevenção e Proteção Universitária, Superintendência de Relações Institucionais, Superintendência de Saúde, Superintendência de Tecnologia da Informação e Superintendência de Comunicação Social. Dados disponíveis em: <<https://www5.usp.br/>>. Acesso em: 18 de set de 2023.

⁵¹ O *Jornal da USP* é considerado o veículo mais antigo da Universidade de São Paulo e era distribuído semanalmente (tiragem de 20 mil exemplares) de forma impressa em todos os *campi* desde 1985. Ao migrar para o formato digital em 2016, passa a ter atualização diária e conexão com as outras mídias da instituição.

⁵² Um compilado desses dados foram publicados no artigo *Panorama das mídias da Universidade de São Paulo* na revista REGIT, v. 16, n. 2, p. 123-133, jul/dez 2021.

comunicação na Universidade, publicada em 30 de agosto de 2012, produzida pela assessoria de imprensa da reitoria. O texto noticia uma iniciativa – até então inédita – que reuniu profissionais das áreas de Ensino e Pesquisa, Institutos, Museus, Prefeituras dos *Campi*, Hospitais e Órgãos da Administração Central para discutir a comunicação na universidade entre os dias 23 e 24 de agosto. A presidente da comissão organizadora e chefe da Divisão de Mídias Online da SCS à época, Marcia Aparecida Silva Blasques, citada no texto, diz que: “em relação aos grupos de trabalho, a comissão optou por elencar alguns temas mais amplos e comuns a todos, como uso de mídias sociais, a relação da USP com a sociedade, entre outros”⁵³.

Dando prosseguimento às discussões, em 2013, o Gecom organizou um debate no mês de abril em que reuniu representantes da grande mídia, como por exemplo, *TV Cultura* e *Rádio Cultura* e o jornal *O Estado de S. Paulo*, e realizou uma série de *workshops* entre junho e setembro para colocar em pauta as políticas da Universidade para o setor de comunicação.

Desse período, destacamos duas reportagens. A primeira, *Encontro na USP debate o diálogo entre a Universidade e a imprensa*, publicada em 25 de abril de 2013,⁵⁴ aborda o debate com representantes da mídia e todos que, de alguma forma, trabalham com a comunicação da universidade, realizado no auditório da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Na mesa estiveram presentes a jornalista Marcia Blasques, o pró-reitor de pós-Graduação, professor Vahan Agopyan, o Superintendente de Comunicação Social, professor Alberto Carlos Amadio, a editora executiva do jornal *O Estado de S. Paulo*, Luciana Constantino, e o jornalista Alexandre Machado, da *Rádio Cultura*. O que chamou a atenção nesse debate foi o fato de a “Universidade ser um centro de produção de conhecimento, pesquisa e formadora de opinião”, mas que tem “presença insuficiente na mídia”.

Já a segunda reportagem, *Workshop do Gecom apresenta as mídias da Universidade*, publicada em 21 de junho de 2013,⁵⁵ retrata o encontro realizado no Edifício Central da Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz (Esalq), em Piracicaba, que apresentou as estruturas e as atividades desenvolvidas pelas equipes da Superintendência de Comunicação aos profissionais que atuam na área de comunicação. Nessa reunião, foram descritos o papel/funcionamento dos veículos *Jornal da USP*, *Revista USP*, portal da USP, *Agência USP*

⁵³Disponível em: <<https://www5.usp.br/16480/encontro-discutiu-a-gestao-da-comunicacao-na-universidade>>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

⁵⁴Disponível em: <<https://www5.usp.br/26063/usp-debate-o-dialogo-entre-a-universidade-e-a-imprensa/>>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

⁵⁵ Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/workshop-sobre-as-midias-da-usp-reune-os-profissionais-de-comunicacao-da-universidade/>>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

de Notícias, TV USP, Rádio e Revista Espaço Aberto.⁵⁶

Em 2014, o médico e professor Marco Antonio Zago assume a reitoria da universidade, e um novo grupo para continuar as discussões sobre a comunicação é formado tendo a participação do professor Carlos Martins como coordenador, os (as) professores (as) André Singer, Luiz Fernando Santoro, Elizabeth Nicolau Saad Côrrea e Margarida Maria Krohling Kunsch, além de Eugênio Bucci, encarregado de relatar os trabalhos.

No ano seguinte, após a conclusão dos debates e reflexões, em agosto de 2015, o jornalista e professor Eugênio Bucci assume a Superintendência de Comunicação Social com a missão de colocar em prática a “ideia de integrar mais eficientemente” a comunicação da universidade e melhorar o diálogo da USP com a sociedade.

Nesse sentido, a missão, os objetivos e valores da comunicação definidos a partir de todas essas discussões foram compilados no *Relatório de Gestão 2015-2017*⁵⁷ (2017) nas páginas 16 e 17.

Quadro 10 – Diretrizes para a Comunicação da USP

Missão	Promover a comunicação jornalística com autonomia e postura crítica, dentro dos padrões da comunicação pública democrática, entre a Universidade e a sociedade, com ênfase em divulgação científica, cultural, institucional e da vida universitária, além da discussão dos temas da atualidade, a partir do conhecimento acumulado na USP
Objetivos	(1) Noticiar e explicar com ineditismo as pesquisas científicas desenvolvidas na USP, em linguagem acessível, atraente e criativa; (2) Fomentar e difundir as diversas expressões culturais do Brasil a partir do conhecimento cultivado na USP, com o propósito de qualificar o gosto do público e aprimorar seus padrões de convivência com a arte e as formas de conhecimento que ela propicia; (3) Expor ao público os contextos que elucidam os sentidos menos imediatos do noticiário de interesse geral e explicar os acontecimentos do Brasil e do mundo a partir do conhecimento produzido na USP; (4) Aproximar a USP da vida dos cidadãos brasileiros, abrindo janelas para que o contribuinte possa enxergá-la, conhecê-la, compreendê-la, fiscalizá-la e valorizá-la como merecedora do imposto que a sustenta e (5) Contribuir com seus meios para a comunicação interna e para a comunicação institucional da USP
Valores	Transparência e Verdade; Excelência e Crítica; Ineditismo e Velocidade; Clareza e Beleza; Entusiasmo e Comprometimento; Integração e Economicidade; Independência e Apartidarismo; Vocação para Ensinar

Fonte: produção da autora (2023). Reprodução do *Relatório de Gestão 2015-2017*, (2017).

O documento também relata as alterações, os ganhos, as perdas e faz prospecções para

⁵⁶ A revista não é mais produzida, mas é possível encontrar material sobre o produto em dois endereços eletrônicos: <<https://www5.usp.br/tag/revista-espaco-aberto/>> e <<https://www.usp.br/espacoaberto/>>. Acesso em: 20 de set. de 2023.

⁵⁷ As informações foram copiadas na íntegra. O Relatório se baseia em documento interno encaminhado a todos os funcionários da SCS em abril de 2017 com dados atualizados daquele período.

as próximas gestões a partir da gerência do professor Bucci na SCS (2015-2018). Aliás, uma das grandes críticas apresentadas naquele momento foi que a Superintendência gastava muito. “[...] a USP despendia 29,15 milhões de reais ao ano com a área de comunicação social. [...] Estavam errados o fluxo de trabalho, os orçamentos, o organograma e os métodos de produção.” (Relatório de Gestão 2015-2017, 2017, p.7)

A grande transformação, naquele momento, foi não dividir mais a produção jornalística por veículos ou mídias, mas, sim, por áreas de conhecimento: ciência (pesquisas produzidas na instituição), cultura (temas gerais e a vida cultural da USP), universidade (explicar/apresentar a USP e seus serviços) e atualidades (a USP explica o mundo) e a migrar o conteúdo do *Jornal da USP* para o ambiente online⁵⁸.

A notícia publicada na página da Associação dos Docentes da USP (Adusp), intitulada *SCS extingue versão impressa do Jornal da USP e reduz TV à web*⁵⁹, relata as alterações e o descontentamento por parte de alguns funcionários que viam as mudanças “com preocupação porque estavam sendo construídas sem a participação dos funcionários e da comunidade acadêmica” ou, ainda, por ser “uma decisão tomada por conta dos custos”.

Outro acordo estabelecido a partir das reuniões foi a parceria estabelecida entre o *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal da USP*. Em janeiro de 2017, o Estadão passa a republicar em suas redes sociais, em sua *home*, sua *newsletter* e no WhatsApp algumas das notícias produzidas pelo *Jornal da USP* com o objetivo de ampliar a divulgação do conhecimento gerado na Universidade.

A USP e o Estadão têm uma relação histórica, pois a concepção da Universidade se deu dentro da redação do jornal com a liderança do jornalista Júlio de Mesquita Filho⁶⁰. No entanto, essa cooperação não impede que outros veículos reproduzam as notícias do *Jornal da USP*, desde que citada a fonte.

⁵⁸ Como o *Jornal da USP* é subordinado à SCS, o próximo capítulo traz os dados e características mais recentes do veículo.

⁵⁹ Disponível em: <<https://adusp.org.br/defesa-da-universidade/scs-extingue-versao-impressa-do-jornal-da-usp-e-reduz-tv-a-web/>>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

⁶⁰ A criação da Universidade de São Paulo ocorre nos anos 1930, período de efervescência cultural e científica, além de instabilidade política. O governo à época era de Getúlio Vargas, e em 1932 ocorreu a Revolução Constitucionalista, resultado do embate entre os tenentes ligados à ditadura getulista e à elite intelectual paulista, que saiu derrotada. A partir disso houve um movimento liderado por Júlio de Mesquita Filho, cujo desejo era a retomada da hegemonia política do estado que resolve “brigar” pela criação de uma universidade, já que ela poderia auxiliar na formação dessas novas lideranças. Em 1934 é criada a Universidade de São Paulo.

3.2 Entrevistas aplicadas

A utilização da técnica de entrevista perpassa toda esta pesquisa. Ela auxilia na discussão sobre o conceito de jornalismo científico, permite rever as discussões sobre as alterações das mídias da USP e entender o funcionamento do *Jornal da USP*, além de ser essencial para identificar e compreender como as universidades públicas (estaduais e federais) de diferentes regiões do Brasil produzem jornalismo científico.

A entrevista permite tratar de diversos e complexos temas que dificilmente poderiam ser investigados em profundidade com a utilização de questionários. Medina (2008b, p.8) afirma que a entrevista é “uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. [...]”.

As entrevistas são definidas como estruturada, semiestruturada e não estruturada e, de acordo com Duarte (2005), cada um desses tipos segue modelos e abordagens específicos.

Quadro 11 - Modelo de tipologia em entrevista

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
Qualitativa	Não estruturadas	Aberta	Questão central	Em profundidade	Indeterminada (s)
Qualitativa	Semiestruturadas	Semi-aberta	Roteiro	Em profundidade	Indeterminada (s)
Quantitativa	Estruturadas	Fechada	Questionário	Linear	Prevista (s)

Reprodução: Duarte (2005, p.65).

As entrevistas com roteiros semiestruturados em comparação com as entrevistas estruturadas facilitam o processo de obtenção de informações, ou seja, em função de sua flexibilidade, permitem ao pesquisador incluir e excluir determinadas questões ou, ainda, efetuar alterações na ordem das questões, em virtude das respostas obtidas.

No entanto, Thiollent (1980), deixa claro que ao escolher suas técnicas de investigação, como uma entrevista, há objetivos e distorções existentes. Ao citar Bourdieu, Thiollent (1980) faz uma crítica metodológica sobre a falsa neutralidade das técnicas, visto que é preciso considerar os valores do cientista e suas opções conscientes de escolha.

É necessário fazer uma autocrítica, considerar que há mecanismos ideológicos na concepção dessas técnicas⁶¹. Há características, usos e erros de cada uma e isso precisa nos

⁶¹ Para essa pesquisa o uso da técnica de entrevista foi fundamental, no entanto, é importante reconhecer que ela pode ter falhas. Em que sentido? Como a maioria das entrevistas foram feitas por chamada de vídeo e/ou telefone pode ser que as fontes tenham se esquecido de mencionar algum ponto ou situação importante.

levar a pensar o porquê de fato estão sendo utilizadas. É para quê? Para que sejam verificados fatos, crenças, sentimentos, padrões de ações, comportamentos. É fundamental que o pesquisador tenha consciência de que as escolhas (autores e etapas) da pesquisa não são neutras.

No jornalismo, Lage (2019) classifica as entrevistas do ponto de vista dos objetivos (ritual, temática, testemunhal, em profundidade) e quanto as circunstâncias de realização (ocasional, confronto, coletiva, dialogal).

Desta maneira, para Lage (2019), o objetivo da entrevista em profundidade (mesma nomenclatura usada por Duarte, 2005) não é:

[...] um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser geralmente relacionada com outros aspectos da sua vida. (Lage, 2019, p.75)

Já a entrevista realizada de maneira dialogal é “[...] marcada com antecedência [...]]. Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa [...] permitem-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados.” (Lage, 2019, p.77).

Nesta pesquisa, nas diferentes etapas, utilizamos entrevistas semiestruturadas⁶² (em que há um roteiro de perguntas, mas com liberdade para se desenvolver, em profundidade, os assuntos a partir das colocações dos entrevistados) e com a seleção intencional das fontes (jornalistas que trabalham nas universidades com a produção de jornalismo científico). Do ponto de vista jornalístico, elas foram temáticas (produção de jornalismo científico) e dialogais (marcadas com antecedência e realizadas como uma conversa).

No ano de 2020, por exemplo, como um levantamento mais exploratório, algumas entrevistas (todas remotas) não estruturadas (quando não se conhece muito o assunto e se pede para o sujeito falar a respeito, conforme os pontos de interesse) foram realizadas com Marcia Aparecida Silva Blasques (diretora de Redação do *Jornal da USP* e coordenadora da *Rádio USP*), Luiza Helena Gonçalves Caires (editora de Ciências do *Jornal da USP*), Luiz Roberto Serrano (Superintendente de Comunicação da Universidade de São Paulo na época) e Luiz Prado (repórter de cultura do *Jornal da USP* na época). As perguntas foram pensadas de acordo com a área de atuação de cada um, no entanto, as questões que se referem ao *Jornal da USP*, especificamente, foram replicadas para todos.

Mas, qual o caminho até essas fontes? A partir da leitura dos relatórios já mencionados

⁶² A transcrição de todas as entrevistas estão no repositório digital da tese. Link e QRCode do repositório estão no Apêndice deste trabalho.

anteriormente e da observação mais sistemática da página do *Jornal da USP*, procuramos identificar quais nomes poderiam ser interessantes para as primeiras conversas. Em seguida, enviamos um e-mail com uma apresentação pessoal, a descrição da proposta de pesquisa e o desejo de realizar a entrevista. É importante mencionar que por estar cursando o doutorado na Universidade de São Paulo foi mais fácil contatar a equipe do jornal.

Quadro 12 – Fontes e roteiro de questões sobre o *Jornal da USP*: conhecendo o produto

Fontes e data	Questões
Marcia Aparecida Silva Blasques (28 de abril de 2020) (20 de julho de 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1.Descreva as suas atribuições atuais no <i>Jornal da USP</i>? 2.Como você define o <i>Jornal da USP</i>? 3.Qual a atual linha editorial do <i>Jornal da USP</i>? 4.Diante da linha editorial, quais os critérios para a seleção das matérias que serão destaques no <i>Jornal da USP</i>? 5.No dia a dia, como as pautas são definidas? Qual a sua origem (jornalista individualmente, equipe de redação, sugestão de terceiros) e como se dá o desenvolvimento dessa pauta? 6.Quais fontes costumam consultar? Que parâmetros são considerados para a sua escolha? 7.Diante da convergência, quais os critérios para a seleção das pautas (das matérias ou dos programas nas diversas mídias da USP) que necessitam de conteúdos em multiplataformas? 8.Quais as mudanças que ocorrem no processo de construção da notícia com a migração de quase todo o conteúdo das mídias da USP para o <i>Jornal da USP</i>?
Luiza Helena Gonçalves Caires (30 de julho de 2020) Luiz Prado (13 de outubro de 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1.Qual é o papel/função do <i>Jornal da USP</i>? 2.Qual a linha editorial do jornal? 3.Quais são os critérios utilizados para a escolha das pautas? 4.O que é importante destacar? Existe uma hierarquia? 5.Quais são as áreas que merecem maior destaque/interesse? Por quê? 6.Você, como jornalista, tem autonomia na escolha e condução das suas pautas? 7.No dia a dia, como as pautas são definidas? Qual a sua origem (jornalista individualmente, equipe de redação, sugestão de terceiros)? 8.Quais fontes costumam consultar? Que parâmetros são considerados para a sua escolha? 9.Como é o desenvolvimento dessa pauta (execução, métodos...)? 10.O <i>Jornal da USP</i> faz um jornalismo multiplataforma? 11.Todas as pautas precisam ter conteúdo multiplataforma? Como vocês escolhem/decidem o que terá essa convergência? 12.Como vocês percebem/recebem o <i>feedback</i> dos leitores (e-mails, telefonemas, cartas...)? São mais internos ou externos? O que os leitores costumam dizer? 13.Qual foi o ganho da migração do jornal impresso para o formato digital?
Luiz Roberto Serrano (24 de julho de 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1.O que é a Superintendência de Comunicação Social (SCS)? Qual a sua função/o seu papel? 2.Descreva as suas atribuições na SCS. 3.Existe um guia de como deve ser a SCS? (como, por exemplo, missão, valores, objetivos)? 4.Para a SCS qual(is) o(s) principal(is) meio(s) de comunicação (ou seriam ferramentas) para dialogar com a comunidade? 5.A partir dessa escolha, quais são os critérios para a seleção dos assuntos que serão pautas? 6.Como está organizado o organograma da SCS?

Fonte: produção da autora (2021).

No início de 2021 identificamos que seria importante conversar (também remotamente) com duas fontes atuantes nas discussões sobre as alterações das mídias da USP e sua reorganização (iniciados em 2012, mas implementados a partir de 2015). Foram entrevistados, respectivamente, os professores Elizabeth Nicolau Saad Corrêa (membro da comissão de discussão) e Eugênio Bucci (membro da comissão e, posteriormente, superintendente de Comunicação que colocou em prática as alterações propostas).

Quadro 13 – Fontes e roteiro de questões sobre as mudanças nas mídias da USP

Fontes e data	Questões
Elizabeth Nicolau Saad Corrêa (16 de abril de 2021)	<p>1. Poderia explicar como ocorreu esse processo de participar dos grupos de trabalho sobre as mudanças na comunicação? Em que contexto nasce essa necessidade de reformular as mídias da USP?</p> <p>2. Essas mudanças seguiam algum modelo, parâmetro? Quais foram os ganhos e perdas?</p> <p>3. A partir das mudanças propostas e implementadas, qual o papel das mídias da USP sob a égide da Superintendência da Comunicação? Como decidiram quais deveriam ser os veículos principais?</p> <p>4. Considerando todas essas alterações/reformulações, qual(ais) o(s) formato(s) mais adequado(s)/indicado(s)? Hoje as mídias da USP precisam – obrigatoriamente – ser multimídia? Esse é o termo a ser utilizado? Temos multimídia, multiplataforma, convergência, multidiscursos, multilinguagens...</p> <p>5. Especificamente sobre o <i>Jornal da USP</i>: como posso classificá-lo? Quais conteúdos precisam ser abordados? Que jornalismo devemos esperar do <i>Jornal da USP</i>?</p>
Eugênio Bucci (22 de março de 2021)	<p>1. Professor, o senhor foi o presidente da Radiobrás entre 2003 e meados de 2007 e foi responsável por uma série de mudanças reconhecidamente importantes, inclusive escreveu o livro “Em Brasília, 19hs”, no qual descreve todo esse processo. O que o senhor trouxe dessa experiência para essa situação específica da USP, ou seja, para coordenar a Superintendência de Comunicação Social? Poderia explicar como ocorreu esse processo de participar dos grupos de trabalho e posteriormente da Superintendência? Em que contexto nasce essa necessidade de reformular as mídias da USP?</p> <p>2. Ainda retomando seu trabalho na Radiobrás e o seu livro. O senhor escreve que sempre priorizou o direito do cidadão a uma informação justa, objetiva, ainda mais quando faz parte de um órgão público. Retomando esse processo de mudança da comunicação/mídias da USP, qual o papel das mídias da USP sob a égide da Superintendência da Comunicação?</p> <p>3. Os dados publicados no Relatório de Gestão 2015-2017 retratam as mudanças das mídias da USP, em especial o <i>Jornal da USP</i>, <i>Rádio USP</i> e <i>Revista USP</i>, e apresentam os primeiros resultados. Como decidiram que a centralização deveria passar pelo <i>Jornal da USP</i> e <i>Rádio USP</i>? Por que a decisão de sair do Canal Universitário e reformular o que seria a <i>TV USP</i>? Quais foram os prós e contras dessa reformulação?</p> <p>4. Considerando todas essas alterações/reformulações qual(ais) o(s) formato(s) mais adequado(s)/indicado(s)? Hoje as mídias da USP precisam – obrigatoriamente – ser multimídia? E, conseqüentemente, quais conteúdos precisam ser abordados?</p> <p>6. Que jornalismo devemos esperar do <i>Jornal da USP</i>?</p>

Fonte: produção da autora (2021).

Conforme o levantamento de dados acontecia, e ao produzir o relatório de qualificação, sentimos a necessidade de ouvir outras universidades sobre a sua produção jornalística e se elas tinham conhecimento sobre o conteúdo realizado pela Universidade de São Paulo. Ainda na fase da coleta de dados, durante os meses de setembro e outubro de 2021, entramos em contato com alguns colegas pedindo indicações, acessamos alguns sites de universidades e investigamos se havia informações sobre o departamento de comunicação, descrição dos veículos jornalísticos e, especificamente, se havia produtos de jornalismo científico.

Em novembro de 2021, enviamos um e-mail para algumas instituições (buscando a variação por região) solicitando uma entrevista. Como nem todas retornaram o e-mail e/ou não tinham agenda, esse bate-papo ocorreu – por chamada de vídeo - com sete pessoas, representando seis instituições.

Quadro 14 – Lista de Universidades consultadas sobre sua produção jornalística, 2021

Região	Nome da instituição	Gestores/jornalistas	Data
Norte	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Rosyane Rodrigues, coordenadora de divulgação científica da Assessoria de Comunicação Institucional e editora do <i>Jornal Beira do Rio</i>	17 de novembro de 2021
Norte	Universidade Federal do Acre (UFAC)	Gilberto Mendes da Silveira Lobo, assessor de comunicação	30 de novembro de 2021
Nordeste	Universidade Federal do Alagoas (UFAL)	Simoneide Araújo e Márcia Alencar, coordenadoras da Assessoria de Comunicação	29 de novembro de 2021
Centro-Oeste	Universidade Federal de Goiás (UFG)	Kharen Stecca, editora do <i>Jornal UFG</i>	10 de novembro de 2021
Sul	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Sergio Henrique Gerelus, coordenador de comunicação social	8 de novembro de 2021
Sul	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Mayra Cajueiro Warren, diretora da Agência de Comunicação	18 de novembro de 2021

Fonte: produção da autora (2021).

As entrevistas, apesar do tom leve, para deixar a fonte mais à vontade para falar, sem fazer muitas interrupções, seguiram um roteiro semiestruturado.

Quadro 15 – Pauta: outras universidades, 2021

Produção Jornalística	
Dia a dia da produção	1. Esse interesse/compromisso por parte da Universidade de produzir o seu próprio jornalismo sempre existiu ou isso ocorreu nos últimos anos em função do corte de verbas, da falta de espaço para o tema na grande mídia etc? 2. A produção desse conteúdo contribui com a Divulgação Científica? 3. Há uma divisão do que é produzido para o público interno e externo? Por quê? 4. De maneira geral, quais são os produtos jornalísticos desenvolvidos? Como pensam a linha editorial, os critérios para a seleção de pautas, fontes? 5. Esses produtos nasceram no ambiente virtual? Se não, qual a necessidade de estar nesse ambiente? Quais foram os prós e contras dessa reformulação? 6. Como se dá a interação/ <i>feedback</i> com o público? 7. Para finalizar, vocês conhecem/acompanham o <i>Jornal da USP</i> ? O que vocês acham do jornalismo produzido pelo <i>Jornal da USP</i> ?

Fonte: produção da autora (2021).

Uma parte dessas informações e alguns dos dados obtidos com a equipe do *Jornal da USP* possibilitaram a realização de um artigo intitulado *O jornalismo científico produzido nas (pelas) universidades públicas: algumas reflexões* que fora apresentado no 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) em novembro de 2022.

Ainda em 2021 também consideramos importante conversar com acadêmicos e/ou representantes de associações especializadas em comunicação/jornalismo científico sobre o conceito e a produção de jornalismo científico no Brasil e, especificamente, nas universidades. O processo foi o mesmo: buscar os contatos dessas fontes e enviar uma mensagem por e-mail explicando o projeto e o porquê das entrevistas.

Remotamente e seguindo o modelo semiestruturado, as entrevistas foram realizadas com as mesmas perguntas para as seguintes fontes: o jornalista e professor sênior da Universidade de São Paulo, Wilson da Costa Bueno (9 de novembro de 2021), o jornalista, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e responsável pelo programa *Diversidade em Ciência* veiculado pela *Rádio USP*, Ricardo Alexino (11 de novembro de 2021) e o jornalista, doutor em Oncologia pelo *A.C. Camargo Câncer Center* e ex-presidente da *Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência* (RedeComCiência), José de Moura Leite Netto (12 de novembro de 2021).

Quadro 16 – Pauta: jornalismo científico na visão de acadêmicos

Jornalismo científico – revisitando conceitos	
Jornalismo científico nos dias de hoje	<ol style="list-style-type: none">1. Qual a melhor definição para Jornalismo Científico?2. Quais devem ser os parâmetros do Jornalismo Científico? (linguagem, pauta, interação/feedback com o público)3. Qual a importância do Jornalismo Científico para a sociedade?4. Quem (pessoa) ou qual (organização, instituição) se destaca nos dias de hoje no exercício do Jornalismo Científico no Brasil?5. Na produção/coertura desse jornalismo?6. Quais são os prós e contras do Jornalismo Científico produzido em ambiente virtual?7. Qual a importância de a Universidade produzir jornalismo científico?8. O interesse/compromisso por parte da Universidade de produzir o seu próprio jornalismo se deve a quê?9. Para finalizar, você conhece/acompanha o <i>Jornal da USP</i>? O que você acha do jornalismo produzido pelo <i>Jornal da USP</i>?

Fonte: produção da autora (2021).

Após as colocações dos membros da banca de qualificação, identificamos acertos e erros em relação ao que vinha sendo feito até então e, automaticamente, realinhamos as pautas e a lista de entrevistados. Assim, em 2022, fizemos o levantamento (de maneira mais sistematizada) das universidades públicas (federais e estaduais) do Brasil que produzem jornalismo científico e, em seguida, selecionamos as instituições (amostra) para a realização das entrevistas.

Assim como as entrevistas anteriores, essas também foram remotas e, apesar de seguirmos um roteiro semiestruturado, ou seja, as perguntas base foram as mesmas para todos e os entrevistados tiveram liberdade para abordar outros pontos que achassem pertinentes ao tema e/ou à sua instituição.

Quadro 17 – Pauta final: entrevista com as universidades, 2022-2023

<p>Jornalismo científico nas universidades</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação pessoal. 2. Qual a função na hierarquia/organograma da universidade. 3. Qual(is) é(são) os veículos de Jornalismo Científico e/ou Divulgação Científica? 4. Quantas pessoas na equipe? 5. Qual a rotina para a produção do produto (reuniões, critérios, dinâmica...)? 6. Qual o passo a passo de produção dessa pauta? 7. Vocês saem da redação para produzir a pauta? 8. Quem são as fontes consultadas? 9. Quais orientações/cuidados na hora da produção do texto? 10. Quais são os recursos utilizados para difundir/publicar essa pauta? (texto, vídeo, áudio...)? 11. Como é a atualização do conteúdo (diária, semanal, mensal...)? 12. Qual a contribuição do seu trabalho no combate à desinformação científica? 13. Com essa onda de desinformação e descrédito da ciência, foi criada alguma ação e/ou foi criado algum instrumento por parte do veículo ou por parte da instituição para combater a desinformação científica? 14. Qual a importância de a Universidade produzir seu próprio jornalismo científico? 15. Quais são os prós e contras de se produzir jornalismo científico dentro da Universidade? 16. Qual a relação/dinâmica do produto com as redes sociais? 17. Há uma mensuração sobre o público? Para quem vocês falam? 18. Os conteúdos jornalísticos produzidos por vocês pautam a mídia local ou nacional? Como? 19. Você acompanha ou tem como boa referência alguma outra universidade? 20. Você conhece ou acompanha o <i>Jornal da USP</i> e qual a sua visão sobre o veículo.
--	--

Fonte: produção da autora (2022).

Há todo um percurso metodológico que explica o porquê dessas universidades estarem na lista final, ou seja, serem as instituições escolhidas para serem ouvidas de acordo com o problema e os objetivos da pesquisa⁶³.

O ano de 2022 foi agitado, para não dizer tumultuado, por causa da realização da eleição presidencial e da Copa do Mundo. Inclusive, durante o levantamento e análise dos sites das universidades, entre agosto e outubro, em muitas páginas havia um *banner* informativo sobre a lei eleitoral nº 9.504/97 que estabelece “que só os serviços essenciais à comunidade acadêmica seriam publicados”, o que acabou interferindo na produção/publicação de conteúdos jornalísticos nessas instituições. Desse modo, a lista só foi finalizada em novembro de 2022, e os primeiros contatos com os responsáveis foram feitos em dezembro do mesmo ano.

⁶³ Ver a descrição no tópico 3.3 – Em busca da pauta de ciências ou produtos de jornalismo científico nas universidades públicas.

Quadro 18– Lista final de Universidades para a entrevista sobre a produção jornalística

Região/ Estado	Nome da instituição	Fonte (s)	Data
Norte/Pará	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Rosyane Rodrigues, coordenadora de divulgação científica da Assessoria de Comunicação Institucional e editora do <i>Jornal Beira do Rio</i>	21 de dezembro de 2022
Norte/Amazonas	Universidade do Estado do Amazonas (UEA)	Carla Yael de Vasconcelos Nogueira, assessora de Comunicação	-----
Nordeste/Sergipe	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	Josafá Bonifácio Neto, coordenação de Jornalismo	13 de janeiro de 2023
Nordeste/Bahia	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)	Rubens Jesus Sampaio, Assessor Geral ou Cíntia Garcia, coordenadora de Comunicação	-----
Centro-Oeste/Brasília	Universidade de Brasília (UnB)	Vanessa Vieira, editora <i>Revista Darcy</i> Serena Veloso, editora <i>UnBNotícias</i> e <i>UnBCiência</i>	17 de janeiro de 2023 22 de dezembro de 2022
Centro-Oeste/Mato Grosso	Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)	Danielle Tavares Teixeira, jornalista	17 de janeiro de 2023
Sudeste/Minas Gerais	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	Diélen Borges, jornalista da Divisão de Divulgação Científica	20 de dezembro de 2022
Sudeste/Rio de Janeiro	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	Ana Cláudia Theme, diretora de Comunicação Social	30 de janeiro de 2023
Sudeste/São Paulo	Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)	Walter Teixeira Lima Júnior, Diretor do Departamento de Comunicação Institucional	20 de janeiro de 2023
Sudeste/São Paulo	Universidade de São Paulo (USP)	Luiza Caires, editora de Ciências do <i>Jornal da USP</i> Fabiana Mariz, repórter e subeditora de Ciências do <i>Jornal da USP</i> Pedro Ferreira da Cunha Neto, estagiário de Ciências do <i>Jornal da USP</i>	Todas no dia 7 de novembro de 2022, mas em horários diferentes
Sudeste/São Paulo	Universidade Estadual Paulista (Unesp)	Pablo Nogueira, editor do <i>Jornal da Unesp</i>	10 de janeiro de 2023
Sudeste/São Paulo	Universidade Estadual	Álvaro Kassab, coordenador da	1º de março de

	de Campinas (Unicamp)	Secretária de Comunicação e editor chefe do <i>Jornal da Unicamp</i>	2023
Sul/Santa Catarina	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Luís Carlos Ferrari, ex-coordenador de divulgação e jornalismo científico	12 de janeiro de 2023
Sul/Paraná	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	William Casagrande Fusaro, editor da agência de notícias UEL, <i>O Perobal</i>	10 de janeiro de 2023

Fonte: produção da autora (2023).

No que se refere às entrevistas com a equipe do *Jornal da USP*, elas ocorreram em diversos momentos, de acordo com a necessidade de acesso a materiais ou informações mais específicos. Uma vez estabelecido o contato com a Superintendência de Comunicação e a equipe do jornal sobre o desenvolvimento da pesquisa, em 2020, o acesso aos profissionais do jornal e à redação foi autorizado. No entanto, era necessário avisar previamente os profissionais sobre a necessidade das entrevistas ou as visitas técnicas.

Dessa vez o processo foi mais trabalhoso para conseguir marcar as entrevistas, e muitos foram os motivos alegados pelas fontes: agenda apertada, férias, troca de gestores, alteração no organograma institucional, entre outros, por isso as entrevistas foram realizadas de forma espaçada: dezembro (2022), janeiro e março (2023). No entanto, não foi possível realizar entrevistas em duas instituições: Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) por falta de retorno delas.

A tentativa de contato com a UEA ocorreu da seguinte forma: envio de três e-mails nos dias 8 de dezembro de 2022 e 5 e 20 de janeiro de 2023, além de ligações – em diversas datas e horários até meados de fevereiro – para os contatos telefônicos disponibilizados na seção de apoio institucional. Nenhum e-mail foi respondido e nenhuma ligação foi atendida.

Já com a UESB, o processo foi ainda mais longo e se deu pelo envio de e-mails endereçados diretamente para o assessor geral e a coordenadora de comunicação, nos dias 8 de dezembro de 2022 e 5 de janeiro de 2023. No dia 20 janeiro a mensagem foi endereçada ao e-mail geral da Ascom (Assessoria de Comunicação) que respondeu prontamente e passou os e-mails pessoais do assessor e da coordenadora. Como não houve retorno desses dois profissionais, enviamos um novo e-mail, no dia 28 de fevereiro, para a Ascom solicitando um telefone para falar direto com os responsáveis. No dia 1º de março, por telefone, conseguimos falar com uma assessora que anotou o recado e disse que a coordenadora retornaria, o que não aconteceu. Como não queríamos renunciar a nenhuma instituição, pedimos o contato pessoal dessa coordenadora para o jornalista da Universidade Federal de Sergipe que já havia sido

entrevistado e comentado que mantinha contato – em uma espécie de rede de comunicadores científicos – com outras universidades da região nordeste. No dia 8 de março escrevemos via WhatsApp para a coordenadora explicando todo o processo e a importância da realização da entrevista. Ela retornou e disse que estava voltando de férias e que verificaria o responsável para nos atender e que retornaria. Como ela não o fez, enviamos nova mensagem no dia 27 de março e em 11 de abril, além de também telefonar; ela visualizou as mensagens, mas não retornou nem atendeu as ligações.

Portanto, optamos por não insistir mais com essas duas instituições e não colocamos outras no lugar, já que a seleção das universidades seguiu alguns parâmetros de escolha conforme a explicação no próximo tópico.

3.3 Em busca da pauta de ciências ou produtos de jornalismo científico nas universidades públicas

A busca pela pauta de ciências se deu em dois momentos. Num primeiro momento, deu-se a observação sistematizada da produção do *Jornal da USP* nos anos de 2020 e 2021. Em um segundo momento, houve o levantamento de todas as instituições públicas (federais e estaduais) do Brasil em 2022. Em ambos os casos criamos marcadores (uma espécie de código) para orientar essa busca e, em seguida, foram criadas categorias para determinar o que seria considerado ou não para a pesquisa.

Um código seria uma palavra ou frase curta que resumisse, filtrasse, condensasse os dados de acordo com o interesse da pesquisa. “Em outras palavras, código é um rótulo ou uma etiqueta que usamos para classificar, qualificar, registrar partes do conteúdo de acordo com os objetivos da pesquisa”. (Sampaio; Lycarião, 2021, p.45)

As categorias são as divisões usadas para ajudar na compreensão do conteúdo, e geralmente são baseadas na pergunta de pesquisa. “Categorias são elementos que nos dão meios para descrever o fenômeno sobre investigação, aumentando o conhecimento e gerando conhecimento”. (Sampaio; Lycarião, 2021, p.46)

Desde março de 2020, quando o Brasil passou a enfrentar a pandemia de covid-19 e as autoridades precisaram tomar decisões que envolviam o distanciamento social, o fechamento de instituições, entre outros, diversas pesquisas e/ou reportagens trouxeram dados de que a população passara a buscar mais informações de fontes de confiança, entre elas o jornalismo e as universidades.

A pandemia do coronavírus fez a população buscar por fontes garantidas de informação. Segundo uma pesquisa do Datafolha, os programas jornalísticos da TV, jornais impressos, programas jornalísticos de rádio e sites de notícias são vistos pela população como os mais confiáveis na divulgação de notícias sobre a crise. (Pezzotti, 2020)

Nesse sentido, com o intuito de conhecer a prática do *Jornal da USP*, fizemos alguns levantamentos que nos auxiliaram a compreender se, e como, o jornal fazia a cobertura da pauta de ciências.

A pauta é um dos exercícios mais importantes do trabalho jornalístico e, para ser sugerida, é preciso: identificar o que é notícia, hierarquizar a informação, prever etapas da apuração, imaginar como será o material pronto. (Pinto, 2012)

Assim, em 2020, procuramos identificar como a pauta de ciências era trabalhada no *Canal Ciência USP* inserido no *Canal USP*, no YouTube, e o que encontramos de destaque nesse período foram as *lives* e *webinars* produzidos sobre a pandemia de covid-19, conduzidos pela jornalista e editora de Ciências do *Jornal da USP*, Luiza Caires.

Os dados obtidos com esse levantamento foram compilados em um artigo intitulado *A experiência do Canal Ciência USP durante a pandemia* e apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente no 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) realizado entre os dias 1º e 10 de dezembro de 2020.

Outro trabalho que merece ser mencionado e conecta a construção da pauta, a divulgação científica e a proximidade com a equipe do *Jornal da USP* foi o projeto *Cientistas no Brasil* junto ao Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE)⁶⁴, na disciplina *Conceitos e Gêneros do Jornalismo* do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da Universidade de São Paulo, com os alunos do primeiro ano de jornalismo⁶⁵ sob a orientação do professor Luciano Victor Barros Maluly, orientador desta tese.

O *Cientistas no Brasil*⁶⁶ foi um dos quatro trabalhos desenvolvidos pelos alunos durante o semestre. Antes de começar o desenvolvimento da série em vídeo, os estudantes tiveram aulas teóricas, além de duas outras especiais com convidados que compartilharam suas experiências em cada um dos dois pontos que envolviam o trabalho.

⁶⁴ Trata-se de um programa em que os alunos de mestrado e doutorado da Universidade de São Paulo fazem estágio em ensino superior, em disciplinas de graduação. Nele, os estudantes podem vivenciar os processos de preparação, ensino e avaliação de disciplinas, sob a supervisão de um professor.

⁶⁵ Estágio realizado entre os meses de agosto e dezembro de 2020.

⁶⁶ O relato sobre a execução desse trabalho foi apresentado no XX Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) em agosto de 2021 com o trabalho intitulado *Série de Entrevistas: Cientistas no Brasil*.

A primeira aula especial tratou da técnica de entrevista, com a Prof. Dra. Valquíria Aparecida Passos Kneipp, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que baseou sua explanação na metodologia de pesquisa utilizada na tese de doutorado *Trajatória da formação do telejornalista brasileiro – As implicações do modelo americano* (2008). A segunda, sobre divulgação científica, teve como convidada a jornalista Luiza Caires⁶⁷, editora de Ciências do *Jornal da USP*.

Em seguida, cada equipe (formada de acordo com a sugestão de ter pelo menos cinco componentes) foi orientada a produzir uma entrevista para o formato de vídeo (os alunos utilizaram o Google Meet ou Zoom) com duração de 30 minutos. Foram formadas nove equipes, sendo uma dupla, dois trios e seis quintetos.

Os alunos também precisaram seguir as funções de pauteiro (que neste caso foi o responsável por encontrar o entrevistado); pesquisador (para fazer o levantamento de tudo o que está disponível sobre o entrevistado, além de levantar imagens para utilizar durante a entrevista); roteirista (que através das informações recebidas do pauteiro e do pesquisador fez o planejamento para discutir/debater o tema em questão); entrevistador (o que apresenta o programa e interage mais diretamente com o convidado); editor/produtor (responsável por guiar a parte técnica – som, enquadramento, iluminação, além de fazer os “cortes” e o processo de finalização).

O primeiro objetivo de uma pauta é planejar a edição. [...] O planejamento tem todas as vantagens, do ponto de vista da administração. Garante interpretação dos eventos menos imediata, emocional ou intempestiva. Diminui a pulverização de esforços em atividades improdutivas. Permite a gestão adequada dos meios e custos a serem utilizados ou investidos numa reportagem. [...] (Lage, 2019, p.35-36)

Para a produção da série foram realizados três encontros: o primeiro, para a definição do entrevistado e orientação quanto ao desenvolvimento da pauta; o segundo, para entrega e correção do roteiro; e o último, para transmissão do programa para os comentários finais antes de ser colocado no ar, no Canal do YouTube⁶⁸ do CJE.

A turma era composta originalmente pelos alunos do curso de Jornalismo, mas também havia alunos especiais dos cursos de Letras e de Química. Quanto à origem, tínhamos alunos de diversas partes do país, o que resultou em maior diversidade na hora da escolha das fontes.

⁶⁷ Ao longo das aulas, os alunos comentaram que acompanhavam o conteúdo do *Jornal da USP* e as atividades como divulgadora científica nas redes sociais da jornalista Luiza Caires. Assim, como já havia realizado uma entrevista com ela no mês de julho, fiz o convite para que participasse da aula e falasse com os alunos.

⁶⁸ Todos os vídeos podem ser acessados no link: <https://www.youtube.com/@cjeusp/videos>.

Além disso, os estudantes optaram por dar mais destaque às mulheres cientistas (sete, do total de nove programas).

Os convidados e suas respectivas áreas foram Renan Abdouni Bom Meihy (antropologia); Luiz Eduardo Anelli (geociências/pré-história/dinossauros); Liedi Legi Bernucci (infraestrutura de transportes, que inclui vias urbanas, rodovias, aeroportos e ferrovias); Silvana Perez (ensino/física); Alicia Kowaltowski (bioquímica/metabolismo energético); Kiany Sirley (ensino/química e assessoria técnica na Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão); Lorraine Luiz (obras ambientais); Márcia Caruso Bicego (oceanografia) e Duília de Mello (física e astronomia).

Observou-se que os alunos conseguiram colocar em prática vários aspectos de um bom trabalho jornalístico: pesquisa, observação, entrevista e edição. Ao receberem a orientação principal - que foi a de procurar um ou uma cientista e ouvir dele(a) como é fazer ciência no Brasil, mostraram interesse pelo assunto -, buscaram pesquisadores que tinham algo a dizer e, conseqüentemente, dispuseram-se a ouvir. “O jornalista tem de ouvir, só assim o entrevistado sentirá que o que ele diz é útil. A pesquisa prévia serve para o repórter se munir de informações e fugir do óbvio.” (Floresta; Braslauskas, 2009, p.77)

Em 2021, a busca pela pauta de ciências também ocorreu na própria *home* do *Jornal da USP* e da *Rádio USP*. Para isso, utilizamos como códigos de busca/classificação: data da publicação, em que parte da página está o conteúdo, editoria, título, linha fina, assinatura, pauta (tema), fontes, gêneros e formatos jornalísticos, além de elementos complementares (recursos multimídia), nas datas de 30 e 31 de março; 13 e 14 de abril; 18, 19, 25 e 26 de junho de 2021⁶⁹. Após descartar os textos que se repetiam⁷⁰, identificamos como destaques:

⁶⁹ Os dados foram compilados em um artigo intitulado *O Jornal da USP e a cobertura de Ciências* e apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) realizado entre os dias 4 e 9 de outubro de 2021.

⁷⁰ Observamos que os textos podem variar de local na página, ou seja, em uma data ele está como destaque principal e em outra como secundário. Nesse sentido, após fazer o registro geral, desconsideramos essa repetição ao fazer a contagem final.

Quadro 19 – Levantamento geral da home Jornal da USP, 2021

<i>Jornal da USP</i>	
Editorias	Universidade (16) Ciências (15) Cultura (8)
Gêneros	Informativo (35) Opinativo (4)
Formatos	Reportagem (21) Notícia (8) Entrevista (6) Artigo (3) Resenha (1)
Temas	Calouros, pandemia (vacina, número de infectados, ações políticas), doação de sangue, produção de melatonina na gravidez, Influenza/vacina, taxaço de livros, cigarro/estrutura óssea, uso de memes na educação, bioeconomia na Amazônia, alteração no Lattes, queda do presidente da Capes, modernismo brasileiro, Síndrome de Haff (urina preta, programa USP Vida, aumento da islamofobia)
Estrutura	Como padrão todos os textos têm título, linha fina e uma foto de abre antes do texto principal. Outros trazem o áudio (originário do <i>Jornal da USP no Ar</i> veiculado na Rádio USP), infográficos, galeria de imagens e vídeos
Fontes	Em sua maioria, docentes e pesquisadores de uma das Escolas da USP SP e USP Ribeirão Preto
Assinatura	A maioria é assinada por um repórter do Jornal ou eventualmente da <i>Rádio USP</i> , mas há também a clássica assinatura “Redação”

Fonte: produção da autora (2021).

É importante registrar que a captação e leitura desse material ocorreu pelo computador. Assim, a cada *enquadramento* da tela e clique na tecla *Page Down* visualizamos a página em seis partes, sendo as duas primeiras (5 chamadas na primeira e 12 na segunda) como as mais importantes porque trazem os destaques (uma ou duas palavras utilizadas como destaque, foto e o título/manchete). Por que dessa explicação? Porque a visualização do conteúdo pela tela do aparelho celular é diferente.

Em seguida, repetimos o processo com a editoria de Ciências pois identificamos que essas pautas têm mais destaque na *home*. A organização da página de Ciências traz: (1) Destaques (três textos), sendo o principal com a foto maior, o título e a linha fina; os demais, somente a foto e o título; (2) Últimas Notícias (lista de 20 textos, sendo que três são os mesmos do destaque) divididos em duas colunas (foto, título, data, linha fina); (3) Podcasts *Ciência USP* e *Novos Cientistas*, ambos com a logomarca do programa, dois destaques (título e data); (4) Chamada para *Ciência USP* nas redes (Instagram, Twitter, Facebook); (5) Vídeos – sempre seis, com a imagem, uma chamada e a data de publicação; (6) Colunistas e (7) Especiais com quinze destaques de reportagens mais antigas.

Nesse caso, o levantamento identificou que as temáticas estão organizadas:

Quadro 20 - Levantamento geral da página de Ciências, 2021

<i>Jornal da USP – editoria de Ciências</i>	
Editorias	Saúde (11) Meio ambiente (7) Sociais/Humanas (2)
Gêneros	Informativo (20)
Formatos	Reportagem (16) Notícia (4)
Temas	Pandemia/cobrança de ações do governo para o combate, vacinação; psicologia animal/cães; alimentação/ultraprocessados; turismo social; alimentação da infância até a fase adulta; saúde/gestação dos leitões fêmeas; estudo do feminino nas bíblias hebraica, cristã e na cabala; idade gestacional/ impacto desenvolvimento do bebê; transplante células troncos/esclerose sistêmica; livro ICB; estudos de doenças tropicais na Amazônia; aplicativo para tratamento auxiliar na depressão leve de pessoas com hipertensão e diabetes); fungos/problemas na cultura da cana-de-açúcar; racismo institucional na assistência em saúde sexual e reprodução (RP), entre outros
Estrutura	Como padrão, todos os textos têm título, linha fina e uma foto de abre antes do texto principal. Outros trazem o áudio (originário do <i>Jornal da USP no Ar</i> veiculado na Rádio USP), infográficos, galeria de imagens e vídeos
Fontes	Em sua maioria, docentes e pesquisadores de uma das Escolas da USP SP e USP Ribeirão Preto, mas também muitos documentos como artigos, revistas científicas, relatórios
Assinatura	A maioria é assinada por um repórter (do Jornal ou eventualmente da Rádio USP), mas há também a clássica assinatura “Redação”

Fonte: produção da autora (2021).

Já as páginas das subeditorias Ciências Agrárias, Ciências Ambientais, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra e Ciências Humanas trazem dez destaques na primeira página⁷¹, seguindo a estrutura já mencionada na apresentação dos textos, da assinatura e das fontes. Observa-se que, ao contrário da página geral de Ciências, as demais não – necessariamente – estão com textos atualizados. Além disso, por ser a página específica daquela temática ela pode trazer um texto que já foi publicado na página de Ciências. Assim, no momento da categorização, nem todas as editorias terão 10 textos selecionados, já que as repetições foram descartadas para a tabulação.

⁷¹ O *layout* das subeditorias é um pouco diferente. As páginas são organizadas em duas grandes colunas. Do lado esquerdo estão as chamadas principais (foto, título, assinatura e data de publicação, um resumo) e do lado direito a chamada das redes sociais, *podcasts*, artigos e mais lidas.

Quadro 21 – Classificação geral das subeditorias de Ciências, 2021

Subeditorias	Gênero/Formatos	Temas para as Pautas
Ciências Agrárias (2)	Informativo (Reportagem)	Desmatamento na Amazônia e o aumento da quantidade de genes (nos dois textos)
Ciências Ambientais (9)	Informativo (Reportagem)	Micro-organismos marinhos; energia do solo/climatização de prédios; municípios paulistas e a falta de preparo para as mudanças climáticas; desmatamento da Amazônia; novo modelo de seguro/desastres ambientais; biobaterias; resíduos farmacológicos na água; novo protocolo para a conversão de CO ₂ ; uso de computadores e TVs antigos para a fabricação de novo revestimento.
Ciências Biológicas (7)	Informativo (Reportagem e Notícia)	Uso de pedras como instrumentos por macacos-prego; uso de vírus na redução de contaminação de tubos de ventilação mecânica; a relação de sobrevivência de aves que dispersam mais sementes na natureza; identificação de mecanismo imunológico envolvido na resposta inflamatória de pacientes com a forma grave da covid-19; biomateriais no trato de faturas em animais de grande porte; nova forma de diagnosticar aneurismas cerebrais; resposta do corpo das mulheres em atividades físicas durante o período pré-menstrual.
Ciências da Saúde (1)	Informativo (Reportagem)	Pesquisa/chamada de voluntários para um novo método de tratamento de depressão (terapia que combina estimulação transcraniana por corrente contínua (ETCC) e atividades cognitivas) aplicado na casa dos participantes, por meio de um aparelho conectado ao telefone celular.
Ciências Exatas e da Terra (8)	Informativo (Reportagem e Notícia)	Nova metodologia para qualificar e tornar mais eficientes os processos de governança urbana; nova técnica para medir com alta precisão o calor existente em um sistema quântico com temperaturas próximas ao zero absoluto, altas pressões e intensos campos magnéticos; modelo matemático que projeta datas finais da vacinação contra a covid-19 em todo o Brasil; descoberta de uma estrela pertencente ao grupo seletíssimo de estrelas ultrapobres em metais; estudo da filtração de máscaras na prevenção à covid-19; desenvolvimento de uma fonte de luz que cumpre a função do oscilador e pode ser usado em análises químicas e futuramente como parte integrante de sistemas computacionais de altíssimo desempenho; nova forma de manipular com precisão átomos e moléculas; estudo em lago do Quênia ajuda a datar segundo fóssil mais antigo do “Homo erectus”.
Ciências Humanas (7)	Informativo (Reportagem e Notícia)	Artigo que analisa o uso da mentira e de recursos poéticos e humorísticos no discurso político brasileiro; estudo mostra como o movimento negro, em quatro décadas, tematizou a violência policial; estudo sobre economia urbana e modificação no perfil do emprego em Piracicaba e outras cidades

		paulistas; encerramento da revista <i>Sala Preta</i> , publicação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas; estudo reavalia a idade do sítio arqueológico Alice Boer, localizado no município de Rio Claro, interior de São Paulo que o tornaria mais antigo que o que o Clóvis na América do Norte; invisibilidade de estudantes alto-habilidosos.
--	--	--

Fonte: produção da autora (2021).

O próximo passo foi fazer o levantamento dos colunistas da Rádio utilizando os critérios de busca: nome do responsável, título do programa, temática, dia da semana e horário de veiculação.

As colunas abordam as diversas áreas da ciência, são quinzenais e estão inseridas no *Jornal da USP no Ar 1ª edição* que vai ao ar de segunda a sexta feira, das 7h30 às 9h30 na Rádio USP São Paulo e Ribeirão Preto e é apresentado pela jornalista Roxane Ré.

Identificamos que tanto na página do *Jornal da USP* quanto na da *Rádio USP* há uma lista com os nomes desses colunistas. No entanto, essa apresentação diverge um pouco em cada veículo. No jornal, há uma lista em ordem alfabética com 31 nomes no final da página. Já na rádio há a separação entre os colunistas que realmente estão no ar (24 nomes) e os que estão fora do ar (13 nomes), mas cujos áudios ainda podem ser ouvidos.

Os colunistas são apresentados com uma palavra-chave (saúde, ciência, tecnologia e inovação, esporte, cultura, direito e cidadania, internacional, política e democracia, economia, jornalismo, meio ambiente, cidades e urbanismo) que identifica a temática, a foto e o nome do colunista, título da coluna, dia da semana e horário em que vai ao ar.

No que se refere ao caminho percorrido para a identificação das universidades públicas (federais e estaduais) que cobrem a pauta de ciências e/ou produzem algum produto de jornalismo científico, esta começa com os dados do Censo da Educação Superior 2020⁷², divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e pelo Ministério da Educação (MEC), que apresentou em seu relatório um total de 2.608 instituições acadêmicas, sendo que 2.306 são privadas e 302, públicas. As instituições são classificadas administrativamente como faculdades (2.076), centros universitários (294), universidades (198) e Institutos Federais de Educação e Centros Federais de Educação Tecnológica (40).

⁷² As informações foram publicadas primeiramente em fevereiro de 2020 e traziam um número menor de instituições: 2.457. No entanto, os dados foram atualizados em outubro de 2022 com 151 instituições a mais. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/10/censo-da-educacao-superior-mostra-aumento-de-matriculas-no-ensino-a-distancia>>. Acesso em: 31 de out. de 2022.

Com base nessas informações, optou-se por pesquisar e tabular os dados somente das instituições públicas que utilizam a nomenclatura universidade e que sejam estaduais ou federais, portanto, descartamos as universidades públicas municipais⁷³.

O levantamento das universidades federais seguiu a lista de instituições disponíveis na página da *Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior* (Andifes). Já o inventário das universidades estaduais ocorreu nos sites do Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior (e-MEC) e Educabras.

O passo a passo consistiu em examinar os sites (Andifes, e-MEC e Educabras), verificar os nomes das instituições, anotar o endereço eletrônico de cada uma delas, acessar página por página e identificar como essas universidades autodeclaravam as informações, principalmente as que identificavam a produção de jornalismo científico.

Para essa primeira etapa foram definidos 25 códigos (marcadores) a serem observados em cada um dos sites das universidades⁷⁴: (1) Nome da instituição; (2) Sigla da instituição; (3) Data da fundação da instituição; (4) Região em que se localiza; (5) Estado; (6) Se tem site; (7) Link/endereço; (8) Características gerais do site; (9) Se separa notícias de caráter institucional das de caráter científico na *home*; (10) Indicação do Departamento/Setor de Comunicação; (11) Nomenclatura do setor de Comunicação; (12) Responsável pelo setor de Comunicação; (13) Contatos do Setor de Comunicação; (14) Descrição do Departamento/Setor de Comunicação; (15) Se produz jornal universitário; (16) Se há produção de jornalismo científico; (17) Quais características da produção de jornalismo científico; (18) Há um espaço próprio para a produção de jornalismo científico; (19) Link (s) desse (s) espaço (s) para o jornalismo científico; (20) Quais são os produtos de jornalismo científico; (21) Quais as características desses produtos; (22) Se há redes sociais; (23) Endereço das redes sociais; (24) Se há curso de jornalismo; (25) Observações gerais.

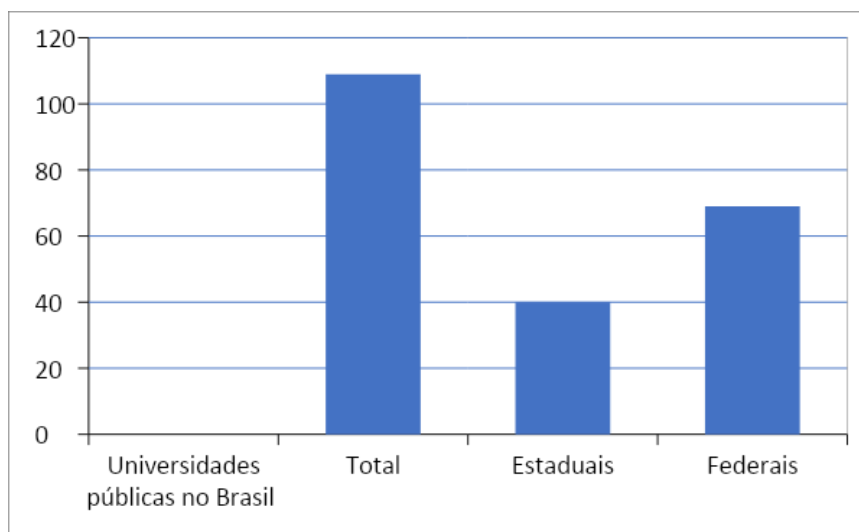
Com a lista das universidades em mãos e os marcadores definidos acessamos e tabulamos os dados de 109 universidades, sendo 69 universidades federais e 40 estaduais⁷⁵.

⁷³ As tabulações das universidades federais e estaduais, de acordo com as categorizações pré-estabelecidas, ocorreram entre os meses de agosto e novembro de 2022.

⁷⁴ O percurso metodológico desse levantamento com o panorama das universidades públicas (federais e estaduais) brasileiras e sua produção (ou não) de jornalismo científico foram apresentados no DTI 12 – Estudos de Jornalismo do XVIII Congresso IBERCOM, XII Encuentro Nacional ABOIC, Facultad de Ciencias Sociales y Humanidades, Licenciatura de Comunicación Social - Universidad NUR, Santa Cruz de la Sierra, de 26 a 28 de outubro de 2023.

⁷⁵ Todas as informações estão descritas em duas tabelas do Excel que foram disponibilizadas no repositório digital dessa pesquisa. Link e QRCode estão no Apêndice deste trabalho.

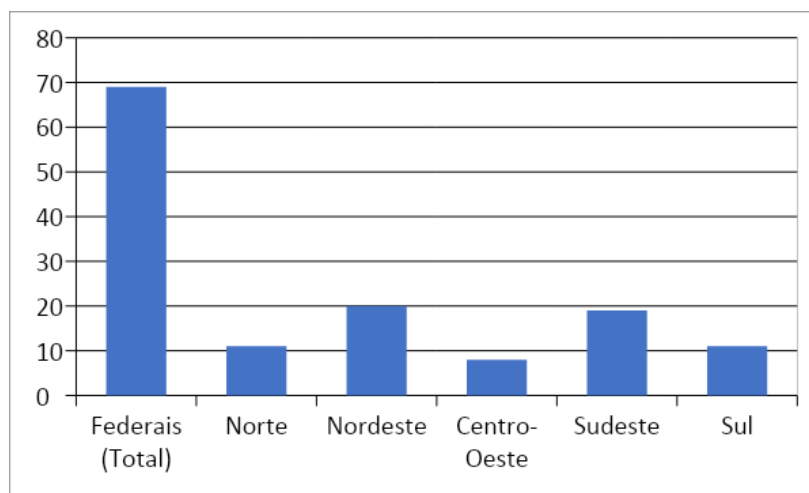
Gráfico 1 – Universidades públicas federais e estaduais no Brasil



Fonte: produção da autora (2022).

As 69 universidades federais estão assim distribuídas nas regiões: Norte (11), Nordeste (20), Centro-Oeste (8), Sudeste (19) e Sul (11).

Gráfico 2– Distribuição das universidades federais por região

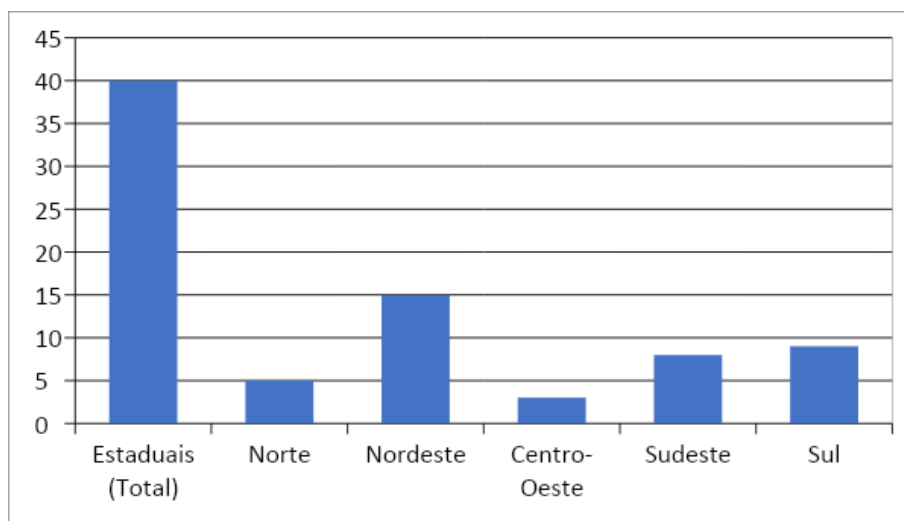


Fonte: produção da autora (2022).

As 40 universidades estaduais⁷⁶ estão assim distribuídas nas regiões: Norte (5), Nordeste (15), Centro-Oeste (3), Sudeste (8) e Sul (9).

⁷⁶ Destaca-se o fato de que nem todos os estados federativos têm uma universidade estadual.

Gráfico 3– Distribuição das universidades estaduais por região



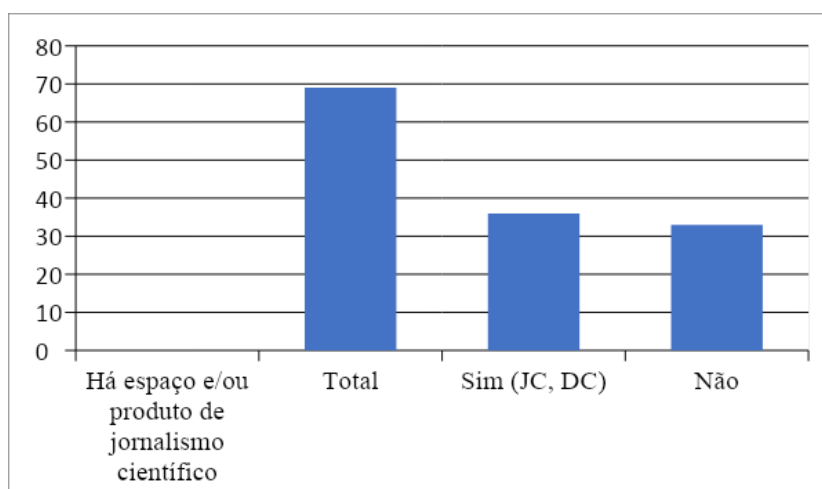
Fonte: produção da autora (2022).

Ao acessar o site de cada uma dessas instituições e fazermos a leitura das informações ali disponibilizadas, foi possível compreender se havia e como estava organizado o departamento de comunicação, quais os veículos eram produzidos e, por consequência, se existia a produção de jornalismo científico.

Nesse percurso, em um primeiro momento, procuramos observar quais produziam algum veículo de caráter jornalístico, mais especificamente, jornal, tanto no formato online quanto impresso ou híbrido. Consideramos veículos com nomenclatura de: jornal, boletim, newsletter, revista e até site, desde que não fosse a *home* principal da instituição. Das 69 universidades federais, 44 não possuem um jornal universitário, ou seja, têm apenas notícias gerais na *home* da instituição, e só 25 possuem algum veículo. Das 40 instituições estaduais, somente sete produzem algum produto.

Quando olhamos para a produção de jornalismo científico, os números diferem, pois, consideramos produtos específicos e/ou pautas de ciências mesmo que fossem publicadas na *home*. Nesse caso, identificamos 36 universidades federais que produzem esse tipo de conteúdo (com as nomenclaturas jornalismo científico ou divulgação científica) e 33 que não produzem jornalismo científico e, sim, jornalismo de caráter mais institucional ou, eventualmente, uma ou outra informação de divulgação de resultados de pesquisa desenvolvidos pela instituição.

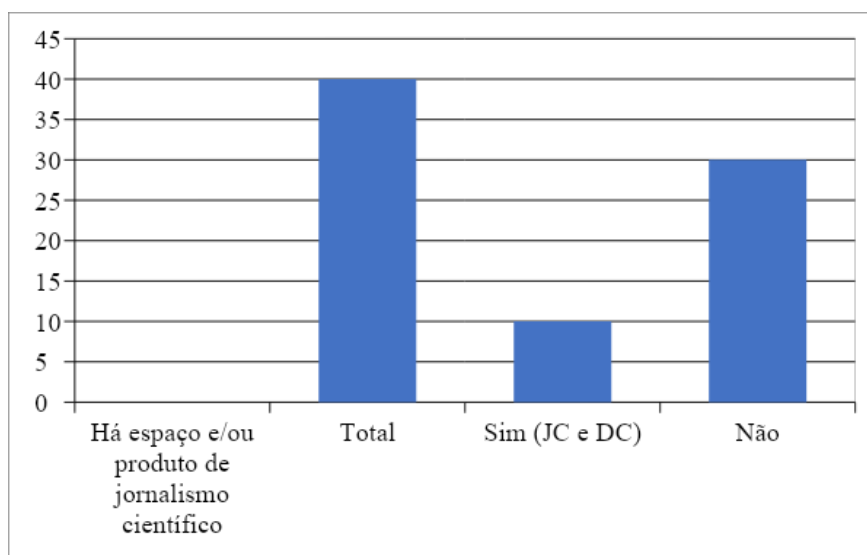
Gráfico 4 – Há espaço e/ou produto de jornalismo científico (universidades federais)



Fonte: produção da autora (2022).

Quanto às universidades estaduais, temos 10 que produzem esse tipo de conteúdo, sendo sete de jornalismo científico, três de divulgação científica e 30 que não produzem jornalismo científico e, sim, jornalismo de caráter mais institucional ou, eventualmente, uma ou outra informação de divulgação de resultados de pesquisa desenvolvidos pela instituição.

Gráfico 5 – Há espaço e/ou produto de jornalismo científico (universidades estaduais)



Fonte: produção da autora (2022).

Assim, dessa lista de 46 instituições (36 federais e 10 estaduais) com algum espaço no site principal para a pauta de ciências ou, ainda, uma página e/ou canais específicos (sites, *podcasts*, jornais, vídeos, revistas, boletins) de jornalismo científico é que selecionamos duas

universidades públicas por região (uma estadual e outra federal) e com variação de Estados⁷⁷ para a realização das entrevistas, já mencionadas no tópico 3.2 – Entrevistas Aplicadas.

No entanto, para chegar ao número final⁷⁸ foi necessário um novo filtro com quatro critérios principais a partir das informações disponibilizadas no site de cada uma das instituições: (1) tem algum canal específico de jornalismo científico ou divulgação científica; (2) em caso negativo, ao menos tem a editoria de ciências nos seus canais jornalísticos; (3) o veículo está ativo; (4) o conteúdo é atualizado com frequência.

A verdade é que, o principal fator, tanto no levantamento geral quanto na seleção final, era se a universidade comunicava claramente, em seu site, sua produção de jornalismo científico. Reconhecemos, portanto, que algumas instituições podem ter ficado fora da seleção final justamente por não fazerem uma comunicação clara de suas ações em seus sites.

3.4 A observação do *Jornal da USP* (workshop e visitas técnicas)

Na impossibilidade de nos deslocarmos pelo Brasil para a visita *in loco* em todas as instituições, optamos por realizar uma observação direta, mas sem participar e/ou interferir no dia a dia de trabalho na redação do *Jornal da USP* com visitas técnicas. Na observação, o objetivo é compreender uma situação valendo-se da proximidade com o que está acontecendo, é ver, procurar algum ponto que esteja relacionado aos objetivos da pesquisa.

A observação sem participação [...] se limita a olhar, sem interagir deliberadamente ou participar das atividades. [...] Nessa modalidade o pesquisador é apresentado ao grupo e vai para algum lugar do qual possa observar a situação sem que sua presença atrapalhe. [...] A observação da situação traz dados importantes para a pesquisa. [...] (Martino, 2018, p.138).

Antes de iniciarmos a descrição das visitas na redação do *Jornal da USP*, destaca-se que em 26 de janeiro de 2022, o novo reitor e a nova vice-reitora da USP, Carlos Gilberto Carlotti Junior e Maria Arminda do Nascimento Arruda, respectivamente, tomaram posse. Dois dias após, a Superintendência de Comunicação Social deixou de ser coordenada pelo jornalista Luiz

⁷⁷A exceção ocorre em relação à região Sudeste que terá mais instituições porque selecionamos quatro de São Paulo (Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista, Universidade Estadual de Campinas e Universidade Federal de São Paulo) e mais duas de outros estados. No Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e em Minas Gerais, Universidade Federal de Uberlândia.

⁷⁸Ao todo, incluindo a Universidade de São Paulo, a lista final de instituições foram 14. Mas, como já mencionado no tópico 3.2 Entrevistas aplicadas, duas instituições não retornaram os contatos, portanto, ao final temos apenas 12 universidades. A descrição sobre como ocorre a prática de jornalismo científico nessas instituições está no Capítulo *A práxis do jornalismo científico em onze universidades públicas brasileiras*.

Roberto Serrano e passou a ser feita novamente pelo jornalista e prof. Dr. Eugênio Bucci que já havia sido superintendente entre os anos 2015 e 2018.

Até agosto de 2022 toda a captação de dados sobre o *Jornal da USP* ocorreu no ambiente digital (reuniões virtuais ou *workshop*), visto que a equipe só voltou a trabalhar integralmente de maneira presencial em meados do primeiro trimestre de 2022.

Em agosto de 2020 participamos de uma reunião de pauta em que estiveram presentes Marcia Aparecida Silva Blasques, Luiz Roberto Serrano, Antonio Carlos Quinto, Roberto Carlos Gomes de Castro, Herton Escobar, Cinderela Moreira de Freitas Caldeira, Denis José Cordeiro de Campos Pacheco, Moises Dorado e Hérica Dias, que são editores e/ou repórteres do *Jornal da USP*. Cada um dos participantes apresentava novas propostas de assuntos/pautas das suas editorias e/ou relatava o andamento do que já havia sido aprovado, mas que ainda estava sendo desenvolvido. Cabia a Marcia Blasques e a Luiz Roberto aprovar, comentar e/ou sugerir alterações ao que estava sendo apresentado⁷⁹.

Em julho de 2021 foi proposta à Superintendência de Comunicação e à equipe do *Jornal da USP* a realização de um *workshop*⁸⁰ para apresentar ao público o funcionamento do veículo, sob a coordenação do CJE, nas figuras de Dennis de Oliveira e Luciano Victor Barros Maluly. A ideia surge não apenas como uma etapa dessa pesquisa, mas pela demanda de um público diverso que busca saber mais sobre como o jornalismo da USP se organiza. Aliás, esse evento foi fundamental para compreender a dinâmica do *Jornal da USP* e suas editorias, além de conhecer – mesmo que virtualmente – os editores do veículo.

⁷⁹ Nesse período, em pleno auge da pandemia de covid-19, toda a redação estava trabalhando remotamente, o que impactou na rotina profissional da equipe, mas não na produtividade, afinal, o jornal continuou publicando diariamente ainda mais porque o veículo se tornou referência na busca sobre informações sobre a doença.

⁸⁰ Tivemos 112 inscritos (estudantes de graduação e pós-graduação, recém formados, servidores técnicos ligados a universidades públicas), oriundos de todo o país. No dia do evento, 21 de out. de 2021, com duração de cerca de três horas (das 14h às 17h15), 65 pessoas acompanharam o *workshop* em tempo real. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7XIAW2s&t=312s>>. Acesso em: 09 de maio de 2023.

Figura 4: Card de divulgação do workshop



Fonte: Parra, (2021).

Estiveram presentes nove profissionais do corpo editorial, sendo que Luiz Roberto Serrano e Marcia Aparecida Silva Blasques apresentaram aos inscitos a Superintendência de Comunicação Social e seus veículos, em especial, o *Jornal da USP*. Adriana Cruz reconheceu que o material produzido pelo jornal amplia a visibilidade da USP, principalmente no que se refere ao interesse da grande imprensa que procura a universidade, muitas vezes, após a publicação do material jornalístico pelo veículo⁸¹. Os demais participantes, por sua vez, descreveram suas editorias e o processo de captação de pautas e produção de conteúdo.

É importante mencionar que, a partir de janeiro de 2022, Luiz Roberto Serrano deixa de ser o superintendente e passa a exercer a função de coordenador editorial da Superintendência de Comunicação Social, cargo até então inexistente. O jornalista também produz algumas reportagens para o jornal e é um de seus articulistas.

A seguir, a lista completa com nome e minibiografia dos participantes e um resumo dos pontos abordados por eles(as) na mesma sequência das apresentações feitas no evento.

⁸¹Mesma situação mencionada nas entrevistas realizadas com os jornalistas de diferentes universidades públicas brasileiras. Ver Capítulo *A práxis do jornalismo científico em onze universidades públicas brasileiras*.

Quadro 22– Equipe do *Jornal da USP* que participou do *workshop*

Nome, função	Minibio	Principais pontos abordados
Luiz Roberto Serrano, superintendente de Comunicação Social	Jornalista formado pela ECA em 1974, depois de ser aluno por três anos da Escola Politécnica da USP. Assumiu a SCS da USP depois de uma carreira de 44 anos na grande imprensa, como repórter e editor de política e economia, e na comunicação empresarial e política, inclusive como assessor de imprensa do deputado Ulysses Guimarães, na Campanha das Diretas, assessor de imprensa do então senador Fernando Henrique Cardoso e Superintendente da Empresa Brasileira de Notícias do governo federal, em Brasília	<p>Incumbência de aumentar a visibilidade da USP na sociedade</p> <p>Reforçar que a USP, como universidade pública, é essencial para o desenvolvimento da sociedade, do ponto de vista científico, técnico, social e humanístico</p> <p>Para isso, utilização de textos, imagens, vídeos, mídias sociais e <i>podcasts</i></p>
Marcia Aparecida Silva Blasques, diretora de redação do jornal e coordenadora da rádio	Jornalista, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Tem 27 anos de experiência profissional, dos quais 18 na USP. Foi diretora da Divisão de Mídias Online da Superintendência de Comunicação Social e, desde 2016, coordena a produção de conteúdo do <i>Jornal da USP</i> , Rádio USP, Canal USP e Revista USP	<p>Integração entre veículos e redações e unificação do público-alvo</p> <p>1) Mostrar a universidade para fora, mostrar o que a universidade produz; 2) Prestar contas para a sociedade ao demonstrar que as pessoas podem acessar os vários serviços da USP</p> <p>Diferencial: atualização diária da <i>home</i></p>
Marcello Chami Rollemberg, editor de Cultura	Jornalista, escritor e professor universitário. Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, foi por 21 anos diretor de redação do <i>Jornal da USP</i> em sua versão impressa. Entre 2014 e 2015 foi superintendente de Comunicação Social e, desde 2016, apresenta o programa de entrevistas <i>Diálogos na USP</i> , atualmente no Canal USP. É editor de Cultura do <i>Jornal da USP</i> e coordenador da programação musical e cultural da Rádio USP	<p>Partimos do pressuposto que tudo é cultura, mas de qualquer forma nossa editoria se baseia em dois pilares: (1) o que é produzido na universidade; (2) a produção cultural externa, os eventos culturais que se materializam fora da universidade, mas que podem/devem ser vistos pelos olhos dos pesquisadores da USP</p> <p>A nossa programação musical calcada em música brasileira, não só a chamada MPB</p> <p>A qualidade musical é pensada com base na linha editorial do jornal, ou seja, não é pensada como entretenimento. A programação musical não é tocada só porque é legal, é sucesso, ela é trazida para apresentar/representar uma cultura</p>
Thaís Helena dos Santos, editora de Universidade	Formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero e em História pela Faculdade de Filosofia,	A editoria trabalha com um conjunto bem amplo de temas que são relacionados ao cotidiano da

	<p>Letras e Ciências Humanas da USP. Tem especialização em Comunicação e Educação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Trabalha na área de comunicação da USP há 17 anos, atuando com informação e produção visual em materiais institucionais e jornalísticos em plataformas impressas e digitais</p>	<p>Universidade em diversas atividades: estudos e serviços</p> <p>A cobertura precisa envolver tanto o público interno quanto externo</p> <p>O principal desafio é abordar as pautas do cotidiano universitário com uma linguagem, um olhar e formato que chamem a atenção de um público amplo, além de pautar a mídia em geral, por isso, costuma usar infografia, <i>slide show</i>, entre outros</p>
<p>Cinderela Moreira de Freitas Caldeira, editora de Atualidades</p>	<p>Jornalista, 37 anos de Universidade de São Paulo, trabalhando na revista <i>Espaço Aberto</i>, no <i>Jornal da USP</i> (impresso) e agora como editora do jornalismo da Rádio USP e de Atualidades do <i>Jornal da USP</i></p>	<p>Quando mudamos o formato, em 2016, todos nós, editores, tivemos o desafio de adequar as nossas editorias. Todos falamos da Universidade, mas dentro do recorte da sua editoria</p> <p>A editoria de Atualidades trabalha com o <i>Jornal da USP</i> e a Rádio USP São Paulo e Ribeirão Preto. Na questão do jornalismo temos o <i>Jornal da USP no AR</i> 1ª edição e os boletins ao longo do dia ou as entradas extraordinárias</p> <p>A editoria repercute o que acontece no Brasil e no mundo, mas não como é feito nos grandes veículos. Aqui, abordamos de forma mais aprofundada, com uma outra ótica sob o olhar dos nossos pesquisadores</p>
<p>Luiza Helena Gonçalves Caires, editora de Ciências</p>	<p>Jornalista e mestre em Comunicação pela USP. É editora de Ciências do <i>Jornal da USP</i> e faz divulgação científica de maneira independente em seus perfis nas redes sociais. É também editora da newsletter sobre ciências Polígono, projeto do Núcleo Jornalismo com apoio do Instituto Serrapilheira</p>	<p>O foco da nossa editoria é a divulgação de resultados e discussões que são proporcionados por pesquisas feitas aqui na USP ou então em parceria com a USP</p> <p>Busca contemplar – na medida do possível – toda a diversidade das áreas do conhecimento e distribuir a cobertura pelas unidades e por todos os campi</p> <p>Também busca repercutir algo que está em voga na sociedade, mas sob o olhar científico e que inclua não só a produção da USP, mas que explique um pouco mais sobre a ciência com outras vozes</p>
<p>Herton Escobar, repórter especial</p>	<p>Jornalista, especializado em Ciência e Meio Ambiente. Formado nos EUA pela Western Michigan</p>	<p>Acabei por necessidade/obrigação da notícia focando meu trabalho na cobertura de política científica,</p>

	<p>University, fez carreira no jornal O Estado de S. Paulo, onde trabalhou por quase 20 anos como repórter, até se transferir para a USP em janeiro de 2019. No <i>Jornal da USP</i> atua como repórter especial, dedicando-se principalmente à cobertura de temas ligados a políticas de ciência, meio ambiente e ensino superior</p>	<p>ambiental e de ensino superior</p> <p>A política científica e de educação tem uma influência muito forte na vida profissional e pessoal da comunidade científica e acadêmica</p> <p>Essa cobertura, em específico, conversa com vários públicos, principalmente os de fora da universidade porque as estruturas de políticas públicas é que dão suporte para a produção científica</p>
<p>Adriana Cruz, assessora de imprensa da USP</p>	<p>Jornalista formada pela Universidade Metodista de São Paulo. Fez especialização em Marketing pela Metodista, e MBA em Gestão Pública pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade do campus da USP em Ribeirão Preto. Atualmente, faz especialização em Comunicação Pública na ECA. Com quase 30 anos de experiência, já atuou no jornalismo impresso, na coordenação editorial de livros e na área de comunicação institucional em empresas públicas e privadas. Em janeiro de 2022, completará 20 anos de trabalho na Assessoria de Imprensa da USP</p>	<p>A editoria Institucional nasceu de um site que estava ligado à reitoria e se chamava sala de imprensa, criado em 2010</p> <p>Essa integração ampliou a visibilidade da USP pela grande mídia, pois há o registro de uma grande procura dos jornalistas por fontes de matérias que foram citadas nas reportagens do jornal</p> <p>A nossa editoria Institucional veicula matérias de políticas universitárias, decisões do conselho universitário, novos projetos da gestão e a integração com o <i>Jornal da USP</i> proporcionou uma interface importante com as outras editorias</p>
<p>Moises Dorado, editor de arte, foto e vídeo</p>	<p>Começou na USP em 1989 para fazer a edição de arte da primeira edição do <i>Jornal da USP</i> em tamanho germânico. Participou das discussões a respeito da criação do Portal da USP, em 2001, trabalhando a partir daí com a versão digital do <i>Jornal da USP</i>. Em 2016, passou a trabalhar diretamente na versão online do jornal</p>	<p>O meu trabalho é juntar todo esse material escrito e, por meio do visual, tornar esses assuntos mais interessantes, bonitos</p> <p>Todas as matérias são conversadas, debatidas enquanto elas estão sendo produzidas, escritas para já irmos pensando como elas serão visualmente</p> <p>Cada texto é pensado para juntar a comunicação escrita e a comunicação visual com um conjunto de práticas e meios (imagens, vídeos, infografia). É tentar criar um hibridismo entre as linguagens entendendo que para aquele determinado assunto há uma característica visual específica</p>

Fonte: produção da autora (2023). Dados obtidos em outubro de 2021.

Quanto às visitas técnicas na redação do jornal, elas tiveram início em agosto de 2022.

Em julho, enviamos um e-mail ao novo superintendente, Eugênio Bucci, solicitando autorização para visitar a redação e conversar com a equipe. Fizemos uma reunião presencial em 26 de julho com a diretora de Redação do *Jornal da USP* e coordenadora da *Rádio USP*, Marcia Blasques, e com Luiz Roberto Serrano, que agora tem o cargo de coordenador editorial da Superintendência de Comunicação Social da USP, para conhecer a redação e a equipe presencialmente, além de reforçar a explicação sobre o projeto e a necessidade de acompanhar as reuniões.

As visitas à redação do *Jornal da USP* para acompanhar as reuniões de pauta e *home* foram feitas por meio da técnica da semana construída ou semana artificial.

A técnica da semana construída ou semana artificial (Bauer, 2002) permite estabelecer um trajeto da observação sistemática em relação ao tempo e trabalhar com amostragens (Herscovitz, 2007), podendo ser adaptada para uma quinzena ou um mês artificial:

A amostra construída é considerada confiável porque seleciona cada dia da semana de uma semana distinta (a primeira segunda-feira de um mês, a segunda terça-feira do mês, a terceira quarta-feira do mês e assim sucessivamente); [...] para que serve esta estratégia? Para obter-se uma amostra variada, com distribuição equitativa e contendo o mínimo possível de distorções. (Herscovitz, 2007, p. 131)

Para construir a amostra artificial de um mês, vale a pena destacar o modo como a técnica foi utilizada na seleção dos dias, de agosto a dezembro de 2022. Selecionamos a primeira semana (segunda-feira) em agosto, a segunda semana (terça-feira) em setembro e assim por diante. No entanto, essas datas sofreram modificações devido às alterações de agendas internas da redação, aos feriados ou por causa da realização da Copa do Mundo entre os meses de novembro e dezembro. Além disso, contamos com uma data a mais pois recebemos o convite da jornalista Cinderela Caldeira para participar de uma reunião de pauta específica da *Rádio USP*; a profissional também é responsável pela editoria de Atualidades do *Jornal da USP*.

Durante o levantamento de informações para verificar como os assuntos são distribuídos no *Jornal da USP*, compreendemos que a ciência está em todo o veículo, afinal, tudo perpassa a pesquisa científica. No entanto, percebemos que as pautas de ciência, tecnologia e inovação podem ser publicadas tanto na editoria de Ciências quanto na de Atualidades, a depender do foco da reportagem.

Nesse sentido, julgamos importante entender, com o auxílio da responsável pela editoria

de Atualidades e o *Jornal da USP no Ar 1ª edição*⁸², Cinderela Caldeira, como essa diferenciação se estabelece.

Após a primeira visita técnica, conversamos e ela explicou que toda quinta-feira faz uma reunião geral com a equipe da editoria e da rádio, incluindo o pessoal do campus Ribeirão Preto, que é responsável pela edição regional do *Jornal da USP no Ar*.

Quadro 23- O mês artificial e a produção jornalística do *Jornal da USP*

Visitas técnicas na redação do <i>Jornal da USP</i>				
Número da visita	Dia da Semana	Data	Tópico	Formato da participação
1º	Terça-feira	2/08/2022	Reunião de pauta e de <i>home</i>	presencial
2º	Quinta-feira	4/08/2002	Reunião de pauta da editoria de Atualidades do <i>Jornal da USP</i> e da edição do <i>Jornal da USP no Ar</i> , veiculado diariamente na <i>Rádio USP</i>	online
3º	Segunda-feira	12/09/2022	Reunião de pauta e de <i>home</i>	presencial
4º	Quarta-feira	19/10/2022	Reunião de <i>home</i>	presencial
5º	Quinta-feira	24/11/2022	Reunião de <i>home</i>	online
6º	Sexta-feira	16/12/2022	Reunião de <i>home</i>	presencial

Fonte: produção da autora (2022).

Logo, o caminho deste capítulo se deu pelo uso de procedimentos metodológicos organizados com base na disciplina da professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Desta maneira, a coleta de informações foi realizada por meio do planejamento de entrevistas, visitas técnicas, pesquisa de documentos e publicações em torno do objetivo até chegarmos a um procedimento metodológico em que fosse possível analisar a prática do jornalismo científico utilizada pelo *Jornal da USP*, assim como pelos meios de comunicações em onze instituições públicas (federais e estaduais) de ensino superior, como será observado nos próximos capítulos.

⁸² O programa é veiculado de segunda a sexta, das 7h30 às 9h30 na Rádio USP São Paulo e Ribeirão Preto. O jornal recebe professores e pesquisadores da USP para tratar de temas do cotidiano e de pesquisas desenvolvidas na Universidade, além de reportagens e quadros especiais.

4. A PRÁXIS DO JORNALISMO CIENTÍFICO EM ONZE UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS

Na série *O Porquê da Universidade Pública*, veiculada em 2019 pelo *Jornal da USP no Ar*, o professor emérito Hernan Chaimovich, do Instituto de Química (IQ) da USP, ex pró-reitor de Pesquisa e Extensão da mesma universidade e presidente do CNPq, entre os anos de 2015 e 2016, afirmou que as universidades públicas “têm uma responsabilidade única de produzir conhecimentos e fazer com que esses conhecimentos tragam benefício social, intelectual e econômico para a sociedade”.

Tendo em vista a importância da universidade como um centro gerador de ciência e tecnologia, Margarida Maria Krohling Kunsch (1992) defende que a divulgação dessas pesquisas seja realizada pelos meios de comunicação de grande penetração ou pelas próprias assessorias de imprensa das instituições.

No livro *Universidade e comunicação na edificação da sociedade*⁸³, Kunsch (1992) escreve que:

A universidade, como centro de produção sistematizada de conhecimentos, necessita canalizar suas potencialidades no sentido de prestação de serviços à comunidade. [...] daí a importância de um sistema planejado de comunicação para difundir de forma eficiente e eficaz a sua produção científica e, com isso, abrir as suas portas a todos os segmentos da sociedade civil. (Kunsch, 1992, pp.9-10)

As universidades reconhecem ser necessário divulgar os frutos do trabalho científico, tecnológico e cultural de seus pesquisadores, mas será que elas têm um sistema planejado de comunicação para isso, ou melhor, produzem jornalismo científico e conseguem se comunicar com o público, ainda mais considerando o corte de verbas e o desprestígio sofrido por essas instituições pelo governo federal entre os anos 2019-2022?

Apesar de não estudar especificamente a comunicação nas universidades, Francisco Gaudêncio Torquato do Rego no livro *Comunicação empresarial, comunicação institucional: conceitos, estratégias, sistemas, estrutura, planejamento e técnicas*, 1986, defende um modelo sinérgico de comunicação que compreendesse o jornalismo, as relações públicas, a publicidade, a editoração e a identidade visual. O autor também chamava a atenção para o fato de a

⁸³ Essa obra é resultado de uma pesquisa realizada pela autora em 1988 que buscava identificar como organizava-se a comunicação das universidades. Na época, havia 84 universidades, mas ela só obteve 29 respostas para o seu questionário, sendo 11 federais, 8 estaduais, 1 municipal e 9 particulares.

comunicação ser fundamental para intermediar o discurso organizacional entre os públicos interno e externo, contudo, reconhece que:

Uma comunicação eficaz não é, como à primeira vista pode parecer, um ato em que o emissor e receptor se envolvem numa mensagem, com resultados claros e consensuais para os dois. O emissor pode ter claramente em vista o objetivo de sua mensagem, com a qual concorda o receptor, mas ambos podem se comportar de maneira diferente, como se tivessem mensagens diferentes. (Gaudêncio Torquato, 1986, p.38)

A preocupação em compreender, estudar as estratégias comunicativas das universidades para facilitar o acesso à ciência e à tecnologia não é recente. Kunsch (1992), Alves (2014), Queiroz e Becker (2016), Bueno (2018), Fonseca (2019), Treulieb e Pessoni (2020) e Trevisol (2023) são alguns dos(as) autores(as) que abordaram o tema. Inclusive, muitas dessas pesquisas são atravessadas pelo conceito de Comunicação Pública⁸⁴ que vincula os produtos de comunicação das instituições ao interesse público.

Para o jornalista, relações públicas e pesquisador da área, Jorge Duarte, a comunicação pública:

Parte do princípio de que o cidadão deve ser informado plenamente sobre tudo que lhe afeta, sempre com muita agilidade, clareza, de modo fácil, compreensível e acessível. Entre os elementos constituintes da comunicação pública que citaria estão transparência, pluralidade, inclusão, participação, diálogo, relacionamento cotidiano e individualizado efetivo nos termos do cidadão, informação como patrimônio social e múltiplas formas de interlocução. (Duarte, 2019)⁸⁵

No Capítulo *Jornalismo científico ontem e hoje* discutimos a diferença entre interesse público e interesse do público e reforçamos que, apesar de estar inserida em uma lógica comercial que justifica e sustenta determinadas rotinas, pressupõe-se que a práxis jornalística, por natureza, tenha por finalidade o interesse público mesmo que: “o interesse público [...] seja um emaranhado de interesses, de confrontos discursivos, ancorados nos processos sociais em curso. [...]” (Faria, 2007, p. 175)

⁸⁴ Apesar de reconhecer que a comunicação praticada pelas universidades públicas segue o compromisso da Comunicação Pública e que a divulgação científica visa, muitas vezes, à comunicação pública da ciência, essa pesquisa não tem esse recorte e não vai se aprofundar na discussão desses conceitos. Aqui, interessa refletir sobre como as universidades fazem a divulgação científica, via jornalismo científico, portanto, é com esses termos que iremos trabalhar. Para saber mais sobre o conceito e estudos sobre a Comunicação Pública em diferentes ângulos, você pode consultar, por exemplo, os autores brasileiros Heloiza Matos, Jorge Duarte e Eugênio Bucci.

⁸⁵ *O papel da Comunicação Pública – entrevista com Jorge Duarte*. Observatório de Mídia – Gênero, Democracia e Direitos Humanos, Universidade Federal do Pernambuco. Disponível em: <<http://www.obmidia.org/noticias/o-papel-da-comunicacao-publica-entrevista-com-jorge-duarte/683>>. Acesso em: 02 de out. de 2021.

Nas universidades, mesmo que ocorram problemas de infraestrutura como a falta de verbas e de capital humano, deveriam praticar uma comunicação mais horizontal, buscando o diálogo amparado em políticas públicas com a sociedade.

A comunicação pública se compõe de ações informativas, consultas de opinião e práticas de interlocução, em qualquer âmbito, postas em marcha por meio do emprego de recursos públicos, mediante processos decisórios transparentes, inclusivos e abertos ao acompanhamento, críticas e apelações da sociedade civil e à fiscalização regular dos órgãos de controle do Estado. Quanto às suas finalidades, a comunicação pública existe para promover o bem comum e o interesse público, sem incorrer, ainda que indiretamente, na promoção pessoal, partidária (do partido do governo), religiosa ou econômica de qualquer pessoa, grupo, família, empresa, igreja ou outra associação privada. (Bucci, 2015, p. 55)

Entretanto, o fato é que, por muitos anos, a universidade esteve fechada em si mesma, transformada em uma espécie de *ilha de reclusão*, sem uma consciência clara de que precisava dar atenção às necessidades prioritárias e aos anseios da sociedade (Kunsch, 1992), o que, é claro, também se refletiu na maneira como se comunicava, até mesmo ignorando quem é de fato o receptor dessas informações.

Bueno (2014), ao pesquisar quatro instituições de ensino superior na Região Sul do país: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), identificou que informações sobre pesquisa eram as menos presentes nas notícias publicadas nas *homes* dessas instituições, ou seja, o ensino e a extensão recebiam maior atenção e espaço para a divulgação.

A partir do levantamento feito para essa pesquisa nos sites das 109 universidades públicas (federais e estaduais), podemos dizer que os resultados são um pouco diferentes dos identificados por Bueno (2014), ainda mais considerando que mais recentemente houve a criação de um espaço para dados de divulgação científica no currículo lattes e, conseqüentemente, uma orientação (vista por muitos pesquisadores como uma cobrança a mais no exercício do seu trabalho) para que os pesquisadores divulguem mais os resultados de suas pesquisas não apenas entre os pares.

Há no país diferentes realidades com estruturas comunicacionais desiguais por parte das universidades públicas. De um lado, há instituições que não oferecem a devida importância à divulgação científica. De outro, existem aquelas que enxergam essa necessidade e procuram atuar em duas frentes: (1) atuar como uma ponte, sendo mediadoras entre os veículos de

comunicação e as fontes internas de informação e (2) como produtoras de conteúdo informativo que é publicado nos canais oficiais da instituição.

Durante o período desta pesquisa, a justificativa para o não investimento em ferramentas de comunicação pode ser explicada devido aos cortes de verbas e a falta de investimentos que alimentaram as críticas e o distanciamento da população em relação à universidade, situação essa impactada em 2020 pela pandemia de covid-19.

Ao mesmo tempo, nesse momento histórico marcante, as universidades voltaram a ser vistas como centros de referência em informações científicas - e, mesmo com todas as dificuldades, passaram a fazer (ou ampliar) essa comunicação com a sociedade, como foi o caso de todas as universidades ouvidas para a realização desta pesquisa – o que será descrito mais detalhadamente neste capítulo.

O Colégio de Gestores de Comunicação das Universidades Federais, Cogecom, inclusive, publicou uma carta, 2020, em que reconhecia a importância das áreas de comunicação, no caso específico das instituições federais, para o fortalecimento desses espaços como locais de produção e conhecimento.

Um dos papéis estratégicos da comunicação nas IFES é fazer a mediação entre a cultura científica e a cultura dos cidadãos, garantindo que toda a comunidade tenha acesso não apenas às informações, mas também argumentos precisos, verdadeiros e socialmente contextualizados que orientem os rumos dos debates na esfera pública. Popularizar o conhecimento produzido é prestar contas à sociedade e evidenciar a ela uma visão de mundo que lhe pertence por direito. (Cogecom, 2020)

A pesquisa *Confiança na ciência no Brasil em tempos de pandemia*⁸⁶, realizada em 2022, pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e da Tecnologia (INCT-CPCT) identificou que os cientistas, especialmente aqueles que trabalham em universidades e instituições públicas, têm imagem positiva, sendo percebidos como honestos e que realizam um trabalho que beneficia a população.

Em uma lista de profissionais previamente fornecida, em que os entrevistados podiam marcar duas opções, foram indicadas como fontes confiáveis de informação médicos (60,1%), cientistas (47,3%, dos quais 30,6% cientistas de universidades ou institutos públicos de pesquisa e 16,7% cientistas que trabalham em empresas) e jornalistas (36,4%).

Uma outra questão buscava identificar se os entrevistados tinham conhecimento sobre

⁸⁶ A pesquisa ouviu 2.069 pessoas com 16 anos ou mais, distribuídas entre diferentes municípios brasileiros e contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

instituições científicas e pesquisadores. Somente 8% dos entrevistados disseram conhecer o nome de um cientista brasileiro. Quanto às instituições, apesar de parecer baixo (25%), o número de pessoas que souberam mencionar algum nome cresceu em relação às pesquisas anteriores, pois, em 2019, era de 9% e em 2015, 12,4%, o que indica o importante papel da comunicação nessas instituições durante a pandemia de covid-19. “Dentre as instituições mais citadas, estão o Instituto Butantan, a Fundação Oswaldo Cruz e a Universidade de São Paulo.” (INCT-CPCT, 2022, p.19).

Por isso, mesmo sabendo que não é tão fácil introduzir um setor especializado de comunicação na estrutura organizacional da universidade, seria importante para as instituições separar o que é comunicação institucional (assessoria de imprensa ou assessoria de comunicação) e o que é divulgação científica, via práticas jornalísticas.

Kunsch (1992) reforça ser necessário tomar uma decisão institucional quanto à divulgação científica e a comunicação. É apropriado “possuir, em sua estrutura organizacional, um sistema planejado de comunicação, apto a difundir de forma eficaz sua produção científica.” (Kunsch, 1992, p.9)

Afinal, a própria pesquisa do INCT-CPCT (2022) demonstrou como a comunicação com a sociedade é fundamental para dar visibilidade às universidades e aos seus projetos e, conseqüentemente, ampliar o acesso à informação científica de qualidade.

Para Kunsch (1992, p. 128) a universidade, a produção científica e a comunicação “num processo perfeitamente integrado, constituirão assim um trio voltado, com todos os acordes e sons em uníssono, à edificação de uma nova sociedade.”

A partir da necessidade de identificar se há e como se desenvolve a prática do jornalismo científico nas universidades públicas brasileiras (federais⁸⁷ e estaduais) de diversas regiões do Brasil, este capítulo traz as vozes dos profissionais de comunicação dessas instituições, sejam diretores, coordenadores, editores, sejam repórteres, responsáveis por pensar e/ou executar as práticas de jornalismo científico⁸⁸.

⁸⁷ Uma parte das entrevistas com as universidades federais foram apresentadas no XIV Encontro Nacional de História da Mídia, da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar), realizado na Universidade Federal Fluminense, entre os dias 2 e 4 de ago. de 2023, e compiladas em um artigo *A produção do jornalismo científico em cinco universidades federais do Brasil*, produzido em parceria com Luciano Victor Barros Maluly e Daniel Azevedo Muñoz, publicado nos Anais do evento.

⁸⁸ O percurso metodológico para a seleção dessas universidades e, respectivos profissionais, foi apresentado no Capítulo *Caminho da pesquisa: a descrição do percurso metodológico na busca do jornalismo científico nas universidades públicas*. Mesmo compreendendo que cada um desses cargos têm funções diferentes dentro da universidade, nossa intenção era entrevistar o profissional mais envolvido com a prática do jornalismo científico. Assim, em uma universidade esse profissional era o repórter enquanto em outra era o coordenador.

4.1 Panorama da prática de jornalismo científico em onze universidades públicas do Brasil - atores e processos

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, consultamos 15 profissionais de 12 universidades das cinco regiões brasileiras: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, mas aqui, especificamente, trazemos o panorama dessa prática jornalística especializada em onze instituições e com a fala de doze profissionais⁸⁹ (QUADRO 24), pois as entrevistas com os jornalistas da Universidade de São Paulo, *Jornal da USP*, estarão no próximo capítulo.

Ressaltamos que Rosyane Rodrigues, UFPA, foi entrevistada duas vezes. Na primeira, em novembro de 2021, não havia uma sistematização do que seria abordado nas entrevistas, portanto, a conversa ocorreu no sentido de conhecer a universidade e como se dava a produção na região Norte do país. Já em dezembro de 2022, a conversa seguiu um roteiro semiestruturado.

Em relação à UnB, conversamos com duas profissionais: uma responsável pela *Revista Darcy* (Vanessa Vieira) e a outra pelo *UnB Ciência* (Serena Veloso).

Destacamos também que nossa intenção não é comparar formatos e veículos jornalísticos, mas sim identificar e descrever quais são esses produtos, por isso, há universidades em que os destaques são os jornais enquanto em outras, os podcasts.

⁸⁹Os dados foram compilados em um artigo intitulado *A contribuição do jornalismo científico produzido nas universidades públicas para o acesso ao conhecimento científico de qualidade* e apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) realizado entre os dias 5 e 8 de set. de 2023.

Quadro 24 – Lista das Universidades consultadas e seus respectivos produtos

Nome	Responsável	Estado	Veículos/Produtos
Universidade Federal do Pará (UFPA)	Rosyane Rodrigues	Pará	Jornal Beira do Rio
Universidade Federal do Sergipe (UFS)	Josafá Bonifácio Neto	Sergipe	UFS Ciência
Universidade de Brasília (UnB)	Serena Veloso Vanessa Vieira	Brasília	UnB Ciência Revista Darcy
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)	Danielle Tavares Teixeira	Mato Grosso	<i>Home</i> principal/aba Notícias
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	Diélen Borges	Minas Gerais	Comunica Ciência Ciência ao Pé do Ouvido
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	Ana Cláudia Theme	Rio de Janeiro	<i>Home</i> principal/Notícias <i>Home</i> CTE/Destaques TV: TV Uerj Explica, Repórter Ciência e <i>Campus</i> Rádio/ <i>Podcast</i> : Ciência em Prática, Uerj Entrevista, entre outros
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)	Walter Teixeira Lima Júnior	São Paulo	<i>Home</i> principal/aba Notícias Podcast PodSer Ciência Revista Tá Na Mão
Universidade Estadual Paulista (Unesp)	Pablo Nogueira	São Paulo	Jornal da Unesp Podcast Unesp (vários) Pílulas de Ciência
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	Álvaro Kassab	São Paulo	Jornal da Unicamp Rádio Unicamp TV Unicamp
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	William Casagrande Fusaro	Paraná	O Perobal Jornal Notícia UEL
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Luís Carlos Ferrari	Santa Catarina	<i>Home</i> principal/aba Notícias <i>Home</i> de Jornalismo Científico UFSC Ciência UFSC Explica Traduzindo Ciência

Fonte: produção da autora (2023).

Como descrito no Capítulo *Caminho da pesquisa: a descrição do percurso metodológico na busca do jornalismo científico nas universidades públicas*, antes de chegarmos à lista final, acessamos os sites das 109 universidades públicas brasileiras (69 federais e 40 estaduais) justamente para coletar as informações sobre o tema da análise (produtos de jornalismo

científico e/ou a pauta de ciências). Mas, antes disso, era preciso identificar se havia, ou não, o departamento de comunicação porque sem a existência desse setor, seria praticamente impossível para essas instituições ter algum produto jornalístico.

Apesar de todos os sites indicarem a existência desse setor, seja na figura de um assessor de imprensa, assessor de comunicação, superintendente, seja na de um coordenador de comunicação, nem sempre essa indicação aparece de forma clara nesses espaços, o que dificulta o acesso do público a essa informação. Em alguns casos foi preciso navegar pela *home* e clicar em várias abas ou links para identificar o setor e os responsáveis respectivamente ou, ainda, procurar esse tipo de informação (no caso das instituições federais) no site da Andifes.

De maneira geral, as nomenclaturas encontradas para essa área foram: Assessoria de Imprensa, Assessoria de Comunicação Social, Comunicação, Assessoria Especial da Reitoria, Assessoria de Comunicação Institucional, Coordenadoria de Comunicação, Superintendência de Comunicação, Serviços de Comunicação, Coordenadoria de Comunicação e Marketing, Diretoria de Comunicação, Secretaria de Comunicação Institucional, Superintendência de Comunicação e Eventos, Imprensa, Coordenação de Comunicação Institucional, Sala de Imprensa, Secretaria de Comunicação, Coordenadoria de Comunicação Social, Secretaria de Comunicação e Mídias, Agência de Comunicação Social e Científica, Assessoria de Comunicação Social e Relações Públicas, Diretoria de Imagem Institucional, Centro de Comunicação, Diretoria de Comunicação Social, Comunicação Social, Superintendência Geral de Comunicação Social, Assessoria de Comunicação e Imprensa, Superintendência de Comunicação Social e Marketing e Agência de Comunicação.

Para esta pesquisa, os profissionais das universidades selecionadas responderam as mesmas perguntas (20 no total), apesar de terem a liberdade para falarem de outros pontos que considerassem necessários. Porém, para fins de organização da redação desse capítulo, as respostas foram agrupadas em dez pontos: (1) Trajetória profissional; (2) Descrição da área de comunicação e a cobertura da pauta de Ciências; (3) Descrição da equipe; (4) Rotina produtiva: reuniões de pauta, critérios de escolha das pautas, seleção das fontes e captação do conteúdo; (5) Produção do conteúdo e atualização do mesmo; (6) Pautar a mídia local ou nacional; (7) Uso das redes sociais e contato com o público; (8) A importância da universidade produzir jornalismo científico (prós e contras); (9) A relação dessa prática para combater a desinformação e (10) Produtos e/ou ações de outras universidades que são considerados referência.

Como a ideia era compreender a práxis jornalística pela fala desses profissionais em suas

respectivas instituições, optamos por apresentar e analisar as respostas seguindo a estrutura do *lead*, instrumento tão intrínseco ao universo dos jornalistas. Dessa forma, os tópicos foram organizados assim: o que (o que a universidade faz, produz); quem (os responsáveis pela produção); quando (periodicidade); onde (em que meio isso é publicado); como (rotina de produção) e por que (a razão de ser feito).

4.1.1 Quem eu sou e o que eu faço? Apresentação da instituição, do entrevistado, da equipe de comunicação e do(s) produto(s)

Na região Norte temos a **Universidade Federal do Pará (UFPA)**⁹⁰, criada em 1957, com seu prédio central situado na cidade de Belém. A Assessoria de Comunicação Institucional (Ascom) é a responsável pela coordenação e execução da política de comunicação institucional da UFPA, que já atua há 40 anos. Em 2011, a Ascom passa a ser dividida em quatro coordenadorias: Coordenadoria de Web e Redes Sociais (CWR), Coordenadoria de Divulgação Científica (CDC), Coordenadoria de Marketing e Propaganda (CMP) e Coordenadoria de Imprensa e Informação (CII).

A responsável pela Coordenadoria de Divulgação Científica é a jornalista Rosyane Rodrigues, formada na instituição e que está neste departamento desde 2008. A CDC oficialmente tem três servidores (Rosyane e mais dois jornalistas) e mais um estagiário, no entanto, também conta com o apoio de outros dois estagiários que são ligados a CRW e a CII. O marketing faz as artes, o fotógrafo e o revisor são os mesmos do site institucional e há, também, parceria com a radioweb, na qual o(s) estagiário(s) produz(em) um boletim com o resumo da edição que é transmitido ao longo da programação.

É sob a alçada da CDC que está o jornal *Beira do Rio*, considerado um veículo de divulgação científica por excelência. Ele nasceu em 1985, em um contexto de redemocratização do país, de visibilidade das universidades, criação de assessorias de imprensa em diversos segmentos⁹¹. Portanto, o jornal surge com o caráter de buscar divulgar o que a universidade estava fazendo, mas sem ser o *jornal do reitor*, que fala só da agenda e de ventos ligados à reitoria. Aliás, o veículo mantém uma linha editorial clara desde o seu início, pois nunca foi um “divulgador da agenda do reitor, mas, sim, um espaço pra falar como a universidade andava, o

⁹⁰ Para facilitar a leitura, optamos por colocar o nome das instituições em negrito.

⁹¹ Alguns dos dados levantados sobre o jornal *Beira do Rio* e a primeira entrevista com Rosyane Rodrigues, realizada em 2021, foram apresentados no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), de 5 a 9 de setembro de 2022.

que estava sendo feito, seu crescimento, contribuição com o projeto de interiorização da educação que começou lá em [19]85, [19]86.” (Rodrigues, 2021)⁹²

Figura 5 – Print da home do jornal *Beira do Rio*



Fonte: UFPA. Disponível em: <<https://beiradorio.ufpa.br/>>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

Ao longo dos anos, o *Beira do Rio* vai se tornando cada vez mais um veículo de divulgação científica, e os colaboradores e leitores contribuem com essa autonomia. Ou seja, o público procura o jornal por ser um produto institucional, mas com o propósito de divulgar, discutir as pesquisas da universidade ou questões da sociedade vistas sob os olhos da instituição.

Para Rodrigues, ter uma constância no trabalho desenvolvido pela equipe (mesmo que pequena) é fundamental para manter a qualidade do que é produzido. Na sua visão, isso possibilita uma memória de trabalho histórica e a construção de uma relação de confiança com as fontes.

Eu estou há anos fazendo esse trabalho, então se você me perguntar coisas sobre pesquisas, um projeto x, um professor y, a maioria consigo te dizer se a gente já fez alguma coisa ou não sobre aquele assunto. [...] Assim como também os laços que vão se formando com as nossas fontes. Eu posso começar a trabalhar com uma fonte ou pesquisa quando ainda era Iniciação Científica, aí daqui a pouco aquilo já é um mestrado, doutorado...às vezes a pessoa se torna docente e ele (a) mesmo (a) vem nos procurar. [...] É preciso reforçar isso, especialmente neste momento em que a gente está vivendo tentativas de fragilizar o trabalho das instituições, dos servidores públicos. (Rodrigues, 2021)

O *Beira do Rio* existe em versão impressa (com 20 páginas) e digital. Em decorrência da

⁹² Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 17 de novembro de 2021.

pandemia, as impressões foram suspensas, pois os servidores (tanto a redação quanto a gráfica universitária) deixaram de trabalhar presencialmente e a periodicidade passou a ser trimestral.

No entanto, em 2022, com o retorno da equipe para a instituição, o jornal passou a ter uma tiragem de três mil exemplares (antes da pandemia eram mil), que são distribuídos entre as bibliotecas tanto do *campus* central, que fica em Belém, quanto dos *campi* do interior, ficando ainda disponibilizados em lugares estratégicos, como os restaurantes universitários e o gabinete do reitor, por serem lugares de grande circulação, além de serem encaminhados para alguns parceiros da imprensa ligados às editorias de ciência e tecnologia.

Figura 6 – Prints de duas edições impressas do jornal *Beira do Rio*



Fonte: UFPA. Disponível em: <<https://beiradorio.ufpa.br/index.php/edicoes-digitalizadas>>
Acesso em: 20 de jul.de 2023.

Na versão digital é possível ler a edição do *Beira do Rio* na íntegra no Calaméo (*software* gratuito para publicar documentos) e, no site institucional, algumas matérias.

Pode parecer repetitivo, mas eu descobri ao observar ao longo do tempo que é como se cada um se completasse, é que cada uma dessas janelas de divulgação atinge um público diferente. A matéria rendeu demais e eu tenho uma limitação no impresso? Então eu faço parte daquele conteúdo exclusivo para o online. Se você for procurar a mesma matéria no site, ela vai ter uma parte extra, digamos assim. (Rodrigues, 2021)

De qualquer forma, a jornalista ressalta que aos poucos a ideia de o jornal ficar apenas na versão impressa tem perdido um pouco de sentido, principalmente no que se refere aos custos:

Com essa coisa toda de corte de verbas, o orçamento da universidade é afetado e o reitor, o gestor precisa fazer escolhas. No nosso caso uma coisa que afetou de maneira direta foi ter que diminuir pela metade o número de estagiários que nós tínhamos na ASCOM, na verdade, todas as equipes precisaram diminuir seu número de estagiários e isso tem um impacto grande no trabalho [...] mas a gente procura meios de minimizar esses impactos e por causa da pandemia tivemos que nos reinventar. (Rodrigues, 2021)

Na Região Nordeste, destacamos o trabalho da **Universidade Federal de Sergipe (UFS)**, criada em 1963, cujo departamento de comunicação está organizado da seguinte forma: há uma Diretoria de Editoração, Comunicação Institucional e Produção Audiovisual (DECAV) que é um Órgão Suplementar da instituição, diretamente vinculado ao Gabinete do Reitor sob a coordenação da Profa. Dra. Maíra Bittencourt. A DECAV é responsável pela coordenação das atividades de comunicação, produção audiovisual e editorial da UFS, através da Coordenação de Comunicação Institucional (Ascom), da Rádio Universitária, da Produtora Audiovisual e da Editora UFS, cada uma com outros coordenadores.

Sob a responsabilidade da DECAV há a produção do *UFS Ciência* que é coordenado há cerca de dois anos pelo jornalista Josafá Bonifácio Neto, egresso da UFS. Sua trajetória com a universidade é extensa: fez os estágios obrigatórios dentro da instituição como bolsista na rádio e na TV, participou do programa de Iniciação Científica e atualmente faz mestrado em Comunicação. Oficialmente, a nomenclatura de seu cargo é Coordenador de Jornalismo da Rádio UFS.

Figura 7– Prints da home do *UFS Ciência*



Fonte: UFS. Disponível em: < <https://ciencia.ufs.br/conteudos/noticias> >. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

Mas qual a necessidade de se ter uma coordenação para a cobertura de ciências? Até a chegada de Josafá Neto não havia uma rotina produtiva estabelecida, eram comunicações

eventuais, como, por exemplo, quando um professor publicava um artigo e mandava a informação como sugestão de pauta:

Não tinha um fluxo estabelecido até então e há cerca de dois anos estabelecemos uma regularidade de publicação, dentro de uma seção específica e com destaque no portal da universidade. A ideia passa a ser de uma cobertura multiplataforma, ou seja, tendo vídeo, áudio (aí um veicula na TV, outro na rádio) e a produção escrita com fotografia para publicar no portal. (Neto, 2023)⁹³

A partir dessa ideia de organização, como a equipe é composta? Há uma equipe fixa de trabalho com os fotógrafos, cinegrafistas, editores de áudio e vídeo, bolsistas que produzem tanto para a DECAV quanto para a Ascom. Na prática, trabalham seis pessoas para o *UFS Ciência*, conforme explica Josafá Neto:

Quando saímos para fazer a pauta, acionamos o fotógrafo para captar a imagem, o cinegrafista, para o vídeo, e eu faço a reportagem, o *off* para o rádio e edito. Como publicamos semanalmente, a organização estabelecida para manter esse fluxo com regularidade foi contar com dois fotógrafos, dois cinegrafistas, eu e o editor de vídeo. (Neto, 2023)

Figura 8 – Formas de publicação do UFS Ciência: texto, áudio e vídeo



Fonte: UFS. Disponível em: < <https://ciencia.ufs.br/conteudo/72184-pesquisa-da-ufs-avalia-eficacia-de-produto-natural-para-silagem-de-milho-e-capim> >. Acesso em: 23 de jul. de 2023.

⁹³ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 13 de janeiro de 2023.

Na Centro-Oeste trazemos os dados de duas instituições: a Universidade de Brasília, 1962 e a Universidade do Estado de Mato Grosso, que foi criada em 1978 a partir do Instituto de Ensino Superior de Cáceres (Iesc) e que, em 1993, passa a ter nomenclatura atual.

A **Universidade de Brasília** (UnB) tem a Secretaria de Comunicação (Secom) como a responsável por informar a comunidade interna e externa sobre as atividades de ensino, pesquisa e extensão. No entanto, na descrição da missão da Secom o texto diz que: o conteúdo informativo produzido pelo departamento mantém o foco permanente no interesse social. “As pautas da secretaria priorizam a projeção dos fatos relacionados à ciência e aos serviços, em conformidade com a missão institucional de divulgar o conhecimento.” (Unb, 2023)⁹⁴

A Secretaria conta com *designers*, fotógrafos, jornalistas, revisoras, produtores culturais e relações públicas, além da equipe do administrativo e tecnologia da informação. Há a secretária de comunicação que responde pela direção da Secom e três coordenações, uma assessoria técnico-administrativa e sete núcleos.

Quadro 25– Secretaria de Comunicação, UnB

Coordenação	Núcleos	Outra nomenclatura	Número de pessoas
Produção de Conteúdo	Núcleo de Jornalismo Institucional e Científico	-----	11
	Núcleo de Mídias Sociais	-----	2
Comunicação Institucional	Núcleo de Assessoria de Imprensa	-----	4
	Núcleo de Comunicação Institucional	-----	2
Comunicação Visual	Núcleo de Design	-----	5
	Núcleo de Fotografia e Audiovisual	-----	5
-----	-----	Assessoria técnico-administrativa	5
-----	Núcleo de Revisão	-----	2

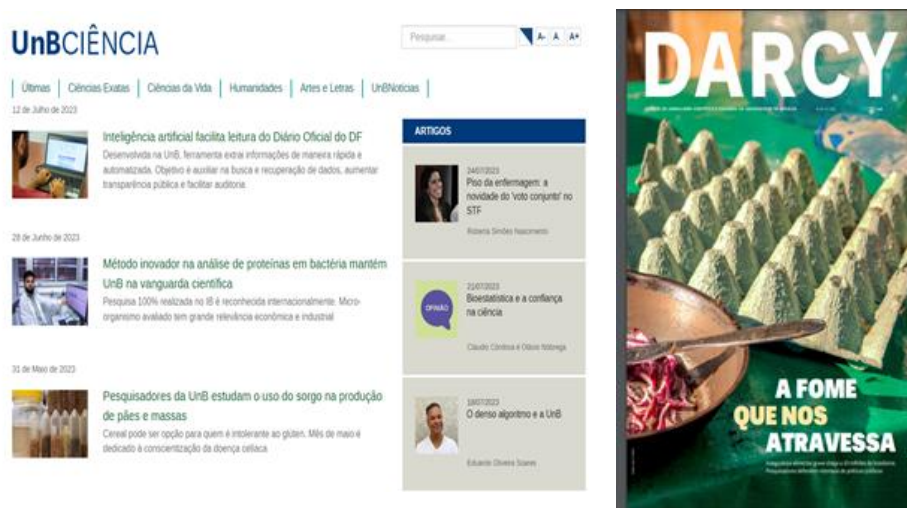
Fonte: produção da autora (2023). Adaptação das informações obtidas na *home* da Universidade de Brasília.

No total, são em média 40 servidores, mas jornalistas são dez, entre eles Serena Veloso

⁹⁴ Disponível em: <<https://noticias.unb.br/missao>>. Acesso em: 30 de ago. de 2023.

(editora do *UnB Ciência*) e a Vanessa Vieira (editora da *Revista Darcy*), nossas entrevistadas.

Figura 9 – Prints da página *UnB Ciências* e *Revista Darcy*



Fonte: Unb Disponível em: <<https://www.unbciencia.unb.br/>> e <<https://revistadarcy.unb.br/>>. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

Serena Veloso é jornalista com mestrado pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e, antes de ingressar na UnB, em 2016, trabalhou na assessoria de comunicação da Secretaria de Saúde de Goiás e na própria assessoria da UFG. Na UnB ela foi repórter do *UnB Notícias* e *UnB Ciência*, além de colaborar com a *Revista Darcy*.

Mesmo tendo um corpo técnico razoável, há uma demanda muito grande de trabalho. Aqui a gente acaba produzindo conteúdo para os diversos canais, mas algumas pessoas ficam mais focadas em determinadas questões como cuidar das pautas, editar. Desde a pandemia e, com a licença doutorado de um colega, eu também passei a fazer esse papel de editora tanto do *UnB Notícias* que traz um conteúdo mais estático, institucional e o *UnB Ciência*, que é especializado na cobertura científica. (Veloso, 2022)⁹⁵

Vanessa Vieira é formada na UnB, atuou na área de comunicação e marketing no mercado privado e está há seis anos na Secom e há dois na *Revista Darcy*. A *Darcy*, publicação de jornalismo científico e cultural, nasceu em 2009 como um projeto de extensão proposto pelo professor da Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB, Luiz Gonzaga Motta (1943-2023). Entre idas e vindas, em 2021, a revista passa a ser produzida pela Secom em parceria com a FAC e, desde então, sua produção tem sido contínua, mesmo que nem sempre haja a publicação da versão impressa.

⁹⁵ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 22 de dezembro de 2022.

Quando assumi a edição, assumi na condição de editora. No entanto, a logística de produção da revista exige mais pessoas dedicadas a essa função, portanto, no primeiro ano contei com a ajuda de dois servidores. A verdade é que a revista está integrada com a lógica de produção da Secom, então, não tem como precisar exatamente quantas pessoas trabalham na/para a revista porque ele varia. De qualquer forma, temos dois editores fixos e dois colaboradores, além de cerca de seis jornalistas que fazem as reportagens. Justamente por isso decidimos reformular o projeto editorial e decidimos publicar apenas duas edições por ano para continuarmos mantendo a qualidade do produto. (Vieira, 2023)⁹⁶

A revista também é utilizada como uma ferramenta de aproximação entre a universidade e as escolas públicas (Ensino Médio) de Brasília. Além de algumas escolas receberem o produto, há a realização de encontros com a participação de jornalistas e profissionais da Secom e de pesquisadores nessas instituições⁹⁷.

A gente acredita que, dessa forma, desperta o interesse pela ciência, aproxima da universidade e faz chegar em uma outra rede que são os familiares, amigos, pessoas próximas. Outro reconhecimento é a revista ter se tornado referência bibliográfica no Programa de Avaliação Seriada (PAS), que é uma das maneiras de seleção para o ingresso na universidade. (Vieira, 2023)

A Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), com sede em Cáceres e mais treze *campi* espalhados pelo estado, tem um setor de Comunicação (Assessoria de Comunicação) mais tradicional que faz a intermediação da instituição com a imprensa, cuida da sua imagem e promoção para os diversos segmentos da sociedade e divulga trabalhos realizados na/pela Universidade, ou seja, não há uma exclusividade para a cobertura de ciências

A equipe de comunicação é dividida em Assessoria de Gestão de Comunicação (sete pessoas, sendo quatro jornalistas, um técnico administrativo, um cinegrafista e um fotógrafo) e Supervisão de Artes e Publicações (três pessoas, sendo o supervisor e dois diagramadores).

Uma das jornalistas é a Danielle Tavares Teixeira, graduada na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com mestrado em Ciências Ambientais pela UNEMAT e doutorado na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) sob a orientação do professor Wilson Bueno.

⁹⁶ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 17 de janeiro de 2023.

⁹⁷ Em 8 de novembro de 2023 durante o 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília as jornalistas Serena Veloso, Vanessa Vieira e Gisele Pimenta ofereceram a oficina *Como contar histórias no jornalismo científico?* em que compartilharam o dia a dia da produção da *Revista Darcy*.

Por conta dessa equipe muito enxuta, muito reduzida, a gente nunca conseguiu setorizar, definir que fulano vai trabalhar mais com assessoria da gestão, o outro vai ficar mais voltado para esses informes institucionais ou para a mídia externa, esse vai cuidar da divulgação científica. Não tem nem essa divisão. (Teixeira, 2023)⁹⁸

Na UNEMAT, Danielle, atua na área de comunicação há dezessete anos e, ao término do doutorado, em 2019, procurou a reitoria para reforçar a importância de a instituição investir na divulgação científica. Inclusive, o professor Wilson Bueno foi contratado como consultor de comunicação para a construção de uma política de comunicação com a inclusão da divulgação científica.

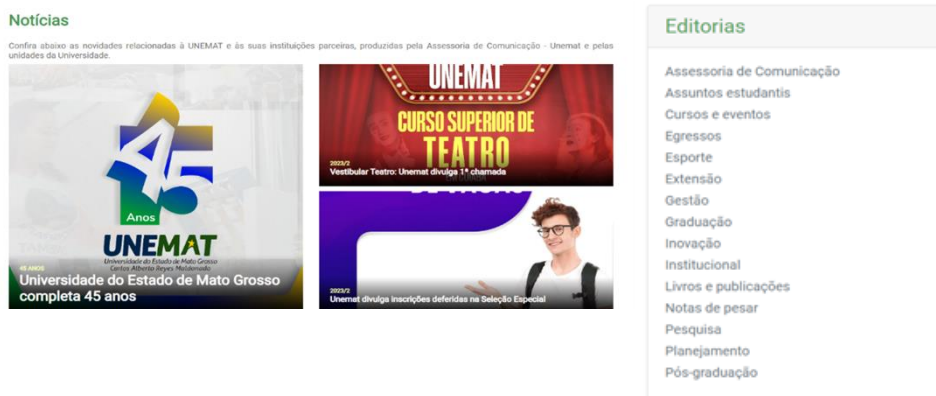
Eu trabalhei com o tema de divulgação científica no doutorado e, desde que eu voltei, a gente começou a tentar fortalecer um pouco essa área de divulgação científica aqui na instituição. É um trabalho meio de formiguinha, meio de construção, mas é muito gratificante e eu vejo atualmente como uma área de estudo que eu mais sinto prazer e mais sinto retorno da atuação profissional, de aproveitamento de imprensa, de qualificação de pauta. (Teixeira, 2023)

A jornalista explica que o projeto começou com a publicação semanal de assuntos de divulgação científica. A partir do levantamento de dados da pesquisa era produzida uma reportagem para o site, um *release* sobre a reportagem para a distribuição na imprensa, e uns *posts* bem diretos e simplificados sobre o assunto para serem publicados nas mídias sociais da universidade.

Essa produção nos deu muito retorno, tanto por parte da imprensa quanto pela comunidade interna, que começou a se sentir mais orgulhosa porque via o que era feito aqui, mas é um trabalho que sempre está recomeçando. Por quê? Porque a equipe é pequena e temos que atender as outras demandas. Acaba que todo mundo faz tudo porque, além do site, tem as mídias sociais, tem essa assessoria e a atuação de apagar incêndio, já que, de um campus para o outro são distâncias muito grandes. (Teixeira, 2023)

⁹⁸ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 17 de janeiro de 2023.

Figura 10 – Prints da *home*, seção Notícias e das Editorias



Fonte: UNEMAT. Disponível em: <<https://unemat.br/noticias>>. Acesso em: 23 de jul. de 2023.

Além disso, Danielle Teixeira disse que essas editorias são mais guias para organização do material informativo no site do que de fato uma seção criada especificamente para a publicação de temas afins. Das quinze indicações, Pesquisa e Inovação são as que publicam a pauta de ciências, principalmente o conhecimento voltado para biológicas e agrônômicas, devido à riqueza ambiental do estado do Mato Grosso.

Mas a verdade é que, com a pandemia fomos perdendo o fôlego. Antes disso, conseguíamos manter o ritmo, mas com o *home office* e o medo da doença fomos diminuindo as ações. Continuamos publicando, principalmente as pautas de saúde e ambientais, mas a dinâmica de investir com mais foco na divulgação científica foi se perdendo. Agora, em 2023, com o plano de comunicação, a nova gestão e a volta definitiva para o trabalho presencial, queremos retomar. (Teixeira, 2023)

Figura 11 – Print de uma reportagem publicada na seção Pesquisa



Fonte: UNEMAT. Disponível em: <<https://unemat.br/noticias/17-7-2023-agricultores-de-mato-grosso-preservam-grande-diversidade-genetica-de-mandioca>>. Acesso em: 23 de jul. de 2023.

Conforme já mencionamos anteriormente, a Região Sudeste conta com uma amostra maior, já que incorporamos quatro universidades de São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Universidade Estadual de Campinas e Universidade de São Paulo e mais duas de outros estados, sendo a Universidade Federal de Uberlândia em Minas Gerais, e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro.

A **Universidade Federal de Uberlândia** (UFU), criada por um decreto-lei em 1969 e federalizada em 1978, tem sete campi, sendo quatro em Uberlândia. A área de Comunicação se apresenta como Diretoria de Comunicação Social (Dirco), ou seja, é a unidade responsável pela comunicação oficial e pela assessoria de imprensa da instituição e está vinculada diretamente ao gabinete do reitor. A Dirco se divide em três segmentos: Assessoria de Comunicação da UFU, Assessoria de Comunicação do Hospital de Clínicas, Divisão de Divulgação Científica (DDC) e conta com uma diretora, jornalistas, *designers*, publicitários, fotógrafos, técnicos-administrativos, operador de rádio, locutor, estagiários.

A DDC tem nove pessoas, sendo quatro estagiários (dois de jornalismo e dois de *design*), uma auxiliar administrativa, três repórteres e a coordenadora, Diélen Borges⁹⁹, nossa entrevistada, cuja formação educacional e trajetória profissional é ligada à instituição. Ela fez a graduação em Letras, mestrado em tecnologias para a comunicação e educação e, atualmente, cursa doutorado em estudos linguísticos em que estuda o discurso sobre ciências nas publicações de divulgação científica. Como servidora pública, técnica em jornalismo, está na UFU desde 2013.

Diélen sempre atuou na Dirco fazendo o contato com a imprensa e produzindo conteúdo, principalmente para o portal *Comunica UFU*, trabalhos esporádicos para as redes sociais e pautas de ciências para o jornal impresso, que hoje não existe mais.

Então, em 2013, quando ingressei na assessoria de comunicação, tanto eu quanto meus colegas sentíamos que era preciso ter uma equipe mais focada na editoria de ciências porque a gente gastava muito do nosso tempo só cobrindo o cotidiano da universidade, como vestibular e corte de gastos, além de atender a imprensa, agendar coletiva de imprensa, enfim, esse cotidiano demanda muito e se você está apurando uma matéria de ciências, você sempre fica parando para atender essas outras demandas. (Borges, 2022)¹⁰⁰

⁹⁹ Desde 2016 Diélen também faz parte da rede mineira de comunicação científica. A rede mineira congrega várias instituições de ensino e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e foi criada para fomentar a divulgação científica no Estado.

¹⁰⁰ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 20 de dezembro de 2022.

Figura 12 – Prints da página *Comunica UFU* com o destaque para o *Comunica Ciência*



Fonte: UFU. Disponível em: <<https://comunica.ufu.br/>> e <<https://comunica.ufu.br/ciencia/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

Pelo fato de a equipe ser pequena, mas a instituição e sua produção serem grandes, eles propuseram uma divisão, um grupo só para a divulgação científica a partir do grupo de trabalho já existente.

Nós elaboramos um projeto (eu e outros colegas da comunicação, da diretoria de comunicação) e levamos para a gestão em uma época de eleições internas, de mudança de gestão. E eles nos ouviram, nos procuraram para conversar e entender melhor essa necessidade de um maior aprofundamento, mais tempo de dedicação para fazer as reportagens de ciências, pesquisa. O projeto foi aprovado e o novo reitor implantou a mudança. E aí foi criado, colocado no organograma em 2018 e a gente começou a funcionar como uma Divisão de Divulgação Científica. (Borges, 2022)

A DDC atua em duas frentes: (1) Como editoria de ciências produzindo conteúdos sobre as pesquisas da universidade para a editoria *Comunica Ciência* e o *podcast Ciência ao Pé do Ouvido*, material para as redes sociais da UFU e alguns específicos de ciências como no Telegram, chamado *Comunica Ciência UFU* e no Tiktok, com o *Ciência ao Pé do Ouvido*; (2) Fomentar a divulgação científica na instituição com cursos de formação de divulgadores e oficinas.

Figura 13 – Prints da *home Comunica Ciência* e do podcast *Ciência ao Pé do Ouvido*



Fonte: UFU. Disponível em: <<https://comunica.ufu.br/ciencia/>> e <<https://podcasters.spotify.com/pod/show/cienciaaopedoouvido>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

A **Universidade do Estado do Rio de Janeiro** (Uerj) começa a existir em 1950 com o nome de Universidade do Distrito Federal¹⁰¹ após a promulgação de uma lei municipal. Em 1958 foi rebatizada com o nome Universidade do Rio de Janeiro e, em 1961, passou a se chamar Universidade do Estado da Guanabara e, somente, em 1975 ganha o nome definitivo pelo qual a conhecemos hoje.

A Uerj conta com a Diretoria de Comunicação Social (Comuns) que é a unidade administrativa responsável pela elaboração e execução da política de Comunicação da instituição, cuja direção é da jornalista Ana Cláudia Theme, graduada na mesma universidade, com passagens pelo jornal *O Globo*, emissoras de TV *Manchete* e *SBT* e algumas assessorias de imprensa. Ela está na instituição desde 1997, quando prestou concurso para técnico-administrativo e passou a trabalhar para a Coordenadoria de Comunicação Social e Publicações (CCSP), um órgão de comunicação vinculado à reitoria e que, hoje, é a Comuns.

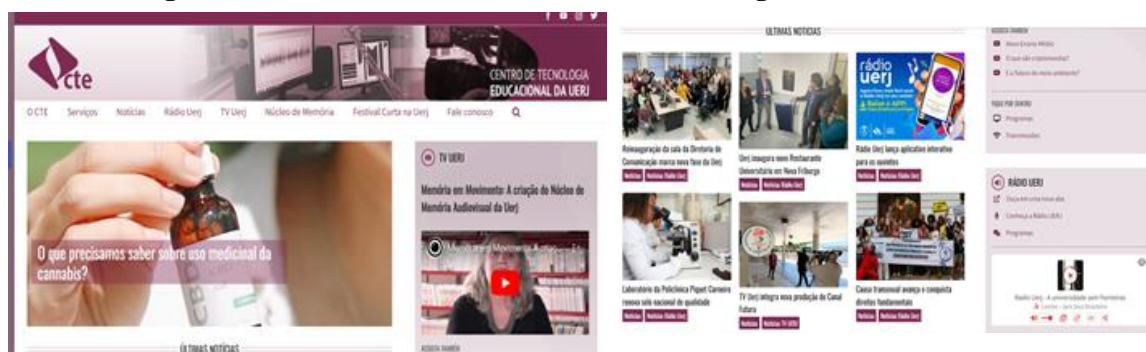
A jornalista, inclusive, chama a atenção para a *curiosa* história da comunicação na instituição. Apesar de haver um setor responsável pela comunicação, até o ano de 2002 nunca havia ocorrido um concurso para a área. Aliás, o segundo concurso para o setor só aconteceu vinte anos depois, em 2022:

¹⁰¹ Não estamos falando da Universidade criada em 1934 sob a chancela de Anísio Teixeira e extinta em 1935. Trata-se apenas de um homônimo.

Eu passei de 1997 até 2002, quando ocorreu o primeiro concurso para a área, como técnica administrativa de nível médio, mas trabalhando com comunicação. Nesse período eu coordenei a assessoria de imprensa, o setor de publicações, dos veículos, jornais que havia nessa ocasião. Não mudou na prática o que eu fazia porque eu continuei desenvolvendo minhas atividades, mas na nomenclatura, sim, afinal, era um concurso que fazia sentido para a minha formação e atividade profissional. Foram 50 anos para acontecer um concurso para comunicador social e eu sempre acho interessante destacar essa história como um sintoma da importância da comunicação para uma organização. (Theme, 2023)¹⁰²

De 2002 para cá, Ana trabalhou sempre com comunicação, mas em diferentes setores da instituição, como por exemplo na criação da Web TV. Um ponto importante a ser mencionado e que interessa diretamente para esta pesquisa é o fato de ela ter dirigido, de 2016 a 2019, o Centro de Tecnologia Educacional (CTE), um órgão que, na época, era ligado à Pró-reitoria de Extensão e Cultura e reúne a TV e a Rádio Uerj, além de uma coordenação pedagógica.

Figura 14 – Prints da *home* do Centro de Tecnologia Educacional (CTE)



Fonte: Uerj. Disponível em: < <https://www.cte.uerj.br/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

Nesse período houve uma reestruturação da rádio, da TV e a produção do CTE ganhou fôlego, por isso, em 2020 o novo reitor teve a ideia de vincular o CTE à Comuns e, desde então, Ana assumiu a direção da Comuns.

Antes dessa nova gestão, a Comuns tinha três funcionários, todos servidores técnicos e nenhum comunicador social. Os comunicadores eram profissionais com contrato de trabalho fixo, portanto, acabou o contrato, acabou todo o trabalho feito até então. Sem contar que os equipamentos estavam obsoletos e a própria diretoria de comunicação não era prestigiada pela reitoria. Então eu vim com a missão de dar uma cara profissional à Diretoria. A ideia era reformular o site, fazer concurso para comunicação, mas como tivemos a pandemia de covid-19, precisamos colocar o pé no freio e as coisas foram acontecendo devagar. (Theme, 2023)

¹⁰²Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 30 de janeiro de 2023.

O concurso que deveria ter sido feito em 2020 só aconteceu em 2022 e os novos servidores começaram a trabalhar em 2023. No entanto, Ana Cláudia sente que agora conta com o apoio da reitoria para dar uma nova cara para a comunicação da instituição e um impulso para a divulgação científica. Recentemente, em 14 julho de 2023, a Comuns ganhou uma nova sede (FIGURA 17) com uma infraestrutura totalmente atualizada e modernizada graças ao amparo financeiro que a diretoria recebeu através de edital de infraestrutura, mobiliário e equipamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

Figura 15 – Prints da home e da página de Notícias



Fonte: Uerj. Disponível em: <<https://www.uerj.br/>> e <<https://www.uerj.br/todas-as-noticias/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

Mesmo que a *home* da Universidade traga um espaço para notícias que tem como categorias: Eventos, Atualidades e Reitoria e, eventualmente, alguns desses temas esteja ligado à ciência, além de destaques de algumas produções de Rádio e TV, é na página do CTE que realmente identificamos as pautas de ciência. Elas podem ser reconhecidas nas reportagens (texto e foto), mas principalmente, em vídeo no *Repórter Ciência* (divulga as pesquisas feitas na Universidade), *Campus* (programa que propõe debater assuntos atuais), *TV Uerj Explica* (um especialista ou pesquisador da Universidade explica um tema ou conceito que seja pauta no debate público) e em áudio, apresentados como programas de rádio e/ou *podcasts*. Nesse caso, podemos mencionar: *Ciência em Prática* (pesquisadores tiram dúvidas do público sobre o conhecimento científico cotidiano), *A Resposta Está na Ponta da Língua* (discussão e curiosidades sobre a Língua Portuguesa), *Direito e Companhia* (explicação sobre as leis e suas aplicações no dia a dia), *Campo* (discussões sobre sociedade, poder e valores), *História ao Pé do Ouvido* (produzido com o apoio da Faperj e que aborda a história de pessoas e/ou fatos do Brasil), *Uerj Entrevista* (programa de entrevista com professores e pesquisadores sobre temas atuais), que está no ar desde 2018, e *Comida de Verdade* (no formato de dicas aborda temas

ligados à alimentação, saúde, cultura, cidadania e sustentabilidade)¹⁰³.

Figura 16 – Print da reportagem para o programa *Uerj em Pauta* produzido pelo CTE



Fonte: Uerj. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=FKcx_4XRNUI>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

O curioso é que nem um, nem outro se apresenta oficialmente como um espaço de divulgação científica. Na página do CTE, há a explicação de que o setor atua no campo das tecnologias de educação e comunicação, especializado na produção e divulgação do audiovisual. É um aliado nas atividades universitárias de ensino, pesquisa e extensão. Suas principais atividades são: cobertura jornalística das atividades universitárias, transmissão ao vivo de eventos pela internet, produção de programas, vídeos e vinhetas para rádio e TV, videoconferência, elaboração de material didático e instrucional e divulgação (no sentido de tornar público) ações da universidade como no Programa *Uerj em Pauta* que recentemente cobriu a inauguração da nova sede da Comuns.

Ainda na Região Sudeste, mais especificamente no Estado de São Paulo, após busca com as palavras-chaves universidade, pública federal e pública estadual, no site do *Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior e-MEC*, identificamos sete instituições com essa nomenclatura: Fundação Universidade Federal do ABC (UFABC), Fundação Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Universidade Estadual Paulista Júlio

¹⁰³ Apesar de não ser o foco, a ciência aparece indiretamente em programas voltados para a divulgação dos projetos de extensão, como o *Uerj para Você* e *Na Real* (áudio) e *Uerj em Pauta* (vídeo) e no programa (vídeo e áudio) *Tecnologia em perspectiva* que é apresentado no formato de um debate com um tema específico por edição. Há o apresentador/jornalista e dois convidados (normalmente um da Uerj e uma pessoa de fora da universidade).

de Mesquita Filho (Unesp), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade de São Paulo (USP).

No entanto, para essa amostra, seguindo as diretrizes já mencionadas no capítulo anterior, optamos por consultar três estaduais (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Universidade Estadual de Campinas e Universidade de São Paulo) e uma federal (Universidade Federal de São Paulo), sendo que os resultados referentes à Universidade de São Paulo serão abordados no próximo capítulo.

A **Universidade Federal de São Paulo** (Unifesp) nasce a partir da Escola Paulista de Medicina (EPM), em 1933, sendo sustentada com recursos privados e subsídios do governo estadual até a sua federalização em 1956. Em 1994, a EPM transforma-se em universidade federal, mantendo os cursos de saúde e abrindo espaço para novas formações, como administração, engenharias, educação física, entre outros. Hoje a Unifesp possui unidades em São Paulo (capital), Diadema, Guarulhos, Osasco, Baixada Santista e São José dos Campos.

Figura 17 – Print da home com destaque para as notícias



Fonte: Unifesp. Disponível em: <<https://www.unifesp.br/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

O Departamento de Comunicação Institucional (DCI) é o órgão subordinado à reitoria e responsável por estabelecer as diretrizes de comunicação para a universidade, coordenado pelo jornalista Walter Teixeira Lima Júnior. São 14 profissionais que trabalham de maneira setorial cuidando do jornalismo, da assessoria de imprensa, do *design*, da fotografia, do audiovisual, das redes sociais e da revisão.

A assessoria de imprensa, apesar de estar sob a coordenação do DCI, é terceirizada, ou seja, é executada por uma empresa particular, a Ex-Libris SP, responsável pelo atendimento da imprensa e a divulgação externa do material produzido internamente pela equipe de comunicação.

Figura 18 - Prints da página de Comunicação



Fonte: Unifesp. Disponível em: < <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

Walter é formado pela Universidade Católica de Santos (UniSantos), tem mestrado e doutorado pela Universidade de São Paulo e passagens como professor e gestor na Umesp, Faculdade Cásper Líbero, Universidade Federal do Amapá (Unifap), Universidade Federal do Pará, UFBA e atua como diretor da DCI há quase cinco anos.

O setor de comunicação de qualquer instituição pública é estratégico para a conexão com a sociedade, mas nós temos um problema muito grande nas federais, hoje, no que se refere a questão orçamentária. Os cargos ligados à comunicação foram extintos ou estão congelados, então, a terceirização passa a ser uma saída. Nós temos a *Ex Libris*, mas não temos mais condições orçamentárias para adquirir outros serviços e outros produtos. (Lima Júnior, 2023)¹⁰⁴

A Unifesp tem produtos que cobrem a ciência, como algumas notícias publicadas na *home*, o *podcast PodSer Ciência*¹⁰⁵, a revista *Entreteses*¹⁰⁶ e a recém-criada revista eletrônica *Tá Na Mão*, cujo *slogan* é *A informação que você quer, do jeito que você precisa*. Trata-se de uma publicação trimestral que a cada edição trabalha com um tema especial apresentado em seções e em diversos formatos: texto, foto, infografia, áudio e vídeo.

¹⁰⁴ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 20 de janeiro de 2023.

¹⁰⁵ O *podcast PodSer Ciência* tem duas temporadas, com 5 episódios cada; todos publicados em 2022.

¹⁰⁶ A última edição foi publicada em novembro de 2021, mas em entrevista, Walter explicou que com a retomada de investimentos para as universidades federais, a reitoria confirmou que é possível publicar uma edição anual.

Figura 19 – Prints da revista eletrônica *Tá Na Mão*



Fonte: Unifesp. Disponível em: <<https://tanamao.unifesp.br/in/C3%ADcio>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

A **Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho** (Unesp) foi criada em 1976 como resultado da junção de Institutos de Ensino Superior do Estado de São Paulo espalhados por diferentes cidades do interior paulista. Hoje, a Unesp tem Faculdades e Institutos espalhados por 24 cidades no Estado de São Paulo, incluindo a capital paulista.

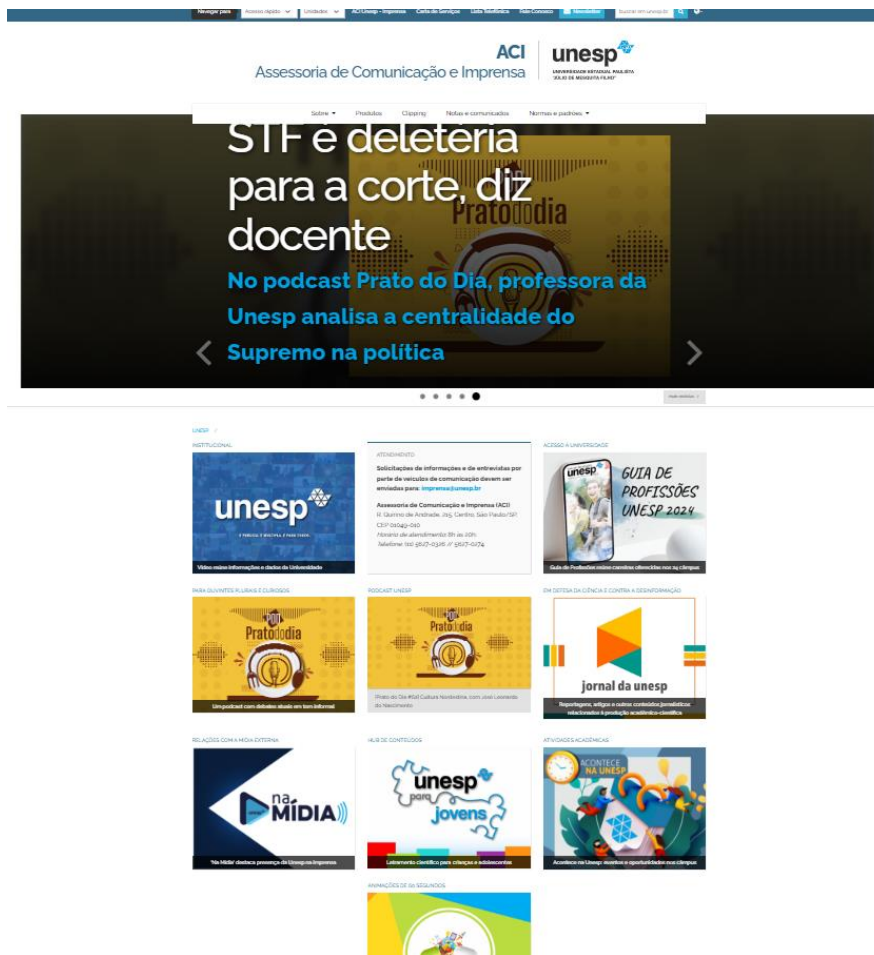
A Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI), antes chamada de Assessoria de Comunicação e Cultura (ACC), nasce entre 1984 e 1985, período da reabertura política no país. Logo de início, o setor decide criar um jornal (existente até hoje) com a tarefa de ser um espaço de comunicação para unir todos os *campi* e segmentos da instituição.

Conforme estabelecido por resolução interna da Unesp (1993), a ACI faz a mediação (assessoria) com a imprensa, cuida da imagem, divulga trabalhos produzidos na instituição, entre outros. Sob a responsabilidade do Departamento está a produção: *Portal da Unesp* (home principal), *Jornal da Unesp* (conteúdo informativo e opinativo de caráter mais jornalístico), *Podcast Unesp* (variados programas em áudio com análises dos especialistas da instituição sobre diversos assuntos), *Acontece na Unesp* (uma plataforma alimentada pela comunidade acadêmica para divulgar eventos e oportunidades), *Unesp para Jovens* (espaço para conteúdo destinado a estudantes e professores do ensino fundamental e médio que busca incentivar o letramento em ciências, artes e humanidades), *Na Mídia* (boletim enviado por e-mail com a seleção de notícias sobre a presença da Unesp na imprensa), *Prato do Dia* (um dos produtos em áudio veiculado a cada duas semanas que traz especialistas para discutir assuntos que estão em pauta na sociedade) e *Pílulas de Ciência* (são animações de até um minuto que respondem perguntas de crianças, integram o projeto Unesp para Jovens).

A equipe é formada pelo assessor-chefe, o físico Marcelo Takeshi Yamashita; o assessor, o médico veterinário José Paes de Almeida Nogueira Pinto, ambos professores da instituição; o editor-chefe do *Jornal da Unesp*, Pablo Nogueira, nosso entrevistado, e mais onze

profissionais, sendo quatro jornalistas, distribuídos nas funções de jornalista/repórter, jornalista/assessor, jornalista/*podcaster*, diretor e assistente de arte, tecnologia da informação, administrativo, projetos/redes sociais, audiovisual e mais seis estagiários em diferentes áreas.

Figura 20 – Print da página de Comunicação



Fonte: Unesp. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/aci_ses/>. Acesso em: 17 de ago. de 2023.

Pablo Nogueira é jornalista graduado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), atualmente cursa doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e tem sua trajetória profissional ligada ao jornalismo científico e à divulgação científica, com passagens pelas revistas especializadas *Scientific American Brasil* e *Galileu*, por exemplo.

Sua primeira passagem pela instituição foi para coordenar a revista *Unesp Ciência*, hoje extinta. Na época, o *Jornal da Unesp* tinha um modelo de comunicação mais corporativo, que

cobria um pouco de tudo, então, o assessor-chefe da ACI e editor-chefe do *Jornal da Unesp*, Maurício Tuffani (1957-2021), resolveu criar uma revista cujo enfoque fosse a divulgação das pesquisas.

Figura 21 – Print do *Jornal da Unesp*



Fonte: Unesp. Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/>>. Acesso em: 5 de jan. de 2024.

Com a pandemia de covid-19 e a morte de Maurício, a revista acabou deixando de ser produzida, Pablo assumiu a edição do jornal e o veículo passou a incorporar as pautas de ciência e pesquisa:

O jornal saía uma vez por mês e aí a gente conseguia falar, publicar uma matéria de ciências, sendo que a universidade produz bem mais. Na revista a gente podia publicar muito mais, dava de oito a dez, e conseguíamos falar com qualidade. Aí com a crise que a Unesp sofreu e a pandemia, ficou quase inviável ter a publicação impressa. Então retomamos o jornal, apenas digital, como uma parte dentro do site da universidade e acabamos parando de produzir a revista. (Nogueira, 2023) ¹⁰⁷

Pablo explica que a experiência do jornal está muito ligada à trajetória dos profissionais que estão à frente do produto.

¹⁰⁷ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 10 de janeiro de 2023.

O Marcelo é ligado ao Instituto Questão de Ciência e tem a preocupação com a ideia de alfabetização científica da sociedade, aliás, que é uma perspectiva que não necessariamente está nas redações. A visão dele é apoiar a produção de pesquisa, apoiar a divulgação de pesquisa; o jornal procura seguir esse caminho. [...] A nossa função é apresentar ao público externo a produção intelectual dos professores da Unesp. Essa produção tanto pode aparecer na forma de matérias sobre pesquisas que eles estão fazendo, como na forma de comentários deles sobre temas da atualidade, o que está na sociedade. (Nogueira, 2023)

A **Universidade Estadual de Campinas** (Unicamp) foi criada em 1966 e também tem uma preocupação com a divulgação científica desde os anos 1980¹⁰⁸. Localizada na cidade de Campinas, tem três *campi* – Campinas, Piracicaba e Limeira – e 24 unidades de ensino e pesquisa. Das universidades selecionadas para as entrevistas, é a única que não oferece o curso de jornalismo. Na área de comunicação há a graduação em Comunicação Social – Midialogia e, na pós-graduação, sob a tutela do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), criado em 1994, a especialização em jornalismo científico e o mestrado em Divulgação Científica e Cultural.

A área de Comunicação é denominada Secretaria Executiva de Comunicação (SEC), órgão responsável pela comunicação integrada da Unicamp com a comunidade interna e externa, e é formada pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (Ascom) e a Rádio e Televisão Unicamp (RTV).

A SEC exerce a assessoria de comunicação, coordena o portal da Unicamp, *Jornal da Unicamp*, TV e Rádio e as mídias sociais. No site da SEC a equipe é descrita com secretária executiva, coordenador geral, diretores de Rádio e TV e Relacionamento, editor do portal e do jornal, editor de Agenda de Eventos, supervisores de Acervo e de TI, diretor administrativo, secretária e mais 32 funcionários (sem mencionar cargo ou função). Álvaro Kassab, nosso entrevistado, é indicado como coordenador geral¹⁰⁹.

¹⁰⁸ O *Jornal da Unicamp* nasce em setembro de 1986, passa a ser digital em 2016 e em 2023 volta a ter as duas versões (impressa e digital).

¹⁰⁹ Apesar do concurso para a área de comunicação, na data da entrevista o novo editor do jornal ainda não tinha assumido o cargo, por isso Álvaro acumulava duas funções. Atualmente, na ficha técnica da SEC, está o nome da jornalista Raquel do Carmo Santos como editora do jornal e do portal.

Figura 22 - Prints das páginas do *Jornal da Unicamp* e Rádio e TV Unicamp



Fonte: Unicamp. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/>> e <<https://www.sec.unicamp.br/>>. Acesso em: 17 de ago. de 2023.

Álvaro Kassab trabalha com o jornalismo diário desde 1978. De 2000 a 2019 foi editor do *Jornal da Unicamp*, entre 2020 e 2022 trabalhou para a editoria da Unicamp e, em 2022, torna-se coordenador de comunicação da SEC e passa a editar novamente o jornal.

É importante deixar claro que houve um desmonte muito grande na universidade. É muito difícil te explicar isso. Quando eu cheguei dessa última vez, tínhamos dois repórteres de texto, é isso, dois para cobrir a universidade toda. E, antes, quando trabalhei aqui chegamos a trabalhar com 12 pessoas só no Jornal, fora o pessoal do portal - só para ter uma ideia do tamanho do gargalo, do suplício. Aos poucos, agora, estamos conseguindo recompor a equipe. Chegaram quatro repórteres, um editor, que vai cuidar só do jornal e que ainda não começou, e um chefe de reportagem. É uma retomada do lado funcional dessa produção, um jornalismo com reportagem de profundidade. (Kassab, 2023)¹¹⁰

¹¹⁰ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 1º de março de 2023.

Figura 23 – Print da *home* do *Jornal da Unicamp*



Fonte: Unicamp. Disponível em: < <https://www.unicamp.br/unicamp/ju> >. Acesso em: 5 de jan. de 2024.

Álvaro explica que o jornal, antes semanal e com tiragem de dez mil exemplares, sempre foi referência na divulgação científica do Brasil e dentro da própria Unicamp:

Sempre foi um cartão de visitas porque temos muitas pesquisas para divulgar. O jornal é um espaço para debate de ideias sobre a conjuntura tanto econômica quanto política. Aliás, a universidade aborda o que acontece no país e no mundo em várias vertentes, além de ocupar um papel fundamental na difusão de ideias que combatem a desinformação. (Kassab, 2023)

Hoje, a publicação de conteúdo na versão digital é mais periódica e atende a necessidade do momento, podendo ser diária ou semanal. Já a versão impressa, com a tiragem de mil exemplares distribuídos pelo campus, sai quinzenalmente e traz em média de oito a dez reportagens. Há a versão em PDF na íntegra do jornal e as matérias (uma ou duas de cada vez) migram para as manchetes da *home* e de maneira rotativa ficam lá por dois a três dias, quando ocorre a troca.

Você pode falar “mas o impresso está morrendo”. Sim, mas isso é uma questão mercadológica que não é o nosso caso. Aqui o conteúdo é feito com dinheiro público, as pesquisas são bancadas por esse dinheiro, então, esse jornal faz muito a função de tornar públicas essas pesquisas, esses pesquisadores sobretudo os mais jovens, os autores (dissertação, tese), os projetos temáticos apoiados pela Fapesp, projetos das próprias unidades. Então, desde que eu assumi, resolvi bancar a retomada do impresso - até porque por mais que migre para o digital -, ele também é um documento, no sentido físico. (Kassab, 2023)

Da esquerda para a direita, as capas das edições 691 (7 a 20 de agosto), 690 (3 de julho a 6 de agosto) e 689 (19 de junho a 2 de julho), de 2023.

Figura 24 – Prints do *Jornal da Unicamp* versão impressa



Fonte: Unicamp. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/>>. Acesso em: 17 de ago. de 2023.

Na Região Sul, selecionamos a Universidade Estadual de Londrina (UEL), que foi criada em 1970 e está localizada no Estado do Paraná, e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criada em 1960.

Em 2021, contatamos as duas universidades com o objetivo de conhecer melhor como a comunicação era organizada e identificar – de fato – qual(ais) era(m) a(s) produção(ões) de jornalismo científico. Na UEL, conversamos com o então coordenador de comunicação, Sergio Henrique Gerelus, que ficou no cargo de 2018 a 2022. E na UFSC, com a diretora da Agência de Comunicação, na época, Mayra Cajueiro Warren.

A **Universidade Estadual de Londrina**, no norte do Paraná, conta com a Coordenadoria de Comunicação (COM) da UEL, sob a direção da jornalista Beatriz Silvério Botelho, o órgão vinculado à reitoria responsável pela divulgação – interna e externa – do conhecimento produzido pela comunidade acadêmica da UEL, pela assessoria e relação com a imprensa, pelo planejamento e organização de eventos do gabinete da reitoria assim como pelo apoio aos

eventos realizados pela universidade.

As atividades desenvolvidas são: (1) produção e edição diária da Agência UEL de Notícias, publicada no portal *O Perobal*; (2) edição mensal do *Jornal Notícia UEL*; (3) *Informativo ComunicaUEL* (enviado para os e-mails cadastrados, espécie de *newsletter*); produção de material gráfico para a divulgação institucional; (4) WhatsApp COM-UEL (lista de transmissão com o foco mais na divulgação da universidade); (5) atendimento à imprensa; (6) administração das redes sociais e (7) gestão de cerimonial.

Para otimizar a produção e o atendimento, todas essas atividades são organizadas em divisões: gráfica, de jornalismo, relações públicas/cerimonial e produção em mídia. Aqui, nos interessa a produção da divisão de jornalismo com o *Jornal Notícia UEL* (8 páginas, mensal) editado pelo jornalista José de Arimathéia e *O Perobal*, criado em 2005 como uma agência de notícias, mas que passou a ter uma produção mais consistente a partir de 2020, editado pelo jornalista William Casagrande Fusaro.

Fusaro é graduado em jornalismo, com especialização em comunicação popular e comunitária e mestrado em comunicação, todos pela UEL. Ele também trabalhou na assessoria de imprensa do hospital universitário, além de outras experiências no mercado de comunicação que o trouxeram de volta à universidade como funcionário, em 2021:

Eu entrei na agência para ser repórter, em janeiro de 2021. Entrei na universidade num cargo de assessor especial, que é um cargo de confiança. Funciona no sentido de contratar pessoas para realizar funções em quadros que não tem ninguém internamente que possa fazer isso. Eu vim para trabalhar com reportagem e para fazer otimização de rede de busca que é SEO no sentido de otimizar as páginas do site nos mecanismos de busca. Aí, com o tempo, algumas pessoas mudaram de setor, ocorreram transferências. Nesse momento, maio de 2022, eu fui colocado como editor do *O Perobal*, que é a agência UEL de notícias. (Fusaro, 2023)¹¹¹

A divisão de jornalismo é pequena e tem quatro repórteres, incluindo William Fusaro. Além disso, dependendo do repórter, ele também é encarregado de redigir *releases* e atender a imprensa. Há também um assessor que acaba editando as redes sociais, um diagramador e um fotógrafo. “Na prática, é um setor que tem umas oito pessoas”, afirma o profissional.

A pauta de ciências está claramente identificada em *O Perobal*, que aparece no site institucional como destaque em Notícias e em algumas pautas do *Jornal Notícia UEL*, que mescla esse conteúdo com temas mais institucionais, mas, de maneira geral, ambos os veículos

¹¹¹Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 10 de janeiro de 2023.

também publicam o que se convencionou chamar de matérias de serviço. Ao clicar no link Notícias, automaticamente o público é encaminhado para a página do *O Perobal*. O *Jornal Notícia UEL*, por sua vez, pode ser acessado na página da Coordenadoria de Comunicação, que leva para uma página com alguns PDFs do jornal.

Figura 25 – Prints da *home* e do *Jornal Notícia UEL*



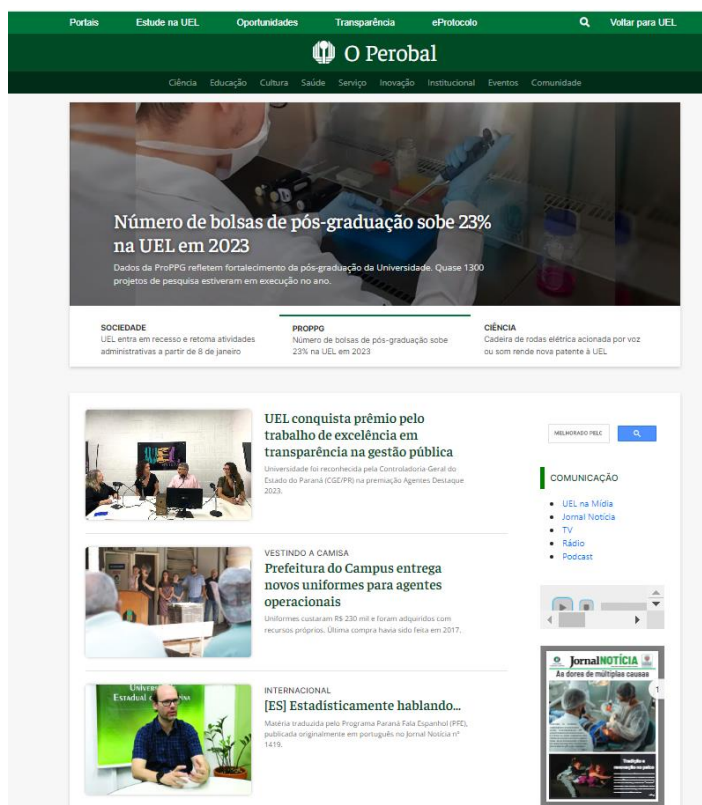
Fonte: UEL. Disponível em: < <https://portal.uel.br/home/>> e <<https://www.uel.br/com/portal/pages/jornal-noticia-uel.php>>. Acesso em: 17 de ago. de 2023.

Como a entrevista foi realizada apenas com o responsável pelo *O Perobal*, é sobre esse veículo que vamos discorrer. Apesar de se tentar manter uma constância de publicações para que o site sempre esteja abastecido, existem alguns momentos em que essa produção fica mais escassa, como no período de férias, por exemplo.

Fusaro explica que *O Perobal* tem uma dinâmica bem jornalística, mas acaba sendo utilizado tanto para a comunicação interna quanto externa, sendo que deveria ser voltado exclusivamente para o público externo. De qualquer forma, a equipe procura publicar toda semana uma ou duas matérias sobre as pesquisas da instituição e outras pautas sobre ensino, extensão ou projetos que englobem mais de uma frente.

Comparando com outras assessorias de universidades estaduais aqui do Paraná, temos uma produção alta. Se somarmos as pautas de pesquisa com assuntos de ensino e extensão, conseguimos publicar duas a três por dia, as vezes cinco, seis. Isso não significa que quem produz mais é melhor, mas mostra que o nosso setor é atuante, tem uma dinâmica que funciona, mesmo com uma equipe pequena. (Fusaro, 2023)

Figura 26 – Print da página *O Perobal*



Fonte: UEL. Disponível em: <<https://operobal.uel.br/>>. Acesso em: 5 de jan. de 2024.

A **Universidade Federal de Santa Catarina** tem ações e produtos de comunicação desde a sua criação nos anos 1960. Primeiro, uma assessoria mais ligada ao reitor, depois, uma assessoria com um olhar mais jornalístico e a produção de um jornal universitário. No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, esse setor passou a se chamar Agência de Comunicação (Agecom) e coube a ele executar e implementar a Política Pública de Comunicação da universidade e a produzir jornalismo científico, o que lhe concedeu em 1994, o Prêmio José Reis de Divulgação Científica.

A Agecom, coordenada pelo jornalista Ricardo José Torres, é responsável por atendimento à imprensa, *clipping*, produção de conteúdo mais geral para o portal de notícias da instituição e de jornalismo científico, tanto para o portal quanto para produtos específicos, mídias sociais e acervo fotográfico. Ela é dividida em três coordenadorias: Coordenadoria de Divulgação e Jornalismo Científico, Coordenadoria de Comunicação Organizacional e Novas Mídias e Coordenadoria de Design e Programação Visual.

Em julho de 2022, com a nova reitoria foi criada uma Secretaria de Comunicação, sob a gestão do jornalista Samuel Pantoja Lima, com a função de articular todos os canais, meios de comunicação da universidade, como a Agecom, a assessoria do gabinete, a TV UFSC, a criação

de uma rádio e até a formulação de uma rede de divulgação científica de todas as instituições federais de Santa Catarina.

Até dezembro de 2022 o coordenador de Divulgação e Jornalismo Científico era o jornalista Luís Carlos Ferrari, nosso entrevistado, graduado na própria UFSC e com passagens pelo *Diário Catarinense*, jornais *O Globo*, *Gazeta Mercantil* e *Diário de Pernambuco*. Ferrari está na instituição como servidor desde 2016, mas ficou nessa coordenação de 2020 a 2022. Com a criação da Secretaria de Comunicação, a partir de janeiro de 2023, torna-se assessor de imprensa do gabinete e a Coordenadoria de Divulgação e Jornalismo Científico, passa a ser gerida pelo jornalista Salvador Gomes.

A Coordenadoria de Divulgação e Jornalismo Científico conta com seis pessoas e é a responsável por produzir todo o conteúdo de jornalismo científico disponibilizado na página dedicada ao tema de ciências, em produtos periódicos (texto, áudio e vídeo) como o *UFSC Ciência*, *Traduzindo Ciência*, *Cientificamente Falando*, *UFSC Explica* e/ou como destaque na *home* da UFSC.

Figura 27 – Prints da página de jornalismo científico



Fonte: UFSC. Disponível em: <<https://agecom.ufsc.br/jornalismo-cientifico/>> . Acesso em: 21 de ago. de 2023.

A escolha por concentrar-se em notícias de ciências ocorreu porque a equipe de comunicação percebeu que as reportagens sobre ciência (pesquisa) eram as que tinham mais avaliação positiva, com maior repercussão na mídia local e nacional, em detrimento das notícias institucionais. Luís Carlos Ferrari percebeu que:

Esse conteúdo era muito importante para a divulgação científica, além de levar o nome da universidade para fora, ampliar o conhecimento sobre a universidade, sobre o que ela produz. Decidimos investir nosso capital nessas matérias, dedicar mais tempo, nossas melhores capacidades para isso e temos conseguido porque temos bons produtos e reconhecimento. (Ferrari, 2023)

Figura 28 – Prints de uma reportagem de jornalismo científico



Fonte: UFSC. Disponível em: <<https://ufsc.br/>>. Acesso em: 21 de ago. de 2023.

Ferrari acredita que todas as instituições de ensino e pesquisa do país têm enorme potencialidade de produção jornalística porque não precisam trabalhar com o mesmo ritmo da grande imprensa, que não tem tempo e não consegue se aprofundar em um tema/assunto, principalmente no que se refere à cobertura científica.

Por estarmos próximos aos pesquisadores, conseguimos ampliar o acesso às suas pesquisas. Aqui, falamos para um público maior, mais leigo que, embora seja interessado em ciência não é iniciado, por isso é preciso ter outro tipo de enfoque, linguagem. Nós temos tempo de ir ao pesquisador mais de uma vez, de pesquisar, escrever o texto com calma, o que agrega uma qualidade imensa ao produto final. (Ferrari, 2023)

Nesse sentido, o próximo tópico busca compreender como se dá a rotina produtiva de jornalismo científico nessas instituições. Como é o seu dia a dia, a escolha e definição de pauta e fontes, a produção do conteúdo e o formato de publicação.

4.1.2 Como é feito, quando e onde o material é publicado? Rotinas produtivas: pauta, fontes, redação e publicação/divulgação

Espera-se do profissional que trabalha com jornalismo, seja como repórter, seja como

produtor ou editor – independentemente do meio de atuação – a observação atenta do mundo. Essa observação faz com que o jornalista escute e perceba o que está acontecendo ao seu redor e, conseqüentemente, identifique se esse fato é ou não uma boa pauta.

Pensar em uma pauta não é tão simples assim, pois é preciso: apurar, organizar e hierarquizar as informações durante todo o processo de construção da notícia. Basicamente, o trabalho jornalístico percorre o seguinte caminho: (1) pauta (tema); (2) apuração (pesquisa de dados e fontes a serem checadas e/ou contatadas); (3) entrevista (a conversa direta e/ou indireta com as pessoas selecionadas); (4) redação (a produção do conteúdo em texto, áudio ou vídeo); (5) edição (correção, checagem, complemento do material produzido) e (6) publicação/divulgação.

No entanto, ao mesmo tempo que o jornalista sabe da importância desses cuidados na sua prática profissional, ele também tem que lidar com a precarização do trabalho (redações enxutas que resultam em sobrecarga de trabalho, além da redução de salários) e a pressão diária em submeter esse trabalho à lógica do algoritmo.

Resultado? A falta de tempo para uma apuração de qualidade - em que seja possível descobrir contradições entre o discurso e a realidade ou novos enfoques - e a impossibilidade de recolher mais detalhes e informações.

Mas e o jornalismo produzido nas universidades públicas também passa por essas dificuldades? Como é a rotina produtiva nesses locais? É possível colocar em prática os cuidados necessários no exercício jornalístico?

Todas as universidades consultadas enfatizaram a importância do cuidado na prática do jornalismo científico. Mesmo que nem todas realizem uma reunião de pauta formal¹¹², toda a produção começa com a definição do que é ou não pauta e o questionamento de como isso pode se transformar em uma reportagem de qualidade.

¹¹² É importante destacar que, apesar das entrevistas terem sido realizadas entre o final de 2022 e início de 2023, o recorte da pesquisa engloba o período da pandemia de covid-19 entre os anos de 2020-2022 e início do período pós-pandêmico. As questões buscavam compreender como foi produzir nesse período específico, por isso, algumas práticas jornalísticas foram impactadas.

Quadro 26– Organização das reuniões de pauta

Nome da Instituição	Há reunião de Pauta?	Como ocorre
UFPA	Sim	Como o jornal é trimestral, a reunião formal ocorre a cada 2 meses
UFS	Sim	Na segunda-feira dentro da reunião geral da diretoria
UNEMAT	Sim e Não	Antes da pandemia era semanal. Depois, a cobertura passou a funcionar sob demanda
UnB	Sim	Na terça-feira (todo o departamento) e para a revista a cada 4, 5 meses, conforme a data prévia de publicação do produto
UFU	Sim	Segunda-feira
Uerj	Não e Sim	No auge da pandemia a cobertura funcionava sob demanda. A partir de 2022 começou a organização para ocorrer uma vez por semana
Unifesp	Sim	Segunda-feira. São três reuniões: a geral com as pró-reitorias, em seguida com a assessoria de imprensa externa e, por último, só com a equipe do departamento de comunicação
Unesp	Sim	Semanal
Unicamp	Sim	Diária, com editores e coordenadores de área; Segunda-feira e Sexta-feira, com os repórteres
UEL	Sim	Segunda-feira junto à reunião com as pró-reitorias
UFSC	Não e Sim	No auge da pandemia optou por fazer menos reunião formal e mais conversas individuais por e-mail e WhatsApp. A partir de 2022 elas voltaram a ser mais formais e semanais

Fonte: produção da autora (2023).

De maneira geral, as pautas de ciências produzidas por essas instituições costumam ser mais frias, ou seja, não têm a obrigatoriedade de serem publicadas imediatamente. As pautas quentes estão mais relacionadas a agenda, eventos e, eventualmente, projetos de pesquisa e extensão com datas determinadas (bancas de defesa, premiações, publicações em periódicos, lançamento de livros) e ainda acontecimentos com alta repercussão na sociedade que necessitam de uma explicação, cobertura mais imediata, como foi com a pandemia de covid-19 e a campanha de vacinação.

Outro fator comum é a existência de uma pré-produção, quando há uma pesquisa prévia do que está acontecendo na universidade, por e-mail, na biblioteca, nas pró-reitorias, nos departamentos, nas faculdades.

Na UFPA, a equipe da Rosyane Rodrigues trabalha da seguinte forma:

A gente pensa numa pré-produção e tem muita coisa que chega diretamente ao meu e-mail, mas tem coisas que não chegam, então a gente faz uma busca. Essa seleção normalmente quem faz é o estagiário. Depois eu olho e vejo o que vai render boas matérias e eu também tenho uma preocupação para manter a diversidade entre os Institutos e as Faculdades que estão sendo contemplados para não ficar sempre repetindo a mesma área de conhecimento. Eu entro em contato com essas faculdades, com os Programas de Pós-Graduação, verifico se essas pessoas têm disponibilidade para entrevista se têm interesse em falar. E só então fazemos a reunião de pauta. Essa reunião de pauta é a cada dois meses, portanto, as pessoas vão ter tempo de produzir essa matéria. (Rodrigues, 2022)¹¹³

Na UFS, por seu turno, Josafá Neto explica que, pelo fato de o departamento trabalhar de forma horizontal, todo mundo discute tudo e vê o que é mais adequado na reunião geral que acontece em todas as unidades (rádio, TV, portal e editora) às segundas-feiras.

Tem pauta que fica só para rádio, outras são compartilhadas. Para o *UFS Ciência* eu verifico se para aquela pauta vou precisar de fotógrafo, cinegrafista, até porque temos dia fixo de gravação. Como publicamos algo novo toda segunda-feira, sempre saímos para gravar na quarta-feira. E como eu controlo tudo isso? A gente sempre tem duas matérias prontas com antecedência de duas semanas. Entre a produção e a publicação temos essa margem de segurança. (Neto, 2023)

Na UNEMAT, quando Danielle Teixeira retornou do doutorado e apresentou sua proposta à reitoria, conseguiu criar uma regularidade que se manteve até o começo de 2020: a de publicar semanalmente uma matéria de divulgação científica no site, além de *posts* nas redes sociais. Com a nova gestão e reestruturação do departamento no início de 2023, a retomada do trabalho feito até então está listada como prioridade.

Foi um movimento muito gostoso porque a gente teve uma receptividade muito grande da comunidade interna que via com orgulho o que a universidade produzia. E, por parte da comunidade externa, trouxe visibilidade. Com a pandemia, fomos perdendo o fôlego da versatilidade de cobertura. Na verdade, os *posts* para as redes sociais, a cobertura das pautas ambientais e de saúde continuamos a fazer, mesmo que em número menor. Agora, esperamos retomar e deixar uma parte da equipe voltada só para a cobertura científica porque percebemos que foi algo que funcionou muito, nos trouxe bastante retorno. (Teixeira, 2023)

E como essas pautas chegam? Na maioria das instituições que já têm uma cobertura sistematizada, as próprias fontes já enviam suas sugestões. Como assim? Há uma lógica dos

¹¹³ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 21 de dezembro de 2022.

departamentos via suas assessorias e/ou os próprios pesquisadores entram em contato com a redação para falarem das suas pesquisas, publicações em periódicos. Quando isso não acontece, é a redação que sai em busca desse material, seja contatando diretamente os professores, pesquisadores, seja observando as publicações de revistas e periódicos e/ou contatando (e-mail e/ou telefone) os outros departamentos.

No caso da UnB, que tem dois veículos estratégicos, *UnB Ciências* e *Revista Darcy*, nas reuniões há o levantamento do que seriam as pautas de (1) interesse público, de temáticas mais interessantes para a sociedade naquele momento e (2) as de interesse da faculdade, da comunidade acadêmica. Nesse momento, os editores avaliam o que é importante para o portal, o *UnB Ciência*, a *Revista Darcy* e outros produtos.

No que se refere à *Revista Darcy*, Vanessa Vieira reforça que:

Quando a gente vai sentar para começar o processo de produção da próxima revista, disparamos um e-mail para os coordenadores de curso da pós e da graduação e outros setores da faculdade, além dos inscritos no nosso *mailing*, informando que vamos iniciar o processo de produção da próxima *Darcy* e, que, portanto, estamos com o canal aberto para recebermos sugestões. Depois fazemos uma pré-seleção desse material e abrimos uma discussão para novas sugestões na reunião de pauta da revista. O tempo de produção da revista até o lançamento dá cerca de quatro meses. (Vieira, 2023)

Para uma reportagem qualificada é preciso ter uma boa pauta e consultar diversas fontes documentais ou testemunhais (especialistas, autoridades, personagens), mas se engana quem pensa que uma reportagem é feita apenas com entrevistas. “Uma reportagem baseada em declarações aumenta o risco de o jornalista ser usado a serviço do interesse dos outros” (Pinto, 2012, p.89). O ideal é o equilíbrio entre as falas dos entrevistados e todas as outras informações apuradas como defende Lage (2019).

É claro que o êxito de uma pauta depende essencialmente de quem a executa. O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve a imaginação, *insight*: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos. (Lage, 2019, p.35)

Nas universidades, como mencionado anteriormente, antes da produção da reportagem há uma pesquisa prévia sobre o assunto e para isso, os entrevistados afirmaram que costumam ler as pesquisas e/ou artigos para se inteirar melhor sobre a temática e pensar na abordagem do

texto. Apesar de todos também consultarem as fontes especialistas (o pesquisador em si e/ou o orientador do projeto), essa cobertura, em muitos casos, acaba pecando porque as pautas não trazem a voz de personagens comuns ou mesmo de um olhar de fora da instituição.

Como escreve Bueno (2022), também é preciso ouvir as pessoas comuns sobre o impacto da ciência e da tecnologia em suas vidas. William Casagrande Fusaro, UEL, admite essa prática nas produções e reconhece a necessidade de ter outras vozes:

Isso acontece muito, de pegar os dados do pesquisador e esquecer das pessoas comuns, até pela dinâmica de trabalho mesmo. Mas a gente tenta evitar essas reportagens com cara mais administrativa. As matérias que mais trazem retorno são as que têm gente falando, que mostram a solução, a conquista e não apenas o burocrático. (Fusaro, 2023)

Essa *falha*, muitas vezes, ocorre devido ao contingenciamento financeiro e de pessoas pelo qual as universidades passaram nos últimos anos. Para o jornalista Walter Teixeira Lima Júnior da Unifesp:

Com toda essa questão orçamentária de arrocho que vivemos nos últimos anos, os setores de comunicação das universidades também sofreram muito porque cargos foram extintos ou a possibilidade de contratação, interrompida. Eu defendo que os setores de comunicação de qualquer instituição pública são estratégicos para a conexão com a sociedade. Hoje, há falta de gente, no sentido número, para dar conta e executar os serviços com qualidade, por isso nossa cobertura vai sendo direcionada conforme a questão. De qualquer forma, a nossa comunicação é focada na sociedade. A gente quer mostrar o que a gente faz e, principalmente, os serviços e projetos de pesquisa e extensão da universidade. (Lima Júnior, 2023)

Nesse sentido, caberia de imediato a esse jornalismo científico a incumbência de divulgar a universidade no sentido de prestar contas do que é feito ali dentro, ao mesmo tempo, que esse tipo de publicação ajuda a combater a desinformação sobre a universidade e a ciência.

Outro impacto na práxis jornalística nesses locais é o fato de que nem todas as instituições desfrutam de transporte (carros de reportagem e/ou dinheiro para táxis e carros de aplicativos) para o deslocamento da equipe para captar essas informações. Antes, o repórter costumava sair a campo com mais frequência e visitava o laboratório dos pesquisadores. Hoje, em muitos casos, as entrevistas ocorrem por chamada de vídeo ou WhatsApp e as fotos são enviadas pela própria equipe de pesquisa.

Rosyane Rodrigues, UFPA, identifica esse comportamento, mas compreende que isso é o efeito da pandemia na formação dos novos profissionais, pois “os estagiários de hoje são, em

sua maioria, alunos que ingressaram na universidade no formato totalmente online e/ou tiveram pouquíssimas aulas presenciais.” (Rodrigues, 2022). Ela também acredita haver uma diferença geracional nessa produção:

A geração mais antiga prefere se encontrar pessoalmente com a pessoa e só fazemos online se a pessoa não está na universidade, não mora em Belém. Já os jornalistas em formação preferem principalmente o WhatsApp. Outro dia mesmo, um estagiário estava agoniado porque ia ter que fazer uma entrevista presencial e eu fui lá e disse que o encontro olho no olho é do nosso oficial e ele me respondeu que queria fazer por e-mail porque era muito mais fácil. Não acho que é o mais correto, mas eles aprenderam a fazer dessa forma. (Rodrigues, 2022)

E quanto à escrita desse material, quais são os cuidados que as redações costumam ter? Fioravanti (2013) e Bueno (2021, 2022) são enfáticos em relação à cautela com a linguagem na prática do jornalismo científico. Ao defender o exercício de um jornalismo científico de enfoque ampliado, Fioravanti (2013, p.322) afirma que a linguagem deve ser “descritiva e narrativa, mais próxima ao leitor, com mais interações e diálogo.”

O jornalista em formação aprende que um bom texto jornalístico precisa começar com o *lead* (ou lide), ou seja, no primeiro, no máximo segundo parágrafo, o profissional precisa responder as perguntas o que (fato), quem (envolvidos), quando (data), onde (local), como (modo) e por que (razão, motivo). O argumento para o uso do *lead* é que o relato do fato/acontecimento se torna mais objetivo e, conseqüentemente, evita-se a redundância.

As universidades trabalham, sim, com a lógica do *lead*, mas não necessariamente com a escrita engessada, pois costumam buscar exemplos e analogias com o intuito de simplificar a linguagem (QUADRO 27). O *lead* acaba sendo um guia no momento da apuração. Também procuram evitar o uso de termos técnicos quando possível, no entanto, cada uma das instituições tem suas particularidades, conforme a compilação das falas¹¹⁴ a seguir:

¹¹⁴Os trechos em negrito são para destacar os pontos que mais chamaram atenção nas falas dos entrevistados.

Quadro 27 – Cuidados com a Redação

Fonte/Instituição	Como é a redação/produção
Rosyane Rodrigues, UFPA	Recomendamos trabalhar com o lead, mas não o tradicional . Pode começar com uma música, dado, mas desde que tenha conexão, ou seja, não pode ser uma coisa solta. Sempre tem que citar o nome do orientador, do programa ao qual está ligado ou em que a pesquisa foi desenvolvida e a agência de fomento, quando for o caso. Internamente, já temos definido o tamanho certo para o texto de página simples e de página dupla. Temos que ter em mente que não podemos errar porque somos a vitrine da universidade e nossas matérias são fontes de pesquisa . No diário você erra hoje e corrige hoje. Nós não, não temos como arrumar o que já foi publicado no impresso, mesmo sendo possível consertar no digital. Nosso material é revisado duas vezes , uma pelo nosso revisor mesmo e depois por um revisor externo, normalmente, nossa diretora que não teve contato com o conteúdo anteriormente e não tem o olhar viciado.
Josafá Bonifácio Neto, UFS	A universidade tem um manual de redação próprio, mas como a rádio e a TV são parceiras da EBC , estamos usando esse documento como referência. De qualquer forma, respeitamos muito o estilo pessoal de cada repórter, mas é fato que ao mesmo tempo pensamos em ocupar espaço na mídia a partir do que o <i>UFS Ciência</i> produz, portanto, isso influencia um pouco na escrita. Passamos a pensar em parágrafos mais curtos, leads sem termos técnicos . Desde que não mude o sentido, não fazemos textos muito longos, mas sem perder a profundidade, fazemos uso de subtítulos e procuramos incluir personagens .
Serena Veloso, UnB	A primeira coisa é o básico do jornalismo: a objetividade . A outra questão é a linguagem , que precisa ser acessível ao público, mas sem perder os elementos que são da ciência. É preciso cautela no traduzir porque mesmo que saibamos que é preciso simplificar, tem certas coisas que não podem ser descartadas. Nossos textos são maiores em relação à cobertura mais factual da universidade e, conseqüentemente, aprofundamos no tema porque temos uma pesquisa maior, conversamos várias vezes com os pesquisadores.
Vanessa Vieira, UnB	Se é um assunto especial, por exemplo, a gente pede que ouça pelo menos três especialistas e que geralmente sejam de áreas complementares . Se possível, que sempre inclua discente (graduandos ou pós-graduandos) que estão ali ligados à pesquisa. Sempre orientamos para que o fotógrafo e o repórter tomem o cuidado visual porque isso é uma marca da revista. Também procuramos utilizar infográficos porque a junção da imagem com o texto ajuda nessa compreensão. Na edição, fazemos essa segunda leitura buscando identificar se foram contemplados diferentes pontos, vozes, dimensões do assunto, ver o espaço que cada pesquisador teve no texto, levar em consideração a experiência, o papel dentro daquela pesquisa e fazer um equilíbrio.
Danielle Tavares Teixeira, UNEMAT	O principal é simplificar a linguagem . Eu mesma, às vezes, tinha que ler um texto mais de uma vez para entender o que significava. Buscamos diversificar as fontes , trazer mais de uma fala, explicar conceitos , fazer uma matéria mais ilustrativa no sentido de usar gráficos, tabelas, ilustrações . Se for necessário vamos uma, duas ou mais vezes até o pesquisador para que ele (a) explique novamente. E temos o costume de um colega ler o texto do outro. No final, o texto precisa ser claro para a compreensão das pessoas leigas .

Diélen Borges, UFU	A gente observa aquelas coisas que são gerais para todo mundo que trabalha com jornalismo científico, que é explicar alguns termos que são técnicos . Talvez se a gente estivesse trabalhando para um portal que não fosse da universidade nem usasse o termo técnico, mas considerando que ele é o site da universidade, precisa ter essa informação mais científica . Uma coisa que eu acho que é bem específica de quem faz jornalismo científico de dentro da universidade é que a gente é um pouco viciado pela assessoria de comunicação, de dar muita ênfase às pessoas ou à universidade . Quando eu vou supervisionar o estagiário, eu sempre falo que é fundamental entender o que envolveu aquela pesquisa, qual a sua importância, o que ela trouxe de inovador , o que tem de interesse público ali e não apenas falar que a instituição fez a pesquisa ou que ela ganhou um prêmio. Aqui a gente tem que falar mais para o público do que sobre a universidade, embora claro, a universidade apareça.
Ana Cláudia Theme, Uerj	Apesar de ainda estarmos formulando um manual de redação , sempre existiu essa orientação ali no dia a dia do trabalho, na hora do <i>briefing</i> para quem vai fazer a matéria e na hora da revisão. Tem sempre que buscar personagem, pegar a pesquisa e ler e ver se consegue com o professor um material de pré-apuração antes da entrevista.
Walter Teixeira Lima Júnior, Unifesp	Buscamos fazer um jornalismo que tende a ser mais interpretativo . A universidade é um ator social, então qual a interpretação da universidade sobre aquele fato , assunto ou qual a importância dessa pesquisa/projeto para a sociedade? Sempre evitamos adjetivos , conversamos com os professores e os alunos envolvidos. Como a nossa produção é integrada, também nos questionamos se aquele texto tem foto, se vai render vídeo, se precisa de uma arte, uma curadoria especial para as redes sociais .
Pablo Nogueira, Unesp	Não tem tanto essa coisa formalizada para conversar com os repórteres. O que a gente faz, na verdade, é lançar um olhar jornalístico para uma pesquisa que é diferente do olhar do especialista, né? Então, às vezes a gente pode até destacar coisas que o especialista não acha muita relevância . Procuramos evitar jargão, sempre explicar o que é aquilo , buscar compreender por que aquele estudo nasceu e o que queria descobrir, porque essa descrição pode ser útil no texto. Também utilizamos links para os artigos originais, outras pesquisas e vídeos ou áudios. Busco chamar a atenção na linguagem quando possível com uso de analogias, metáforas . Por exemplo, eu fiz um texto com um professor que pesquisa como os defensivos agrícolas afetam as abelhas, e na nossa conversa ele mencionou que no passado tinha muito mais abelha nas cidades e, inclusive, era preciso parar os carros e limpar os para-brisas de tanto inseto morto que se acumulava e que, portanto, estava havendo uma matança de abelhas. Eu coloquei isso na matéria: “está tendo um genocídio de insetos no Brasil”. Isso cria uma imagem na leitura e ajuda a chamar a atenção .
Álvaro Kassab, Unicamp	Apuração detalhada, criteriosa, não temos pressa . Uma pesquisa demorou anos para ser feita, portanto, nossa apuração é demorada. Eu trouxe para a redação a função do chefe de reportagem como pauteiro que tem a tarefa de fazer uma pauta bem detalhada, apurada, quase como um relatório diariamente . Esse cuidado já começa a partir desse ponto. Outra coisa que fazemos no caso das matérias para o jornal é passar pelo crivo do pesquisador . O que isso quer dizer? O

	pesquisador não mexe na estrutura, ele só olha e mexe, se for o caso, na parte técnica. O jornalista é leigo e você pode até ter um físico na equipe de reportagem, mas o físico não entende de tecnologia e vice-versa. Ele até tem a informação para atuar como um divulgador científico, mas não tem o olhar, as técnicas jornalísticas, da estrutura textual jornalística. Sempre fizemos esse crivo pelos pesquisadores e nunca tivemos problema. E acredito que isso seja um dos pontos que garantem a publicação de um material de confiança, consistente.
William Casagrande Fusaro, UEL	Primeiro a gente procurar fazer as entrevistas presenciais . A gente não tem um manual de jornalismo, mas tem sempre a orientação de colocar um ou dois personagens e vou conversando com os repórteres, estagiários sobre o desenho do texto, orientando como deveria caminhar, o que se encaixa bem, o que agrega. Vejo que é mais uma troca entre os que têm mais experiência com os que estão começando.
Luís Carlos Ferrari, UFSC	A gente tem aqui, inclusive era uma das coisas que a gente estava tentando resolver, mas a pandemia atrapalhou, um guia com algumas normas de redação e estilo . Temos também um revezamento nessa produção . Há uma política de cada jornalista tentar fazer um dos produtos (texto, áudio, vídeo) uma vez por mês. Esse mês o fulano fez texto, mês seguinte faz <i>podcast</i> e assim sucessivamente. No geral é fazer uma apuração mais aprofundada , cuidadosa, ler o texto mais de uma vez, voltar no pesquisador para checar mais informações quando necessário; é ter mais calma e tempo para essa produção .

Fonte: produção da autora (2023)

Assim como qualquer jornalista da grande mídia, cada um desses profissionais entrevistados, seguem uma rotina de produção (*newsmaking*) no sentido de determinar como o assunto será abordado, contado, além de também exercerem a função de *gatekeeper* quando seleciona o que vai ou não ser veiculado.

Trata-se de uma tomada de decisão que o profissional deve fazer para elaborar e veicular uma reportagem, pois a intenção é a de que a mensagem chegue até o receptor e a comunicação – de fato – se concretize, como bem defende Wolton (2006).

No entanto, a partir da fala desses doze profissionais identificamos que o jornalismo científico produzido dentro das universidades segue condutas e posturas que, hoje, são quase impossíveis nas grandes redações, seja por falta de profissionais especializados, seja pelos cortes de editorias que cobrem a área/setor.

Hoje, com a pressa da publicação, o jornalismo tem errado muito e, para quem trabalha nas universidades, isso é inadmissível. “Temos que ter em mente que não podemos errar porque somos a vitrine da universidade e nossas matérias são fontes de pesquisa.” (Rodrigues, 2022)

Esses cuidados, apontados pelas fontes, os quais destacamos, contribuem para o exercício de um jornalismo preocupado em oferecer uma informação científica de qualidade.

- tempo e calma para pensar na pauta, apuração e produção;

- proximidade (física) com as fontes que permite ir até ele(a) quantas vezes forem necessárias para a checagem das informações;
- busca pela pluralidade de vozes (personagens);
- realização das entrevistas de maneira presencial;
- prática de um jornalismo mais interpretativo com dados, links que ampliem o conhecimento da temática por parte daqueles (as) que estão acessando o material;
- uso de recursos estéticos (imagens, infográficos) e linguísticos (analogias, metáforas, parágrafos mais curtos, explicações, descrições) que permitam uma melhor compreensão;
- reconhecimento da seriedade desse trabalho: a produção do jornalismo científico dentro de uma instituição pública;
- múltiplas leituras antes da publicação;
- versatilidade de publicação: se antes o material era só impresso, hoje ele pode ser publicado em áudio, vídeo etc.

Reconhecemos que, do mesmo modo que as grandes redações, as universidades também migraram para o online e, essencialmente, suas publicações mesclam o texto com áudio e vídeo, conforme disponibilidade de recursos¹¹⁵, mas no caso da UFPA (jornal *O Beira do Rio*), UnB (*Revista Darcy*) e da Unicamp (*Jornal da Unicamp*), as publicações impressas ainda se mantêm.

A *Revista Darcy* é pensada para sair duas edições por ano com uma periodicidade semestral em média. Para o ano de 2023, a previsão é sair um número em abril e outro em setembro. Além disso, os textos e imagens são exportados para a página da revista na internet seguindo as características específicas do digital e uma versão em PDF é disponibilizada. Em seguida, junto às equipes de institucional e redes sociais, há a definição de como o material será divulgado.

Basicamente, a cada semana um dos textos da revista entra como destaque no portal da UnB, nas redes sociais e no e-mail marketing enviado para o *mailing*, sem contar as ações que são feitas junto às escolas.

No entanto, a jornalista Vanessa Vieira esclarece que:

Devido às dificuldades orçamentárias a gente não conseguiu, não pode

¹¹⁵ Muitas universidades – por falta de recursos ou outros tipos de limitadores provenientes dos setores públicos – não conseguem usar *softwares* ou programas que seriam mais ágeis e úteis na divulgação do material produzido. Além disso, muitos sites têm *design* defasados que impossibilitam uma boa navegabilidade.

participar de pregão, então, não fizemos a edição impressa da revista. Tem uns quatro, cinco números que ela é produzida para ser impressa (porque uma coisa é você produzir uma revista pensando numa versão totalmente digital e outra, é produzir uma revista para ser impressa), mas sem condições de viabilizar essa impressão. [...] Mas considerando a inserção cada vez maior das pessoas na web e toda a comunicação que conflui para esse formato que permite o maior acesso à informação científica, difusão do conhecimento a gente tem trabalhado para ampliar a revista no espaço eletrônico, inclusive, temos feito um estudo para uma reformulação do site para que a revista, cada vez mais, se torne uma revista digital. Não é extinguir a versão impressa, mas ela vai passar a ter uma seção digital maior. (Vieira, 2023)

Independentemente do formato e considerando todo o contexto dos problemas de infraestrutura como equipe pequena e/ou falta de recursos e *softwares* específicos, as instituições buscam ter uma periodicidade (diária, semanal ou quinzenal) mesmo que nem sempre consiga respeitar esse cronograma.

Sobre a diversidade de formatos, no que se refere às publicações, o que se percebe é que a pauta é pensada, ainda, como uma reportagem em texto, mas, conforme a apuração vai ocorrendo, a equipe identifica o que pode ser publicado em áudio ou vídeo. A exceção ocorre quando a instituição já tem estabelecido a produção de *podcasts*, os programas em vídeos para uma TV universitária ou o canal do YouTube e em áudio para a rádio universitária.

Diélen Borges, UFU, relata que para definir se a publicação vai ser em texto, vídeo, vai depender da característica da pauta e disponibilidade de imagens.

Para os *podcasts*, por exemplo, precisa ser um assunto que consiga se sustentar porque os episódios têm 5 minutos. Já o que sai no site também precisa pensar no ranqueamento dos mecanismos de busca, por isso, pensamos em bom título e uso de palavras-chaves. (Borges, 2022)

Já a Uerj se difere das outras universidades porque tem uma tradição na produção de vídeo e áudio sob a tutela do CTE que, a partir de 2023, passou a ser vinculado à Comuns. Ana Cláudia Theme frisa: “desde 2016 temos essa organização e sistematização desses programas em áudio e vídeo focados na extensão universitária e na divulgação científica.” (Theme, 2023)

Outra maneira de expandir essa divulgação é a utilização das redes sociais da universidade, mesmo que o conteúdo não seja exclusivo para esse canal, como admite Serena Veloso da UnB: “A gente replica muito nas redes, afinal, o conteúdo está ali pronto e é só divulgar, mas temos caminhado para mudar essa dinâmica de tentar fazer uma produção independente para as redes mesmo.” (Veloso, 2022)

Nesse sentido, é preciso estar atento à dinâmica das redes sociais como reforça Diélen

Borges, UFU:

A gente replica e cria conteúdo específico. No Instagram temos caixas de perguntas e produzimos a partir dali. Já fizemos muito carrossel também no sentido de pegar uma reportagem e fazer um post com até 5 imagens. Hoje fazemos mais vídeos porque percebemos que a rede está indo nesse caminho. Assim, juntamos três ou mais reportagens e eu faço ou algum dos estagiários faz o vídeo chamando para a leitura. (Borges, 2022)

No caso da UFS há a produção de *releases* específicos sobre as reportagens de ciências que são encaminhados para determinados veículos no sentido de estimular e/ou despertar o interesse para a pesquisa. “Após a conclusão e publicação da reportagem eu produzo um *release* sobre o conteúdo publicado, envio para a imprensa *vendendo* melhor o assunto e faço a ponte com os pesquisadores em caso de interesse por parte da grande mídia.” (Neto, 2023)

4.1.3 Por que e para quem fazer jornalismo científico? Prós e contras e a contribuição dessa prática para o acesso à informação científica de qualidade

Ao longo deste trabalho já mencionamos que uma das missões da universidade é tornar acessível o conhecimento que produz e, entre as formas de fazer isso, está a prática jornalística.

Bucci (2021) defende que o jornalismo científico é prioritário nessa interface entre a universidade e a sociedade, por isso a grande questão desta pesquisa é compreender se as universidades fazem jornalismo científico e por qual razão.

Todos os entrevistados são unânimes na defesa da prática do jornalismo científico até porque acreditam que se trata de uma prestação de contas para com a sociedade e, principalmente, reconhecem a importância da universidade, cada vez mais, falar para fora, ainda mais quando o assunto é sobre ciências.

Para fins de organização de leitura optamos por apresentar essas informações¹¹⁶ no quadro a seguir:

¹¹⁶Os trechos em negrito são para destacar os pontos que mais chamaram a atenção nas falas dos entrevistados.

Quadro 28 – Por que fazer jornalismo científico

Fonte/Instituição	Por que fazer?	Pontos positivos	Pontos a serem melhorados
Rosyane Rodrigues, UFPA	É o principal instrumento para fazer a divulgação da pesquisa , de tudo que a universidade faz e mostrar qual o impacto disso na vida das pessoas. Além disso, é o espaço para discutir questões da sociedade sob os olhos da instituição . Acho que só um veículo produzido aqui dentro é que vai ter esse olhar, que vai ter esse interesse já que tem uma equipe voltada só para isso .	Aproximar a universidade da população Ajudar a mostrar o impacto da ciência na vida das pessoas Equipe dedicada a essa produção Profundidade da cobertura em comparação à grande mídia Liberdade editorial Facilidade de acesso às fontes	Equipe pequena para a alta demanda de trabalho Falta de recursos financeiros e materiais
Josafá Bonifácio Neto, UFS	Para a universidade, fazer jornalismo científico é essencialmente fazer duas prestações: (1) prestar contas à sociedade sobre o investimento público que é feito e (2) a prestação de serviço com uma publicação de informação de qualidade. É deixar claro para a sociedade o que a universidade está fazendo , principalmente no que se refere à produção de ciência .	Reforço da credibilidade da instituição e de seus pesquisadores e professores Ampliação e melhora do relacionamento entre pesquisadores e jornalistas Ampliação da visibilidade da universidade e suas pesquisas	Equipe reduzida para a alta demanda de trabalho Profissionais que têm várias funções: uma mesma pessoa é repórter de um produto, mas coordenador de outro
Serena Veloso, UnB	A grande missão do jornalismo científico feito na universidade é dar visibilidade para a instituição enquanto um centro produtor de conhecimento e pesquisa , também é uma forma de prestação de contas . Além disso, também é papel desses veículos envolver a sociedade para que ela também seja um ator que interage diretamente com a universidade, a partir dessas informações.	Trazer visibilidade para a universidade e suas pesquisas Aproximar a sociedade da universidade Mostrar o impacto social da ciência	Rotinas de uma universidade pública: alta demanda de trabalho (institucional e de ciências) Melhorar a relação com a comunidade acadêmica
Vanessa Vieira, UnB	A importância é que quando a universidade divulga ciência e	Maior tempo e cuidado para a	As amarras legais do serviço público:

	<p>conhecimento, ajuda a tornar as pessoas mais protagonistas dos seus direitos, fortalece a sua voz e permite o exercício da cidadania. Aqui, conseguimos ter um olhar mais qualificado em relação à cobertura da grande imprensa.</p>	<p>produção das reportagens</p> <p>Papel formativo que qualifica a informação</p> <p>Melhora a visibilidade da ciência e da universidade</p>	<p>falta de recursos materiais, financeiros e até humanos</p> <p>A necessidade de conversar melhor e mais diretamente com o público</p>
<p>Danielle Tavares Teixeira, UNEMAT</p>	<p>É dar legitimidade, mostrar o que a universidade faz, ajudar no reconhecimento do nome da instituição, demonstrar qual a sua razão de ser. É divulgar as pesquisas e ações da universidade que ajuda a qualificar as pessoas, a ampliar o conhecimento e a transformar a sociedade.</p>	<p>Maior tempo de produção que amplia a qualidade do material</p> <p>Ampliação da conexão com a comunidade interna</p> <p>Desmistificação da imagem da universidade para a comunidade externa</p>	<p>Equipe reduzida para fazer a cobertura institucional e de ciências</p> <p>Falta de recursos financeiros</p> <p>Dificuldade de manter uma rotina produtiva</p>
<p>Diélen Borges, UFU</p>	<p>O grande compromisso dessa produção é a prestação de contas, a devolução para a sociedade sobre o que a universidade faz. É um jornalismo que conhece as regras e as dinâmicas do que seria importante, do que o público precisaria saber (no sentido de estar conectado ao interesse público), sem as amarras da busca por cliques e patrocinadores como a grande imprensa está sujeita. Ao fazer esse trabalho estamos também defendendo o jornalismo, a universidade, a ciência e garantindo a produção de conteúdo de qualidade.</p>	<p>Facilidade de acesso aos pesquisadores</p> <p>Apuração atenta que resulta em um material de maior qualidade</p> <p>Contribui para a credibilidade da ciência, universidade e jornalismo</p>	<p>Incompreensão por parte de alguns pesquisadores sobre o trabalho do jornalista</p> <p>Equipe pequena</p> <p>Acabar com a dependência das pautas viciadas (olhar institucional)</p>
<p>Ana Cláudia Theme, Uerj</p>	<p>A universidade, em especial as universidades públicas, têm a obrigação de produzir esse tipo de jornalismo, esse tipo de conteúdo mais voltado para a ciência. Eu vejo a comunicação da ciência como um direito social. A gente precisa devolver para a sociedade o que é</p>	<p>Contribui para o progresso da sociedade</p> <p>Explorar de maneiras mais criativas e diversificadas essa</p>	<p>A falta de uma sistematização institucional no que se refere à área de comunicação que atrapalha a continuidade dos projetos e da</p>

	feito aqui.	produção desse conteúdo	cobertura científica Equipe reduzida para a alta demanda Limitações técnicas e financeiras
Walter Teixeira Lima Júnior, Unifesp	Vejo de maneira estratégica e acredito que esse trabalho – que é feito com qualidade – consegue atingir um número grande de pessoas , sem contar que é uma defesa da universidade também. Por quê? Ao tornarmos público o que é feito aqui, no sentido de uma prestação de serviço mesmo, contribuímos com essa visibilidade . É prestação pública sobre o que é feito aqui.	Melhora a relação da universidade com a sociedade Contribui para a ampliação do conhecimento científico	Dificuldades orçamentárias: sem dinheiro não há equipamentos e capital social suficientes A dificuldade em enxergar a comunicação de forma estratégica
Pablo Nogueira, Unesp	É muito interessante que as universidades assumam esse papel de procurar mostrar para sociedade o que elas estão produzindo . Até porque a universidade, no caso de uma universidade pública, precisa retornar à sociedade o que é produzido aqui . A visão de mundo baseada na ciência gera uma mudança na forma de olhar o mundo .	Mostrar para a pessoa comum que na universidade há produção de conhecimento Ampliar o acesso ao conhecimento científico e combater a desinformação	No Brasil ainda temos uma comunidade (acadêmica) que produz muito para si mesma Equipe pequena para a alta demanda de trabalho
Álvaro Kassab, Unicamp	É fundamental que a universidade tenha a preocupação com a divulgação científica, por isso, os produtos de jornalismo científico são espaços para uma reportagem de profundidade em que há uma apuração criteriosa e uma produção mais demorada que resulta em um material de confiança . A universidade tem um papel fundamental na difusão de ideias a partir da divulgação do que produz.	É um espaço para o debate de ideias sobre o que acontece no Brasil e no mundo Amplia a visibilidade da universidade	Equipe reduzida e falta de verbas
William Casagrande Fusaro, UEL	A importância é tremenda. Primeiro, sem uma produção local do que é feito na universidade, em qualquer âmbito (Ensino, Pesquisa	A possibilidade de produzir seu próprio conteúdo com linha editorial	A possibilidade de ingerência política, ou até mesmo pessoal, no

	ou Extensão), nós ficaríamos reféns da produção focada na capital, Curitiba. Isso invariavelmente rebaixaria a qualidade do jornalismo científico no estado, por conta da distância. É um espaço de qualidade que permite dialogar com a sociedade para mostrar o que a universidade faz.	mais autônoma Falar para fora dos muros da universidade	que se refere ao uso da máquina pública para promoção pessoal A falta de verbas para a produção jornalística que resulta na falta de funcionários (concursados ou não), equipamentos de última geração e espaços para produção de materiais (aquário, estúdio para TV, rádio etc.)
Luís Carlos Ferrari, UFSC	Leva o nome da universidade para fora e amplia o conhecimento sobre a universidade, sobre o que ela produz o que contribui para mostrar que o que é feito aqui auxilia no desenvolvimento econômico e social. Possibilita a produção de um jornalismo com mais qualidade porque não tem a pressão do tempo. Também permite um cuidado maior com a qualidade e a correção desse material.	Aproxima a sociedade da ciência e da universidade, ou seja, mostra que a universidade não está parada Maior dedicação para a produção do conteúdo	O pesquisador, muitas vezes, ainda não se deu conta do poder, da necessidade de se fazer essa divulgação científica jornalística O problema do corte de verbas que impacta na estrutura humana e material

Fonte: produção da autora (2023).

Essa questão *Qual a importância de fazer/produzir jornalismo científico* é um dos pontos fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa porque ajuda a compreender como as universidades enxergam e praticam esse jornalismo, mesmo que, a compreensão do conceito de jornalismo científico seja diferente na visão desses profissionais.

Para as nossas fontes, mesmo com as amarras institucionais (limites do serviço público), produzir jornalismo científico dentro de uma universidade amplia a democratização do acesso ao conhecimento, auxilia na qualificação do olhar da sociedade, ajuda as pessoas a se tornarem mais protagonistas dos seus direitos, a exercerem a cidadania.

Sem contar que esse jornalismo prioriza a qualidade da informação e da apuração, ou seja, é inadmissível dentro desses espaços a prática de um jornalismo apressado, sensacionalista. Na

universidade, prioriza-se um jornalismo de profundidade.

Outra característica é a prestação de contas, afinal, uma das *obrigações* da universidade é tornar público tudo o que é produzido dentro da instituição e, ainda, explicar os acontecimentos nacionais e internacionais que impactam a sociedade sob a perspectiva científica.

Ao falar sobre ciência e mostrar que ela está inserida no dia a dia, mais chances o público tem de perceber que a ciência é natural, ou seja, não é um *bicho de sete cabeças*. Esse compromisso também busca aproximar a sociedade da universidade, desmistificar o seu papel, ainda mais em tempos de desinformação e ataques a essas instituições. Como bem reforça Diélen Borges da UFU: “ao fazer esse trabalho estamos também defendendo o jornalismo, a universidade, a ciência e garantindo a produção de conteúdo de qualidade.” (Borges, 2022)

Trata-se de uma maneira de trazer o público para dentro da universidade e/ou de levar a universidade para fora, mas quem é esse público? As instituições conseguem mensurar para quem estão falando? Na prática, não. Faltam verbas para desenvolver uma pesquisa de opinião, portanto, há apenas uma percepção sobre quem procura esse conteúdo, principalmente, pelo acesso às redes sociais e/ou relatório do *Google Analytics*.

Na UFPA, Rosyane Rodrigues explica que mesmo percebendo o interesse do público externo através dos comentários no site e nas redes sociais, a grande audiência ainda está associada aos pesquisadores (internos e externos), instituições parceiras e imprensa local:

A gente tem consciência de que não atinge todo mundo. Mas como fazer isso, principalmente com público jovem que é menos dado à leitura tradicional? A gente teria que trabalhar melhor uma série de questões, mas o uso das redes sociais já vem um pouco para socorrer nesse sentido. A interação é muito maior nas redes sociais do que em nosso site. Eu tenho uma hipótese: nosso site fica muito escondido. Dentro do portal [da universidade] eu tenho um banner, uma imagem fixa, que eu só mudo o número da edição. O leitor, quando entra, pensa que é sempre a mesma coisa por causa da imagem. Eu não posso mudar a imagem por conta da estrutura do portal. [...] Eu tenho muito mais interação quando nossos conteúdos são compartilhados nas redes sociais, mas mais no sentido quantitativo. De maneira qualitativa não conseguimos – de fato – mensurar. (Rodrigues, 2022)

Com a UFS não é diferente, mas o grande destaque está relacionado à audiência dos vídeos nas reportagens de ciência que são republicados na TV (canal no YouTube) e nas redes sociais. Josafá Neto, no entanto, reconhece que não tem como precisar a audiência, mas sim a percepção do aumento da visibilidade dessas reportagens e do número de compartilhamentos.

A gente mensurou que houve um aumento significativo da ocupação do espaço na mídia porque temos isso através dos relatórios individualmente por matéria e por veículo, mas em termos de audiência, não. A percepção de que aumentou a interação nos vídeos de ciências e que essas matérias são mais compartilhadas vem do relatório do Google Analytics. (Neto, 2023)

Danielle Teixeira, da UNEMAT, também reforça que acaba sendo um levantamento quantitativo e mais através das redes sociais, mas que quando necessário é possível pedir para a equipe de TI fazer um detalhamento. Eles conseguem fazer a sondagem por localização e perfil, mas não tem como saber quais são as notícias mais acessadas no momento, para, por exemplo, aumentar a produção daquele assunto. “Isso dificulta muito nosso alinhamento para a produção de notícias, sem contar que não temos equipe para fazer uma comunicação tão direcionada. Acaba que vamos fazendo meio no escuro.” (Teixeira, 2023)

Na UnB, a conclusão é que, por mais que busquem publicar com uma linguagem acessível, quem acessa o conteúdo é alguém que entende um pouco de ciência, que compreende o básico. Não é um público totalmente não familiarizado com o tema da ciência que procura o *UnB Ciência* ou a *Revista Darcy*, apesar de a revista desenvolver um projeto de extensão com os estudantes de escolas públicas do ensino médio. E tanto Serena Veloso quanto Vanessa Vieira concordam que é necessário entender qual seria o leitor mais fixo. “Existe um relatório sobre o número de acessos, mas na verdade precisamos *fazer pesquisa* para saber o impacto que a gente tem sobre os nossos públicos, saber quem está nos acessando de fato.” (Veloso, 2022)

A mesma situação pode ser vista na UFU, Uerj e Unifesp. Na Unifesp, por exemplo, não há dinheiro para “fazer esse tipo de estudo sobre o público, mas conseguimos perceber os assuntos que rendem mais, no sentido de qual deu mais audiência, o que não significa que vamos produzir só o que dá clique, muito pelo contrário.” (Lima Júnior, 2023)

Unesp e Unicamp, além de mensurarem os números com os relatórios do *Google Analytics*, também têm serviço de *clipping* que consegue ver os textos mais acessados, os temas de interesse e onde essas matérias foram publicadas. No entanto, para Álvaro Kassab, da Unicamp, trata-se de um levantamento numérico porque: “a mineração desses dados é uma coisa mais complicada de fazer e não temos como pelo tamanho da coisa e porque precisa de dinheiro e gente especializada para identificar isso.” (Kassab, 2023)

Álvaro explica que se trata de um público heterogêneo, portanto, não dá para fazer a estratificação, sem contar que com o uso das redes sociais essa abrangência é ainda maior:

O que acontece? Com a rede social, principalmente, o público que já era heterogêneo passou a ser muito mais. Quando você publica uma matéria em uma rede social você abrange um público. Aí o mesmo conteúdo no site abrange outro, e tem ainda o fato de a reportagem publicada aqui ser republicada ou o tema/pauta servir de base para a reportagem de outro veículo. No final das contas atinge públicos e realidades diferentes. (Kassab, 2023)

Na UEL, William Fusaro explica que as redes sociais têm um caráter mais institucional e de serviços, mesmo assim, o conteúdo de ciências também ganha destaque nesses canais. Eles percebem um pouco do público e seus interesses pelos comentários e sugestões de pauta que chegam por e-mail, WhatsApp e redes sociais. “As matérias que mais publicamos e tiveram um grande interesse nos últimos anos foram as de saúde e ciências, mas de maneira geral, acabam tendo muito acesso as matérias de serviço.” (Fusaro, 2023).

Apesar de ter uma equipe que monitora as redes sociais, Luís Carlos Ferrari, UFSC, admite que é um trabalho muito grande conseguir mensurar a qualidade desse público. Para o jornalista, esse é o grande gargalo das universidades que produzem conteúdo jornalístico, ou seja, trata-se de uma situação complexa que ainda não apresenta uma solução satisfatória:

A verdade é que a gente não consegue mensurar o público, mas consegue ver um pouco o impacto das pautas. De todas as reportagens que publicamos, fazemos um *clipping* e aí verificamos quais matérias repercutiram mais e em quais veículos. Na prática acaba sendo mais um retorno institucional: saiu X textos em X veículos, mas não temos como saber como está chegando no público a não ser pelos comentários nas redes. (Ferrari, 2023)

É uma barreira para a universidade não conseguir identificar de maneira certa o público com o qual está se comunicando mas, ao mesmo tempo, há o reconhecimento do bom trabalho que é feito por essas instituições quando percebemos que esse material é republicado ou serve de base para novas pautas na mídia local ou nacional.

Há o *copia e cola* sem dar o crédito, o *copia e cola* com pequenas alterações, mas com crédito e uma terceira via muito interessante para as universidades: a partir da publicação da reportagem, tanto em texto, como em vídeo ou áudio, a grande imprensa as procura e pede ajuda para falar com os pesquisadores, ou seja, a produzir a sua própria reportagem a partir da publicação original nos veículos da universidade.

Pablo Nogueira, da Unesp, ilustra que: “tem muita coisa que sai em outros veículos sem dar o crédito. Ok, a gente podia reclamar, mas ao mesmo tempo reconhecemos que com isso a pesquisa, a universidade sai em outros lugares, ganha visibilidade.” (Nogueira, 2023)

Josafá Neto, da UFS, entende que esse tipo de ação se dá muito mais na conta das

condições de trabalho das grandes redações, da falta de profissionais especializados.

[...] Eu diria que a principal inserção da universidade na mídia é por causa do nosso material de divulgação científica. As equipes no Estado [Sergipe] são pequenas e não têm como mandar profissional fazer a cobertura nos *campi* do interior, então eles usam nossa sonora, nossos vídeos e até partes de um *release* [espécie de resumo] sobre a reportagem que foi publicada e que eu envio para as redações. (Neto, 2023)

No final das contas, ao pesar os prós e contras, os profissionais não se queixam dessa cópia e/ou reprodução, muito pelo contrário. Recebendo o devido crédito ou não, essas publicações e/ou reproduções são o reconhecimento da qualidade do jornalismo científico produzido dentro dessas instituições, além disso, trazem visibilidade para a universidade, suas pesquisas e seus pesquisadores.

É importante mencionar que muitos municípios brasileiros sofrem com o deserto de notícias, ou seja, não têm veículos jornalísticos com notícias sobre o lugar onde vivem, e, principalmente, sobre a pauta de ciências.

Realizado desde 2017 pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), o Atlas da Notícia¹¹⁷ mapeia os veículos produtores de notícias no Brasil identificando não apenas quem produz, mas também onde há a ausência (deserto).

Apesar da redução de 8,6% no total de deserto de notícias em comparação aos dados de 2022, apontado no último censo, ainda há 2.712 cidades e 26,7 milhões de brasileiros sem acesso a notícias produzidas por veículos locais. Desses, o Nordeste é o que ainda comporta o maior número de desertos, o que corrobora com a fala de Josafá Neto sobre a produção da universidade abastecer as emissoras locais.

Sobre a contribuição desse trabalho no combate à desinformação científica e o acesso à informação de qualidade, principalmente durante a pandemia de covid-19, é unânime para os entrevistados a compreensão de que: “a universidade é uma fonte de informação boa e confiável”. (QUADROS 27 e 28)

Rosyane Rodrigues, UFPA, afirma que desde 2019, quando começou a ficar mais forte a onda de desinformação científica e o descrédito em relação às universidades, passou a conversar muito com a sua equipe sobre a importância do trabalho jornalístico realizado na instituição. Ela explica que: “quanto mais o governo dizia que aqui, que na universidade só se fazia balbúrdia, mais a gente tinha que mostrar que na universidade se faz ciência. A nossa resposta

¹¹⁷ Para ter acesso aos dados do censo sobre o deserto de notícias, acesse: <https://www.atlas.jor.br/>.

aos que dizem que a gente não trabalha, é trabalhar”. (Rodrigues, 2022)

Rosyane recorda que não houve uma orientação direta da universidade para falar a respeito e que foi natural incluir ou ampliar as discussões na cobertura do *Beira do Rio*, afinal de contas:

A gente cobre a ciência, faz a divulgação científica, esse é o nosso projeto editorial. Claro que ao longo desse período eu fui tendo cuidados com determinadas pautas que pudessem ser usadas contra nós, principalmente no período eleitoral. Vivemos um período dramático e muita coisa poderia ser distorcida para o discurso do “olha o que a universidade faz, olha ao que eles se dedicam”. Ao mesmo tempo começamos a falar sobre desinformação enquanto pauta. (Rodrigues, 2022)

Josafá Neto, UFS, reconhece que o divisor de águas para a implementação da rotina de produção mais regular para a divulgação científica foi a pandemia, pois havia um volume muito grande de informações científicas para divulgar sem uma organização interna para dar vazão a isso. Sem contar que eles entendiam que a informação produzida ali era sinônimo de qualidade por uma série de fatores, como a proximidade com os pesquisadores e um tempo maior para a produção do conteúdo. “Foi um movimento interno da diretoria que entendeu a necessidade de a organização desse fluxo principalmente porque tínhamos um alto número de conteúdo sobre saúde”. (Neto, 2023)

Mesmo antes da pandemia, a UnB já vinha fazendo um *enfrentamento* das desinformações, como por exemplo, na publicação de uma edição especial da *Revisa Darcy* sobre a origem, funcionamento e o papel da universidade. Vanessa Vieira fala que:

Essa ideia nasce no contexto de que as universidades públicas estavam sendo questionadas. É um material riquíssimo e um exemplo de que a gente se pauta pelo que vê na sociedade. Naquele momento era preciso dar uma resposta para esse negacionismo e é de interesse social saber sobre o que é a universidade. Puxa, a sociedade está questionando o papel de uma instituição tão importante de saber, de progresso, então a gente tem que contribuir para qualificar esse debate. (Vieira, 2023)

Serena Veloso afirma que no período da pandemia houve um aumento de demandas tanto por parte da sociedade quanto de jornalistas querendo ouvir a universidade sobre o que estava acontecendo. Ao mesmo tempo houve um processo institucional de que naquele momento era preciso prestar informações, combater a desinformação.

A gente também estava na linha de frente, mas diferentemente dos profissionais de saúde, é claro. Eu acho que acompanhar todo o processo, ir se atualizando, acaba que para a gente é um processo de estudar e de pesquisar. Nós não somos os pesquisadores, nós não detemos esse conhecimento científico, mas a gente tem essa responsabilidade de repassar esse conhecimento e, para isso, a gente tem que minimamente entender desses processos. Somos *gatekeepers* no sentido de quem filtra e vai repassar essas informações para a sociedade e isso é uma responsabilidade social enorme. (Veloso, 2022)

As jornalistas acreditam que ter acesso a mais informação combate essas mentiras e ajuda a mostrar para esse cidadão a importância da ciência e o quanto esse conhecimento pode transformar o dia a dia das pessoas.

Na UNEMAT, Danielle Teixeira, relembra a criação do Comitê Covid e o papel da comunicação nas ações tomadas, na parceria com os pesquisadores para buscar informações que combatessem as desinformações sobre a doença, o vírus, a vacina, os cuidados. Para a jornalista, foi um período muito duro, mas ao mesmo tempo interessante porque a equipe estudou muito e as relações entre os jornalistas e pesquisadores se fortaleceram:

No início e ao longo de toda a pandemia a gente viu muita desinformação circulando de todos os tipos e vindos de todas as esferas. Aí a gente se preocupou, aqui internamente, de ter as informações unificadas sobre as ações da universidade com relação à covid. A gente se reunia com os pesquisadores, via com eles o que tinha pesquisa e o que podíamos fazer, então fizemos uma campanha interna chamada de *Sem Fake, Só Fato* em que circulávamos informações atualizadas sobre covid. Foi interessante, eu diria gratificante, ver esse trabalho sendo utilizado para combater a desinformação. (Teixeira, 2023)

Para Diélen Borges, UFU, a própria equipe de comunicação foi identificando a importância de fazer reportagens que pudessem combater a desinformação, além de chamar a atenção da universidade para refletir sobre isso. Foi um período em que muito mais pessoas buscaram a universidade como fonte de informação e o desafio agora é ver qual público permaneceu.

No auge da pandemia tivemos muitos *views*, acesso às *lives*, um número grande de público. Desses, muitos foram “embora”, mas destaco o que ficou, que é o pessoal da educação. A gente recebe direto mensagem de professores dizendo que usam nosso *podcast* em aula, às vezes até dos próprios alunos. Então, entre esse público que veio e continuou, eu diria que estão os profissionais de educação, e é um público importante porque eles são multiplicadores. (Borges, 2022)

Ana Cláudia Theme, Uerj, compreende que a pandemia, além da tragédia que foi, também

representou uma oportunidade para as universidades de permitir falar mais sobre ciência, a ciência como balizadora do conhecimento. Nesse sentido, ela acredita que houve um ganho de espaço porque vimos os jornais abrirem colunas para cientistas e os próprios cientistas tiveram o desafio de se reinventar.

Sobre desinformação, especificamente, a gente diluiu isso no meio do nosso conteúdo. Não houve, assim, uma coisa específica. O mais próximo disso foi ter criado o website coronavírus, cuja intenção foi, justamente, ser um local de informação fidedigna. Num momento de muita desinformação, de muita dúvida e muito medo, a universidade ser não só no seu portal, mas, no website, uma fonte de informação confiável. Daí foi um momento que a gente colocou muito os valores de nossos especialistas para falar na imprensa. A gente propôs muita pauta, a gente propôs muita entrevista, foi um momento que os cientistas foram chamados a falar. (Theme, 2023)

Walter Teixeira Lima Júnior, Unifesp, admite que em um momento de ataque muito cruel ao qual as universidades públicas estiveram submetidas, é evidente que o processo de comunicação tivesse outros elementos: ficar atento o tempo todo e produzir conteúdo que derrubasse aquela desinformação.

Por exemplo, a universidade oficialmente é a favor da vacina, faz reportagens sobre sua importância. No entanto, um aluno ou funcionário [técnico ou professor] vai lá na sua rede social e coloca alguma coisa contra a vacina ou acaba publicando uma desinformação que repercute. O que a gente faz? A gente desautoriza e fala que é a opinião dele e não da instituição. A instituição é a favor da ciência, da pesquisa. Parece uma coisa meio óbvia, mas a gente tem que fazer isso porque senão parece que a universidade está dando cobertura a certas coisas. Eu acho que o maior combate à desinformação é a gente produzir conteúdo e colocar as pessoas para falar. (Lima Júnior, 2023)

Tanto Pablo Nogueira, Unesp, quanto Álvaro Kassab, Unicamp, acreditam que o combate à desinformação ocorre no dia a dia, na escolha de pautas. Na Unesp, especificamente, Pablo explica que alguns temas cientificamente controversos não são abordados, como por exemplo, pesquisas que se referem a homeopatia:

A gente procura também priorizar pesquisas que estejam baseadas em artigos que foram publicados em revistas, por exemplo, porque já foi um critério para consolidar aquilo ali. Não vamos dar uma coisa só porque tem *hype*, essas pesquisas concebidas com essa ideia de explorar algo que esteja na moda e que facilmente vão sair na grande mídia tipo “chocolate cura câncer”, mesmo que alguém na Unesp esteja pesquisando isso. Vamos aguardar melhor os resultados e esperar publicações sobre essa pesquisa para vermos se e como vamos pautar isso. (Nogueira, 2023)

É importante destacar que essa postura do *Jornal da Unesp* tem muito a ver também com as orientações do assessor chefe da ACI, Marcelo Takeshi Yamashita. Como assim? Marcelo é diretor científico do *Instituto Questão de Ciência (IQC)*, uma associação sem fins econômicos, lucrativos, político-partidários e religiosos, cujo objetivo é ampliar o debate sobre ciência e, conseqüentemente, formular políticas públicas.

O IQC tem como presidente a microbiologista, com doutorado em Genética Bacteriana pela Universidade de São Paulo, Natalia Pasternak, que, recentemente, publicou junto ao jornalista e diretor de comunicação do instituto, Carlos Orsi, o livro *Que bobagem!: pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*. Os autores abordam 12 temas, entre eles, a homeopatia, acupuntura e a psicanálise, e procuram demonstrar como e por que eles não passam pelo crivo da ciência.

A publicação gerou um grande debate entre defensores e críticos de seu conteúdo, principalmente, sobre a maneira como Natalia e Carlos se referem à psicanálise, resultando em entrevistas, colunas e debates com os autores e/ou outros especialistas sobre a obra.

William Fusaro, UEL, corrobora que como comunicador dentro da universidade, é preciso tomar cuidado na abordagem dos temas e, ao mesmo tempo, mostrar o que a universidade faz para combater essa desinformação. No entanto, o jornalista acredita que nem tudo é devido ao desconhecimento das pessoas, mas, sim, a uma escolha ideológica em acreditar e propagar aquela desinformação, por isso, “a gente tem que continuar a fazer, a manter uma comunicação de qualidade dentro da Universidade para trazer esse conhecimento, essa discussão chegar, mas não é só um problema de comunicação, vai além, é de educação e formação humana”. (Fusaro, 2023)

Luís Carlos Ferrari, UFSC, defende que a divulgação científica deve ser constante e que, logicamente, numa pandemia essa divulgação ganhou papel central. Portanto, o combate à desinformação de certa forma surgiu espontaneamente a partir de uma concepção de que havia, de um lado, a ciência dizendo “olha, é uma doença séria, não é uma ‘gripezinha’, nós temos que ficar atentos a isso, nós temos que ter cuidados em relação a isso”, e do outro, atores políticos, e até dentro do mundo da ciência, contestando.

Aqui em Santa Catarina esse problema foi muito evidente porque a gente viu muito pensamento negacionista que estava ganhando eco na sociedade, de gente minimizando a pandemia, ataques às universidades. Então isso veio do nosso instinto, conhecimento jornalístico de que esse combate à desinformação seria fundamental, por isso, usamos todo o conhecimento e estrutura a nosso favor. (Ferrari, 2023)

Mesmo com todo o contexto de desmonte e desprestígio por que as universidades passaram nos últimos anos, principalmente as universidades federais, e todo o impacto da pandemia de covid-19, é importante celebrar as ações dessas instituições na busca pela prática do jornalismo científico e, ao contrário do jornalismo realizado pela grande mídia que tem tido sua credibilidade colocada à prova a todo momento e tem se pautado mais pelo interesse do público (o que está *bombando*) do que pelo interesse público, o jornalismo nas universidades públicas ainda prioriza o interesse público, o respeito pela ética.

A partir das entrevistas, conseguimos identificar que, para esses profissionais, essas notícias buscam: (1) desmistificar a universidade e a ciência; (2) colaborar para a construção de um conhecimento científico de qualidade; (3) combater a desinformação científica; (4) produzir um jornalismo de profundidade; (5) ampliar a relação com a grande imprensa e a sociedade. Essa prática do jornalismo científico pela universidade, portanto, endossa a ideia defendida por (Park, 1966) de que uma das formas de conhecimento é por meio das notícias.

Há cada vez mais o aproveitamento de todas as ferramentas disponíveis para a divulgação da ciência e, assim, como os veículos tradicionais de imprensa que migraram para o digital, as universidades fizeram o mesmo, pela falta de recursos, sejam materiais, sejam humanos. Algumas universidades deixaram de produzir produtos impressos, mas outras ainda o fazem, mesmo com número reduzido, por considerarem as possibilidades que o digital permite.

Mas, ao contrário do que pensam os que desconhecem esse universo, a produção desse tipo de jornalismo em algumas dessas universidades existe antes da migração para o digital, o que comprova o compromisso da universidade com a produção de conteúdo jornalístico para a divulgação da ciência e da universidade.

Entre alguns exemplos dos anos 1980, mesmo tendo passado por algumas mudanças editoriais e estéticas, e que são considerados referência em suas cidades, estão: o *Beira do Rio* (UFPA), *Jornal da Unicamp* (Unicamp) *Jornal da Unesp* (Unesp) e o *Jornal da USP*, que é o tópico do próximo capítulo.

5. A EXPERIÊNCIA DO *JORNAL DA USP* NA PRÁTICA DO JORNALISMO CIENTÍFICO

Este capítulo aborda como é a dinâmica do jornalismo produzido pelo *Jornal da USP*, em especial, o da editoria de Ciências. Para isso, entre os anos de 2020 e 2022, foram coletados dados por meio de entrevistas com membros do corpo editorial e de um *workshop* realizado sobre o veículo com a participação dos seus responsáveis. Além disso, foram obtidas informações em decorrência da participação, como ouvinte, de reuniões de pauta e de visitas técnicas na redação.¹¹⁸

Dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) de 2021 apontam que o Estado de São Paulo tem quase 45 milhões de habitantes e é o principal centro de pesquisa e desenvolvimento do Brasil. Aqui estão renomadas instituições de ensino e pesquisa, como Instituto Butantan, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e Universidade de São Paulo, entre outras.

A Universidade de São Paulo foi criada em 1934 através do decreto nº 6.283 de 25 de janeiro de 1934, sob a chancela do interventor federal no Estado de São Paulo, Armando Sales de Oliveira, com a missão de contribuir para o desenvolvimento cultural, filosófico, científico, literário e artístico da população paulista.

De acordo com o Anuário Estatístico USP 2020 (dados de 2019)¹¹⁹, a Universidade de São Paulo está distribuída em 8 *campus*: São Paulo (Butantã e Leste), Bauru, Lorena, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto, São Carlos e Santos e tem cerca de 97.400 alunos matriculados na graduação e pós-graduação.

Um dos diferenciais da USP é separar o que é institucional (site oficial da universidade) e o que é jornalístico (*Jornal da USP*), conforme identificado no levantamento das 109 universidades públicas (federais e estaduais) brasileiras.

No site oficial da instituição, a Comunicação é apresentada da seguinte forma:

¹¹⁸ A descrição da lista de entrevistados, da construção da semana para as visitas na redação e as observações do conteúdo produzido no *Jornal da USP* foram relatados no Capítulo *Caminho da pesquisa: a descrição do percurso metodológico na busca do jornalismo científico nas universidades públicas*.

¹¹⁹ Informações obtidas no endereço <<https://www5.usp.br/>>. Acesso em: 19 de set. de 2023.

Quadro 29 – A comunicação na Universidade de São Paulo

Nomenclatura	Descrição
Sala de Imprensa	Ao clicar, você é encaminhado para a página do <i>Jornal da USP/Institucional</i> , que se apresenta como o órgão responsável pela “divulgação dos assuntos institucionais da Universidade e pelo atendimento aos profissionais dos veículos de comunicação. Também divulga informações administrativas, acadêmicas e institucionais para o público interno e externo”.
Jornal da USP	A página em que se encontra toda a produção jornalística da universidade.
Rádio USP	A página traz a história da rádio, grade de programação e um <i>plugin</i> que permite ouvir a rádio ao vivo (Rádio USP SP e Ribeirão).
Canal USP¹²⁰	É o canal da USP no Youtube. Na página há mais de dez divisões (espécie de editorias) que orientam o público em sua busca por informações.
Revista USP¹²¹	Apesar de estar sob a alçada da Superintendência de Comunicação Social, é de caráter mais acadêmico. São textos escritos por pesquisadores da USP e de fora e ela abarca basicamente todas as áreas do conhecimento. Já teve edições especiais sobre inteligência artificial, segurança pública, América Latina e, para 2022, em função do bicentenário da Independência, estão sendo desenvolvidas quatro edições especiais: economia, sociedade/cultura, política, ciência e tecnologia. Criada em 1989, a revista (on-line e impressa), de caráter mais ensaístico, é trimestral e já recebeu o Prêmio Destaque Especial da Associação Brasileira dos Críticos de Arte (ABCA) em 2014.
IPTV USP¹²²	Espécie de repositório das transmissões online.
USP Imagens	Espaço para publicações de imagens de todos os <i>campi</i> . Sempre há uma foto com uma legenda e link que te encaminha para outra página com mais fotos sobre aquela temática.
Fale com a USP	Uma página de serviço que orienta o público a clicar em links específicos conforme sua necessidade (segurança individual, violência física, serviço de informação ao cidadão, registro de manifestação, divulgação de evento, sugestão de pautas, informações gerais). No caso das informações gerais, especificamente, a pessoa deve preencher um formulário com nome, e-mail, mensagem.

Fonte: produção da autora (2023).

Cada um desses itens tem uma página específica (endereço eletrônico) com *layouts* diferentes, mas que em alguns momentos convergem seus conteúdos. No entanto, percebe-se que as informações produzidas pela Superintendência de Comunicação Social (SCS) está dividida – de fato – em quatro veículos: o *Jornal da USP* (jornalismo), a *Rádio USP*

¹²⁰Quando você acessa a página do *Jornal da USP* (<https://jornal.usp.br/>) ou da *Rádio USP* (<https://jornal.usp.br/radio/>), na parte superior há alguns ícones, entre eles, TV USP que leva o internauta automaticamente para esse endereço do Canal USP no Youtube, ou seja, apesar de haver a nomenclatura TV USP, a universidade não tem um canal de TV e não faz mais parte do Canal Universitário (CNU).

¹²¹ Disponível em: <<https://jornal.usp.br/revistausp/revistausp120/>>. Acesso em: 21 de set. de 2023.

¹²² De maneira geral, esse canal acaba não sendo muito divulgado/conhecido porque cada departamento utiliza sua página no YouTube para fazer as transmissões e/ou esse material migra para o Canal da USP.

(jornalismo, programação musical e cultural), a *Revista USP* (textos acadêmicos) e a *TV USP*, que, na verdade, é o *Canal USP* no Youtube (espaço para a publicação de vídeos que pode dialogar – dependendo da pauta/assunto – com o jornal e a rádio).

Antes de se chamar Superintendência de Comunicação Social em 2010, esse órgão, criado em 1973, já foi denominado Coordenadoria de Atividades Culturais (Codac) e como Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) em 1989. Ele nasce, de acordo com o estatuto da universidade, com o papel de estabelecer diretrizes para uma política global de comunicação e, até 2018, teve como gestores apenas docentes da instituição.

Apesar de conversarmos formalmente e/ou informalmente com várias pessoas do jornal, quatro foram essenciais para apreender sobre o funcionamento da Superintendência de Comunicação, da *Rádio USP*, do *Jornal da USP* e, em especial, da editoria de Ciências. São respectivamente: Marcia Aparecida Silva Blasques, Luiz Roberto Serrano, Cinderela Moreira de Freitas Caldeira e Luiza Helena Gonçalves Caires.

Marcia Blasques é jornalista graduada pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP com primeira passagem pelo *Jornal da USP* entre 1994 e 1997 (ainda na versão impressa). Também na USP, em 2001 começa o mestrado em comunicação no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), em 2004 retoma o trabalho na comunicação da universidade como diretora de mídias online e em 2006 ingressa no doutorado. Tanto o mestrado quanto o doutorado foram orientados pela professora Dra. Cremilda Medina, que também exercera o cargo de coordenadora da antiga CCS, hoje SCS, nos anos 2000.

Não cabe aqui contar a trajetória histórica da universidade nem descrever todos os canais de comunicação, mas, sim, compreender por qual canal a instituição produz jornalismo científico, no caso, o *Jornal da USP*, publicação diária da SCS, que desde 2016 tem passado por transformações editoriais e estéticas. A partir dessa mudança, o *Jornal da USP* passa a agregar a produção jornalística em diversas áreas e formatos, o que explica, em partes, a visibilidade e o seu reconhecimento especialmente na cobertura da pauta de ciências.

A respeito dessa alteração, Marcia Blasques (2020a) explica:

De uma maneira geral enxergamos que trabalhávamos de uma forma fragmentada. Quando o professor Eugênio assumiu a Superintendência, teve a missão de implementar todas as recomendações feitas pelos grupos de trabalho. Assim, acabamos com as divisões e focamos em duas mídias-chave: o *Jornal da USP* (versão online) e a Rádio USP. A rádio, o jornal na internet e o vídeo passam a ser definidos como os meios de distribuição e escoamento dos conteúdos. Além disso, fizemos todo um processo de conscientização dos funcionários, modernização dos nossos quadros, treinamento de pessoas. Por exemplo, o pessoal do impresso não tinha experiência com o online, e aí tivemos que treinar todo esse pessoal, fizemos várias reuniões. Então foram muitas e muitas reuniões, foram muitos e muitos grupos de estudos, seminário de planejamento, teve todo esse trabalho de engajamento das pessoas. Hoje toda a parte do jornalismo da rádio é replicada no jornal, as redações foram todas unificadas...então o pessoal faz texto, áudio, vídeo e a gente transformou mesmo o jornal em uma coisa multiplataforma. [...] (Blasques, 2020a)¹²³

Em 2017, há a criação do programa de rádio diário *Jornal da USP no Ar*, a melhora na qualidade de produção, a economia de recursos e o aumento do número de leitores.

A produção de notícias cresceu. Antes tínhamos um jornal semanal em papel, com cerca de 12 reportagens; hoje temos um jornal diário digital, em múltiplas plataformas, que publica entre 12 e 15 notícias inéditas por dia. O número de leitores também aumentou exponencialmente. [...] Nossa rádio avançou no mesmo ritmo. Com a integração funcional de duas emissoras que antes ficavam em organogramas separados, a de São Paulo e a de Ribeirão Preto, ela deu um salto. [...] (Relatório de Gestão 2015-2017, abril de 2017, p.4)

Luiz Roberto Serrano é jornalista formado pela ECA-USP, teve passagens pelos jornais *Folha da Tarde* e *Gazeta Mercantil*, revistas *Isto É* e *Veja* e como assessor de imprensa do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso e o ex-deputado Ulysses Guimarães, entre outros. Entre 2018-2022, foi coordenador da SCS e atualmente é coordenador editorial da SCS e articulista do jornal.

Quando assumiu a SCS, o grande desafio de Serrano era mostrar para a sociedade o papel da USP e os benefícios que oferece, seja em pesquisa, serviços, seja em aulas e formação de cidadãos e, para isso, o *Jornal da USP* é fundamental.

¹²³ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 28 de abril de 2020.

[...] No *Jornal da USP* o carro chefe são as ciências exatas, biológicas e humanas. Temos uma amplitude que nos permite trabalhar quase todos os assuntos que interessam à sociedade, como, economia, educação, psicologia, infraestrutura, covid. Nós trazemos professores, alunos, pesquisadores e os puxamos para discutir os problemas do dia a dia. [...] Não é um jornal institucional, é jornalismo, pensamos sempre no interesse público.” (Serrano, 2020) ¹²⁴

A SCS¹²⁵ tem aproximadamente 70 pessoas sendo cerca de 22 jornalistas contando com a USP São Paulo e Ribeirão Preto. Há, também, editor de arte, fotógrafo, revisor, editor de vídeo, editor de áudio, operadores de rádio, programadores de rádio, locutores, web designer, administradores, entre outros profissionais, além de estagiários (jornalismo, biblioteconomia, design, audiovisual e música).

Eu tenho jornalista que é contratado como jornalista pela USP, mas eu tenho também pessoas que atuam como produtores de conteúdo. Tem analista de comunicação que atua como produtor de conteúdo, tem técnico de comunicação que também produz conteúdo, tem pessoas que produzem conteúdo sem necessariamente serem jornalistas. (Blasques, 2020b) ¹²⁶

Apesar de ser uma equipe *grande* quando comparada a outras instituições, Serrano (2021) gostaria de produzir mais do que é feito. No entanto, pela restrição no processo de contratação que uma universidade pública tem, a criação de novos projetos acaba sendo prejudicada.

Costumo dizer que cotidianamente trabalhamos além de nossas possibilidades reais graças à dedicação da nossa equipe na entrega de suas tarefas. A recompensa nessa dedicação está na consciência de que produzem um veículo que é o mais importante canal de comunicação da USP com a própria universidade, o mundo científico, cultural e a sociedade. (Serrano, 2021) ¹²⁷

A redação da superintendência fica em São Paulo, no *campus* Butantã, no prédio da administração central ao lado da Edusp (Editora da Universidade de São Paulo), mais próximo da portaria 1 da universidade e ocupa dois andares (4º e 5º), mas há, também, uma equipe em

¹²⁴ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 24 de julho de 2020.

¹²⁵ Dados obtidos em 2021 durante a realização do *workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitários* e atualizados em dezembro de 2022 durante a última visita técnica na redação do jornal.

¹²⁶ Informações obtidas em entrevista realizada por chamada de vídeo em 20 de julho de 2020.

¹²⁷ Informações obtidas durante o *workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitário* realizado no dia 21 de out. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7XIAW2s&t=312s>.> Acesso em: 7 de jan. de 2022.

Ribeirão Preto¹²⁸ que produz conteúdo para a *Rádio USP* Ribeirão Preto e, eventualmente, para o *Jornal da USP* e um jornalista no campus de Pirassununga.

No 4º andar há duas salas menores (reunião e administrativo) e uma sala comprida e larga onde fica de fato a redação com os computadores e mesas de trabalho. Não há divisões físicas, ou seja, baias, mas as pessoas estão sentadas/distribuídas de acordo com suas editorias. Já a Rádio fica mais distante da portaria principal e está na rua do Matão, próxima ao Instituto de Matemática e Estatística.

Marcia Blasques, durante uma conversa que tivemos presencialmente, no dia 26 de julho de 2022, para conhecermos o prédio e combinarmos como seriam as visitas técnicas na redação para o acompanhamento das reuniões de pauta, ressaltou que a ideia é a de a rádio vir a ocupar o 5º andar porque “não é tão prático dar um pulinho na redação da rádio porque ela fica distante desse prédio. Por ora usamos esse andar para fazer entrevistas presenciais ou gravar algo em áudio ou vídeo.”

Já nos outros *campi* existe uma parceria com as comunicações locais, pois a USP trabalha de uma maneira bem descentralizada na comunicação e é comum que as unidades tenham sua própria assessoria e equipe de comunicação. “Todo esse caldo profissional e cultural em torno da redação é uma coisa que enriquece nosso conteúdo, produção e a maneira como nós apresentamos nossos produtos para o público externo.” (Blasques, 2021)¹²⁹

Não há uma nomenclatura oficial para a função exercida por Marcia Blasques, mas, de maneira geral, podemos identificá-la como diretora de redação (gestão Serrano) e editora executiva (nova gestão Bucci), além de coordenadora da *Rádio USP*. Na prática, a jornalista é o braço direito do superintendente¹³⁰ de Comunicação e conhece como ninguém a estrutura da SCS e o *Jornal da USP*, ou seja, todas as reuniões e decisões acabam contando com sua presença/opinião.

¹²⁸O expediente completo de toda a equipe editorial de São Paulo e Ribeirão Preto está no endereço: <<https://jornal.usp.br/expediente/>>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

¹²⁹ Informações obtidas durante o *workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitário* realizado no dia 21 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7XlAW2s&t=312s>>. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

¹³⁰A reitoria é a responsável por indicar quem vai exercer o cargo de superintendente. Os últimos gestores na Superintendência de Comunicação Social, respectivamente, foram Eugênio Bucci (2015-2018), Luiz Roberto Serrano (2018-2022) o primeiro a vir de fora da instituição e a exercer o cargo sem ser docente e o retorno de Eugênio Bucci, desde janeiro de 2022. As datas se cruzam, pois tanto a saída quanto a entrada do novo gestor ocorrem em meados de janeiro.

Eu sou meio que um ponto de contato entre o administrativo da superintendência e a parte de produção de conteúdo que sai tanto pelo jornal quanto pela rádio. Minhas funções cotidianas são coordenar o que sai na rádio, o que sai no jornal, é coordenar pautas, coordenar fechamentos. Hoje não escrevo mais, não dá tempo. (Blasques, 2020b)

Como já mencionado no capítulo que explica o percurso metodológico desta pesquisa, o *Jornal da USP* está sob a responsabilidade da SCS e é entendido como um grande ambiente virtual em que encontramos conteúdos produzidos tanto para o próprio jornal quanto para outros veículos da universidade (rádio, Revista e YouTube).

Entretanto, antes de falarmos sobre o seu papel e descrevermos sua rotina produtiva a partir da observação feita durante as visitas técnicas na redação, vamos descrever brevemente algumas das características da *Rádio USP* e do *Canal USP* em função de ambos terem em seu conteúdo as pautas de ciências.

Na *home da Rádio USP*¹³¹, o público obtém informações sobre a história da rádio, a grade de programação com a descrição de cada programa, arquivos sonoros gerais, jornalísticos e *podcasts*, além do *plugin* que permite ouvir a rádio ao vivo.

Logo no início da *home* há o nome *Rádio USP*, ícones intitulados Quem Somos (abre uma página com a história, algumas curiosidades, vídeos e contatos), Grade de Programação (abre um PDF com dias e horários dos programas), Programas (atuais e os fora da grade), *plugin* para acompanhar ao vivo a *Rádio USP SP* e/ou *Rádio USP Ribeirão*. Depois há as chamadas para: Programas em Destaque, Últimos Programas, Programas da Rádio USP (a listagem de todos), *Podcasts*, Colunistas, Colunas fora da Programação, Programas Atuais, Programas fora da grade e Fale Conosco.

¹³¹ Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio/>>. Acesso em: 26 de set. de 2023.

Figura 29 - Print do início da página da *Rádio USP*



Fonte: Rádio USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio/>>. Acesso em: 26 de set. de 2023.

A *Rádio USP* é tradicionalmente conhecida por ser um espaço de divulgação da música popular brasileira, mas hoje tem dois eixos principais: a programação musical e o jornalismo. Pode ser ouvida pelo dial (em SP no 93,7 FM e em Ribeirão no 107, 9 FM) ou por *streaming*¹³², inclusive, esse recurso, de acordo com Serrano (2021), é muito importante porque:

Ajuda a vencer as limitações de potência das transmissões pelas ondas médias do rádio possibilitam que nossa programação chegue em qualquer ponto do mundo. Além disso, fizemos uma parceria com a Associação Paulista de Rádio e Televisão com o objetivo de incentivar a utilização do nosso noticiário e até mesmo programas da Rádio USP, principalmente, pelas rádios do interior de São Paulo. [...] (Serrano, 2021)

A *Rádio USP* foi criada em 11 de outubro de 1977 e, ao longo dos seus 46 anos, já recebeu diversos prêmios. Em 2000, o reconhecimento da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) de melhor programação musical. No ano de 2022, também pela APCA, na categoria Valorização do Rádio, o prêmio foi para o programa 100 anos do Rádio, uma série de boletins com 40 episódios de seis a dez minutos cada sobre a história da radiodifusão brasileira, que foi ao ar de agosto a setembro de 2022, apresentado e idealizado pelo radialista Cido Tavares em parceria com a produtora Heloisa Granito e o sonoplasta Dagoberto Alves.

Outro programa de notoriedade veiculado na emissora desde 2008 é o *Universidade 93,7*, que tem o objetivo de transmitir os programas produzidos pelos alunos do curso de jornalismo

¹³² O público pode escolher a qualidade do áudio para ouvir a programação: 128, 64 e 48 Kbps (MP3/OGG).

da ECA-USP produzidos na disciplina de Radiojornalismo sob a supervisão do professor Luciano Victor Barros Maluly.

O *Universidade 93,7* já recebeu cinco Salvas de Prata (2017, 2018, 2019, 2022 e 2023), prêmio promovido pela Câmara Municipal de São Paulo, no *Troféu São Paulo: Capital Mundial da Gastronomia* na categoria *Reportagem Difundida por Emissora de Rádio*. Além disso, em 2021 a reportagem especial *USP para (Des) Privilegiados* foi a vencedora do *II Prêmio Rubra de Rádios Universitárias*¹³³.

Musicalmente, a *Rádio USP* dá espaço aos gêneros musicais que não são ouvidos nas emissoras comerciais como a música erudita e as músicas tradicionais de várias regiões do país, além da MPB, rock, jazz e samba. Como exemplo, citamos o programa *O Samba Pede Passagem*, que foi ao ar pela primeira vez em 1978 e é produzido e apresentado pelo radialista Moisés da Rocha. Com duração de duas horas, ele vai ao ar sábados e domingos, das 12h às 14h com reprise aos sábados e domingos à meia-noite.

A programação jornalística é voltada à divulgação das atividades da Universidade e um espaço para debates sobre temas de interesse da sociedade e de prestação de serviços por meio de boletins ao longo da programação e do *Jornal da USP no Ar*.

O *Jornal da USP no Ar* começou a ser veiculado em março de 2017 e é apresentado pela jornalista Roxane Ré. Roxane é formada em jornalismo pela PUC-SP com passagens pelas rádios *Estadão* e *CBN*. A jornalista não é funcionária concursada da USP, ou seja, ela é contratada apenas para apresentar o programa.

O *Jornal da USP no Ar* é uma parceria do Instituto de Estudos Avançados (IEA), da Faculdade de Medicina (FM) e da *Rádio USP* e recebe professores e pesquisadores da USP para tratar de temas do cotidiano e de pesquisas desenvolvidas na instituição, além de apresentar reportagens e quadros especiais, que repercutem assuntos nacionais e internacionais que impactam de alguma forma a sociedade. Vai ao ar de segunda a sexta, das 7h30 às 9h30 pela *Rádio USP São Paulo*.

Em 2019, o *Jornal da USP no Ar* passou a ter uma edição regional¹³⁴, veiculada pela *Rádio USP* Ribeirão Preto com notícias dos *campi* de Bauru, Lorena, Piracicaba, Pirassununga, São Carlos e Ribeirão Preto. A edição regional vai ao ar de segunda a sexta, das 12h às 12h30

¹³³ A respeito da comemoração dos 15 anos do programa *Universidade 93,7* e suas premiações ler o texto *Universidade 93,7 – 15 anos no ar pela Rádio USP*. Disponível em: <<https://www.usp.br/cje/?p=5366>> e <<https://jornal.usp.br/artigos/universidade-937-15-anos-no-ar-pela-radio-usp/>>. Acesso em: 2 de nov. de 2023.

¹³⁴ Até 2017 as duas emissoras ficavam em organogramas separados, ou seja, a área de comunicação de Ribeirão Preto integrava uma estrutura à parte, subordinada à prefeitura do *campus*. Hoje ela está oficialmente na estrutura da SCS e além da parceria com o campus de São Paulo mantém sua individualidade com programas voltados mais diretamente para o seu *campus*.

e é apresentada pelos jornalistas Mel Vieira e Ferraz Junior.

Durante a primeira visita técnica à redação do jornal, em 2 de agosto de 2022, constatou-se que a editoria de Atualidades do *Jornal da USP* está muito conectada com o *Jornal da USP no Ar*, pois ambos são coordenados pela jornalista Cinderela Caldeira.

Caldeira é graduada em jornalismo pela FIAM Faculdades Integradas Alcântara Machado (hoje com a nomenclatura Centro Universitário FMU FIAM FAAM) e trabalha na USP há 37 anos com passagens pela Revista *Espaço Aberto*, rádio e *Jornal da USP*.

Durante o *workshop* sobre o *Jornal da USP*, realizado em 2021, a jornalista explicou que produz pensando primeiro para a rádio e depois faz a intersecção com o jornal. Caldeira defende que tudo que faz é divulgação científica, pois sempre vai ouvir fontes pesquisadores para as suas reportagens:

[...] A gente busca o(s) especialista(s) e procuramos colocar várias vozes/opiniões, mas como no rádio a gente tem um tempo reduzido e até tem um público definido, o que acontece? Você não pode trabalhar com uma matéria com um tamanho muito grande. Então você tem que colocar ponto e contraponto para que entrem opiniões (que sejam a favor ou contra) de determinada problemática. Aí no mesmo dia é feito um texto com informações inéditas que não entraram na sonora – até por conta de tempo – e isso vai para o *Jornal da USP*. (Caldeira, 2021)¹³⁵

No entanto, essa condução voltada mais para a rádio em detrimento do texto para o jornal é um ponto a ser melhorado, na opinião Serrano, pois ele avalia que a redação deve pensar primeiro no *Jornal da USP*. “É importante que a equipe pense primeiro em texto e para o jornal. Vejo que como eles pensam mais para a rádio e depois adaptam para o texto, nem sempre aproveita muito o tema ou escolhe o melhor *lead*.” (Serrano, 2022b)¹³⁶

No que se refere à produção da Rádio há uma reunião de pauta online toda quinta-feira com as equipes de São Paulo e Ribeirão Preto para discutir as pautas, verificar o que está pronto para montar o espelho da próxima edição¹³⁷. Esse encontro é importante porque é a partir dele que Cinderela Caldeira seleciona as pautas que serão encaminhadas para a reunião geral do *Jornal da USP* na segunda-feira.

¹³⁵Informações obtidas durante o *workshop* *Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitário* realizado no dia 21 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7XIAW2s&t=312s>> Acesso em: 7 de jan. de 2022.

¹³⁶Informação obtida durante a visita técnica na redação do *Jornal da USP* no dia 12 de setembro de 2022.

¹³⁷Como o jornal é diário, todos os dias o espelho é atualizado mas, para isso, não é necessário fazer uma nova reunião pois as equipes jornalística e técnica têm esse material salvo na nuvem e trocam informações pelo computador e/ou celular. Aliás, todos os dias, por volta das 5h40 da manhã, a equipe começa a conversar.

Na sexta-feira, após a reunião de pauta realizada na quinta-feira, a conversa é entre mim e a Roxane. Como toda edição do *Jornal da USP no Ar* tem sempre duas entrevistas ao vivo, é importante conversarmos sobre as entrevistas das edições da semana seguinte. Nós sentamos para ver como ela pensou a pauta, o que vai questionar, como está pensando em conduzir a entrevista. (Caldeira, 2022a)¹³⁸

A produção para o *Jornal da USP no Ar* é diária porque o rádio pede esse dinamismo, por isso, há uma cobrança maior para a equipe pensar e desenvolver boas pautas. Tanto a editoria de Atualidades quanto o jornal para a rádio precisam trabalhar com o factual, atual, quente, é quase uma cobertura *hard news*:¹³⁹

Quando mudou o jornal para o online e criou essas editorias foi difícil entender até onde cada um poderia ir. Por quê? Porque muitas pautas se interconectam, são de fronteira. Hoje é mais natural, mas a gente sempre conversa. Às vezes uma editoria pensa que aquela pauta pode ser legal assim e assado e a outra editoria diz que já está fazendo. (Caldeira, 2022b)¹⁴⁰

Em 2022, quando visitamos a redação, Caldeira tinha uma equipe com cinco estagiários e dois repórteres, por isso, desempenhava muitas atividades, como gerenciar todo o conteúdo jornalístico para a rádio que vem de Ribeirão Preto, montar diariamente o espelho do *Jornal da USP no Ar* e organizar os boletins que vão ar ao longo da programação.

Sobre a práxis jornalística, a profissional admite que a pandemia trouxe muitas mudanças, mas reitera que o jornal não deixou de ir ao ar um dia sequer, mesmo com a equipe isolada em casa:

Fomos pensando, vendo como íamos fazer e aprendemos a produzir sem ter que ir ao estúdio para gravar tudo e hoje continuamos assim. A redação está no celular, a equipe jornalística e técnica. Todo dia, por volta de 5h40, já começamos a conversar e, no dia anterior, por volta de meio dia, o espelho já está pronto. A produção hoje está toda online. A equipe faz, grava no próprio celular ou na sala que temos aqui no prédio no 5º andar, já edita – muitas vezes – em *softwares* e aí coloca em uma pasta no drive para que o operador de som equalize o som. Cada dia do jornal tem uma pasta que é compartilhada com toda a equipe e aí vamos anotando o que está pronto. Claro que tem também a equipe que fica direto na redação da rádio, que é em outro prédio, e a de Ribeirão, que é em outro *campus*, e cada um produz usando sua estrutura. (Caldeira, 2022b)

¹³⁸Informação obtida durante a visita técnica na redação do *Jornal da USP* no dia 2 de agosto de 2022.

¹³⁹No jornalismo, *hard news* significa notícia quente, a notícia que acabou de acontecer, por isso, sua cobertura precisa ser naquele momento, quase em tempo real. Caso contrário, perde-se o sentido da sua publicação.

¹⁴⁰Informação obtida durante as reuniões online sobre o *Jornal da USP da USP no Ar* e a editoria de Atualidades no dia 4 de agosto de 2022.

Como parte da etapa de compreensão da produção jornalística dentro do *Jornal da USP*, decidimos participar, em 4 de agosto de 2022, da reunião online da equipe do *Jornal da USP no Ar* para ver de perto como é a dinâmica de construção desse trabalho. Estiveram presentes Cinderela Caldeira, a jornalista Rosemeire Talamone, editora da *Rádio USP* em Ribeirão Preto e assessora de imprensa do campus, a jornalista Marcia Avanza, editora de áudio da Rádio USP SP e que acompanha mais de perto os estagiários e os jornalistas na redação da rádio, três estagiários e mais dois jornalistas (repórteres). Cada um dos repórteres/estagiários apresentou as ideias de pauta ou o andamento das reportagens enquanto a Caldeira, Avanza e Talamone comentavam, davam o *ok* ou derrubavam a proposta.

Mesmo não sendo identificado como o espaço para a publicação das pautas de ciências como ocorre claramente na editoria de Ciências, a editoria de Atualidades e o conteúdo do *Jornal da USP no Ar*, demonstram que o *Jornal da USP* faz, sim, divulgação científica através da sua produção jornalística.

Para atestar como a pauta de ciências é intrínseca ao veículo assim como para demonstrar o cuidado das editoras em como abordar os assuntos, descrevemos uma parte da reunião de pauta.

A repórter propôs uma pauta sobre a fuga de cérebros, mas também ao incentivo da circulação de cérebros, ou seja, aumento do intercâmbio de pesquisadores. Contudo, como a repórter começou com um ponto, mas trouxe exemplos que levavam o tema para outras discussões, houve uma preocupação em determinar melhor o recorte do assunto:

[...]

Marcia: Por que as pessoas estão fugindo? Ela quer falar sobre isso? Fuga de cérebros? Não dar condições para essas pessoas trabalharem?

Cinderela: A coisa da política científica, da verba a gente já deu recentemente no jornal... então o que a gentealaria de novo sobre isso?

Rose: Eu acho que entendi o que ela está falando, mas como a gente não foca em política científica, acho que ela podia ser, assim, mais ousada e procurar no RH da USP, Unicamp, Unesp, por exemplo, tomando como exemplo as grandes universidades paulistas e ver quantos docentes pediram demissão nos dois últimos anos, é focar em números. A gente fica nessa “tem fuga de cérebros, tem fuga de cérebros”, mas onde? Quantas pessoas foram embora? Aí ela pode conversar com um economista para ele falar sobre esses números e o impacto científico e econômico sobre isso. Uma coisa está diretamente ligada a outra. O Brasil não avança por quê?

Cinderela: Acho que é isso. A gente conseguiu achar um gancho para falar de evasão de cérebros no contexto do que está acontecendo com os docentes. A questão do docente tem um impacto na cadeia de pesquisa. Fechou?!

Repórter: Mas o que eu tinha pensado é que tem uma fuga de cérebros no sentido positivo, que vai influenciar e, talvez, promover uma diversidade ou novos olhares a partir de determinado assunto.

Rose: Aí você teria que trazer a contramão que é a vinda de cérebros, mas aí é mais amplo, então você pode fazer duas matérias.

Cinderela: Você faz um *post* com duas sonoras, mas falando de assuntos diferentes. De qualquer forma você precisa ter pesquisas, dados para isso, para contextualizar o que nós estamos querendo falar. Acho que a pauta é boa, as duas matérias. Seu início de pesquisa deve ser pela pró-reitoria de pesquisa para pegar esses dados e a partir disso ir fundamentando sua matéria, mas vamos acompanhar junto.

Rose: A gente pode te dar os contatos da Unesp e Unicamp para você perguntar sobre o que falamos, para você partir de dados reais, ter número para alguma coisa. Perguntar para esses colegas da Unesp e Unicamp se eles tiveram essa fuga ou qual a evasão de pós-graduandos e perguntar também sobre o número de docentes que pediram demissão.

Cinderela: Eu acho que isso está nos dados gerais naquele site de transparência. Ela vai ter que fazer essa pesquisa para começar. Para começar essa pauta você vai precisar de um embasamento em números. Sem isso você não consegue desenvolver essa pauta e fica só no “eu acho”.

Marcia: Se não tiver números a pauta morre desde o início. Essa é a preocupação porque talvez os números sejam muito pequenos, principalmente na coisa de docentes.

Rose: Mas às vezes a questão não é o número, é a qualidade.

Marcia: Mas aí entra na base da política que não é a nossa editoria.

Cinderela: Para a sua pauta sobreviver você vai ter que fazer esse caminho para ver se ela se sustenta. Amanhã a gente já conversa para ver se ela vai adiante ou não. Já faz esse caminho, levantamento para ver. Do jeito que está ela tem um norte, mas precisamos de número mais concreto, com substância para poder tocar¹⁴¹.

[...]

¹⁴¹Informação obtida durante a reunião de pauta online da equipe da *Rádio USP* realizada no dia 4 de agosto de 2022.

A princípio, a lógica de apresentar o tema/proposta e ter o *OK* (aval) ou o *NÃO* dos editores é a mesma encontrada em uma reunião de pauta de qualquer outro veículo jornalístico, mas o que chamou a atenção nesse caso foi o cuidado maior com a base, os dados para a realização da reportagem. Trata-se da mesma preocupação apontada pelos profissionais das outras instituições: a pré-produção do que vai ser veiculado.

Esse deveria ser o cuidado em qualquer redação jornalística, mas nas grandes redações dos veículos tradicionais nem sempre há tempo hábil para as reuniões de pauta prolongadas e ainda mais para uma apuração mais cuidadosa do tema. Nesse sentido, percebe-se, que por se tratar de um produto produzido dentro de uma universidade, está intrínseco que é obrigação da equipe fazer uma pesquisa prévia extensa com dados sólidos para qualquer pauta e só a partir disso produzir a reportagem.

A SCS, assim como algumas das universidades consultadas no capítulo anterior, não possui um manual de redação com essas orientações, mas, na opinião de Marcia Blasques, essa preocupação deve ser a essência de qualquer jornalista:

O Jornal da USP [...] como linha editorial tem a missão de defender padrões de civilidade. A gente defende direitos humanos, a universidade pública, o ensino público, a pesquisa, o financiamento público de pesquisa, pautas antirracistas, antimachistas... Eu não posso dizer que é uma linha editorial porque a gente não é um veículo de comunicação como a Folha de S. Paulo. [...] Acho que jornalista que não defende essas coisas todas que eu falei não pode ser chamado de jornalista. Você pode ser de direita, esquerda, centro, ser liberal na economia, religioso, não religioso, mas existe um nível mínimo que passa por isso. [...] Considerando que estamos dentro de uma universidade pública seria estranho, por exemplo, não defender a universidade pública. Então não existe algo escrito, mas é uma coisa que pelo menos na redação a gente discute muito, fala o tempo todo. [...] Então é um posicionamento meio geral, sabe. (Blasques, 2020b)

O *Jornal da USP no Ar* também tem espaço para o jornalismo opinativo através das colunas (nas diversas áreas da ciência) que vão ao ar diariamente das 8h às 9h30. Os áudios são gravados previamente e, basicamente, a apresentadora ou o editor/responsável faz uma introdução sobre o colunista (docentes/pesquisadores da instituição), apresenta o tema da edição¹⁴² (pautas internas ou externas) e faz uma ou mais pergunta(s) que serão respondidas/analizadas pelo profissional.

¹⁴²As pautas internas sempre se referem às ações da instituição, as pesquisas. Já as pautas externas repercutem, comentam os fatos da sociedade sob o olhar dos especialistas da USP.

Quadro 30 – Lista dos Colunistas, 2021 e 2023

Editoria (tema)	Título	Colunista	Dia e horário da veiculação
Saúde	Fique de Olho	Eduardo Rocha	Segunda-feira, 8h30
Saúde	Dr. Bartô e os Doutores da Saúde	João Paulo Lotufo	Terça-feira, 9h
Saúde	Minuto do Cérebro	Octávio Pontes Neto	Terça-feira, 8h30
Saúde	Saúde e Meio Ambiente	Paulo Saldiva	Segunda-feira, 8h
Cultura	Bibliomania	Marisa Midori	Sexta-feira, 8h30
Cultura	Na cultura, o centro está em toda parte	Martin Grossmann	Terça-feira, 9h
Cultura	Ouvir imagens	Giselle Beiguelman	Segunda-feira, 8h
Cultura	Espaço em obra	Guilherme Wisnik	Quinta-feira, 8h
Tecnologia e Inovação	Iconomia	Gilson Schwartz	Segunda-feira, 8h30
Tecnologia e Inovação	Observatório da Inovação	Glauco Arbix	Terça-feira, 8h
Tecnologia e Inovação	Datacracia	Luli Radfaher	Sexta-feira, 8h
Esporte	Corpo e Movimento	José Carlos Farah	Terça-feira, 8h30
Esporte	Ciência e Esporte	Bruno Luiz Souza Bedo	Sexta-feira, 8h30
Ciência	Decodificando o DNA	Mayana Zatz	Quinta-feira, 9h
Jornalismo	Horizontes do Jornalismo	Carlos Eduardo Lins da Silva	Segunda-feira, 8h30
Política e Democracia	A qualidade da democracia	José Álvaro Moisés	Quarta-feira, 8h30
Política e Democracia	Ética e Política	Renato Janine Ribeiro	Quarta-feira, 8h30
Cidadania	Globalização e Cidadania	Pedro Dallari	Quarta-feira, 8h
Meio Ambiente	Sustentáculos	José Eli da Veiga	Quinta-feira, 8h
Internacional	Um olhar sobre o mundo	Alberto do Amaral	Terça-feira, 8h
Internacional	Conflito e Diálogo	Marília Fiorillo	Sexta-feira, 8h
Economia	Reflexão Econômica	Luciano Nakabashi	Quarta-feira, 9h
Cidade e Urbanismo	Cidade para todos	Raquel Rolnik	Quinta-feira, 8h30
Cidade e Urbanismo	Cotidiano na metrópole	Nabil Bonduki	Quinta-feira, 8h30

Fonte: produção da autora (2021). Atualizada em 2023.

A respeito dos *podcasts*, é importante mencionar que sua produção ocorre desde 2018, quando foi criado o *Ciência USP*, o que corrobora o compromisso com a divulgação de pesquisas e descobertas científicas da SCS e seus veículos

O *Ciência USP*, subordinado à editoria de Ciências, mas produzido pela equipe do

jornalista Denis Pacheco, tem o objetivo de abordar descobertas, debates e novidades do mundo da ciência e é publicado quinzenalmente, na terça-feira.

Sobre a produção desse material, Marcia Blasques explica que: “cada *podcast* tem seu produtor, ou seja, um jornalista (repórter ou editor) é responsável por contatar as fontes, discutir sobre as pautas, gravar, editar e mandar para a equipe da rádio fazer o fechamento.” (Blasques, 2022b)¹⁴³

De maneira geral, os *podcasts* podem ser acessados tanto na página da rádio quanto na do jornal ou em um endereço específico para esse material.¹⁴⁴ Em todos esses espaços encontramos tanto os que continuam sendo realizados quanto os que tiveram episódios ou produções apenas em momentos específicos.

Compreende-se que há produtos pensados e produzidos como *podcast*, mas outros, apesar de serem nomeados como tal, são programas e/ou quadros em áudio que vão ar em dias e horários específicos dentro do *Jornal da USP no Ar* ou ao longo da programação da rádio. Podemos mencionar o *Universo das Emissoras Públicas*, 2023, que nasce da pesquisa de doutorado em andamento de Gislene Nogueira, sob a orientação do professor Eugênio Bucci, no PPGCOM da ECA USP. A proposta é contar a história de emissoras públicas de comunicação de diversas partes do mundo com programas de 30 minutos, veiculado quinzenalmente na sexta-feira, 17h, com a apresentação de Verônica Poli e Gislene Nogueira. A cada programa/episódio, elas conversam com profissionais dessas empresas, professores e pesquisadores da área.

No entanto, chamamos a atenção para o fato de essa apresentação dos *podcasts* ser um tanto confusa para quem não está familiarizado com as *homes* da rádio ou do jornal ou as *sub-homes* das editoras.

Na página do *Jornal da USP* há a lista de 25 *podcasts* e, na página da rádio, há a indicação de 12 (sem divisão por temas e/ou editorias), portanto, o recomendável é clicar diretamente no ícone *Podcasts* que fica na parte superior das *homes* do jornal e da rádio, porque dessa maneira o público consegue acessar a lista completa do que existe.

¹⁴³ Informação obtida durante visita técnica na redação do *Jornal da USP* realizada no dia 16 de dezembro de 2022.

¹⁴⁴ Disponível em: <<https://jornal.usp.br/podcasts/>>. Acesso em: 26 de set. de 2023.

Quadro 31– Indicações dos Podcasts em sua home

Lista dos podcasts (total: 35)
Revoredo; Cultura na USP; Novos Cientistas; Saúde Mental; Olhar Brasileiro; De Papo pro Ar; Ambiente é o Meio; Brasil Latino; Panorama Paulista; Momento Tecnologia; Ciência USP; Momento Cidade; USP Especiais; Construção Musical da Liberdade; Manhã com Bach; Palavra da Semana; Vira e Mexe; Arte no Rádio; Diversas; Biblioteca Sonora; Jornadas com Beethoven; História do Rock; <i>Jornal da USP</i> Mais!; <i>Jornal da USP no Ar</i> Medicina; Saúde sem Complicações; Momento Odontologia; Pílula Farmacêutica; <i>Jornal da USP no Ar</i> Saúde Mental; Saud+Versidade; Momento Sociedade; Em Dia com o Direito; Fake News não Pod; Diálogos na USP; Diversidade em Ciência; Via Cast.

Fonte: produção da autora (2023).

Já ao acessar a página do *Jornal da USP* e clicar na *sub-home* de cada uma das editorias, em apenas três há a indicação de *podcasts*, sendo: Atualidades (13), Ciências (2) e Cultura (7). Apesar de parecer que há uma produção pequena no que se refere aos *podcasts* que cobrem a pauta de ciências, isso não é verdade, pois a temática (saúde, meio ambiente, tecnologia, ciências humanas) está presente em produções associadas à editoria de Atualidades, por exemplo.

Quadro 32 – Apresentação dos podcasts de acordo com as editorias

Editoria	Nomes
Atualidades	Momento Tecnologia; Momento Cidade; Momento Saúde; Momento Sociedade; <i>Jornal da USP</i> mais!; Pílula Farmacêutica; Saúde sem Complicações; Ambiente é o Meio; Momento Odontologia; Em dia com o Direito; USP Analisa; Brasil Latino; Diálogos na USP.
Ciências	Ciência USP; Novos Cientistas.
Cultura	Manhã com Bach; Cultura na USP; USP Especiais; Universo das Emissoras Públicas; Via Sampa; Momento Música na USP; Biblioteca Sonora.

Fonte: produção da autora (2023).

O *Canal USP*¹⁴⁵ foi criado em 24 de agosto de 2007 e se apresenta como “o canal oficial da Universidade de São Paulo no YouTube” que abriga toda a produção de vídeo da SCS e de algumas unidades da universidade. Nele, o público encontra *lives* e *webinars*¹⁴⁶, entrevistas e reportagens especiais, vídeos de pesquisas científicas, acontecimentos culturais e acadêmicos produzidos pela equipe do *Jornal da USP* e por parceiros, além da reprodução dos *podcast* dos colunistas.

¹⁴⁵Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/CanalUSP/about>>. Acesso em: 28 de set. de 2023. Nessa data, o Canal tinha 393 mil inscritos e 5 mil vídeos.

¹⁴⁶Em 2020 foram produzidas diversas *lives* e *webinars* sobre a pandemia de Covid-19 e o novo coronavírus (todos produzidos e mediados pela editora de Ciências Luiza Caires), mas há também *lives* especiais como a correção da prova da Fuvest que é feita anualmente e é apresentado por Cinderela Caldeira.

Marcia Blasques (2021) explica que a produção de vídeo é toda concentrada no *Canal USP*.

Sempre tem chamadas para elas na *home* do Jornal, mas os vídeos em si são todos hospedados pelo *Canal USP*. O Canal é mantido e gerido pela SCS, ele tem uma produção própria da SCS, mas também inclui conteúdos de outras unidades da USP que a nossa equipe faz uma curadoria e republica no canal. (Blasques, 2021)¹⁴⁷

O *Canal USP* integra a rede *Science Vlogs Brasil (SVBR)*, selo que atesta a qualidade da divulgação científica no YouTube, e possui divisões conforme os tipos de produção a serem destacados, como, por exemplo: Destaques Canal USP; USP Pensa Brasil; Série Livros da Fuvest; *Podcasts* Colunistas Rádio USP; *USP Talks*; Série Fascínio do Universo; *Lives Jornal da USP* (Desafios e Diálogos); Especial I.A. Inteligência Artificial; Aulas USP: Ciências Exatas, Humanas e Biológicas; *Jornal da USP*: reportagens, séries especiais e entrevistas; Ciência USP - *Jornal da USP*; Parceiros USP e Shorts¹⁴⁸.

Considerando tudo o que já foi relatado sobre as discussões internas para as mudanças na comunicação da USP e, conseqüentemente, o desejo de ampliar o contato da universidade com a sociedade, consideramos importante apresentarmos três iniciativas: *USP Talks*, *Desafios* e *Diálogos na USP* que utilizam um formato parecido, o de debate e entrevista e buscam atingir um público mais variado, seja no ambiente online, seja fora da universidade.

O *USP Talks: conectando universidade e sociedade*¹⁴⁹ nasceu em 2016, é organizado pela Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação da Universidade, e é apresentado/mediado pelo jornalista e repórter especial do *Jornal da USP* Herton Escobar desde 2019. Trata-se de uma série de palestras de curta duração ministradas por especialistas que abordam temas atuais e de interesse da sociedade. Cada encontro acontece mensalmente (entre os meses de abril e dezembro) e conta com a palestra de dois especialistas seguida por um debate com espaço para responder as perguntas do público.

Na edição de 14 de setembro de 2023, por exemplo, ocorreu a edição 50 do *USP Talks* com o tema *Para que servem as universidades, e a quem elas devem servir?* com a participação da médica, professora titular e, desde novembro de 2022, primeira diretora na história da

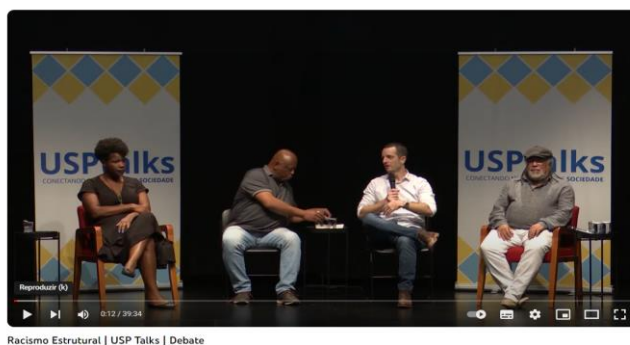
¹⁴⁷Informações obtidas durante o *workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitário* realizado no dia 21 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7X1AW2s&t=312s>>. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

¹⁴⁸Nessa seção estão reunidos vídeos das diversas editorias do *Jornal da USP* que também foram publicados em outras redes da instituição, como por exemplo, o Instagram.

¹⁴⁹Disponível em: <<https://usptalks.prp.usp.br/pt/home/>>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), Eloisa Bonfá, e do médico, professor titular aposentado do Departamento de Neurologia e Neurocirurgia da Escola Paulista de Medicina da Unifesp, Esper Cavalheiro.

Figura 30: Print do *USP Talks* sobre Racismo estrutural



Fonte: Canal da USP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLAudUnJeNg4v11q0tnuwXZzX1vtXUxk66>>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

O *USP Talks* visa falar para um público mais amplo, pois as conversas acontecem fora dos muros da universidade, mais especificamente, na região da avenida Paulista: Teatro Eva Hertz da Livraria Cultura, Teatro Cásper Líbero, Teatro do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e Instituto Moreira Salles. Entre os anos de 2020 e 2021, as edições foram online.

Desafios, criado em 2019, é um programa de entrevista conduzido por Luiz Roberto Serrano com direção de Cinderela Caldeira que vai ao ar toda sexta-feira, às 11h. Com duração entre 45 minutos e uma hora, cada edição traz um ou mais convidados especialistas para debater temas que envolvam questões econômicas e sociais do Brasil e do mundo.

Figura 31: Print do *Desafios* sobre a América Latina



Fonte: Canal da USP. Disponível em: <<https://bit.ly/2GA0FEq>>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

Diálogos na USP começou a ser produzido em 2016 e, inicialmente, era veiculado apenas na rádio. Em 2019, passa a ser exibido também no YouTube sendo que, durante a pandemia, ficou no YouTube. O programa é apresentado pelo jornalista Marcello Chami Rollemberg, graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), mestre e doutor pelo PPGCOM ECA USP, editor de Cultura do *Jornal da USP* e coordenador da programação musical e cultural da *Rádio USP*.

Figura 32: Print do *Diálogos na USP* sobre jornalismo de dados



Fonte: Canal da USP. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLAudUnJeNg4vKPiEY2H2Ar92vP7l2ATYn>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

O programa recebe sempre um ou mais especialistas da USP para refletir sobre fatos que estão em destaque na sociedade. Em 7 de julho de 2023, por exemplo, a discussão era sobre jornalismo de dados. Já, em 20 de outubro do mesmo ano, versava sobre o papel das universidades nas discussões sociais. Com duração de uma hora, vai ao ar toda sexta-feira, às 11h10 na rádio e, posteriormente, é disponibilizado no *Canal USP*. Observa-se, entretanto, um espaçamento maior nas últimas produções, pois os dois últimos vídeos são de julho e outubro, respectivamente.

5.1 *Jornal da USP*: um veículo de referência na divulgação da Ciência

O *Jornal da USP* existe desde 1985 e, durante sua trajetória, teve de se reinventar muitas vezes, editorialmente e graficamente¹⁵⁰, inclusive, tendo sido associado ao papel de veículo laboratório e institucional.

Aliás, o *Jornal da USP* é – de fato – um veículo ligado a uma instituição, a Universidade

¹⁵⁰Quando impresso, graficamente o jornal teve o formato A4, tabloide e europeu, mais especificamente o do jornal francês *Le Monde*.

de São Paulo, portanto, não é incorreto chamá-lo de veículo institucional, mas não no sentido do que conhecemos como *house organ*, ou seja, um produto de uma empresa ou entidade criado para divulgar apenas os fatos de interesse da instituição, ser oficialista, um jornal *chapa-branca*.¹⁵¹ É claro que o jornal também publica assuntos mais institucionais, mas essas pautas estão concentradas na editoria Institucional e, conforme o tema, também na editoria Universidade.

Antes identificada como Sala de Imprensa, a editoria Institucional é encabeçada pela assessoria de imprensa da USP sob a orientação da jornalista Adriana Cruz, graduada pela Umesp e com MBA em gestão pública pela USP. A seção veicula matérias de políticas universitárias, decisões do conselho universitário e novos projetos da gestão e foi incorporada ao *Jornal da USP* em 2017.

A editoria Institucional é oriunda da Sala de imprensa, criada em 2010, e que estava ligada diretamente à reitoria. Esse site foi incorporado como editoria no *Jornal da USP* em 2017 e, quando fizemos essa migração, também passamos todas as redes sociais que a gente mantinha como reitoria para as redes sociais da USP. Migramos para a editoria também o USP imagens (banco de imagens da USP), o USP em números (anuário estatístico), a lista de assessores de imprensa que a gente tem nas unidades de ensino e pesquisa. (Cruz, 2021)¹⁵²

Para Bucci (2021) mesmo que um jornal produzido dentro de uma universidade tenha em certos momentos a preocupação com a imagem da instituição, ele é, antes de tudo, jornalismo, um jornalismo dentro da lógica da comunicação pública.

[...] A universidade pública sendo uma instituição pública ela só pode fazer comunicação pública, ela não pode fazer comunicação comercial. [...] Agora dentro dessa comunicação pública, nós temos diversas atividades, diversos registros diferentes de comunicação. Quando pensamos no *Jornal da USP*, Rádio USP ou no portal de notícias da USP, nós devemos pensar isso como jornalismo, em primeiro lugar, mas com algum componente de trabalho relativo à imagem da universidade, mas a orientação principal é jornalística. [...] A forma de trabalho/o método de trabalho é jornalístico, ou seja, é a apuração dos fatos, a busca por ideias, fontes de forma desinteressada, objetiva. (Bucci, 2021)

¹⁵¹O termo jornalismo ou jornalista *chapa branca* está muito associado ao período da ditadura militar em que o veículo ou profissional faziam um jornalismo patrocinado ou controlado pelo governo, ou seja, não há oposição, crítica nessa cobertura.

¹⁵²Informações obtidas durante o *workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitário* realizado no dia 21 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7X1AW2s&t=312s>>. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

A respeito das mudanças editoriais, mas principalmente gráficas, o livro *Capas que contam histórias*, 2021, de Carla de Araujo Risso, nasce da sua dissertação de mestrado intitulada *A Universidade em Manchete, análise da estética e da diagramação da primeira página no jornal universitário*, 2005, ajuda a compreender essas transformações. A autora é graduada em publicidade e propaganda, além de possuir mestrado e doutorado pelo PPGCOM, todos pela ECA-USP. Atualmente é professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

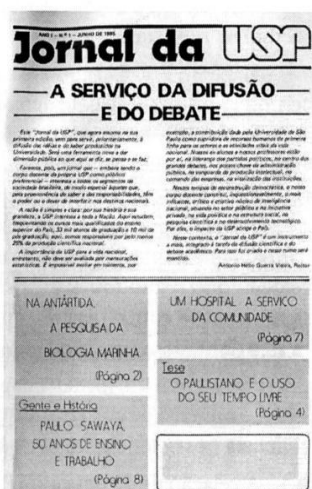
No prefácio da obra, Marcello Rollemberg, editor de Cultura do *Jornal da USP*, escreve:

O *Jornal da USP* é a mais antiga publicação jornalística universitária do País [...] é um marco e uma referência. [...] Foi a representação do muito que acontecia no ambiente da Universidade de São Paulo, fosse no âmbito acadêmico, na área de pesquisas de ponta ou na nem sempre tranquila gestão administrativa da universidade. [...] caminhando a partir do começo dos anos 1990 para uma publicação efetivamente jornalística [...] (Rollemberg, 2021, p.11)

Carla Risso (2021) reproduz em seu livro o texto publicado na capa da edição de número 1 do *Jornal da USP*, em junho de 1985, assinado pelo então reitor Antonio Hélio Guerra Vieira, com uma linha editorial mais voltada ao corpo docente ou aos formadores de opinião, demonstrando uma visão mais exclusiva, fechada, do acesso ao conhecimento.

Faremos, pois, um jornal que – embora tendo o corpo docente da própria USP como público preferencial – interessa a todos os segmentos da sociedade brasileira, de modo especial àqueles que, pela proeminência do saber e das responsabilidades, têm o poder ou o dever de interferir nos destinos nacionais. [...] (Vieira apud Risso, 2021, p.53)

Figura 33 – Reprodução da 1ª edição do *Jornal da USP* impresso



Fonte: Risso (2021, p.52). Reprodução.

Entre 1985 e 1990, o jornal passou por mudanças estruturais com a profissionalização do seu modo de produção, além do fato de, desde 1988, não ser mais dirigido por um(a) professor(a) da ECA USP, mas sim por um jornalista dedicado exclusivamente para isso.

Desde então, o veículo tem cumprido esse papel, como por exemplo, em 11 de setembro de 2001, quando ocorreu o ataque terrorista ao World Trade Center, nos Estados Unidos. Diretor de Redação à época, Marcelo Rollemberg, foi o responsável por guiar uma edição com textos reflexivos com intelectuais da universidade para contribuírem com as discussões sobre o impacto do acontecimento no Brasil e no mundo.

A grande transformação do *Jornal da USP* ocorre em maio de 2016, quando deixou de circular na sua versão impressa e passou a ser digital (versão para desktop quanto *mobile*) e, inclusive, há um texto no próprio veículo impresso explicando essa decisão que Carla Risso (2021) reproduz em seu livro:

A partir do dia 2 de maio, o *Jornal da USP* deixa de ser impresso e passa a ser publicado exclusivamente na internet. No novo formato, o jornal reunirá todas as mídias mantidas pela Superintendência de Comunicação Social (SCS) da USP- a Agência USP de Notícias, o USP On-line, a Rádio USP e a TV USP. Até agora uma publicação semanal, o jornal irá ao ar com notícias diárias, em textos, fotos, vídeos e áudios, divulgando a pesquisa, a ciência e a cultura produzidas na USP. Com 31 anos de circulação ininterrupta, o *Jornal da USP* amplia suas atividades com a meta de aumentar o número de leitores, no Brasil e no exterior. [...] (*Jornal da USP*, nº 1103, 25 de abril a 1º de maio de 2016, p.1 apud Risso, 2021, p. 169)

A transição do *Jornal da USP* do papel para o digital também foi tema de um artigo apresentado durante o *VI Congresso Internacional de Investigadores Auviosivuales*, que aconteceu na Universidad Camilo José Cela, em Madri, Espanha, entre os dias 27 e 28 de abril de 2017.

O trabalho *Jornal da USP: La Transformación desde hacia la pantalla (Jornal da USP: a transformação do papel para a tela)*, escrito por Marcello Rollemberg e Carla de Araujo Risso, chamou a atenção, naquele momento, pelo fato de a transição do papel/digital não ser comum no âmbito universitário e, principalmente, pelos números divulgados. “[...] dos 10 mil exemplares semanais na sua versão impressa, o *Jornal da USP* tem hoje mais de 1,1 milhão de visualizações de páginas por mês.” (*Jornal da USP*, 2017)¹⁵³

Essa migração do papel para o digital, segundo Bucci (2021), era mais que necessária,

¹⁵³Novo “*Jornal da USP*” é tema de congresso na Espanha, 9 de maio de 2017. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/novo-jornal-da-usp-e-tema-em-congresso-na-espanha/>>. Acesso em: 24 de fev. de 2022.

pois o custo de sua produção era muito alto, além de chegar com atraso nas mãos dos leitores.

Por que paramos de imprimir o *Jornal da USP*? Essa foi uma decisão da qual eu participei e acho que foi uma decisão acertada. O jornal era fechado em um dia da semana e só começava a chegar para o leitor duas semanas depois [...]. Era comum eu abrir o jornal e ver um anúncio de uma exposição que já tinha acabado. Esse *delay* de duas semanas num jornal semanal, e esse formato impresso asfixiava a redação porque ela só podia trabalhar dentro daquele espaço, naquele cronograma, naquela aceleração que não chegava no leitor. Aí começamos a fazer estudos de como seria se fizéssemos o jornal online. Fechou uma matéria agora, ela imediatamente está disponível e isso pode chegar de diversas formas no leitor. Isso não é uma coisa exclusiva nossa. Estamos em linha com o que todos fizeram, o mundo inteiro fez isso. O meio de transporte da informação escrita mudou para sempre... [...] (Bucci, 2021)

O *Jornal da USP* não é um portal¹⁵⁴, pois conforme explica Marcia Blasques, um portal dá acesso para outros sites, o que ele não faz. Na verdade, o jornal agrega todo o conteúdo dentro dele mesmo, ou seja, não é simplesmente um repositório de links como acaba sendo o *portal* da USP.

Se você entrar no portal da USP, verá que o conteúdo dele é mínimo, ele aponta para outras páginas. Já o *Jornal da USP* tem um conteúdo de site mesmo, de um site de notícias, está tudo lá dentro. É o jornal da Universidade de São Paulo, o veículo pelo qual a universidade mostra para a sociedade o que ela faz. (Blasques, 2020b)

No que se refere à visibilidade, a marca *Jornal da USP* tem números expressivos. De 2018 até 2020, o total de visualizações e assinantes tanto do jornal quanto do canal no YouTube só cresceu. Do jornal, passou de 15,5 milhões (2018) para 25,6 milhões (2020) ao mês e, no YouTube, de 100 mil (2019) para 311 mil (2021). Os números se justificam, principalmente, por causa da pandemia de covid-19, conforme explanação de Serrano durante o *workshop* de 2021. “[...] Em março de 2020, primeiro mês da pandemia, com a sociedade desesperada sobre a doença, a visitação ao jornal deu um salto naquele momento para 3,5 milhões de visitantes únicos só naquele mês. [...]” (Serrano, 2021)¹⁵⁵

E como a equipe do jornal acompanha o *feedback* do público? Assim como é feito nas

¹⁵⁴“Portal é um termo que ficou popular no Brasil com o crescimento da internet nos anos 1990, 2000, mas de maneira geral, os autores que pensam o sistema de comunicação midiático no mundo digital costuma usar o termo ambiente midiático integrado ao invés de portal. Apesar de utilizarmos o termo informalmente, conceitualmente ele não é o mais correto”. Trecho da entrevista realizada com a professora Elizabeth Saad, em 16 de abril de 2021, sobre os grupos de discussão para as mudanças das mídias da USP iniciados em 2012.

¹⁵⁵Informações obtidas durante o *workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitário* realizado no dia 21 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7XIAW2s&t=312s>> Acesso em: 7 de jan. de 2022.

outras universidades descritas no capítulo anterior, Marcia Blasques relata que a medição ocorre mensalmente pela ferramenta do *Google Analytics* que verifica a matéria mais acessada e se esse acesso é mais de dentro ou de fora da USP.

Nosso acesso hoje é muito grande para ser apenas público USP e os retornos que a gente tem – seja por e-mail, WhatsApp, seja por todos os canais que a gente tem – é muito de gente de fora da USP. Na verdade, nosso objetivo é falar para fora e o jornal não é interno, ele mostra para a sociedade para que serve a USP, porque se investe dinheiro aqui, é prestação de contas do que a gente faz. (Blasques, 2020a)

Mas, majoritariamente, pode-se dizer que o jornal é acessado por jovens (18-35 anos), sendo 58% feminino e 42% masculino oriundos de diversos países, na sequência, Brasil, Portugal, EUA, Moçambique, Angola. Entre abril e maio de 2023, por exemplo, o total de acessos foi de 983 mil, sendo 70% mobile (celular), 28% desktop e 2% por tablets¹⁵⁶.

Assim, as diretrizes da SCS e, conseqüentemente, do *Jornal da USP* precisam levar em conta essa diversidade de público, a saber: Público interno (unidades, professores, alunos, funcionários dos oito *campi*, visando à integração do conjunto da universidade); Mídia em geral (o material produzido pelas mídias da USP, principalmente o *Jornal da USP*, acaba sendo fonte primária de pautas); Mídias especializadas (principalmente ciência e educação); Demais universidades e todo o universo da educação no país; Poderes legislativos e executivos (em função de atuarem diretamente nas questões de apoio e financiamento à educação e ciência); Entidades empresariais, de classe, associações da sociedade civil; Público internacional, em especial, as universidades e toda a sociedade brasileira, particularmente a paulista¹⁵⁷.

A partir disso, as premissas do jornal são: prestar contas e contribuir para o acesso à informação científica de qualidade para o público interno e externo. A respeito do público externo, este pode ser categorizado em: (1) geral (diversas idades, gêneros e classes sociais); (2) especializado (parceiros empresariais, entidades de classe e educacionais) e a imprensa em geral e (3) poder legislativo e executivo.

O *Jornal da USP*, portanto, produz um jornalismo que precisa atuar em duas frentes: (1) olhar para a universidade, identificar o que tem sido pesquisado e verificar o impacto disso na

¹⁵⁶Dados apresentados por Valéria Dias, subeditora de Ciências em 6 de junho de 2023 no *workshop Jornalismo científico: a experiência da editoria de Ciências do Jornal da USP*. A gravação do evento está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H6wPcDU0Stg&t=5711s>>

¹⁵⁷Informações obtidas durante o *workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitário* realizado no dia 21 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7XlAW2s&t=312s>.> Acesso em: 7 de jan. de 2022.

sociedade e (2) observar a sociedade e buscar análises, propostas de soluções sob a égide da universidade em todas as suas editorias. Assim, essa atuação fortalece o papel do veículo como divulgador do conhecimento científico, seja ele produzido dentro ou fora da Universidade.

No *Jornal da USP* o carro chefe são as ciências exatas, biológicas, humanas. Temos uma amplitude que nos permite trabalhar quase todos os assuntos que interessam à sociedade, como economia, educação, psicologia, infraestrutura, covid. Nós trazemos professores, alunos, pesquisadores e os puxamos para discutir os problemas do dia a dia. (Serrano, 2020)

Para atingir esse objetivo, Serrano (2020) defende que é preciso explorar todas as linguagens disponíveis.

Tem o jovem que está interessado na USP e que acha legal ser “grátis”, tem o pessoal que está dentro (professor, pesquisador, aluno, funcionário), os sêniores (ex-alunos, professores), as pessoas que decidem sobre as verbas da Universidade... temos que falar com esse público todo e cada um exige uma linguagem [...] a gente precisa oferecer conteúdo que todos gostem, compreendam. (Serrano, 2020)

Nessa perspectiva, as publicações do *Jornal da USP* procuram mesclar texto, áudio e vídeo em uma busca por uma linguagem mais multimídia.

A gente tenta ser multiplataforma todos os dias e nesses anos já conseguimos inculir isso na cabeça dos repórteres, alguns mais, outros menos. Eu tenho repórteres mais jovens/anteados que ajudam nas mídias sociais, que conseguem pensar as pautas nesse sentido. Agora, já tem o pessoal mais “tradicional” que precisa ser sempre incentivado, mas a gente trabalha muito em conjunto. A gente tem um pessoal da arte que é muito bom, muito criativo e que procura sempre soluções, olha o que tem sido feito fora. De modo geral, eu acho que a nossa produção não deixa nada a dever para a produção jornalística online de ponta. A gente tem desde materiais mais simples do dia a dia quanto especiais ultra mega multiplataforma. (Blasques, 2020a)

Ao considerar os públicos que pretende atingir, as ferramentas de comunicação à disposição e o respeito às particularidades de cada editoria, de maneira geral, as pautas do *Jornal da USP* visam: divulgar principalmente pesquisas, ações, programas, serviços, atividades realizadas pela universidade; cobrir a política científica do país observando seus problemas e tendências; mostrar a vocação da USP em contribuir para a leitura do país e do mundo ao publicar artigos, entrevistas, *lives* e áudios em que os especialistas da universidade analisam acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais no sentido de debater e compreender como esses fatos impactam a vida da sociedade; abrir espaço para temas que

possam interessar à comunidade universitária, mesmo que não sejam originários da USP; dar atenção especial à questão da linguagem, em particular, nos temas complexos, com o objetivo de facilitar sua compreensão pelo público.

Marcia Blasques (2020a) reitera que as pautas seguem os critérios tradicionais de jornalismo como atualidade, ineditismo, importância do tema, não variando muito quando comparado a uma mídia tradicional.

É claro que a gente divulga comunicado, mas esse não é o foco do nosso trabalho. Mesmo quando a gente faz divulgação de ciência, a gente faz divulgação para um público leigo e externo e aí todas as ações que a gente faz no sentido de tentar ampliar o nosso alcance é pensando nesse público externo. (Blasques, 2020a)

Outra dúvida por parte de quem está fora da universidade é se existe algo que não possa ser publicado?. Marcia Blasques (2021) reforça que não.

Não existe o que não possa ser divulgado. O que interfere mesmo é o tempo que a gente tem, o tamanho da nossa equipe, existem limitações temporais, estruturais, mas até hoje eu não vi assunto, ação da USP que não pudesse ser divulgado. (Blasques, 2021)

Contudo, a editora de Universidade, Thaís Helena dos Santos, afirma que na verdade é preciso tomar alguns cuidados para não criar uma falsa expectativa em relação àquele assunto, principalmente, porque o *Jornal da USP* tem um grande alcance.

Quando publicamos algum serviço/curso onde o número de vagas é muito pequeno a gente não pode criar uma falsa ideia de que é tão amplo, que todos vão ter acesso. Então às vezes optamos por nem publicar porque o jornal tem um alcance maior quando comparado com os canais das unidades. Assim, conversamos com as unidades e sugerimos que elas mesmas divulguem em seus canais e reforcem que as vagas são limitadas. (Santos, 2021)¹⁵⁸

O *Jornal da USP*¹⁵⁹ publica toda a sua produção nas editorias Atualidades, Ciências, Cultura, Universidade, Institucional e Diversidade. A editoria de Diversidade, criada em agosto de 2023, contempla pautas centradas na diversidade e inclusão (gênero e étnico-racial). O seu

¹⁵⁸Informações obtidas durante o *workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitário* realizado no dia 21 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7XIAW2s&t=312s>> Acesso em: 7 de jan. de 2022.

¹⁵⁹Há a possibilidade de receber uma *newsletter* com os destaques do jornal no celular. Para isso, os(as) interessados(as) precisam adicionar o número 551199603-4190 aos seus contatos e enviar uma mensagem informando o nome e sobrenome.

editor é o jornalista Antonio Carlos Quinto que, até então, era um dos subeditores da editoria de Ciências.

Das seis editorias, cinco têm subeditorias e/ou subdivisões do conteúdo em texto, áudio e até vídeo:

Quadro 33 – Jornal da USP e as subeditorias

Editoria	Subeditorias
Atualidades	Reportagens; <i>Jornal da USP no Ar</i> 1ª edição; Podcasts; Colunistas; Rádio USP; Diálogos na USP;
Ciências	Ciências Agrárias; Ciências Ambientais; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas;
Cultura	Crítica Cultural; Livros da Fuvest; Revista USP;
Diversidade	Étnico-Racial; Gênero; Inclusão social;
Universidade	Estude na USP (Vestibular e pós-graduação); Ações para a comunidade; Políticas Científicas; Voluntários para pesquisa.

Fonte: produção da autora (2023).

A sua *home*, atualizada diariamente ao final do dia¹⁶⁰, é desenhada como um grande aglutinador de todo esse conteúdo apresentado nos gêneros informativos (notícias e reportagens) ou opinativos (colunistas, artigos e articulistas).

Figura 34 - Print do Jornal da USP, 2 de agosto de 2022



Fonte: Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/>>. Acesso em: 2 de ago. de 2022.

Mas qual a diferença entre artigo e articulistas, sendo que ambos são textos opinativos?

¹⁶⁰A responsável por atualizar a *home* do *Jornal da USP* é a jornalista Marcia Blasques, mas eventualmente isso pode ser feito por outro editor. Já as páginas das editorias são atualizadas pelo editor responsável.

Figura 35 - Prints de Articulistas e Artigos, *Jornal da USP*, 12 de setembro de 2022



Fonte: Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/>>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

O espaço para artigos já existia no jornal há um tempo e trata-se de um espaço livre e de colaboração voluntária de toda a comunidade USP, seja docente, seja discente. Já os articulistas são professores/pesquisadores convidados que têm o compromisso de enviar um texto novo todo mês e passou a ser publicado em agosto de 2022. Esteticamente e editorialmente eles são diferentes.

Agora vamos ter cerca de 40 articulistas com o compromisso de mandar um texto todo mês, sendo assim, todo dia pelo menos um texto novo nesse espaço vai entrar. O *Jornal da USP* foi atrás de pessoas para esse espaço procurando trazer mais mulheres, negros, de outros *campi*, áreas variadas, além de intercalar entre pesquisadores jovens e os já tradicionais. (Blasques, 2022a)

Aliás, sobre os formatos jornalísticos utilizados pelo veículo questionamos os motivos que levaram o jornal a não publicar textos no formato entrevista ou até mesmo perfis. Em resposta, Serrano (2022c) disse que isso ocorre porque esses formatos demandariam mais tempo e preparo por parte dos jornalistas em relação às fontes, além de não proporcionarem uma leitura agradável no digital.

Nesses casos, tem o fato de precisar ir até a fonte, depois a questão da edição e, conseqüentemente, o tamanho. No digital as entrevistas *longas* não ficam agradáveis no quesito leitura. Então acaba fazendo a entrevista somente em áudio mesmo e um post (nota/resumo) do que foi a conversa, quem é a fonte e o link do áudio. Assim, no site ficam as reportagens, notícias (maior destaque) e as notas (mais secundárias), além dos artigos produzidos pelos articulistas/colaboradores. (Serrano, 2022c)¹⁶¹

Nesse sentido, o *Jornal da USP* não foge do padrão seguido pelas outras universidades: notícias, reportagens e artigos. Trata-se de uma escolha editorial, mas acreditamos que outros formatos de texto, mesmo que eventualmente, são importantes nessa busca em dialogar com diferentes públicos. As crônicas e perfis permitem uma leveza textual enquanto as entrevistas possibilitam um dinamismo na veiculação da informação. Mas, concordamos que sim, produzir esses outros formatos demanda mais tempo de apuração, produção e edição, o que poderia sobrecarregar mais ainda as equipes de todas as universidades.

Um ponto comum entre alguns dos entrevistados das outras universidades brasileiras foi a necessidade de existirem parcerias entre as instituições, ou seja, a criação de uma rede de apoio em que todos possam compartilhar conteúdos e ideias sobre como fazer a divulgação científica. Ana Cláudia Theme, da Uerj, enxerga que as universidades trabalham muito isoladamente. “Nesse sentido, acho que seria muito legal se a gente tivesse um fórum, algo assim, para que a gente pudesse trocar mais. (Theme, 2023)

Nas regiões Norte e Nordeste, a UFPA e a UFS participam de algumas iniciativas. Em 2021, a UFPA começou uma parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que tem se expandido para outras instituições, como por exemplo, a UnB. O editor do *Jornal Universitário* (JU) da UFRGS estava fazendo uma reportagem que mapeava as instituições que tinham jornais de divulgação científica e entrou em contato com Rosyane Rodrigues, UFPA, para obter informações sobre o *Beira do Rio* e a convidou para desenvolverem algum material juntos.

Daí eu levei a proposta para a direção e a gente começou a trabalhar, depois a gente chamou a Universidade de Goiás, elas ficaram super empolgadas e a gente foi convidando, entrou a do Paraná, a de Santa Maria, a UnB. Agora ficou grande de um jeito que estamos vendo como viabilizar a produção de um conteúdo que seja em rede e que todo mundo possa participar. Mas é uma coisa que a gente está amando, que a gente tem muito carinho. Esse ano [2022] produzimos duas ou três matérias em parceria. A gente não tem pernas para se dedicar como gostaria, mas é um projeto que continua firme e que vai crescer, com certeza. (Rodrigues, 2022)

¹⁶¹ Informação obtida durante a visita técnica na redação do *Jornal da USP* no dia 19 de outubro de 2022.

A UFS faz parte do *UniverCiência*, programa de TV aberta e internet, criado em 2020, produzido em parceria entre as universidades e TVs públicas da Região Nordeste, cujo foco é a promoção e a popularização da ciência. Os programas, que vão ao ar aos sábados, são produzidos pela TV UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)¹⁶² e pela TVE Bahia que semanalmente recebe material das instituições parceiras.

A gente participa com o material que produzimos para o *UFS Ciência*. Toda quinta-feira tem uma reunião de pauta do *UniverCiência* para enviar material ou discutir pautas, e nessa reunião a gente vê mais sistematicamente o que as universidades da Região Nordeste estão produzindo. Nós até fizemos uma pauta em parceria, como por exemplo, quando houve o derramamento de óleo aqui nas praias do Nordeste porque havia uma pesquisa em parceria entre nós e a Universidade Federal Rural de Pernambuco. Eles captaram imagens lá, nos mandaram e nós gravamos coisas aqui. Aí juntamos tudo e finalizamos, e seguida, plicamos no *UFS Ciência* e mandamos para o *UniverCiência*. (Neto, 2023)

Para Walter Teixeira Lima Júnior, Unifesp, o Colégio de Gestores de Comunicação da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Cogecom/Andifes), como uma rede de troca e apoio para as universidades federais, é fundamental.

O Cogecom tem um papel fundamental porque além das reuniões, nesse grupo estamos sempre colocando as ações, os produtos das instituições. Há uma troca e que conheço o produto dos meus colegas, apresento as minhas ideias. Nesse espaço de troca vemos que todos têm problemas, alguns parecidos, outros específicos e compartilhamos possíveis soluções, fazemos parcerias, como o recente *Alô Comunidade*, veiculado no Canal Futura. (Lima Júnior, 2023)

Já no Sul, a UFSC, a partir da nova gestão e a criação da Secretaria de Comunicação, há a intenção de formar uma rede de divulgação científica regional, com todas as instituições federais do Estado e a articulação com a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) para a criação da rádio.

O Cogecom, desde 2022, tem como diretora a jornalista Maíra Bittencourt, que também é a responsável pela Diretoria de Editoração, Comunicação Institucional e Produção Audiovisual (Decav) da UFS, e recentemente, em agosto de 2023, foi nomeada para integrar o

¹⁶² A UESB era uma das universidades que seriam consultadas, no entanto, como relatado no Capítulo *Caminho da pesquisa: a descrição do percurso metodológico na busca do jornalismo científico nas universidades públicas*, a instituição não retornou nossos contatos.

Conselho de Administração (Consad) da EBC.

Apesar de atuar desde 2016, o Cogecom, mais recentemente, tem sido mais incisivo nas ações que discutem o papel das universidades e em como elas podem se comunicar melhor com a sociedade, como por exemplo a realização: (1) do encontro nacional para discutir sobre políticas de comunicação nas instituições federais de ensino superior; (2) do encontro regional sudeste com o foco na discussão sobre comunicação pública, soberania e fortalecimento institucional e a importância de divulgar as ações de ensino, pesquisa e extensão dessas instituições e da (3) da criação da série *Cientistas do Brasil*, uma produção audiovisual que visa apresentar a ciência produzida por pesquisadoras e pesquisadores das universidades federais de todo o país, com veiculação no programa *Repórter Brasil*, aos sábados à noite, da TV Brasil.

Para além de todas essas iniciativas, todos concordaram sobre o quanto é importante existir uma política (no sentido de apoiar, reconhecer) de comunicação por parte da reitoria. Segundo eles, é primordial que a reitoria compreenda a importância da comunicação/jornalismo e, conseqüentemente, invista, possibilite que ela seja exercida. Os jornalistas também reconheceram ser crucial que a comunicação tenha um plano de continuidade, ou seja, independentemente de quem esteja à frente do cargo (reitoria/gestão), é necessário haver prosseguimento do projeto de comunicação/jornalismo.

Fundamental a postura das reitorias em compreender e apoiar a comunicação dentro das universidades. Nesse sentido, vejo que o *Jornal da USP* está solidificado, ou seja, independentemente da reitoria que entrar – e mesmo com a possibilidade de embates – o jornal e o seu jornalismo têm reconhecimento, respeito e força para brigar. (Serrano, 2022c) ¹⁶³

Ainda, os responsáveis por essas produções são leitores uns dos outros? Serrano, por exemplo, acompanha a produção jornalística de outras universidades, principalmente das universidades paulistas.

A propósito, umas das questões feitas aos jornalistas das universidades públicas consultadas era sobre o *Jornal da USP*. Questionamos se conheciam o veículo, se acompanhavam sua produção e o que achavam ¹⁶⁴.

Mesmo que nem todos o acompanhem com frequência, os profissionais afirmaram conhecer e reconhecer a importância do *Jornal da USP* na prática do jornalismo científico, como aponta o quadro a seguir ¹⁶⁵.

¹⁶³ Informação obtida durante visita técnica na redação do *Jornal da USP* realizada no dia 19 de outubro de 2022.

¹⁶⁴ Capítulo A *práxis do jornalismo científico em onze universidades públicas brasileiras*.

¹⁶⁵ Os trechos em negrito são para destacar os pontos que mais chamaram atenção nas falas dos entrevistados.

Quadro 34 – O *Jornal da USP* na visão de outras universidades

Fonte/Instituição	Conhece e acompanha o <i>Jornal da USP</i> ?
Rosyane Rodrigues, UFPA	Sim, mas não acompanho com frequência.
Josafá Bonifácio Neto, UFS	Sim, inclusive a Rádio USP, mas não acompanho com regularidade. Nós temos o <i>Jornal da USP</i> como referência de formato e conteúdo . Eu o classifico como o principal instrumento de produção de jornalismo científico pelo volume, qualidade de produção e regularidade .
Serena Veloso, UnB	Sim, é uma referência gigantesca para nós. Temos, inclusive, tentado fazer como a USP no sentido de deixar nossos produtos multimidiáticos, ter canais diversos como eles .
Vanessa Vieira, UnB	Sim, acompanho. Estou cadastrada e recebo as notícias. Não consigo acompanhar com consistência, mas fico sempre de olho.
Danielle Tavares Teixeira, UNEMAT	O <i>Jornal da USP</i> é referência e até ligamos lá para entender como funciona, tamanho e tomamos um susto, na verdade, ficamos até deprimidos de ver a quantidade de jornalistas que eles têm e pelo fato de atuarem por áreas. Cada um tem a sua própria equipe, tudo isso contribui muito com a qualidade apresentada . É claro que é uma instituição que já faz isso há anos e, portanto, tem experiência. Então é um modelo a ser seguido , é nossa meta ser um pouquinho como o <i>Jornal da USP</i> porque são realidades diferentes: orçamentária, localização e de equipe.
Diélen Borges, UFU	Conhece, mas não acompanha.
Ana Cláudia Theme, Uerj	O <i>Jornal da USP</i> é uma referência para todo mundo que trabalha com comunicação científica . A gente acompanha, mas não de uma forma sistemática até por todos os problemas que enfrentamos aqui. Então tínhamos que focar nos nossos problemas.
Walter Teixeira Lima Júnior, Unifesp	Acompanho, claro.
Pablo Nogueira, Unesp	A gente acompanha sim. O pessoal que está lá é muito qualificado . O professor Eugênio Bucci foi meu professor no curso Abril e diretor de redação quando estava na <i>Superinteressante</i> e ele está à frente da comunicação da universidade, sei que tem um cuidado e preocupação com o jornalismo .
Álvaro Kassab, Unicamp	Sim. A gente começou até antes que eles, porque o <i>Jornal da Unicamp</i> sempre teve a preocupação com a divulgação científica e o <i>Jornal da USP</i> antes era mais engessado, mais institucional. Depois eles mudaram, migraram para o digital e ocorreu uma guinada. Hoje são referência, mas não tem como comparar porque a estrutura deles é maior, tem mais profissionais, tem cobertura setorizada .
William Casagrande Fusaro, UEL	Conheço, mas não acompanho com frequência. Por conta do orçamento da USP acredito que a equipe do <i>Jornal da USP</i> seja uma das mais estruturadas.
Luís Carlos Ferrari, UFSC	O <i>Jornal da USP</i> eu não sigo assim todo dia como um ritual, mas é um material de muito boa qualidade e até procuro me espelhar no que eles fazem . Por exemplo, teve uma pesquisa, projeto de energia eólica com pipas que é parceria entre a USP e a UFSC e eles fizeram a reportagem. Nós achamos a publicação muito boa e a partir disso fomos atrás e fizemos uma reportagem sobre isso aqui também, então eles acabaram nos pautando.

Fonte: produção da autora (2023).

Percebe-se na fala dos entrevistados que o *Jornal da USP* é uma referência e modelo a ser seguido por: (1) pertencer à USP, que tem um bom orçamento quando comparado a outras instituições; (2) ter uma boa infraestrutura (humana e material); (3) conseguir utilizar diversos recursos midiáticos para a sua cobertura; (4) pelo volume de produção jornalística, em especial o de jornalismo científico e (5) ter uma equipe setorizada.

A partir de todo o levantamento para esta pesquisa de: acessar os sites das universidades públicas, identificar quem fazia jornalismo científico, conversar com profissionais de diferentes instituições do país para entender como ocorre a rotina produtiva e questionarmos as outras instituições sobre o *Jornal da USP*, sentimos a necessidade de – pelo menos nesse veículo – irmos um pouco além das entrevistas. Para isso, optamos pelas visitas presenciais na redação do *Jornal da USP*.

5.2 *Jornal da USP*: a rotina produtiva a partir da observação durante as visitas técnicas

A ideia em realizar as visitas técnicas nasceu do desejo em compreender como funciona a redação de um jornal produzido dentro de uma universidade e verificar (1) se nas reuniões há uma conversa sobre o que é considerado divulgação científica, jornalismo científico; (2) quais são os critérios na hora da escolha da pauta; (3) como as editorias trabalham, em especial a editoria de Ciências.

Todas as visitas aconteceram no segundo semestre de 2022 quando a equipe voltou a trabalhar presencialmente. Ao todo participamos de três reuniões de pauta (duas do jornal e uma da rádio) e cinco reuniões de *home* entre os meses de agosto e dezembro. Dessas, duas foram remotas (a da rádio, em agosto e a do jornal, no mês de novembro) e, para esse tópico, optamos por destacar alguns pontos das reuniões de agosto, setembro e dezembro.

A dinâmica de redação do jornal funciona assim: todos os dias, entre o final da manhã e início da tarde, ocorrem as reuniões de *home* em que a equipe discute sobre o que vai ao ar no final da tarde. É o momento em que verificam o que está pronto, o que deve ser destaque, o que pode ser deixado para o dia seguinte. Geralmente essas reuniões duram em média de 10 a 15 minutos, a depender das discussões do dia. Em síntese, a reunião funciona assim: na segunda-feira fecha a *home* do dia e já conversa brevemente sobre a de terça-feira e assim sucessivamente.

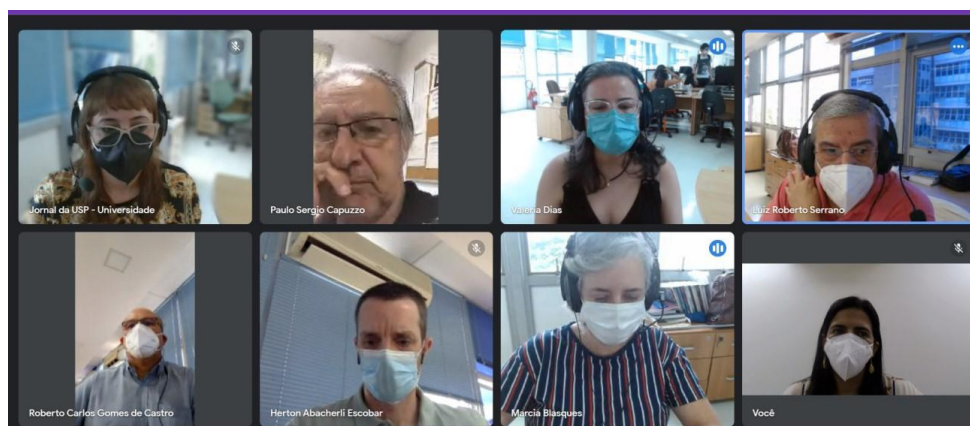
A reunião geral de pauta acontece toda segunda-feira também no mesmo horário e tem uma duração maior, 30 minutos, uma hora. Cada editoria (editor, repórter e/ou estagiários) traz

as ideias fechadas do seu setor, fala sobre o andamento de suas pautas e apresenta novas propostas, assim como ocorre na reunião de pauta da rádio. Sempre estão presentes Marcia Blasques e Luiz Roberto Serrano, coordenadores, mas em relação às outras editorias, os representantes podem mudar por inúmeros motivos: férias, execução de pauta externa, problemas de saúde etc. Então, pode ser que de uma editoria estejam presentes o editor, o repórter e o estagiário. De outra, apenas um subeditor ou repórter. Não tem uma regra, o importante é ter um representante da editoria.

Em todas as visitas chamou a atenção o fato de a redação estar bem vazia no período da manhã, ou seja, a sala vai enchendo quanto mais próximo ao horário da reunião ou até mesmo depois. Apesar de os funcionários baterem ponto, não existe uma fiscalização, um controle da equipe, ou seja, está claro quais são as responsabilidades para que o jornal seja atualizado todos os dias com novos conteúdos.

Durante esses encontros identificamos que, apesar de os profissionais estarem presencialmente na redação, as reuniões continuam sendo online - por chamada de vídeo - mesmo que estejam fisicamente sentados um ao lado do outro. Cada um na sua própria área de trabalho acessa o link no horário determinado e, assim que a reunião termina, voltam para as suas tarefas sem precisar sair do lugar.

Figura 36 - Print da tela da reunião de *home* em 16 de dezembro de 2022



Fonte: produção da autora (2022).

Num primeiro momento, houve um estranhamento, mas percebemos que a redação funciona bem com essa dinâmica e isso não atrapalha a produção e a qualidade do veículo. É como uma engrenagem: cada um sabe de sua importância, de sua função para que o todo funcione da melhor maneira possível.

Assim, após o término da primeira visita, em 2 de agosto, questionamos Marcia Blasques o porquê de as reuniões serem assim. Ela explicou que, mesmo com o retorno do presencial, a

equipe entendeu que isso otimiza o trabalho porque não há necessidade de se deslocar para outro ambiente. Eventualmente podem ocorrer reuniões (fora da tela do computador) pontuais em outra sala sobre os programas *Desafios* e *Diálogos na USP*, com a participação apenas de Marcia Blasques, Luiz Roberto Serrano e Marcello Rollemberg.

Um dos diferenciais do *Jornal da USP* é a publicação diária de novos textos. Basicamente eles são apresentados na *home* da seguinte forma: cinco destaques principais acompanhados de uma palavra-chave que já resume o que é o texto, a imagem e o título; doze destaques divididos em três colunas com as mesmas características já mencionadas (palavra-chave, imagem e título); articulistas com a foto e nome do autor, além do título do texto (sempre são seis); artigos com imagem, título e nome dos autores; colunistas da Rádio com o nome da coluna, imagem e nome do colunista, além do título e o início do texto que explica a temática em questão; chamadas para cursos, mídias sociais, *podcasts* e os indicadores das mais lidas (do dia, da semana e do mês).

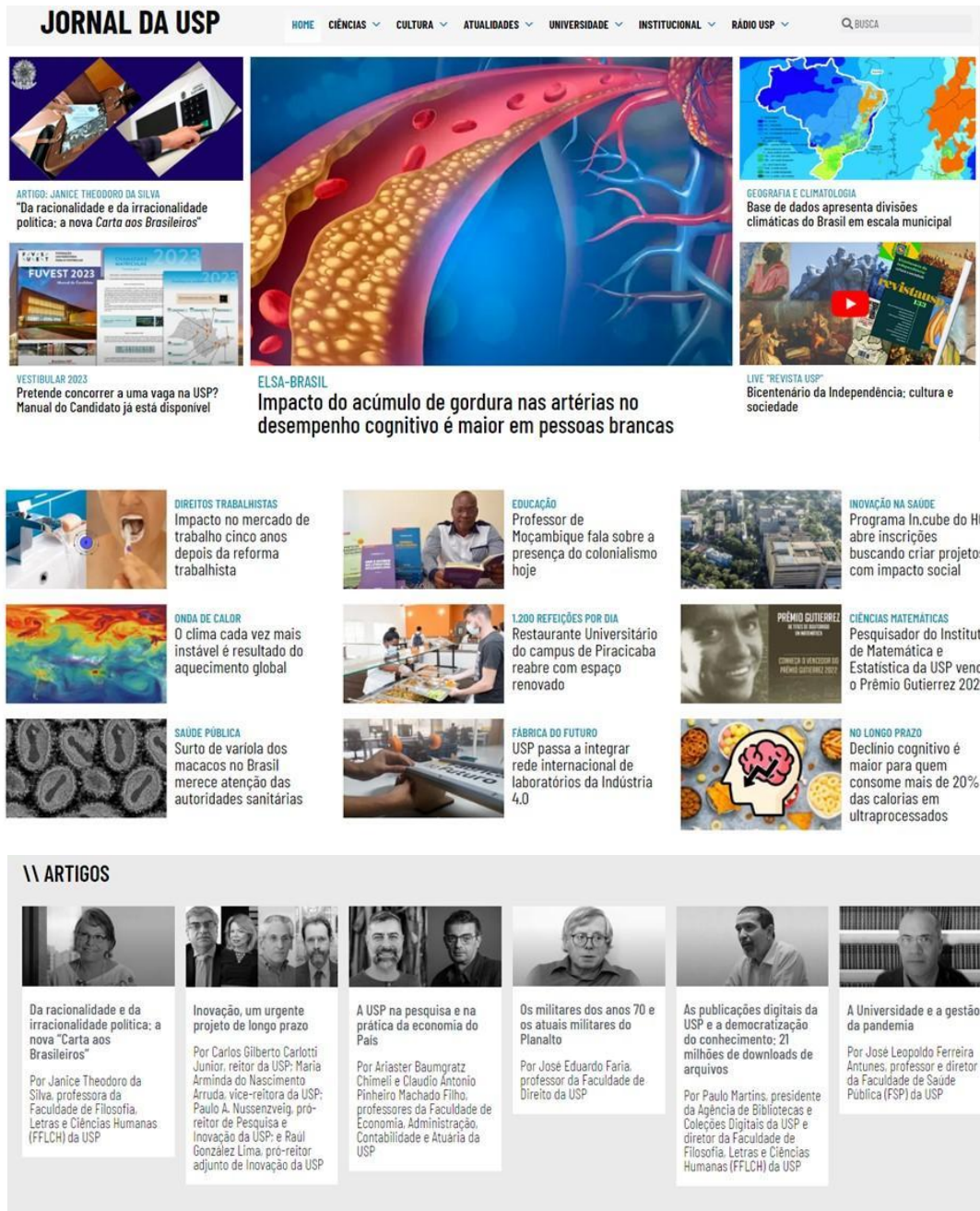
Há, inclusive, uma espécie de desenho da página em uma planilha no Excel a qual toda a redação tem acesso e os conteúdos são identificados: os destaques com a letra D (D1, D2, D3, D4, D5) e as demais notícias como A (A1, A2, etc.), B (B1, B2, etc.) e C (C1, C2, etc.). No entanto, essa ordem varia muito. Pode ser que o editor tenha optado por publicar determinada pauta na D1, mas, após a reunião de *home*, ela pode acabar saindo na D3, na A1 ou pode até ficar para o dia seguinte.

Figura 37 - Desenho da *home* do *Jornal da USP* em 2 de agosto de 2022

Row	Column	Content
1	A	Lista da home do dia - para fechamento. https://globo.gft5DMUk
4	D2	Janice Artigo
4	D1	Impacto de acúmulo de gordura nas artérias no desemprego cognitivo- Eta Brasil Ciências
4	D4	Base de dados apresenta divisões cristãs do Brasil em escala municipal - CEM Universidade
12	D3	Manual do Candidato de Fovest Universidade
12	D5	Ive revista USP Cultura
18	Canal USP (destaque)	desafios fake news
18	Podcasts	Momento Tecnologia: avia inovadora seleciona peçonhas em alimentos
18	Colunistas	
24	A1	Os 5 anos da reforma trabalhista Atualidades/Jorusp
24	B1	Evento on-line na FFLCH com o professor e crítico literário moçambicano Francisco Noa Cultura
24	C1	Programa In.cubo do IHC abre inscrições buscando criar projetos com impacto social Atualidades

Fonte: Redação do *Jornal da USP* (2022). Reprodução.

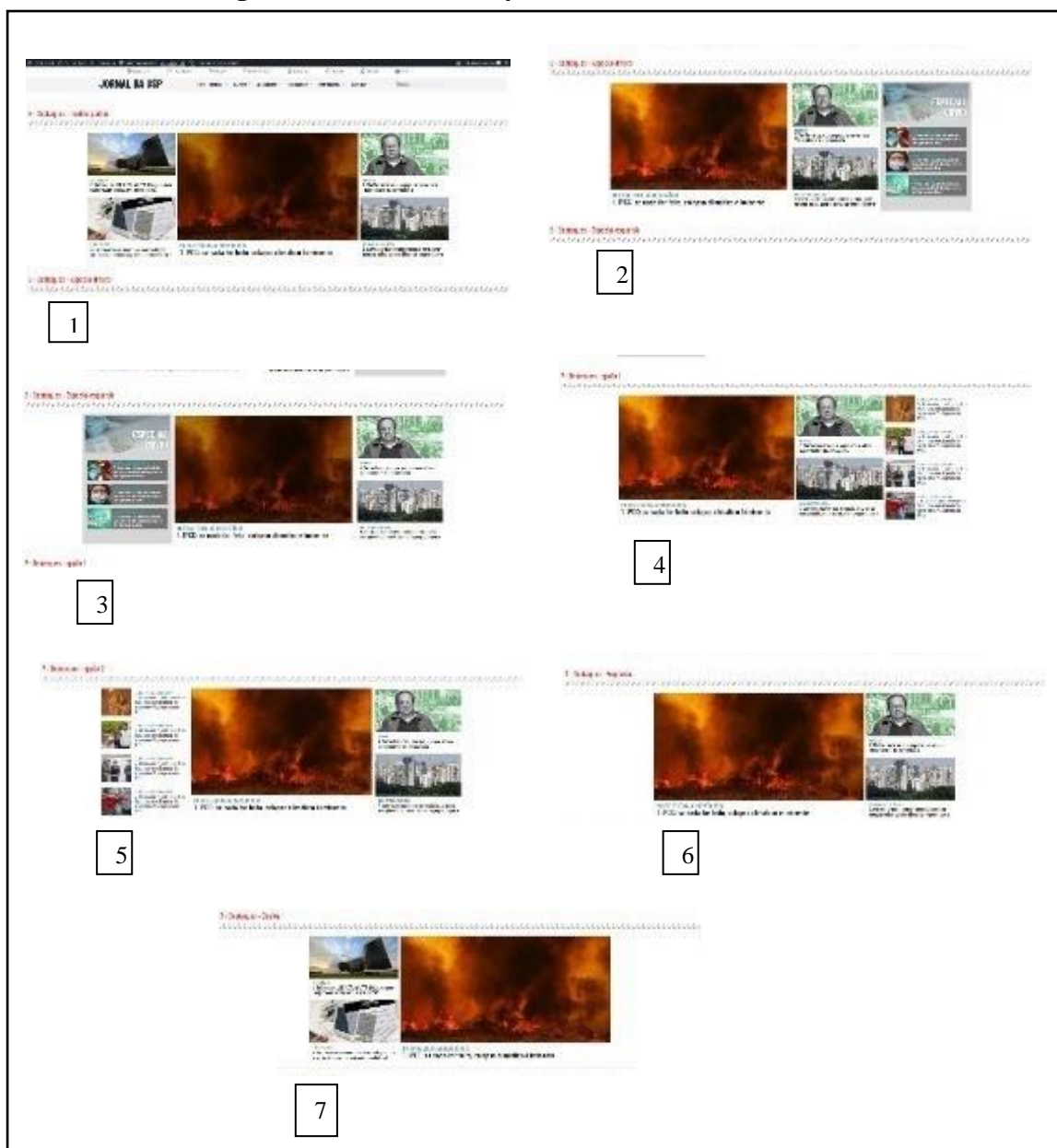
Figura 38 - Como ficou a home do *Jornal da USP* em 2 de agosto de 2022



Fonte: Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/>>. Acesso em: 2 de ago. de 2022.

São sete os modelos de layout do *Jornal da USP* que os editores, em reunião, decidem se (e) quando devem ser usados, conforme demonstra a próxima figura.

Figura 39 - Modelos de layout da *home* do *Jornal da USP*



Fonte: Redação do *Jornal da USP* (2022). Reprodução.

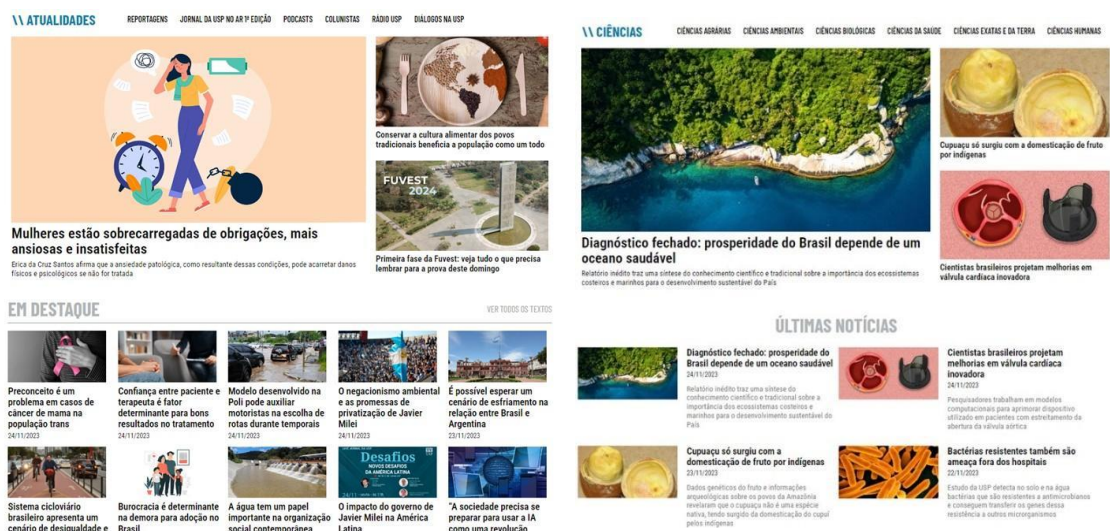
No que diz respeito às editorias, o *layout* é um pouco diferente. Todas as páginas começam com três destaques principais (D1, D2 e D3), mas depois seguem estruturas específicas, como descreveu Marcia Blasques (2022a)¹⁶⁶.

¹⁶⁶Informação obtida durante visita técnica na redação do *Jornal da USP* realizada no dia 02 de agosto de 2022.

A partir das mudanças propostas para a página principal (desenho, tipologia) e a decisão de repetir alguns conteúdos que ocorreram em 2021, as editorias tiveram liberdade para criar/escolher a cara da sua *sub-home*. Como cada uma tem a sua característica, os responsáveis que devem decidir o que ou como aquele conteúdo será destacado. (Blasques, 2022a)

Em Atualidades, há a chamada de 15 textos divididos em três colunas, colunistas, boletins, *podcasts*. Já em Ciências, temos as últimas notícias (20 textos divididos em duas colunas), *podcasts*, redes sociais e vídeos.

Figura 40 - Home das editorias Atualidades e Ciências



Fonte: Jornal da USP. Disponível em <<https://jornal.usp.br/home-atualidades/>> e <<https://jornal.usp.br/home-ciencias/>>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

É importante ressaltar que para o controle de produção existe um documento no google drive em que os editores preenchem algumas informações como o chapéu, o título, linha fina e fotos. Isso ajuda a entender o que está pronto e o que ainda precisa ser finalizado para que, na hora de fechar a *home*, ocorra a decisão se esses conteúdos podem ser mantidos e/ou precisam ser alterados.

Figura 41 - Print do documento com as informações do dia 2 de agosto de 2022

Home do dia - 02/08		
Destaque 1	Chapéu: Título: Link: Foto:	Impacto do acúmulo de gordura nas artérias no desempenho cognitivo- Fico Brasil https://jornal.usp.br/wp-admin/post.php?post=319443&action=edit 20220712_aterosclerose
Destaque 2	Chapéu: Título: Link: Foto:	Jarice
Destaque 3	Chapéu: Título: Link: Foto:	Manual do Candidato da Fuvest
Destaque 4	Chapéu: Título: Link: Foto:	GEOGRAFIA E CLIMATOLOGIA Base de dados apresenta divisões climáticas do Brasil em escala municipal https://jornal.usp.br/wp-admin/post.php?post=349308&action=edit
Destaque 5	Chapéu: Título: Link: Foto:	livro revista USP
Bloco A1	Chapéu: Título: Link: Foto:	LEIS DO TRABALHO / NOVOS CONHECIMENTOS / DIRETRIZES Evento promovido pela FEA discute cinco anos de reforma trabalhista https://jornal.usp.br/wp-admin/post.php?post=546551&action=edit
Bloco A2	Chapéu: Título: Link: Foto:	ONDA DE CALOR / CRISE CLIMÁTICA / O clima cada vez mais insuável é resultado do aquecimento global https://jornal.usp.br/pt-br/actualidades/o-clima-cada-vez-mais-insuavel-e-resultado-do-aquecimento-global-2018-1110_00_efeito_estufa
Bloco A3	Chapéu: Título: Link: Foto:	SAÚDE PÚBLICA Surto de varíola dos macacos no Brasil merece atenção das autoridades sanitárias https://jornal.usp.br/pt-br/actualidades/surto-de-varíola-dos-macacos-no-brasil-merece-atencao-das-autoridades-sanitarias-20220801_variola
Bloco A4	Chapéu: Título: Link: Foto:	// sab //
Bloco B1	Chapéu: Título: Link: Foto:	Evento on-line na FFLCH com o professor e crítico literário moçambicano Francisco Nze https://jornal.usp.br/wp-admin/post.php?post=348910&action=edit 20220801_francisco_nze

Fonte: Redação do *Jornal da USP* (2022). Reprodução.

Ao mesmo tempo, cada editor coloca esse material na página específica (*sub-home*) *offline* para o pessoal da arte olhar e criar o *design*.

O *Jornal da USP* tem o diferencial de a arte ser criada em cima de um texto que sempre foi lido previamente pelos responsáveis do setor. O Moises lê antes de criar, de indicar, e mesmo quando ele não consegue, alguém da sua equipe segue esse mesmo caminho. (Blasques, 2022a)

Outro ponto a ser reforçado é o fato de os editores serem orientados a fechar sua página/matérias até as 16h, para que, aí sim, a Marcia Blasques realize a edição final, eventuais alterações e publique a *home* do dia.

Cada editoria é livre em sua dinâmica de trabalho. Com exceção de Atualidades, as demais não fazem uma reunião de pauta formal com horário e data pré-determinados. As equipes utilizam WhatsApp, e-mail, google drive e/ou vão até a mesa do colega para conversar e esclarecer eventuais dúvidas conforme a necessidade do dia.

Na visão da equipe, isso ocorre por dois motivos principais: eventualmente a equipe ser pequena e, ao mesmo tempo, ter uma alta demanda de trabalho. Assim, o editor e/ou subeditor recebe e avalia as sugestões de pautas, dialoga com a sua equipe e distribui os trabalhos, ou

seja, o funcionamento das equipes é muito orgânico.

Na reunião de agosto (QUADRO 35), para além das discussões sobre as pautas, havia uma atenção maior para o lançamento da editoria Diversidade e o quanto ela atuaria como *intereditoria*, ou seja, casaria com as outras editorias do jornal. Justamente por isso, Serrano chamou a atenção da redação: “Conforme vocês forem pautando, vão conversando com o Quinto e a Tabita para ver se cabe na sua editoria, se deve migrar para diversidade ou fazer um trabalho conjunto. Precisamos chamar muita atenção para ela.” (Serrano, 2022a)¹⁶⁷

¹⁶⁷Informação obtida durante visita técnica na redação do *Jornal da USP* realizada no dia 02 de agosto de 2022. Antonio Carlos Quinto é o editor e Tabita Said é a repórter.

Quadro 35 – Resumo da reunião de pauta de agosto

Participantes	Propostas
Cinderela Caldeira (Atualidades)	Estudo da Unicef sobre jovens e o mercado de trabalho (faltam habilidades); Estudo das emoções nos discursos políticos ao longo do tempo (no sentido de que hoje estão trabalhando com isso de forma mais consciente); Especial sobre as bibliotecas da USP; A diminuição de mulheres que trocam de nome após o casamento; Pesquisa do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) sobre a campanha política nas mídias sociais; Pesquisa com crianças e adolescentes sobre a ansiedade por causa do uso das telas.
Thaís Helena dos Santos (Universidade)	Material da Fuvest (guia); Projeto da faculdade de medicina sobre o estresse na vida acadêmica, mas que se aplica a toda a universidade; Planejamento da cobertura em setembro da semana da USP e profissões. A ideia é fazer vários vídeos com entrevistas e ir colocando nas redes; Museu do Ipiranga: o que está pronto e vai fazer parte da festa de inauguração.
Roberto C.G.Castro (Cultura)	Os concertos da orquestra USP no Anfiteatro Camargo Guarnieri; Curso no SESC digital sobre o cinema nacional ministrado pelo professor da Escola de Comunicações e Artes, Ismail Xavier; Evento na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas com o professor moçambicano Francisco Noa; Cursos da Cátedra Alfredo Bosi e aí link com o que já publicou no dia 1º (curso sobre Mário de Andrade); 4º Festa do livro no campus São Carlos; 1ª Semana da Cultura Japonesa na USP e 1ª Feira de livros sobre o Japão; Evento sobre a tortura na Ditadura Militar no Centro Universitário Maria Antonia; Exposição <i>Panorama da Arte Brasileira</i> no Museu de Arte Moderna.
Valéria Dias (Ciências)	Especial sobre o projeto Radiotelescópio Bingo; Pesquisa da USP Ribeirão sobre o efeito dos agrotóxicos na agricultura familiar com agricultores de MG; Mestrado da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos (FZEA) sobre o uso de óleos essenciais na alimentação do gado ajuda a reduzir a emissão de gás metano; Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE) com ciclistas sobre os benefícios do exercício para superar os efeitos negativos da poluição.
Tabita Said (Diversidade)	Experiência de leitura e escrita em Angola (pesquisa da Faculdade de Educação). O tema já foi abordado no <i>podcast</i> Jovens Cientistas; Vestígios quilombolas nas obras do metrô. A ideia é ver como está agora após a contratação da empresa para a avaliação do material. A empresa é de uma ex-aluna; Projeto de extensão da EACH sobre o embranquecimento no futebol; Sobre a discussão da nova ementa, pedido de alteração de regulamento geral na reitoria para a questão de gênero.
Herton Escobar (repórter especial)	Estudo sobre a liberdade acadêmica com 1200 pesquisadores. São três estudos e o primeiro já mostrou que a liberdade acadêmica está em risco.
Denis Pacheco (Universidade e audiovisual)	Podcast Momento Cidade traz a entrevista sobre o mestrado de um aluno da EACH sobre a gestão de resíduos sólidos no Jardim Keralux; No Cotidiano da Ciência uma entrevista com a professora Tábita Hünemeier, do Instituto de Biociências da USP para explicar o artigo de pesquisadores da Universidade de Barcelona que mapearam a origem de variações genéticas que caracterizam a nossa espécie.

Fonte: produção da autora (2022).

Em setembro (QUADRO 36) a preocupação era mais direcionada para a integração entre a editoria Universidade e Diversidade e o reforço para o jornal ser o grande espaço, divulgador da volta do Museu Paulista (popularmente chamado de Museu do Ipiranga) com a orientação

de até o final do ano publicar pelo menos uma matéria por semana sobre o museu.

Durante essa reunião (QUADRO 36) algumas alterações foram propostas visando a uma melhor qualidade do produto: (1) A pauta sobre a Escola do Futuro deveria migrar para a editoria Universidade; (2) Mudar o foco da cobertura sobre a Exposição sobre Boris Kossoy, já que ocorreria em Fortaleza e não havia como o público do jornal se deslocar até lá. Assim, o gancho passa a ser o acervo com a exposição sendo apenas mencionada; (3) Derrubar a pauta do colchão/saúde para o jornal e deixá-la apenas para a rádio; (4) Ampliar a matéria sobre o futuro dos minerais para publicá-la também no jornal.

Quadro 36 – Resumo da reunião de pauta de setembro de 2022

Participantes	Proposta
Antonio Carlos Quinto (Diversidade)	Pesquisa da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária Cinzas do cativeiro sobre o acesso dos negros a várias questões sociais e econômicas entre 1888 e 1930 ; Pesquisa do Instituto de Estudos Brasileiros sobre o bairro Vila Carolina ser (ter sido) um reduto harmônico do samba e punk.
Thaís Helena dos Santos (Universidade)	Infografia sobre a acessibilidade no Museu do Ipiranga; Reportagem sobre reserva técnica do Museu do Ipiranga; Exposição sobre Dinossauros no Parque do Ibirapuera com curadoria do professor Luis Eduardo Anelli do Instituto de Geociências; Discussão sobre a reinauguração e/ou retomada da Estação Ciência; A pesquisa com a comunidade USP sobre o ensino de línguas; Arrecadação financeira nos cursinhos populares da USP para bancar a inscrição para a Fuvest de alunos carentes.
Roberto C.G. Castro (Cultura)	Evento sobre o lançamento do terceiro e último livro em comemoração ao centenário de Jacó Guinsburg; Exposição na biblioteca de São Carlos da fotógrafa francesa Pauline Daniel intitulada <i>Sob a pele</i> ; Inauguração de mais um espaço da Escola do Futuro (projeto de cultura e extensão voltado para professores do ensino básico) na Escola de Comunicações e Artes Exposição sobre Boris Kossoy em Fortaleza.
Marcia Avanza (Atualidades e rádio – <i>Jornal da USP no Ar</i>)	Mercado de biodegradáveis. O Brasil é um dos maiores produtores de plástico, mas a questão dos biodegradáveis não cresce; Engasgo em adultos; Medicamentos em viagens: o que pode e não pode ser levado, o que é crime; Testamento vital: explicar o que é, como funciona; Cuidados com o colchão para prevenir doenças; Apneia do sono para pegar o gancho de um novo exame que o Hospital Universitário lançou e que dá para fazer em casa; Tratamentos visto como alternativos para o tratamento de demência, principalmente no caso de Alzheimer; Minerais do futuro e os impactos no meio ambiente Entrevista com o professor Fernando de Souza Coelho da Escola de Artes, Ciências e Humanidades e um dos organizadores da série de oito seminários temáticos sobre <i>O Futuro do Serviço Civil nos Estados e Municípios do Brasil</i> ; Entrevista com o professor de Direito Administrativo da Faculdade de Direito Marcos Augusto Perez para comentar a votação do Supremo Tribunal Federal sobre a lei de improbidade administrativa; Realização de debates e encontros sobre tecnologia, direito e violência em uma parceria do Núcleo de Estudos da Violência e a Universidade de Artes de Londres; Setembro Amarelo; Distímia, um tipo de depressão crônica; Pesquisa do Hospital Universitário sobre dermatite atópica; Pesquisa da USP Araraquara sobre a saúde de gestantes e bebês; Estudo que relaciona o uso de adoçantes ao aumento de derrame e infarto; Estudo sobre a prática de exercício de 15min e 9seg por dia reduzir a ansiedade; Desafios e novas ideias na questão da mobilidade urbana; Robô humanoide, batizado de <i>CyberOne</i> e a identificação das emoções humanas; A potência da energia solar no país; Estudo sobre a segurança de computadores para usuários e empresas.
Fabiana Mariz (Ciências)	Pesquisa sobre o envenenamento por escorpião; Estudo do aumento do consumo de drogas ilícitas em presídios que identificou uma carga grande de drogas no sangue dos presos.
Denis Pacheco (Universidade e audiovisual)	Ciência USP – entrevista com o paleontólogo Bruno Gonçalves Augusta, do Museu de Zoologia sobre a descoberta de um réptil pré-histórico marinho gigante; Cotidiano da Ciência – entrevista com a professora do Instituto de Biociências para explicar a descoberta que os humanos modernos produzem mais neurônios cerebrais do que neandertais, publicado em artigo na revista <i>Science</i> .

Fonte: produção da autora (2022).

A partir das observações dessas duas reuniões, percebe-se que, caso a equipe ache pertinente, tal assunto/pauta ganha outro *status* e é produzido com muito mais cuidado, profundidade (assim como mencionaram os profissionais das outras instituições).

Algumas pautas apresentadas nas respectivas reuniões só foram publicadas bem depois e/ou deixaram de ser uma notícia mais simples para se tornar uma reportagem especial, como nos exemplos: (1) Os cursos da Cátedra Alfredo Bosi saíram em outubro com um outro recorte, o destaque para a formação sobre a Semana de Arte Moderna¹⁶⁸; (2) O acesso dos negros às questões sociais e econômicas no final do século XIX e começo do XX saiu só no final de novembro¹⁶⁹; (3) A relação harmoniosa entre o samba e o *punk* na zona norte de São Paulo ganhou fôlego de reportagem especial com múltiplas fontes e foi publicada só em dezembro¹⁷⁰. As duas últimas, aliás, apesar de terem sido publicadas na editoria Diversidade, são pautas que englobam a área de ciências humanas e sociais.

É preciso reconhecer que quando o jornalista busca a contextualização do assunto, as razões e consequências, há uma transmissão mais esclarecedora do fato, o que só traz ganhos ao público. No entanto, essa *calma* identificada no jornalismo científico produzido nas universidades públicas, infelizmente, é impensável nos dias de hoje na grande imprensa, mesmo em veículos especializados. Se isso ocorre, é em casos bem específicos. Portanto, essa pressa abre brecha para mais erros e desconfianças.

A última visita, em 16 de dezembro, encontrou uma redação bem vazia, e com uma equipe cansada, afinal, faltava apenas uma semana para o Natal, o que não significa que não estivessem produzindo, muito pelo contrário.

A grande expectativa do dia era a publicação da reportagem especial sobre o mangue, *Recheados de “carbono azul”, manguezais ganham destaque no combate às mudanças climáticas*¹⁷¹, produzida pelo repórter Herton Escobar e que fora produzida com financiamento externo, pela primeira vez, por meio da participação no edital *Conexão Oceano de Comunicação Ambiental*, promovido pela Fundação Grupo Boticário em parceria com a

¹⁶⁸Cátedra Alfredo Bosi promove dois minicursos gratuitos nesta semana. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/catedra-alfredo-bosi-promove-dois-minicursos-gratuitos-nesta-semana/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

¹⁶⁹No pós-abolição, ex-escravos e imigrantes têm similar ascensão social no oeste paulista. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/diversidade/no-pos-abolicao-ex-escravos-e-imigrantes-tem-similar-ascensao-social-no-oeste-paulista/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

¹⁷⁰Misturando expressões culturais, samba e punk convivem harmoniosamente em bairro paulistano. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/diversidade/misturando-expressoes-culturais-samba-e-punk-convivem-harmoniosamente-em-bairro-paulistano/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

¹⁷¹Recheados de “carbono azul”, manguezais ganham destaque no combate às mudanças climáticas. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/recheados-de-carbono-azul-manguezais-ganham-destaque-no-combate-as-mudancas-climaticas/>>. Acesso em: 18 de dez. de 2022.

Comissão Oceanográfica Intergovernamental da Unesco, aberto em março de 2023.

Trata-se da terceira edição do projeto cujo objetivo é fomentar a produção de conteúdo jornalístico para a conscientização e o engajamento da sociedade a favor da conservação do oceano. O informe explicava que cinco projetos de reportagem seriam selecionados para receber bolsa de R\$ 10 mil cada um.¹⁷²

Sobre essa iniciativa, Serrano (2022d) esclareceu que ocorreu uma discussão interna na redação sobre essa questão de ter, ou não, financiamento para fazer a reportagem:

Optou-se por aceitar e criamos critérios no sentido de que seria possível, mas com toda a indicação do financiamento e a determinação de que a Fundação não poderia interferir na pauta. Ganhamos o valor de R\$ 8 mil, que foi usado para custear a passagem, hotel e a alimentação. (Serrano, 2022d)¹⁷³.

Essa questão de a universidade pública receber verba externa gera muitas discussões, mas como bem pontuaram todos os jornalistas entrevistados para esta pesquisa, seja da USP, seja das outras instituições, as universidades padecem da falta de recursos para colocar em prática muitas das suas ideias. Nesse sentido, esse auxílio financeiro pode vir por meio de doações e/ou participação em editais, como fizeram a USP e a Uerj. A USP, com a produção desta reportagem, e a Uerj, para a compra dos equipamentos para a Secretaria de Comunicação.

Devido ao recesso do final do ano de toda a universidade, a última reunião geral de pauta ocorreu no dia 12 e, apesar, das reuniões de *home* continuarem diariamente até o dia 22, ficou decidido que a última atualização da página aconteceria nessa data, logo, a mesma *home* ficaria no ar até a primeira semana de janeiro.

¹⁷²Informações disponíveis: <<https://www.fundacaogrupoboticario.org.br/pt/acontece-por-aqui/Paginas/Edital-Conexao-Oceano-oferece-bolsas-para-a-producao-de-reportagens-e-pr%C3%A0mio-para-fotografias.aspx>>.

Acesso em: 6 de out. de 2023. Apesar do edital afirmar que a bolsa seria de R\$ 10 mil, o projeto do *Jornal da USP* recebeu R\$ 8 mil.

¹⁷³Informação obtida durante visita técnica na redação do *Jornal da USP* realizada no dia 16 de dezembro de 2022.

Figura 42 - Print da *home* de 22 de dezembro de 2022 a 5 de janeiro de 2023



Fonte: Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/>>. Acesso em: 22 de dez. de 2022.

Essa última edição *Jornal da USP*, aliás, traz algumas diferenças: gráfica (*layout*) e editorial (publicação de editorial e texto no formato de entrevista) quando comparada às edições anteriores.

O *layout* utilizado foi o que traz apenas três destaques principais: D1, D2 e D3 (FIGURA 38) nas editorias de Ciências, Universidade e Institucional. Em Ciências, o primeiro material de uma série de reportagens em texto e vídeo da expedição à Serra do Imeri, produzidas pelo repórter especial Herton Escobar. Em Universidade, uma entrevista de caráter mais institucional com o novo reitor e, em Institucional, uma nota assinada pela assessora Adriana Cruz sobre o ex-reitor Vahan Agopyan assumir o cargo de secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação na nova gestão do governo estadual de Tarcísio Gomes de Freitas.

Apesar de Luiz Roberto Serrano ter dito na visita de outubro que o uso de formatos variados, como os perfis e entrevistas, não eram utilizados porque demandavam mais trabalho de apuração/edição (repórter/editor), tivemos a publicação de uma entrevista pingue-pongue com o reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior sobre a importância da proximidade da universidade com a sociedade, feita pelo jornalista, professor e superintendente da SCS, Eugênio Bucci.

O editorial¹⁷⁴ *Jornal da USP: Um retrato diário da produção da Universidade*, o qual reproduzimos alguns trechos, traz um balanço do ano de 2022 e é assinado por todos os editores. Nota-se no texto as ações do *Jornal da USP* para destacar a missão da universidade (atividades e contribuições da USP para o país) e contribuir com a busca de uma USP mais plural (variedade de origens e culturas do alunado da universidade).

Nossa última edição de 2022, que fica no ar de hoje até o próximo dia 5 de janeiro, publica em destaque uma ousada cobertura do *Jornal da USP*, a reportagem *Entre sapos cantantes e bromélias gigantes: Cientistas descobrem novas espécies em montanhas desconhecidas da Amazônia*, que relata a pioneira expedição à desconhecida Serra do Imeri, sob o comando do professor Miguel Trefaut Rodrigues, do Instituto de Biociências da USP e com o apoio logístico do Exército brasileiro.

A reportagem é um exemplo da postura editorial do *Jornal da USP*, empenhado em transformar-se num eficiente órgão de divulgação das amplas **atividades e contribuições da USP para o desenvolvimento do País**.

Seu público-alvo ultrapassa os muros dos oito *campi* da Universidade espalhados pelo Estado de São Paulo. É principalmente a sociedade, a paulista e a brasileira, para reafirmar diariamente a importância e contribuições fundamentais das suas atividades de pesquisa, ensino, cultura, extensão e inclusão social para o progresso brasileiro. [...] Ao longo de 2022, o *Jornal da USP* também ampliou e diversificou sua cobertura da vida uspiana. Abriu a sessão Articulistas do *Jornal da USP*, em que quarenta pesquisadores da Universidade foram convidados a expor suas ideias mensalmente ao público para **enriquecer o debate coletivo**, fortalecendo uma contribuição que voluntária e periodicamente vários outros já fazem. Criou a editoria de Diversidade, que **visa a dar maior visibilidade**, como o seu próprio nome diz, **à atual variedade de origens e culturas do alunado da USP e todo o seu potencial**. [...] Entraremos em 2023 redobrando nossos esforços para oferecer aos leitores e ouvintes um **noticiário cada vez mais amplo e diversificado** sobre o que e como a **Universidade de São Paulo deve e pode oferecer ao desenvolvimento da sociedade brasileira**. (*Jornal da USP*, 22 de dezembro de 2022)¹⁷⁵

¹⁷⁴No buscador do *Jornal da USP*, encontramos dois textos apresentados como editorial. O primeiro, 21 de junho de 2021, sobre a marca de 500 mil mortos pela covid-19. O segundo, 12 de agosto de 2022, sobre a criação da editoria Diversidade ser um espaço para trazer as discussões sobre inclusão.

¹⁷⁵Disponível em: <<https://jornal.usp.br/noticias/jornal-da-usp-um-retrato-diario-da-producao-da-universidade/>>. Acesso em: 02 de out. de 2023.

A partir das observações e captação de informações durante as visitas, da participação no *workshop* e a realização das entrevistas, identifica-se que o *Jornal da USP* tem um leque amplo de cobertura jornalística e que, indiretamente, todas visam à divulgação da pesquisa e à ampliação do acesso ao conhecimento científico. Além, é claro, há o cuidado com a escolha do tema e a apuração.

Seja na *home*, seja nas páginas das editoriais, é visível que o jornal faz divulgação científica e, em editoriais e reportagens mais específicas, a prática do jornalismo científico. Apesar disso, Luiz Roberto Serrano (2022c) mencionou já terem sofrido críticas internas que chegaram até a reitoria, no sentido de o *Jornal da USP* fazer “pouco jornalismo científico”. Ele explicou que, como uma espécie de resposta à crítica, entre os dias 15 e 17 de junho de 2022, o jornal republicou um especial sobre jornalismo científico¹⁷⁶ produzido por ele para o jornal *Jornalistas & Cia*.

Quadro 37 – Especial Jornalismo Científico

Título	Data de Publicação	Link
Os desafios para o jornalismo científico no Brasil	15 de junho de 2022	https://jornal.usp.br/atualidades/os-desafios-para-o-jornalismo-cientifico-no-brasil/
O jornalismo científico como esteio para o desenvolvimento	20 de junho de 2022	https://jornal.usp.br/atualidades/o-jornalismo-cientifico-como-esteio-para-o-desenvolvimento/
O espaço nas mídias digitais	21 de junho de 2022	https://jornal.usp.br/atualidades/o-espaco-nas-midias-digitais/
O que é preciso para ser um bom jornalista científico	22 de junho de 2022	https://jornal.usp.br/atualidades/o-que-e-preciso-para-ser-um-bom-jornalista-cientifico/
A tendência e uma crítica à cobertura de ciência na grande imprensa	23 de junho de 2022	https://jornal.usp.br/atualidades/a-tendencia-e-uma-critica-a-cobertura-de-ciencias-na-grande-imprensa/
O sombreamento entre jornalismo e divulgação científicos	24 de junho de 2022	https://jornal.usp.br/atualidades/o-sombreamento-entre-jornalismo-e-divulgacao-cientificos/
A importância de José Reis na cobertura de Ciência no Brasil	27 de junho de 2022	https://jornal.usp.br/atualidades/a-importancia-de-jose-reis-na-cobertura-de-ciencia-no-brasil/

Fonte: produção da autora (2022).

Essa série é interessante porque faz um levantamento histórico do jornalismo científico, reflete sua prática na grande imprensa e ouve teóricos e profissionais da área, entre eles, Herton

¹⁷⁶A reportagem ouviu 17 profissionais (jornalistas e cientistas) sobre a importância da cobertura da pauta científica para a ampliação do conhecimento. O material foi publicado em 1º de junho, Dia da Imprensa, e tem 50 páginas. Já no *Jornal da USP* foi dividido em sete textos.

Escobar e Luiza Caires, que são da equipe do *Jornal da USP* e referências profissionais em suas áreas de atuação.

Apesar dessa crítica, a visibilidade do jornal se dá, justamente, pela cobertura da pauta de ciências, principalmente quando olhamos para o trabalho da editoria de Ciências.

No *Jornal da USP* tem mais ciências como destaque porque há uma percepção interna de que ciências acabe sendo o carro-chefe do jornal. A USP é uma instituição que faz pesquisa, então é natural que o jornal vá nessa linha também, de falar das pesquisas. Esses assuntos também mostram para a sociedade o que a USP está produzindo, está pesquisando. (Caires, 2020)¹⁷⁷

Com suas reportagens em texto, vídeo e áudio e os *podcasts* *Ciência USP* e *Novos cientistas*, a edição de textos oriundos das assessorias de imprensa das unidades/núcleos de pesquisa e pesquisadores da Universidade sobre ciências, além das postagens nas redes sociais com a marca *Ciência USP* (@cienciausp), a editoria de Ciências, sob a coordenação da jornalista Luiza Caires, tem contribuído para a prática de um jornalismo de excelência.

5.3 A editoria de Ciências no *Jornal da USP* e a contribuição de Luiza Caires para a prática de um jornalismo científico em prol da informação científica de qualidade¹⁷⁸

Luiza Caires é jornalista graduada pela ECA-USP, com mestrado pelo PPGCOM-USP e trabalha na universidade desde 2008. Ela começou como funcionária do portal que não tinha ligação alguma com o *Jornal da USP*, na época impresso, em que ficou até 2016, mesmo período em que houve a migração do jornal impresso para o online.

Tivemos várias reuniões com o professor Bucci e logo que eu soube que ia ter as mudanças, manifestei interesse em ficar na editoria de Ciências. Havia a informação que agora seria dividido em editorias e que teria Ciências e aí disse que queria ficar nela. A antiga Agência USP de Notícias também foi incorporada pela editoria de Ciências e os funcionários que estavam lá vieram para cá. Mais tarde recebemos alguns funcionários que vieram do Núcleo de Divulgação Científica que durou alguns anos e que era liderado pela jornalista Monica Teixeira, como a Fabiana [Mariz], por exemplo, que é minha subeditora. E nisso fiquei de editora de Ciências até agora. (Caires, 2022)¹⁷⁹.

¹⁷⁷ Informação obtida em entrevista realizada por chamada de vídeo em 30 de julho de 2020.

¹⁷⁸ Parte desses dados foram compilados em um artigo intitulado *A prática do jornalismo científico no Jornal da USP em prol da informação de qualidade* apresentado no 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), na Universidade de Brasília, entre os dias 8 e 10 de novembro de 2023.

¹⁷⁹ Informação obtida em entrevista realizada por chamada de vídeo em 07 de novembro de 2022.

A jornalista tem uma trajetória profissional ligada à divulgação científica de mais de 15 anos, inclusive, usa suas redes sociais particulares no X (antigo Twitter) e Instagram com o @luizacaires3¹⁸⁰ para falar sobre ciência, independentemente de serem temas pesquisados pela USP ou publicados no *Jornal da USP*. Ela também é coautora do guia *De cientista para jornalista: noções de comunicação com a mídia*, 2018, voltado aos pesquisadores da Universidade de São Paulo para auxiliá-los na divulgação de seus trabalhos e no relacionamento com as mídias internas e externas.

Caires veste a camisa da divulgação científica, o que tem lhe trazido reconhecimento na área¹⁸¹. Em 2020 e 2021 foi um dos perfis mais influentes no X; editora da *newsletter* sobre ciências *Polígono*, projeto do *Núcleo de Jornalismo*, com apoio do Instituto Serrapilheira; mentora do programa *Infovacina Trainee da Agência Bori/Instituto Sabin Vaccine* e uma das vencedoras da edição 2022 do *II Prêmio Einstein + Admirados da Imprensa de Saúde e Ciência*. É interessante mencionar que dos jornalistas contemplados, ela é a única que não trabalha, está associada à grande mídia, o que condecora o trabalho que vem realizando no *Jornal da USP*.

Eu sempre tive uma ligação muito forte com ciências, não só as humanas, mas todas as ciências e com a divulgação científica. Até por isso que eu optei por trabalhar com a produção. Optei por não seguir na carreira acadêmica, achei que não tinha muito a ver comigo. Eu pensei em ser mais a mão na massa do que a teórica, achei que combinava mais comigo, que era mais dinâmico. (Caires, 2022)

Essas ações de a Luiza Caires conectam-se com um movimento do *Jornal da USP*, principalmente a partir de 2018, em compartilhar as experiências da equipe, tanto dentro como fora da USP, com o intuito de contribuir com a divulgação científica, ampliar a integração entre o público e as ciências das universidades. Essas ações demonstram a preocupação da equipe em falar sobre esse tema mesmo antes da pandemia de covid-19, ou seja, está no DNA do jornal falar sobre ciência.

Em 2019 citamos a participação no Festival de Cinema *For Rainbow*, no Ceará, devido à publicação da reportagem em vídeo sobre o movimento LGBTQIA+ durante a ditadura militar, realização de oficinas sobre divulgação científica e produção de vídeo e *podcasts* na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, além de palestras e oficinas em outras instituições e Estados.

¹⁸⁰ No X são 102,5 mil seguidores e no Instagram, 23,5. Dados consultados em 17 de outubro de 2023.

¹⁸¹ É importante mencionar que a jornalista tem o apoio da equipe do *Jornal da USP* tanto na figura dos colegas da sua editoria quanto de outros setores do veículo para a realização dessas atividades extras.

Já em 2020 e 2021, auge da pandemia de covid-19, tanto Luiza Caires quanto Herton Escobar estiveram à frente de encontros, congressos, *lives*, mediações de mesas e debates sobre o papel do *Jornal da USP*, a prática do jornalismo científico, a divulgação científica, além do próprio *workshop*, já mencionado, sobre a produção do jornalismo dentro da universidade. Podemos mencionar: o *1º Congresso Brasileiro de Divulgação Científica* realizado virtualmente entre os dias 27 e 30 de setembro de 2021; a palestra e oficina de texto *Divulgando a ciência da universidade: compartilhar, aproximar e empolgar*, em março de 2020, Universidade Federal do Rio de Janeiro; evento do Núcleo de Estudos Avançados do Instituto Oswaldo Cruz de agosto de 2021, *Jornalismo científico, Covid-19, negacionismo e democracia*; mediações no Roda Viva, programa da TV Cultura.

A respeito dessa postura de sempre estar à frente de ações de divulgação científica, Luiza comentou na entrevista de 2020:

Eu faço muito relacionamento. As pessoas me procuram muito tanto para publicar pautas quanto para falar de outras coisas, participar de projetos, levar o *Jornal da USP* para outros projetos. [...] Também faço muita conexão com os projetos de divulgação científica paralelos que têm nas unidades [...]. Eu partilho conteúdo, convido o pessoal dessas unidades/projetos para falar nos canais do Ciências USP ou da USP, faço interlocução com os pesquisadores para ver o que está acontecendo dentro de cada departamento. [...] (Caires, 2020)

Mais recentemente, em junho de 2023, o Programa Eixos Temáticos, em parceria com o Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, organizou o *workshop Jornalismo Científico: a experiência da editoria de Ciências do Jornal da USP*¹⁸², com a participação da subeditora de Ciências do *Jornal da USP*, Valéria Dias, e mediação do pós-doutorando do Instituto, Sylvestre Aureliano Carvalho.

Durante a abertura, Sylvestre disse que a comunicação é fundamental e um desafio, principalmente, no sentido de tornar pública a ciência que se produz, por isso, o convite ao *Jornal da USP*, considerado referência em jornalismo científico, para falar sobre suas experiências. Coube à jornalista apresentar o dia a dia do *Jornal da USP* e suas editorias, em especial, a editoria de Ciências e o estilo de texto que é publicado focando, principalmente, na diferença entre o artigo científico e o texto jornalístico.

Valéria Dias é formada na Unesp, tem MBA em sustentabilidade, tecnologia da

¹⁸² O evento aconteceu na Sala Alfredo Bosi, rua Praça do Relógio, 109, no campus Butantã e teve transmissão simultânea pelo Canal do IEA no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H6wPcDU0Stg>>.

informação e comunicação pela Escola Politécnica (POLI) da USP, foi repórter da Agência USP de Notícias (2000-2016) e, desde maio de 2016, é subeditora de Ciências do *Jornal da USP*. Em 2012 recebeu o prêmio Microcamp de Jornalismo e, em 2018, o prêmio jornalismo tropical concedido pela Sociedade Brasileira de Medicina Tropical.

A editoria de Ciências conta com oito profissionais, sendo três estagiários, dois repórteres, duas subeditoras (Fabiana Mariz e Valéria Dias) e uma editora, Luiza Caires, que no dia a dia faz o trabalho de editora, orientação dos estagiários, captação de pautas, relacionamento com pesquisadores e, eventualmente, reportagens tanto para o *Jornal da USP* quanto para outros veículos parceiros que cobrem a pauta de ciência. “O foco da nossa editoria é a divulgação de resultados e discussões que são proporcionadas por pesquisas feitas aqui na USP ou então em parceria com a USP”. (Caires, 2021b)¹⁸³

Apesar de fazermos o acompanhamento do jornal desde o começo dessa pesquisa, em 2020, e já termos conversado (informalmente e/ou em entrevistas) com várias pessoas do departamento, inclusive com Luiza Caires, achamos importante contarmos a equipe de Ciências, principalmente para compreender o papel da editoria e como se dá sua rotina produtiva.

Assim, em 07 de novembro de 2022, entrevistamos três pessoas da editoria sendo hierarquicamente: o estagiário Pedro Ferreira da Cunha Neto, a subeditora Fabiana Mariz e, mais uma vez, a editora Luiza Caires. Todas as conversas foram online e individuais e, apesar de serem realizadas em sequência e seguirem o mesmo roteiro utilizado com os profissionais das outras universidades públicas, os entrevistados tiveram liberdade para responder de acordo com as especificidades do *Jornal da USP* e de suas respectivas funções.

No período em que realizamos a entrevista, Pedro estava no 6º semestre do curso de jornalismo da ECA-USP e já havia estagiado nas assessorias da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA) e no Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) antes de ser estagiário (reportagem e redes sociais) na editoria de Ciências do *Jornal da USP*. Fabiana é graduada em jornalismo pela Umesp com especialização em gestão de conteúdo em Comunicação pela mesma instituição e em políticas estratégicas na USP. Trabalha na USP há 22 anos com passagens pela TV USP e o extinto Núcleo de Divulgação Científica José Reis.

A rotina da editoria de Ciências é basicamente: (1) encaminhar a pauta semanal ou sob demanda; (2) realizar as entrevistas (online, telefone, presencial); (3) a escrita do texto; (4)

¹⁸³ Informações obtidas durante o *workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitário* realizado no dia 21 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7XIAW2s&t=312s>> Acesso em: 7 de jan. de 2022.

edição do material; (5) envio do material para o setor de arte diagramar; (6) agendamento da publicação na *home*; (7) edição de textos que chegam das assessorias/pesquisadores de toda a instituição.

Figura 44 - Print da página da editoria de Ciências

CIÊNCIAS AGRÁRIAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS CIÊNCIAS DA SAÚDE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA CIÊNCIAS HUMANAS

Diagnóstico fechado: prosperidade do Brasil depende de um oceano saudável
Relatório inédito traz uma síntese do conhecimento científico e tradicional sobre a importância dos ecossistemas costeiros e marinhos para o desenvolvimento sustentável do País

Cupuacu só surgiu com a domesticação de fruto por indígenas

Cientistas brasileiros projetam melhorias em válvula cardíaca inovadora

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Diagnóstico fechado: prosperidade do Brasil depende de um oceano saudável
24/11/2023
Relatório inédito traz uma síntese do conhecimento científico e tradicional sobre a importância dos ecossistemas costeiros e marinhos para o desenvolvimento sustentável do País

Cupuacu só surgiu com a domesticação de fruto por indígenas
23/11/2023
Dados genéticos do fruto e informações arqueológicas sobre os povos da Amazônia revelaram que o cupuacu não é uma espécie nativa, tendo surgido da domesticação do cupuí pelos indígenas

Cientistas brasileiros projetam melhorias em válvula cardíaca inovadora
24/11/2023
Pesquisadores trabalham em modelos computacionais para aprimorar dispositivo utilizado em pacientes com estreitamento da abertura da válvula aórtica

Bactérias resistentes também são ameaça fora dos hospitais
22/11/2023
Estudo da USP detecta no solo e na água bactérias que são resistentes a antimicrobianos e conseguem transferir os genes dessa resistência a outros microrganismos

Fonte: Jornal da USP. Disponível em : <<https://jornal.usp.br/home-ciencias/>>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

Na medida do possível, a editoria de Ciências, seja em texto, seja em áudio ou vídeo, busca contemplar toda a diversidade das áreas do conhecimento e distribuir a cobertura pelas unidades e por todos os *campi* da Universidade, mesmo sabendo que não é possível dar conta de cobrir toda a instituição. Luiza Caires reconhece que não é possível dar conta de tudo e tem consciência que nem sempre possível escolher a melhor pauta ou fonte. “Às vezes alguém escreve reclamando porque não foi entrevistado sobre aquele assunto. Temos que fazer escolhas e podem não ser as melhores. Eu tenho um filtro, você tem outro”. (Caires, 2020)

Não vamos cobrir a USP na sua totalidade, vamos, na verdade, dar retratos, mas retratos mais diversos. Um dos critérios que a gente adotou de uns tempos pra cá foi “se tiver publicação/artigo”, principalmente na área de biológicas, exatas e saúde. Já na área de humanas entram outras questões como livros, teses, publicação em revistas. Os periódicos por si só já “chamam” a atenção e junto com tudo isso o grau de interesse que pode gerar no público geral. A gente recebe muita sugestão de pauta também, além de ir atrás de informações nos departamentos. (Caires, 2020)

Mesmo assim, Luiz Roberto Serrano, reconhece que as ciências duras têm tido mais espaço. “O jornalismo científico deve englobar as ciências humanas e sociais, mas reconheço que, de maneira geral, no *Jornal da USP*, esses temas ainda são pouco vistos e nós acabamos cobrindo mais as ciências duras.” (Serrano, 2022c)

Sobre a organização de trabalho da equipe, Luiza Caires esclarece que não há uma reunião de pauta formal com data e horário pré-determinados, mas sim uma conversa diária e constante seja por e-mail, seja por WhatsApp ou com o deslocamento até a mesa do (a) parceiro (a) para conversar, afinal, a redação é organizada por áreas de trabalho e, por isso, as equipes de cada editoria trabalham próximas umas das outras.

A gente tem um grupo para cada coisa. A gente tem um grupo para a editoria. Um grupo das redes sociais. Tem um grupo das editoras. Não é o melhor meio, eu sei. Todo mundo fala que tem que ser o Trello, mas é esse que estamos usando e não ficamos enchendo de mensagens, fala o essencial. Eu prefiro usar e-mail, é um método de trabalho que eu aprecio e recomendo para a minha equipe. Sempre falo “quer que eu leia, revise? Mande por e-mail, não deixe no WhatsApp.” (Caires, 2022)

Essencialmente, a editoria segue quatro diretrizes: (1) divulgação de pesquisas de resultados únicos com a entrevista de um ou mais pesquisadores envolvidos; (2) a divulgação de resultados únicos, mas com entrevistas além dos pesquisadores, que são os autores das pesquisas, como outros cientistas da área para repercutirem aquele tema, contextualizar os resultados e como eles se inserem dentro das áreas de conhecimento; (3) reportagens maiores a partir de pesquisas já existentes na universidade e fora dela; (4) a análise de cientistas sobre temas científicos da atualidade.

No geral, os critérios para selecionar as pautas são dois: (1) Relevância acadêmica desse estudo e das publicações onde foram divulgados (periódicos, livros, teses e dissertações) e (2) relevância do tema pesquisado dentro da vida da população, em particular, em pesquisas aplicadas ou em áreas críticas (meio ambiente, epidemiologia, políticas públicas no geral).

Dessa forma, Luiza Caires acredita conseguir englobar todo tipo de pesquisa. “Mas nós

sempre buscamos pegar o melhor de cada modalidade das pesquisas básicas e aplicadas”. (Caires, 2021b)

Assim, editorialmente, a jornalista sempre leva em consideração se o tema é *vendável* para o público. Mas o que é um tema *vendável*? Na grande mídia, é pensar no que atrai os cliques e/ou patrocinadores, é deslocar o interesse do público em detrimento do interesse público. Já no jornalismo produzido pelas universidades, o interesse público deve se sobressair sem deixar de considerar assuntos que, naturalmente, chamam mais a atenção do público e têm mais relação com o seu cotidiano e/ou temas que estão em voga na sociedade.

Jornalismo precisa conquistar o público. Não é porque é um jornalismo dentro da universidade que vai jogar qualquer coisa independente do que o público quer, por isso eu tento fazer um meio termo. Por exemplo: cobrimos uma pauta de pesquisa base de física que é bem difícil de entender e eu tenho total consciência de que a gente chega só até determinado ponto e que não vai ter um público grande para isso, mas ela precisa ser dada porque é uma produção importante da universidade, da área em si. Ao mesmo tempo eu vou olhar para determinados assuntos que pode não ser uma mega pesquisa ou publicada em uma mega revista, mas é de interesse do público e vai gerar uma discussão interessante, como *fake news*. (Caires, 2022)

Pedro Ferreira, como prefere assinar, reconhece que fazer divulgação científica não é fácil e que é preciso ser bem cauteloso com a informação e ter bastante responsabilidade com o que se está fazendo e ressalta a importância da troca entre editores e estagiários na rotina de trabalho:

A comunicação entre a gente é direta, pelo WhatsApp ou e-mail. Assim que sobe uma pauta, as editoras perguntam quem tem interesse, quem pode fazer. Como estagiário temos a liberdade para sugerir pautas, mas o maior número são as que são direcionadas pelas editoras. Na rotina do trabalho, geralmente, como são três estagiários, mexemos majoritariamente com o Instagram, Twitter e alguns conteúdos a mais. Cada estagiário fica com uma rede e aí vamos revezando ao longo das semanas. Cada um fica responsável pelos posts daquela rede naquela semana, mais as pautas. A gente elabora as pautas, faz as entrevistas, manda o texto para as editoras, depois da correção, revisão mandamos para a arte para que o texto seja diagramado e colocado no site. Depois que é o material é publicado nós fazemos os posts para as redes, os posts são importantes para divulgar. (Ferreira, 2022)¹⁸⁴

A subeditora Fabiana Mariz ressalta que esse filtro de tudo que chega para a redação como sugestão de pauta em ciências é feito pela Luiza Caires. “Ela faz uma espécie de sinopse e a

¹⁸⁴ Informação obtida em entrevista realizada por chamada de vídeo em 07 de novembro de 2022.

gente manda para os repórteres e estagiários com os contatos”. O tempo todo, tanto a Fabiana quanto a Valéria, como subeditoras, acompanham a condução dessa produção e já orientam os repórteres e estagiários quando sentem que falta algo.

Elas, juntamente com a Luiza, instruem a equipe a fazer a captação do material *in loco*, mas reconhecem que hoje a maioria da produção é captada online, seja por falta de mão de obra suficiente, seja por escolha da própria fonte e até por inexperiência dos repórteres mais jovens, o que acaba determinando o formato a ser trabalhado.

Como não temos uma mão de obra grande para ficar saindo, pensamos a pauta em texto e complementamos com algum vídeo que já esteja pronto. No entanto, quando sentimos que aquele material rende para vídeo já fazemos um roteiro pensando a pauta para esse formato e o repórter e o cinegrafista já saem com as orientações do que precisam captar. Algumas vezes mandamos apenas o cinegrafista para captar as imagens e depois fazemos um texto para complementar. (Mariz, 2022)¹⁸⁵

Quanto à busca por fontes, há a recomendação em buscar vozes externas à universidade, mas considerando o acúmulo de tarefas e a equipe pequena, os três entrevistados admitem ser difícil exercer essa prática em todos os textos. “Como a gente não dá conta de produzir tanto material assim, a editoria está num momento de priorizar mais qualidade do que a quantidade” (Ferreira, 2022).

Sobre essa questão, em 2020, Caires reconheceu que quase todas as pautas eram com fontes internas, apesar de ela, particularmente, não considerar o ideal:

O ideal era trazer alguém de fora para repercutir, seria a terceira fala, mas não dá pra fazer por falta de braços [...] então a gente prioriza [...] Se eu tenho dez pautas pra fazer na semana eu vou vendo se dá para falar com os pesquisadores e ainda buscar gente de fora para repercutir [...] então a gente acaba focando nas fontes principais que são as fontes que produziram as pesquisas, mas o ideal é se tivesse esse alguém de fora para dar uma perspectiva diferente pensando no jornalismo como um todo. (Caires, 2020)

Por isso, sempre que possível a jornalista tenta implementar algumas mudanças visando ao aprimoramento da cobertura da sua editoria:

¹⁸⁵ Informação obtida em entrevista realizada por chamada de vídeo em 07 de novembro de 2022.

Uma das coisas que eu estou tentando levar para a editoria de ciências nesse sentido é fazer matérias mais aprofundadas e não fazer matéria com uma fonte só, como o autor da pesquisa. Um modelo bom que eu tenho é a revista Pesquisa Fapesp. Eu falo para a equipe “gente não precisa que todos os textos sejam assim, mas se a gente conseguir alguns textos com essa característica de revista, que faz a discussão, que procura outras pessoas que não fizeram parte da pesquisa, que procura pesquisadores de outra área, mas que fala sobre o assunto, ou seja, de caráter interdisciplinar...pra mim está ótimo”. Eu não consigo fazer isso sempre porque a equipe é pequena e tem alguns temas que eu tenho que dar vazão, preciso divulgar de imediato. (Caires, 2022)

E quais são os cuidados com o texto de ciências no *Jornal da USP*? A orientação geral é sempre ter em mente quem vai ler esse conteúdo, afinal, trata-se de um público amplo e em sua maioria não especializado. É preciso se perguntar: como eu falaria sobre esse assunto para alguém que não é da área e qual a principal novidade que essa pesquisa traz?

Quadro 38 – Cuidados com o texto na editoria de Ciências

Nome, função	Diretriz para a redação
Pedro Ferreira, estagiário	É cobrado da gente, de certa forma, que tenha uma linguagem acessível , além de trazer exemplos do cotidiano , imagens para ajudar na compreensão do assunto . Normalmente a gente trabalha com textos entre 3 mil e 5 mil caracteres, mas é bem flexível porque às vezes tem matéria que precisa ser mais extensa para explicar melhor.
Fabiana Mariz, subeditora	Quando a gente precisa dar uma explicação de algo que as pessoas não conhecem , fazemos isso no primeiro parágrafo e depois vem com a pesquisa em si. Tem muitas coisas que não são do cotidiano das pessoas, há muitos termos técnicos que precisam ser explicados . Por exemplo, um texto recente que eu estava editando sobre a tuberculose na população carcerária. Temos que explicar por que se estudou a população carcerária, qual o impacto dessa doença nessa população. Então a gente vai apresentando o tema, a pesquisa, a importância de ela ser feita . Agora, quando é uma coisa mais difícil como pauta de exatas, física, química e que não tem – normalmente – ligação com o cotidiano, a gente já tem que vir explicando para ir apresentando, mostrando. Agora, eu como repórter o que eu faço? Se tem termo técnico eu coloco . Por quê? Porque é importante as pessoas entenderem, se familiarizarem . Eu coloco, mas explico. Se a gente fala, por exemplo, sobre a proteína Spike do coronavírus que se liga na célula é necessário ir explicando o que é um leucócito.
Luiza Caires, editora	Não edito estilo do repórter , deixo ele ter o jeito, o estilo dele. Agora eu, as subeditoras, que temos mais experiência, nos sentimos mais livres para brincar se for o caso . Eu falo sempre “pensa em um texto de revista ” e se for um especial eu penso que preciso apresentar para o meu leitor o porquê ele precisa ler aquela matéria , então eu vou conversar com ele e não tem necessidade de ser um texto enorme ou muito informal , mas pode ser mais livre. O jornalista pode brincar, fazer o meio termo. Não é que vamos opinar , não é isso. Estou falando da linguagem . Mas é preciso tomar cuidado sim. Um cientista, por exemplo, não sabe diferenciar o que é uma matéria do que é um artigo de opinião. [...] O jornalista sabe das nuances de cada texto , então é preciso ter cuidado, sim, para haver a diferenciação do que é opinativo e do que é informativo.

Fonte: produção da autora (2023).

Em vista disso, a escrita segue as seguintes instruções: (1) uma linguagem acessível (objetiva, direta), atraente e criativa com frases e parágrafos curtos, explicação de palavras e termos técnicos e uso de analogias, metáforas, comparações; (2) seleção do que é mais importante para começar o texto (quando a base para a matéria são os artigos ou pesquisas, essas informações costumam estar nos resultados ou nas considerações finais) seguindo a estrutura da pirâmide invertida e o uso do *lead*; (3) a obrigatoriedade de colocar título e linha fina mais chamativos; (4) uso da arte para ajudar a apresentar visualmente a informação e (5) quando for o caso, a utilização de material complementar, em áudio ou vídeo.

A respeito do *lead*, dentro da lógica da editoria, cada uma das perguntas (o que, quem, quando, onde, como e por que) teria a função de auxiliar o repórter tanto na busca da informação quanto a estruturar as ideias para redação. Quanto ao estilo do texto, cada repórter tem o seu.

Quadro 39 – A lógica do *lead* na editoria de Ciências

Pergunta do <i>lead</i>	Orientação equivalente
O que	Qual o principal achado da pesquisa;
Quem	Os envolvidos no trabalho (pesquisadores, universidade, centros ou institutos de pesquisa);
Quando	Período em que os dados foram coletados; data da defesa da dissertação ou tese, publicação do artigo ou livro e/ou premiação;
Onde	Local em que o estudo/pesquisa ocorreu (campo e/ou instituição);
Como	O modo, a maneira como o estudo/pesquisa foram feitos (técnica X, acompanhamento da amostra, entrevistas etc.);
Por que	O motivo da realização do estudo/pesquisa. Espera-se a descoberta de novo tratamento, a cura de uma doença, a identificação de determinado comportamento etc.

Fonte: produção da autora (2023). Adaptação de Dias (2023).

A respeito dos títulos, Luiza Caires, 2020, disse que “o título é muito importante para qualquer texto, qualquer formato, ainda mais para quem trabalha com ciência. Tem que ser atrativo, correto e em poucos caracteres. Na prática, isso é bem desafiador.”

Um exemplo de texto que buscou aplicar a leveza, curiosidade e criatividade tanto na linguagem quanto na estrutura foi a reportagem *Antes constipado do que morto: pesquisa sobre técnica inusitada de sobrevivência de escorpiões rende Prêmio IgNobel¹⁸⁶ a cientistas da USP*, de Ivan Conterno. Nesse texto não há nenhuma menção especial sobre o nome do autor, no entanto, em reportagens mais recentes ele é identificado como estagiário e há sempre a

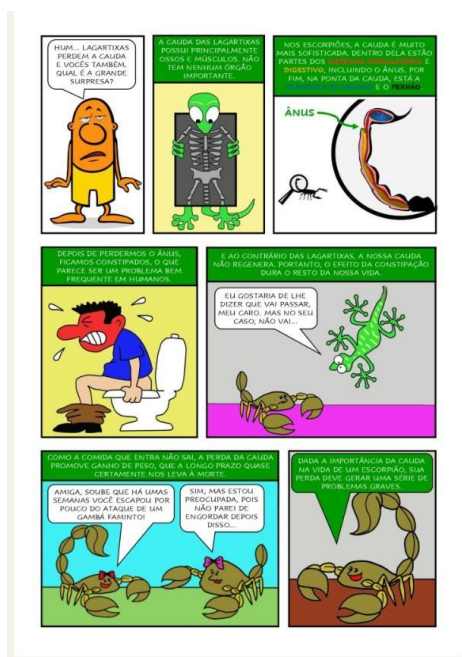
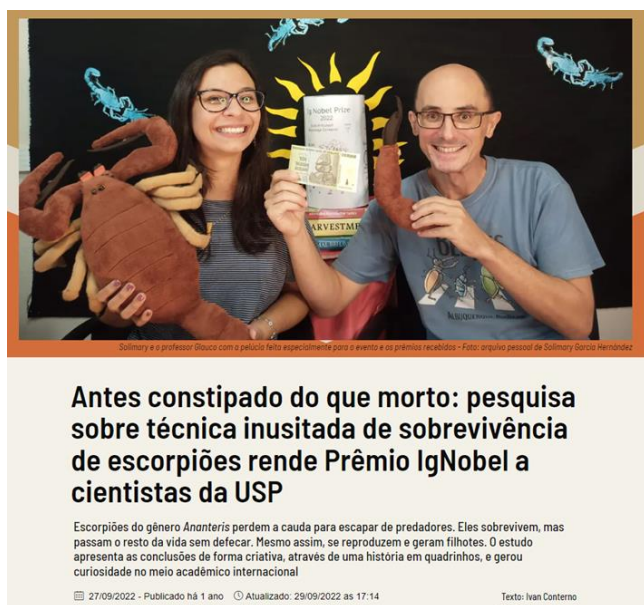
¹⁸⁶Criado em 1991 pela revista de humor científico *Annals of Improbable Research*, da Universidade Harvard, Estados Unidos, o Prêmio IgNobel é concedido a autores de experimentos, descobertas e estudos inusitados nas áreas de ciências, medicina, finanças, tecnologia entre outras. Com o lema: “fazer primeiro as pessoas rirem e depois pensarem”, os agraciados recebem um troféu e uma nota de 10 trilhões de dólares do Zimbábue, moeda descontinuada em 2008. A ideia é, através do humor, chamar atenção para temas científicos.

indicação do nome de alguma das editoras (Luiza, Fabiana ou Valéria) como supervisora do trabalho.

A reportagem¹⁸⁷ nasce de uma pauta *curiosa* a partir de uma tese de doutorado defendida no Instituto de Biociências da USP. Nela, a autora colombiana Solimary García Hernandez identifica que algumas espécies de escorpiões não morrem ao perder a cauda. Pelo contrário, procriam e têm até uma vida *normal* mesmo não podendo mais defecar pelo resto da vida. Solimary também criou uma história em quadrinhos (HQ) trilingue (português, espanhol e inglês) como ferramenta da divulgação da sua pesquisa e, para a participação no prêmio, fez um escorpião de pelúcia que solta a cauda.

Todos esses elementos fizeram com que a equipe se interessasse pelo tema para o desenvolvimento da reportagem que tem apenas duas fontes, a pesquisadora e seu orientador, mas ao mesmo tempo trazem bastante dados, imagens, vídeos e um trecho da HQ para tornar o texto mais completo, porém atrativo. Quanto ao título, apesar de longo, brinca com a ideia constipação/morte, pois é melhor estar vivo, mesmo que sem intestino.

Figura 44 - Prints da reportagem sobre o escorpião constipado



Fonte: Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/antes-constipado-do-que-morto-pesquisa-sobre-tecnica-inusitada-de-sobrevivencia-de-escorpioes-rende-premio-ignobel-a-cientistas-da-usp/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

¹⁸⁷Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/antes-constipado-do-que-morto-pesquisa-sobre-tecnica-inusitada-de-sobrevivencia-de-escorpioes-rende-premio-ignobel-a-cientistas-da-usp/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

Nota-se que essa estrutura mais completa é identificada em reportagens, especiais, mas não em notas, notícias e/ou na edição de *releases* oriundos das assessorias de centros, departamentos, institutos da universidade. Nesses outros casos há, sim, a utilização do *lead* como parâmetro, mas os textos são mais *enxutos* em tamanho e até em aprofundamento.

Independentemente do tamanho do texto e/ou número de fontes, os profissionais do *Jornal da USP*, antes de mais nada, precisam considerar se o assunto tem ou não potencial para *render* e *chamar a atenção* do público, seja pela temática, seja pelo título, pela linguagem ou uso de outros recursos como imagem, áudio e vídeo tanto nas pautas internas quanto externas.

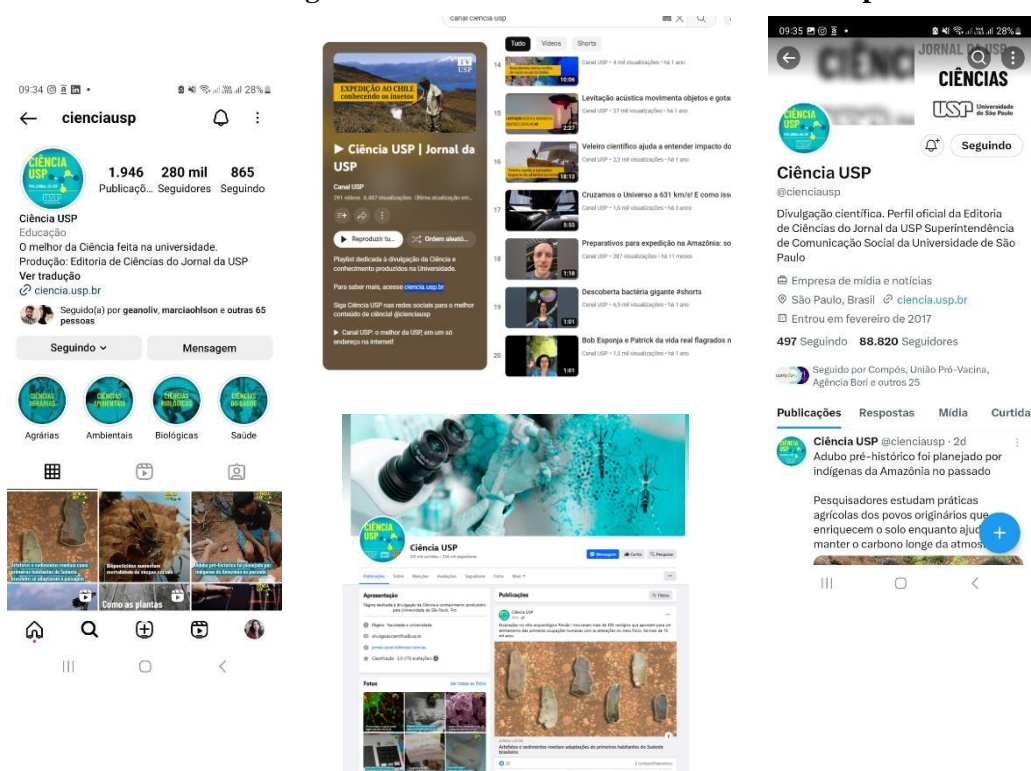
Como assim? O *Jornal da USP* também está atento ao que acontece fora dos muros da universidade e, nesses casos, o gancho é trazer especialistas da universidade para explicar o assunto. Em Ciências, muitas pautas nascem desse caminho: olhar para os periódicos científicos, publicações.

A reportagem produzida por Luiza Caires e o estagiário Sebastião Moura, *Visível a olho nu, maior bactéria do mundo surpreende cientistas com características nunca vistas*¹⁸⁸, repercute a descoberta descrita em um artigo publicado na revista *Science* através da fala de dois pesquisadores da universidade. Mas ao invés de ser só uma notícia descritiva, além dos dados, o texto utiliza arte (imagens e gráficos) para explicar o tema.

No esforço de divulgar a ciência e atrair um outro tipo de público, a editoria de Ciências também tem uma atuação importante nas redes sociais: YouTube, Facebook, Instagram e X como @cienciausp.

¹⁸⁸Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/visivel-a-olho-nu-maior-bacteria-do-mundo-surpreende-cientistas-caracteristicas-nunca-vistas/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

Figura 45 - Prints das redes sociais @cienciausp



Fonte: Ciência USP (Instagram; YouTube; Facebook; LinkedIn). Reprodução de autora (2023).

Originalmente, a marca *Ciência USP* estava ligada ao site do Núcleo de Divulgação Científica da Universidade de São Paulo, no qual eram publicados vídeos, reportagens, documentos e programas de rádio sobre o conhecimento científico produzido na Universidade de São Paulo. O Núcleo foi extinto e esse conteúdo passou a ser incorporado e produzido pela editoria de Ciências do *Jornal da USP*, que utilizou a marca e associou as publicações das redes sociais mencionadas acima. A ideia era fazê-las crescer com uma personalidade marcante e que fossem diferentes do trabalho das redes oficiais da USP.

A marca já existia, mas não existiam as redes sociais. Eu criei, associei e cuidei sozinha por cerca de um ano. No Ciência USP tem mais liberdade, dá para usar humor. Hoje, eu supervisiono, mas são os estagiários que tocam. Criamos uma dinâmica que está bem estabelecida porque sai um estagiário, entra outro e ok, continua funcionando. [...] A gente usa a matéria do jornal como base, mas com uma nova linguagem, com textos bem diferentes. Há posts simples e especiais em que há necessidade de mais cuidado com o texto e a estética, por exemplo, cada estagiário fica responsável por um post especial por semana e eles revezam a cada semana. Antes, também fazíamos fio no Twitter, mas como saiu uma pessoa e eu tinha que rever os textos e as vezes refazer, abortamos isso e ficamos só com post simples também. (Caires, 2022)

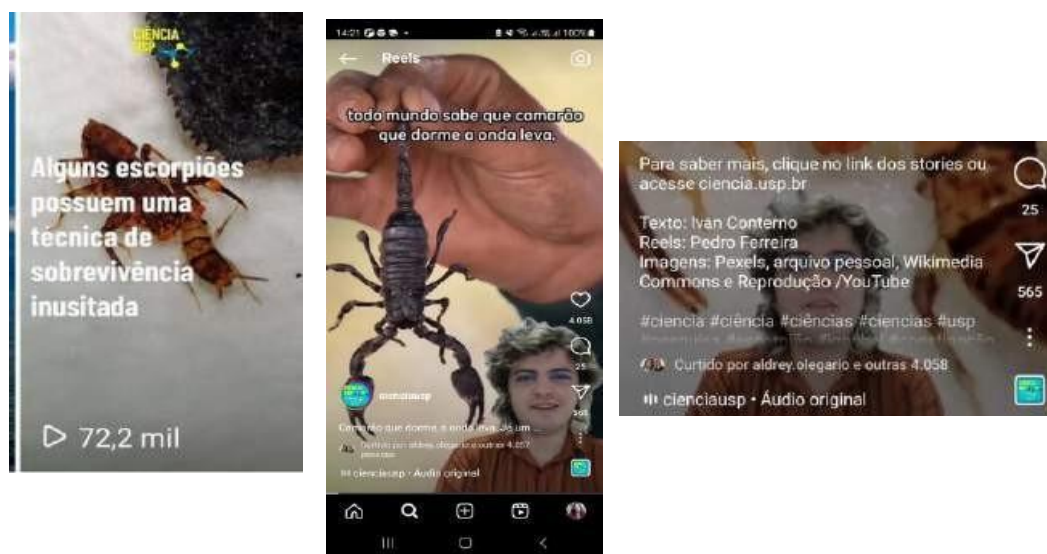
Para Caires, além de ser uma forma a mais de distribuição de conteúdo, isso possibilita

ampliar o alcance, como por exemplo, atender o público mais jovem e/ou o que não procura ativamente por informações científicas, seja no *Jornal da USP* ou em outros veículos.

No caso do Instagram, como a plataforma muda muito, a gente está sempre se adaptando. Antes, a gente fazia cobertura ao vivo, coisa que agora não funciona mais. Hoje a gente foca nos posts tipo carrossel, nos *reels*. Eu coordeno o conteúdo que é feito por estagiários a partir de matérias que a gente publica no jornal, mas é sempre sobre a minha supervisão e revisão porque a gente considera que as redes sociais são muito importantes. (Caires, 2021b)

No Instagram, por exemplo, o uso dos *reels* é bem recorrente e atrai bastante o público. O *reels* elaborado a partir da reportagem do escorpião que perde a cauda mesmo que fique constipado pelo resto da vida, produzido pelo estagiário Pedro Ferreira, com o título *Alguns escorpiões possuem uma técnica de sobrevivência inusitada*, teve 72,2 mil visualizações. No vídeo, Pedro faz uma brincadeira/comparação entre a situação abordada na reportagem e o ditado popular *Camarão que dorme a onda leva*.

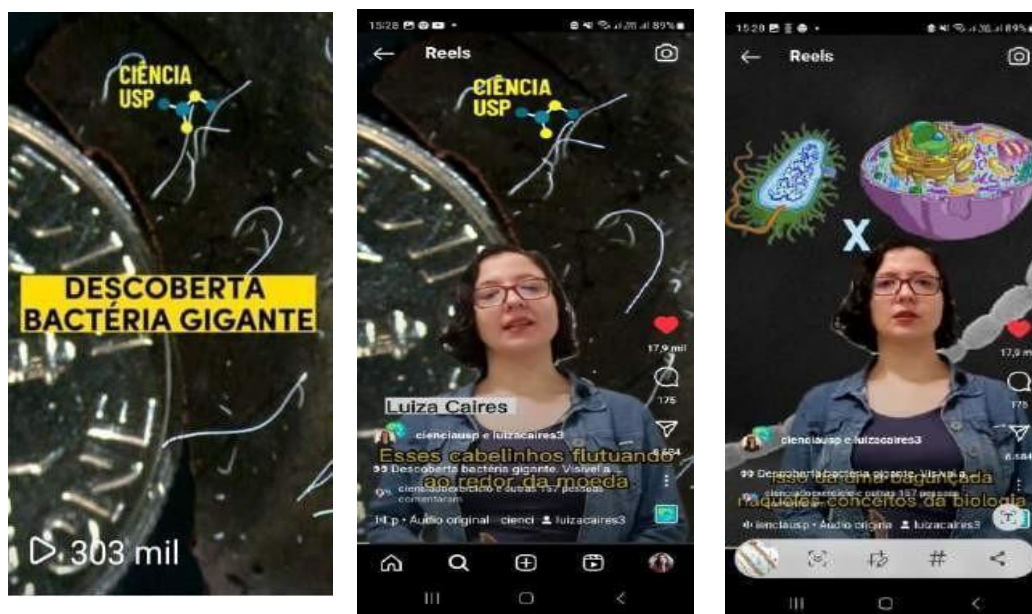
Figura 46- Prints dos reels sobre o escorpião constipado e sem cauda



Fonte: Ciência USP (Instagram). Reprodução da autora (2023).

Já o *reels* a respeito da reportagem sobre a maior bactéria do mundo visível a olho nu foi produzido por Luiza Caires e é o que tem o maior número de visualizações no Instagram @cienciausp, 303 mil. No vídeo a jornalista usa imagens do mangue, da bactéria, das artes utilizadas no artigo e compara a bactéria a fios de cabelo.

Figura 47 - Prints dos reels sobre bactéria gigante



Fonte: Ciência USP (Instagram). Reprodução da autora, 2023.

Um outro recurso muito comum no Instagram é o uso do @cienciausp. Por exemplo, em 2020, no começo da pandemia de covid-19, a equipe de Ciências aplicou uma enquete com a pergunta: O *Ciência USP* deve se concentrar por um tempo somente em assuntos relativos à pandemia ou deveria pautar outros temas? A ideia, explica Luiza, nasceu da necessidade de ouvir a audiência para ter uma noção do que o público queria saber e pensava, pelo menos naquele momento.

Apesar de haver empate, a equipe percebeu que os *views*, likes e *shares* eram maiores em posts sobre a covid-19, por isso, optaram por se concentrar na cobertura sobre o tema, mas mantendo um pequeno espaço para outros assuntos.

Essa interação *positiva* fez com que buscassem novas formas de dialogar com o público, o que resultou na criação dos *webinars* e as *lives* no @cienciausp¹⁸⁹ dentro do *Canal USP* do YouTube.

¹⁸⁹A playlist Canal Ciência USP – *Jornal da USP* dentro do Canal USP do Youtube é dedicada à divulgação da Ciência e do conhecimento produzido na Universidade e tem 293 vídeos e 6.521 visualizações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLAudUnJeNg4tXRL9AW-c9LQyuWTItvY-D>>. Acesso em: 26 de nov. de 2023.

As *lives* começaram em função da pandemia e olha que eu era totalmente avessa aos vídeos porque não tive uma formação mais específica nisso. Primeiro vieram as *webinars*, mas eu ressalto que não as vejo com essa característica fechada de aula, parecia mesmo uma live porque acaba acontecendo a entrevista, o debate. [...]. Eu organizo tudo e dá trabalho. Penso na pauta, identifico quem tem o que falar, faço os convites, a produção, um roteiro para tornar tudo mais dinâmico. (Caires, 2020)

Ao todo, em 2020, foram realizadas cinco *webinars*¹⁹⁰ e dez *lives*, em sua maioria, sobre a pandemia, mas também a respeito de o clima, inteligência artificial e tecnologia 5G. Em 2021, entre janeiro e março, foram cinco *lives*. (QUADRO 40)

¹⁹⁰No caso dos *webinars*, para quem desejava obter certificado, era preciso se inscrever previamente.

Quadro 40 – Lista de webinars e lives realizadas em 2020 e 2021

Data	Formato	Título	Convidados
6/5/20	Webinar	Covid-19: desafio para a medicina	Silvia Campos Vidal e Frederico Fernandes
13/5/20	Webinar	Epidemiologia e saúde das populações vulneráveis	Otavio Ranzani e Regina Flauzino
20/5/20	Webinar	Covid-19: pesquisa clínica e políticas públicas	Leticia Kawano-Dourado e Daniel A.Dourado
22/5/20	Live	Cloroquina pode matar?	Dr. Bruno Caramelli
27/5/20	Webinar	Covid-19: inteligência artificial na medicina	Paulo Lotufo, Alexandre Chiavegatto Filho e Marcela Mattiuzzo
3/6/20	Webinar	Covid-19: Como fica bem com tudo isso?	Guilherme Polanczyk, Desire Coelho e Bruno Gualhano
4/6/20	Live	O que dá para descobrir do coronavírus pela voz e saliva?	Marcelo Finger, Mayana Zatz, Anna Sara Levin, Maria Rita Passos
22/7/20	Live	“Kit Covid”: o que diz a medicina baseada em evidências	Frederico Fernandes, Izabella Pena e Luis Claudio Correia
5/8/20	Live	Rede 5G: desafios tecnológicos e geopolíticos	Filipe Figueiredo e Sergio Kofuji
19/8/20	Live	Vacinas contra coronavírus no Brasil	Gustavo de Miranda e Pedro Folegatti
2/9/20	Live	O que o coronavírus faz nos órgãos: novas descobertas	Paulo Saldiva e Elnara Negri
16/9/20	Live	Coronavírus: qual a situação do Brasil e como evitar sucessivas ondas (como rastrear o coronavírus)?	Ester Sabino, Lorena Barberia e Onicio Leal Neto
30/9/20	Live	Clima extremo em 2020	Estael Sias e Rachel Albrecht
14/10/20	Live	Vacina na reta final? O que precisa saber	Denise Garrett e Anderson Brito
02/12/20	Live	Como está sua saúde mental na pandemia?	André Brunoni, Eurípedes Miguel Filho, Paulo Lotufo e Ana Botallo
22/1/21	Live	Covid de longa duração: sintomas que persistem	Fernando Bellissimo, Lívia Pimenta
11/02/21	Live	Vírus das fake News: como se proteger	Mellanie Fontes Dutra, Nathália Pereira, Robson, Amaral, Luiza Caires
04/03/21	Live	Covid e Fisioterapia na UTI: durante e depois	Debora Schujmann e Fábio Rodrigues
17/03/21	Live	Pandemia faz um ano com recorde de mortes. Como sair do caos?	Ethel Maciel, Monica de Bolle
31/03/21	Live	Grandes Cientistas brasileiros	Ana Bonassa, Laura de Freitas e Renan de Araújo

Fonte: produção da autora (2021).

Especificamente em áudio e associado à editoria, há os *podcasts Ciência USP* e *Os Novos Cientistas* que em suas respectivas páginas trazem a listagem de todos os episódios com título,

data, texto descritivo com o tema do programa, aspas das fontes e links para a pesquisa e/ou estudos citados e os *links* dos áudios e o quadro *Cotidiano da Ciência* que traz as mais recentes descobertas do mundo da ciência.

Às vezes acontece de eu estar entrevistando alguém para um texto e aí a pessoa fala tão bem, o tema rende tanto que eu sugiro que a pessoa fale pra gente em um dos nossos podcasts. Claro que nem sempre sobre o mesmo tema porque temos o *timing* da pauta. Eu estava entrevistando um pesquisador sobre etologia para falar sobre comportamento animal. Em determinado momento ele comentou das baleias, que ele pesquisava o som das baleias, que elas fazem uma sinfonia que tem uma interface com a música. Eu achei aquilo interessante. Não era da matéria em si, mas eu falei para a jornalista que faz o *podcast* se ela não queria entrevistar ele porque ele falava super bem e tinha o som das baleias. (Caires, 2020)

O *Ciência USP* tem em média 8 minutos e segue o esquema: (1) vinheta de abertura com o nome do programa; (2) BG enquanto o locutor apresenta o tema do episódio; (3) a reportagem (*off* do repórter e sonora da fonte); (4) finalização com resumo do que foi tratado e informações complementares e o convite para acompanhar o *podcast*; (5) vinheta de encerramento e, eventualmente, áudios de terceiros com os devidos créditos.

No entanto, em 2020 por exemplo, quando era apresentado pela jornalista Silvana Salles tinha uma estrutura diferente e podia passar dos 30 minutos de duração: (1) tema principal apresentado em formato de reportagem especial intercalada pela narração em *off* do (a) repórter e as sonoras das fontes e (2) temas secundários, veiculados com notícia e lidos por outro(a) repórter e/ou reportagem, entrevista.

Os Novos Cientistas, veiculado no *Jornal da USP no Ar* toda quinta-feira, 8h, é conduzido pela apresentadora Roxane Ré e o editor de Diversidade Antonio Carlos Quinto. A ideia é ser um espaço, no formato de entrevista (bate-papo) para que novos mestres e doutores da USP falem sobre suas pesquisas com duração que varia entre 10 e 15 minutos.

O *Cotidiano da Ciência* é um boletim com duração em média de 5 minutos, em que o repórter apresenta um tema e uma entrevista com um especialista da universidade para explicá-lo.

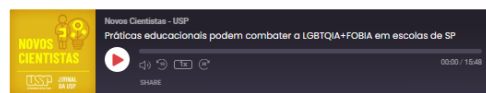
Figura 48 - Prints dos podcasts *Novos Cientistas* e *Ciência USP*

Práticas educacionais podem combater a LGBTQIA+FOBIA em escolas de SP

Estudo investigou, em unidades escolares da zona leste de SP, como se dão no ambiente escolar as práticas pedagógicas de combate à LGBTQIA+FOBIA, que é a intolerância relativa a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgênero, entre outras.

Por Antonio Carlos Quinto

Publicado: 05/10/2023 Atualizado: 06/10/2023 às 13:12



Baixar arquivo

Na entrevista desta quinta-feira, 5 de outubro, em *Os Novos Cientistas*, o educador Lenilson de Souza Thomaz conversou com os jornalistas Antonio Carlos Quinto e Roxane Ré sobre sua pesquisa de mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFCLH) da USP. O estudo intitulado *Práticas pedagógicas no luto contra LGBTQIA+FOBIA no distrito de Guaiianases* foi realizado em unidades escolares da zona leste da cidade de São Paulo sob a orientação do professor Francione Oliveira Carvalho.

Como bem definiu Lenilson, o estudo investigou como se dão, no ambiente escolar, as práticas pedagógicas de combate à LGBTQIA+FOBIA, que é a intolerância relativa a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgênero, queer, intersexuais, assexuais e outras. O universo pesquisado foi o território da Diretoria Regional de Guaiianases (DRE Guaiianases), abrangendo ações realizadas em três EMEFs (Escolas Municipais de Ensino Fundamental) – EMEF CEU Inácio Monteiro, EMEF Saturnino Pereira e EMEF Cláudia Bartolomazi – localizadas no distrito de Cidade Tiradentes.

"Minha pesquisa se baseou num referencial bibliográfico composto por autores da pedagogia, do debate de gênero e da temática dos territórios", descreveu o educador, "e a partir da problematização do programa 'Mais Educação São Paulo', implementado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, no ano de 2014", pontuou. De acordo com o pesquisador, o objetivo de seu estudo foi analisar Trabalhos Colaborativos de Autoria (TCA) com a temática LGBTQIA+FOBIA realizados por educandos do Ciclo Autoral – que abarca o 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de São Paulo – e enfatiza justamente a construção de conhecimento a partir de projetos curriculares comprometidos com a intervenção social.

Disponível também na plataforma Spotify.



Política de uso

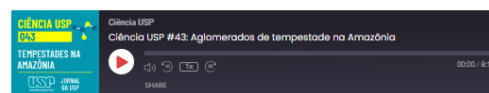
A reprodução de matérias e fotografias é livre mediante a citação do Jornal da USP e do autor. No caso dos arquivos de áudio, deverão constar dos créditos a Rádio USP e, em sendo explicitados, os autores. Para uso de arquivos de vídeo, esses créditos deverão mencionar a TV USP e, caso estejam explicitados, os autores. Fotos devem ser creditadas como USP Imagens e o nome do fotógrafo.

Ciência USP #43: Aglomerados de tempestade na Amazônia

Neste episódio, conversamos com a pesquisadora Amanda Rêhbein, pós-doutoranda do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP, que investigou como mudanças climáticas podem estar reduzindo tempestades na região amazônica.

Por Denis Pacheco

30/05/2023 - Publicado há 5 meses



Baixar arquivo

As tempestades se formam quando há umidade e energia suficientes na atmosfera. No caso das tempestades chamadas de sistemas convectivos de mesoescala, elas são grandes e duradouras, podendo se estender por muitos quilômetros. Recentemente, um novo estudo, publicado na revista *Climate Dynamics*, mostrou que essas tempestades representam 40% da chuva na Amazônia. No entanto, dados sugerem que mudanças climáticas estão reduzindo a ocorrência desse tipo de evento climático na região.

Para explicar como o trabalho foi realizado, o repórter Guilherme Castro Sousa conversou com a pesquisadora Amanda Rêhbein, autora principal do artigo. Ela é pós-doutoranda no Departamento de Ciências Atmosféricas do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG) da USP.

Para saber mais, acesse a matéria *Agglomerados de tempestades vêm diminuindo na Amazônia, aponta estudo*.

Ficha técnica

Reportagem: Guilherme Castro Sousa
Produção e Edição de Som: Denis Pacheco



Política de uso

A reprodução de matérias e fotografias é livre mediante a citação do Jornal da USP e do autor. No caso dos arquivos de áudio, deverão constar dos créditos a Rádio USP e, em sendo explicitados, os autores. Para uso de arquivos de vídeo, esses créditos deverão mencionar a TV USP e, caso estejam explicitados, os autores. Fotos devem ser creditadas como USP Imagens e o nome do fotógrafo.

Fonte: Jornal da USP/Rádio USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/sinopses/os-novos-cientistas/>> e <<https://jornal.usp.br/sinopses-podcasts/ciencia-usp/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

Todas essas ações associadas ao papel que cada um dos membros da equipe do *Jornal da USP* exercem, em especial Luiza Caires, contribuem para o reconhecimento da qualidade da produção do veículo, pois é muito comum que, após as publicações das suas reportagens, a grande imprensa se interesse pela temática e, a partir daí, faça sua própria cobertura. (mesma situação mencionada pelos profissionais das outras universidades).

Alguns veículos replicam nosso conteúdo, como por exemplo, o Estadão, o Viva Bem do Uol, mas também acontece de o coleguinha procurar diretamente a gente perguntando se tem fonte x, y, z. Tem a questão também de que as pessoas não sabem muito como encontrar as coisas na USP, se tem assessoria, com quem falar, aí chegam na gente para pedir essa ajuda, no sentido de não saber qual o canal direto, no sentido de que são muitos institutos, departamentos, por isso, além de produzir nosso conteúdo é importante também estreitar os laços com a imprensa. (Mariz, 2022)

Como um exemplo mais recente, mencionamos a reportagem sobre a nova forma de identificar o câncer, publicada em março de 2023, *Nova técnica identifica "impressão digital"*

do câncer em amostras de saliva e urina¹⁹¹.

Com base na publicação de um artigo na revista científica *Journal of Breath Research*, e com os resultados da pesquisa desenvolvida na Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto (FCFRP) sobre uma nova técnica para fazer o diagnóstico do câncer a partir da análise de saliva e urina, o *Jornal da USP*, na editoria de Ciências, publicou uma reportagem pequena em tamanho, com apenas uma fonte (o primeiro autor do artigo), uso do *lead* e um título objetivo, mas que faz um comparativo da descoberta com a impressão digital.

Figura 49 - Prints da reportagem sobre câncer no jornal e do post no Instagram



Fonte: Jornal da USP/Instagram Ciência USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/nova-tecnica-identifica-impressao-digital-do-cancer-em-amostras-de-saliva-e-urina>> . Acesso em: 20 de out. de 2023.

A partir do texto do jornal tivemos duas reportagens em vídeo veiculadas em Ribeirão Preto na afiliada da TV Globo, *Bom dia Cidade* e *Jornal EPTV 1ª Edição*, uma reportagem no portal de notícias *GI* e site da revista *Veja*, sem mencionar o *Jornal da USP* e uma reportagem no site da emissora de TV *CNN* e do jornal *Correio Braziliense* que citam o veículo.

Isso comprova as falas de todos os entrevistados sobre a universidade ser uma fonte de informação boa e confiável, portanto, o conteúdo jornalístico produzido dentro dessas instituições ajudaria no combate à desinformação científica. “A universidade é uma fonte de

¹⁹¹Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/nova-tecnica-identifica-impressao-digital-do-cancer-em-amostras-de-saliva-e-urina/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

informação embasada e respeitada e um jornal produzido dentro de uma universidade tem uma potência enorme porque exerce um jornalismo que não tem os constrangimentos e limitadores da grande mídia”. (Caires, 2022)

O acesso mais direto à fonte de informação, o tempo maior para apurar a pauta e produzir o texto, além de não sofrer a pressão pelos *page views*¹⁹², são algumas das vantagens do jornalismo produzido dentro da universidade.

Aqui, apesar de ser uma linha de produção puxada: construir a pauta, orientar o repórter, depois receber o texto, orientar a arte, aí um edita, o outro editor também edita...tudo isso é feito para sair algo com qualidade. A minha bandeira é produzir material com qualidade, não priorizo volume. Se tem uma diferença do jornal para a imprensa comercial que vive sob um rolo compressor, de número de *views* é priorizar a qualidade de informação. (Caires, 2022)

Sobre essa produção *puxada* todos os entrevistados do *Jornal da USP*, seja da editoria de Ciências ou não, se cobraram por não poderem produzir mais e atribuíram a *falha* ao fato de a equipe ser pequena.

A fala não deixa de ser curiosa e chama a atenção, afinal, quando comparamos o tamanho da equipe do jornal com as outras universidades consultadas, verificamos que o *Jornal da USP* tem uma equipe editorial grande, mesmo que na divisão entre as editorias não seja o número ideal na visão dos entrevistados.

Percebe-se que os jornalistas que trabalham nas universidades com essa cobertura da pauta de ciências cobram-se excessivamente e sempre têm a sensação de que estão fazendo pouco. Talvez isso ocorra por uma lacuna por parte das redações dos grandes veículos jornalísticos que não cobrem diariamente esse tipo de pauta, fazendo com que esses veículos sintam a *necessidade* de oferecer um conteúdo científico de qualidade o tempo todo, ainda mais nesse contexto histórico de pandemia pelo qual todos nós passamos.

O nosso trabalho é muito intenso, principalmente se for fazer o recorte na pandemia de covid-19 com o negacionismo, medicamentos usados como tratamento precoce, a vacina. Era uma pressão muito grande para combater as *fake news* com informação séria e de qualidade. A equipe se uniu bastante e a gente trabalhou incansavelmente para mostrar para a sociedade o que a universidade estava fazendo naquele momento. Quanto mais informação a gente pudesse passar, mais efetivos seríamos nesse combate. (Mariz, 2022)

¹⁹²Trata-se de um parâmetro utilizado pelos servidores web para medir a visibilidade de um site ou de um conteúdo publicado na internet. Quanto mais *page views* uma página tem, maior é a visibilidade. Esse recurso na grande mídia é utilizado muitas vezes para captar recursos financeiros ou *vender* a ideia de que aquele conteúdo é bom.

Seja na home, seja no uso de textos, imagens, infográficos, vídeos e áudios ou nas redes sociais, em todas as universidades consultadas, a busca por uma convergência de ferramentas/canais e linguagens é essencial nos dias de hoje para a divulgação da ciência e a ampliação do contato com a sociedade.

Para Luiza Caires, 2020, a linha editorial de um jornal que é produzido dentro de uma universidade, como o *Jornal da USP*, passa por fazer a universidade se comunicar com a sociedade porque a universidade é uma fonte qualificada de informação e a universidade não está apartada da sociedade. “Vejo que cabe a esse tipo de veículo fazer a mediação entre a universidade e quem está fora dela, pois a universidade faz parte da sociedade”.

Mesmo que possam parecer ações isoladas, o que não é verdade, a produção do jornalismo científico pelas universidades públicas precisa, sim, ser celebrada, ainda mais quando se mostra conectada às aflições e aos anseios da sociedade. Cada passo, mesmo que pareça pequeno, é essencial para que mais pessoas tenham acesso a um conhecimento científico de qualidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É impactante, para não dizer transformador, chegar nesse momento final da escrita da tese. Ainda mais considerando que este trabalho foi desenvolvido em um período tão turbulento da história do mundo e do Brasil, atravessado por uma pandemia e, conseqüentemente, uma avalanche de desinformações, especialmente as científicas.

Especificamente no Brasil também passamos por um contexto político de descrédito e desconfiança em relação a educação, universidade, ciência, pesquisa e o jornalismo, pontos, esses, que se entrelaçam nesta pesquisa.

A partir do interesse em verificar como as universidades públicas brasileiras (federais e estaduais) produzem jornalismo científico, principalmente considerando o legado deixado pela pandemia de covid-19, esta tese visa: (1) identificar e compreender como se configura o jornalismo científico produzido pelas universidades públicas; (2) compreender quais são as suas características (rotina produtiva, conteúdos, a que público se direciona); (3) verificar se essa produção contribui para o aumento do acesso à informação científica de qualidade.

Para tanto, retomamos as discussões sobre os conceitos de divulgação científica, jornalismo científico, desinformação, bem como o exercício do jornalismo dentro da universidade à luz das transformações pelas quais a atividade tem passado. E, a partir da fala dos jornalistas que trabalham nessas instituições, identificamos a sua práxis e suas *nuances*.

Como primeiro resultado, constatamos que das 109 universidades públicas (federais e estaduais) brasileiras, 46 tinham algum espaço na *home* para a pauta de ciências e/ou produtos específicos de jornalismo científico, em áudio, vídeo ou texto publicados em papel ou em ambiente digital.

Mesmo não caracterizando 100% das instituições com essa prática, há de se reconhecer o esforço das que fazem. Dessas 46, entrevistamos jornalistas de doze universidades de diferentes regiões do país que, a partir das suas falas, nos auxiliaram a responder nossas dúvidas iniciais.

Assim, a partir do entroncamento dos conceitos teóricos, as questões iniciais e as experiências relatadas, optamos por descrever as resultantes da pesquisa perpassando por alguns tópicos: objetivo, prática jornalística, equipe, conteúdo, a produção e o meio, recursos financeiros, abrangência, audiência e periodicidade e *Jornal da USP*.

E por qual motivo um item para o *Jornal da USP*? Primeiro, por ser uma pesquisa desenvolvida dentro da Universidade de São Paulo e que nasceu a partir da observação do jornal e da rádio como práticas de divulgação científica. Segundo, porque os jornalistas das outras

instituições afirmaram conhecer e reconhecer a importância do veículo na prática do jornalismo científico. O número de visualizações, visitação na página do jornal, em março de 2020, primeiro mês da pandemia, foi de 3,5 milhões.

Algumas das menções dos profissionais foram: uma referência de formato e conteúdo; tem canais diversos; cada um tem a sua própria equipe; referência para quem trabalha com comunicação científica¹⁹³; pessoal qualificado; tem cuidado e preocupação com o jornalismo; tem boa estrutura; faz cobertura setorializada, é um modelo a ser seguido.

Esta pesquisa não tem o propósito de comparar as produções das diferentes universidades, mas sim de possibilitar uma compreensão dessa prática na contemporaneidade, até porque, cada instituição está inserida em uma realidade geográfica, social, cultural, política e econômica.

Quanto ao **objetivo**. Calvo Hernando (1997) e Bueno (2009) propuseram em seus estudos que o jornalismo científico cumprisse algumas funções. Calvo Hernando, quatro: social; político-ideológico; educacional e cultural e informativo. Bueno, seis: informativa; educativa; social; cultural; econômica e político-ideológica.

Ao reconhecer que a missão maior da universidade pública é tornar acessível o conhecimento que produz, identificamos nas falas dos profissionais que o jornalismo científico produzido nesses locais perpassa, ora mais, ora menos, todas essas funções como veremos nas próximas linhas.

Mesmo que a atividade-fim do jornalismo científico não seja a educação, assim como atribuir mais uma obrigação aos jornalistas não seja o ideal, achamos importante mencionar dois exemplos nesse tópico.

A primeira é a Universidade de Brasília, com a *Revista Darcy*. A revista é uma espécie de vitrine, menina dos olhos da UnB sobre sua produção científica. É um produto de jornalismo científico e cultural, que para além de todos os parâmetros e cuidados na sua produção, desenvolve um projeto de extensão, *Darcy nas escolas*, nas escolas públicas do Distrito Federal para os estudantes do ensino médio. Juntos, jornalistas e pesquisadores vão às escolas para compartilhar e trocar conhecimento com os alunos. A proposta é tão séria que a leitura da revista é uma das bibliografias do Programa de Avaliação Seriada (PAS), uma das maneiras de seleção para o ingresso na universidade.

A segunda, a Universidade de São Paulo, *Jornal da USP* com o *podcast Momento*

¹⁹³Conceitualmente essa pesquisa trabalha com a divulgação científica e o jornalismo científico, conforme descrição no Capítulo *Jornalismo Científico: ontem e hoje*. Apesar da profissional usar o termo comunicação científica, no decorrer da entrevista, compreendemos que ela se referia ao sentido de comunicar, tornar pública a pesquisa e a ciência.

Odontologia. Ele tem um recorte que é de apresentar problemas de saúde bucal, coisas que as pessoas têm, mas não sabem identificar. Mesmo a intenção não sendo essa, a equipe do jornal começou a receber ligações das escolas solicitando autorização para replicar os programas na sala de aula por trazer esse conteúdo de cuidado e prevenção.

A universidade pública faz parte do sistema social global, interage com o meio ambiente e situa-se na esfera da superestrutura da sociedade (Kunsch, 1992), portanto, não pode se isolar do mundo e, iniciativas como essas apresentadas ao longo dessa pesquisa ajudam na busca por ultrapassar os muros.

Assim, para as fontes consultadas, a prática do jornalismo científico nas universidades é essencial porque (1) é um instrumento que permite a divulgação do conhecimento científico; (2) é um espaço para discutir questões que aflige a sociedade; (3) é uma atividade que contribui para a prestação de contas e a legitimidade da universidade; (4) é a possibilidade de levar a universidade para fora e trazer a sociedade para dentro; (5) é devolver para a sociedade o que a universidade faz.

Quanto à **prática jornalística**. Nesse cenário da velocidade da informação, da criação proposital da desinformação por grupos com interesses políticos e ideológicos contrários ao bem estar social e uma rotina profissional cada vez mais intensa, o jornalista acaba, muitas vezes, enfraquecendo o rigor da apuração de um fato, problema esse não identificado no jornalismo das universidades.

A respeito do processo de produção jornalística: pauta, apuração, produção e edição (Bueno, 2022), esse jornalismo percorre o mesmo caminho do jornalismo feito em qualquer outra redação do país, no entanto, com grandes diferenças na execução dessa prática, principalmente relacionada ao tempo.

Não é uma ruptura do modelo jornalístico vigente, mas é um jornalismo menos apressado e mais consciente no modo de enxergar e analisar sua produção que permite maior profundidade. “Não podemos errar porque somos a vitrine da universidade e nossas matérias são fontes de pesquisa”. (Rodrigues, 2022)

O tempo, aliás, é uma característica bem interessante no jornalismo praticado nas universidades, o que possibilita uma etapa fundamental: a da pré-produção. Todos os entrevistados ressaltaram a importância da pré-produção, mas cada instituição realiza esse passo de forma específica.

Essa preparação pode ser o momento em que o editor e sua equipe sentam-se para pesquisar e selecionar o que pode vir a ser pauta. A leitura é uma espécie de fichamento da

pesquisa (dissertação, tese, livros ou periódicos) para identificar os pontos que merecem ser destacados na apuração. A retomada da pesquisa após a apresentação da ideia na reunião de pauta visando a melhora da captação de dados, o aprimoramento do ângulo de cobertura.

A produção do jornalismo científico na universidade entende que é seu papel auxiliar na ampliação do acesso ao conhecimento e, para isso, busca colocar em prática algumas diretrizes básicas do jornalismo como a independência, exatidão e responsabilidade (Beltrão, 1960; Bond, 1962). Credita-se ao jornalismo científico a possibilidade de exercer uma comunicação mais direta entre a comunidade científica e os cidadãos, mas não apenas como um intermediário e sim como um mediador que busca acrescentar valor à informação e a propor soluções.

Trata-se, então, de um jornalismo de interesse público com uma postura política ideológica muito clara em relação ao mundo e suas complexidades quando traz para si a defesa da ciência e tecnologia, da universidade, do jornalismo, dos direitos humanos e da cidadania.

Quanto à **equipe**. Essa possibilidade de ter instrumentos de comunicação depende da direção da universidade tomar consciência da necessidade de fazer essa interface com a sociedade. É importante que essa cobertura faça parte da lógica organizacional e em primeiro lugar é necessário haver um movimento de querer que isso seja de fato feito e entender que essa divulgação é importante. “Um serviço de comunicação, em qualquer tipo de organização só terá consistência e continuidade se for construído sobre bases sólidas, com políticas definidas e com o efetivo apoio da cúpula dirigente.” (Kunsch, 1992)

Para isso é importante ter um departamento e uma equipe dedicada ao jornalismo científico, logo, quem são as pessoas por trás dessa atividade. São profissionais com vasta experiência nas redações e/ou assessorias e, mesmo sem uma formação específica em jornalismo científico, têm mestrado e até doutorado, o que os aproxima da lógica (e o tempo) da ciência e dos pesquisadores.

Esses jornalistas compreendem que o setor de comunicação de uma instituição pública é estratégico para a conexão com a sociedade e, naturalmente, vestem a camisa de um jornalismo mais ético na busca por um conteúdo comprometido com a veracidade e a relevância social.

Mas o exercício diário da função é atravessado por limitações. Há universidades em que a equipe é muito enxuta, o que resulta no acúmulo de tarefas: assessor, repórter e repórter de ciências. Em outras, há alguém para cobrir ciências, mas tudo se concentra na sua mão: pauta, produção e divulgação, o que gera um problema.

Por quê? Porque se a consciência da importância da comunicação, do jornalismo não vier da instituição e sua gerência, o trabalho pode vir a ser paralisado caso essa pessoa deixe de

exercer a função. A rotatividade no serviço público não é a mesma da mídia comercial, mas pode acontecer de o(a) servidor(a) pedir exoneração, trocar de setor e até de instituição pública.

Quanto ao **conteúdo**. Para as universidades públicas que produzem jornalismo científico a preocupação é cobrir todas as áreas da ciência e há uma vigilância para o equilíbrio dos temas, mas reconhecem que as pautas de saúde e meio ambiente acabam ocupando um espaço maior porque despertam o interesse (ou seria a curiosidade) do público.

Aliás, durante o período da pesquisa, cortado por uma crise sanitária e aumento dos problemas ambientais, essas pautas foram recorrentes. Ao exercer um jornalismo que não é apenas intermediário, mas sim mediador, coube a esses profissionais auxiliar a população sobre como agir diante da pandemia de covid-19, a propor soluções para a diminuição do impacto, mesmo que também estivessem passando pelo problema.

No auge da doença, entre os anos de 2020-2021, as universidades públicas brasileiras focaram na prestação de serviço e publicaram todos os materiais possíveis como reportagens (em diversos formatos), guias, além de inúmeras *lives* orientando o público sobre a doença, a prevenção, o andamento das pesquisas e a vacinação.

O reconhecimento de que estavam no caminho certo veio do número de acessos e visualizações. Houve um *boom* na procura por essas informações. A universidade, o jornalismo e a ciência, tão desacreditados, voltaram a ser vistos como fontes de informação confiáveis. “A pandemia foi um curso para saber falar com todos os públicos e não só com quem já gosta e procura esse tipo de informação.” (Caires, 2021)

Quanto à **produção e o meio**. A grande crítica feita aos jornalistas das grandes redações que cobrem jornalismo científico é a dependência dos *papers*, dos *press releases*, a baixa variedade de fontes a alta de preparo profissional. Tudo isso resulta em uma reprodução de discursos hegemônicos e ausência de uma visão crítica.

E nas universidades? Não há dependência dos *papers*, mas uma obrigação de encontrar internamente pesquisas que possam (e mereçam) ser divulgadas. Enquanto fontes informativas, as instituições tendem a valorizar a própria imagem, não sejamos ingênuos. Há, portanto, uma linha tênue.

Mas para esses jornalistas o que está em jogo é a divulgação da ciência, é levar essa pesquisa para a sociedade. Isto posto, há a clareza de que seu trabalho segue os desígnios e as necessidades da opinião pública, não da Universidade. Há um código de ética que guia essa prática: compromisso com a verdade. E, para quem pensa que há interferências editoriais vindas de cima, a decisão final sobre publicar ou não, é sempre da equipe de jornalistas.

A respeito das fontes, majoritariamente, encontramos as testemunhas (especialista) e documentais (artigos, periódicos e outras publicações). Os(as) jornalistas reconhecem que ainda falta inserir mais fontes externas como personagens e pesquisadores de outras instituições, mas afirmam que a pluralidade de voz é uma meta a ser alcançada.

Embora possa haver conflito de interesses entre o cientista (fonte) e o jornalista – fenômeno até comum – devido às particularidades de cada uma das áreas, há por parte dos jornalistas que trabalham nas universidades e cobrem a pauta de ciências a bandeira da linguagem acessível.

Mas o que seria uma linguagem acessível? É descomplicar o que naturalmente parece complicado e colocar em prática o que (Fioravanti, 2013) chamou de enfoque ampliado do jornalismo, no qual a linguagem mescla a narração com a descrição de dados e passa a ser mais próxima do leitor.

As orientações para a sua produção procuram mesclar recursos linguísticos (parágrafos mais curtos, com explicações, analogias, metáforas, exemplificações) e estéticos (imagens, infográficos, animações) e a fazer uso das técnicas que possam vir a contribuir com essa acessibilidade.

Tanto na apuração quanto na redação, o uso do *lead* é bem-vindo, mas não o *lead* como uma técnica burocrática para responder questões chave: o que, quem, quando, onde, como e por quê. O *lead* para esses profissionais ajuda a construir a narrativa, pois é fundamental respeitar o estilo de escrita de cada repórter.

Do mesmo modo que as grandes redações jornalísticas migraram para o online, as redações das universidades também. Antes, o que era publicado apenas no meio impresso, hoje é difundido em áudio e vídeo, mesmo que ainda seja pensado prioritariamente como texto.

Quanto aos **recursos financeiros**. Por se tratar de um serviço público, o jornalismo produzido nas universidades públicas brasileiras não visa obter lucro. Mas, assim como qualquer outro veículo jornalístico, depende do dinheiro para conseguir fazer muitas coisas. Sem verba não há a possibilidade de comprar equipamentos, ter assinaturas de *softwares* mais modernos, fazer concursos e/ou contratar profissionais temporários e ter sites com melhor navegabilidade e usabilidade.

Embora os jornalistas apontem esse problema como um dos culpados pelas limitações no exercício de seu trabalho, o fato é que cada universidade passa por uma realidade. As que estão situadas em estados cuja arrecadação de impostos é maior, recebem mais recursos e, conseqüentemente, podem ter mais servidores, mas não necessariamente equipamentos de

ponta.

Como proceder, então? Os jornalistas disseram que é preciso encontrar caminhos dentro e fora da universidade.

Internamente, deve-se buscar parcerias com outros setores e servidores, principalmente os ligados a área e/ou cursos de comunicação em busca de pessoas e equipamentos. Se na redação não tiver fotógrafo, mas no gabinete da reitoria, sim, pedir para que esse profissional faça as imagens. É preciso criar e respeitar cronogramas mais rígidos, como ter o dia certo para as gravações externas e para a entrega do material.

Externamente, deve-se participar de editais públicos e, quando permitido, também encontrar parcerias como nos casos da Universidade de São Paulo e Universidade do Estado do Rio de Janeiro. No primeiro caso, o recebimento do dinheiro para a realização de uma reportagem e, no segundo, para a reforma da sala da secretária de comunicação e a compra de equipamentos.

Quanto à **abrangência, audiência e periodicidade**. Hoje o jornalismo científico não se reduz mais aos veículos tradicionais, e a sua produção nas Universidades é uma prova disso. Mesmo nesses locais há várias possibilidades de propagar esse conteúdo, mas a maior delas é, com certeza, as mídias sociais. Elas transformaram a abrangência de qualquer produção jornalística.

Com a rede social, o retorno da mensagem é mais rápido e isso interfere no trabalho do jornalista e em como o público vê a temática. “Se antes o público era heterogêneo, passou a ser muito mais”. (Kassab, 2023)

E é aqui em que está o grande gargalo dessa produção. Com quem essas universidades falam? Para além da ideia do público não especializado, as instituições compreendem o contexto ao qual esse público está inserido?

Não há como mensurar – de fato – quem é esse público porque as universidades não têm como fazer uma pesquisa de opinião. Faltam recursos físicos e materiais como mencionaram os(as) entrevistados(as).

Seja com a ajuda da equipe de TI, seja a partir dos relatórios do *Google Analytics*, há a possibilidade de saber se o público é de fora ou de dentro, a idade, gênero, assuntos que mais despertaram o interesse pelo número de cliques ou compartilhamentos, mas não como esse conteúdo está sendo assimilado.

Os(as) jornalistas entrevistados(as) também têm consciência de que não atingem todo mundo, mas assim como Calvo Hernando (1997) propôs, procuram se colocar a serviço das

minorias (aqui pensada como o grande público) ao fazer com que um número maior de pessoas participem dos progressos da ciência, ampliem o conhecimento e exerçam a cidadania.

O que também reforça esse vínculo com o público é a manutenção da periodicidade. Com exceção do *Jornal da USP*, que publica novos conteúdos diariamente, as demais universidades não conseguem ter uma divulgação tão consistente.

Mas dentro da rotina de cada uma dessas universidades há procura por uma periodicidade semanal ou quinzenal. No caso dos jornais, revistas e temporadas de *podcasts*, a periodicidade é maior: mensal, trimestral e semestral.

Quanto ao *Jornal da USP*. Mesmo com o tamanho da Universidade de São Paulo e o fato de ela trabalhar de uma maneira bem descentralizada na comunicação (é comum que as unidades tenham sua própria assessoria e equipe de comunicação) há uma parceria entre esses setores e o *Jornal da USP*.

Bem ou mal, todos se conhecem, são funcionários de carreira, conhecem as entranhas da universidade, do serviço público e, isso, associado a uma produção integrada entre o *Jornal da USP*, a *Rádio USP São Paulo e Ribeirão Preto* e do *Canal USP* no YouTube, além das redes sociais com o @cienciausp, que têm cooperado em despertar o interesse cada vez maior do público em relação à universidade e à ciência.

Prestes a comemorar 90 anos (25 de janeiro de 2024), a USP tem sido considerada uma das melhores universidades do país e do mundo em *rankings* internacionais, como o Quacquarelli Symonds (QS Ranking) e o *World University Rankings*, da consultoria britânica *Times Higher Education (THE)* e em nacionais como o *Ranking Universitário Folha (RUF)* do jornal *Folha de S. Paulo*. Na última edição, divulgada em 2023, mas referente ao ano de 2024, aparece em primeiro lugar na América Latina e Caribe no QS e em primeiro lugar do Brasil no RUF.

Mesmo com todo esse reconhecimento, há quase 12 anos, a USP padecia do mal de não saber se comunicar. Ao menos era isso que os encontros para discutir as mídias da universidade apontavam. Baseado nesse diagnóstico é que todas as ações (já mencionadas no decorrer desta tese) foram tomadas e, gradativamente, o *Jornal da USP* torna-se um veículo preocupado com a divulgação da ciência e a prática de um jornalismo de qualidade.

Assim, como nas outras instituições, o jornal segue a premissa de prestar contas e mostrar para a sociedade o que é feito dentro de uma universidade (ensino, pesquisa e extensão), mas com a clareza de que “não é um jornal institucional, é jornalismo”.

Nem todas as universidades, infelizmente, têm uma equipe de comunicação, verbas e uma

linha editorial definida como ocorre com *Jornal da USP*, que lhe confere características bem específicas. (QUADRO 41)

Quadro 41 – Características do *Jornal da USP*

Item	Descrição
Equipe	70 profissionais (comunicação, design, administrativo) 22 jornalistas estagiários
Cobertura	Setorizada com uma editoria para cada assunto: Atualidades, Cultura, Universidade, Diversidade, Ciências e Institucional Carro-chefe: Ciências
Periodicidade	Diária Na <i>home</i> do <i>Jornal da USP</i> : pelo menos cinco destaques Na <i>Rádio USP</i> a veiculação do <i>Jornal da USP no Ar</i> todas as manhãs
Canais	Múltiplos: <i>Jornal da USP</i> , Rádio USP, Podcasts, Canal USP (YouTube), Redes sociais (@cienciausp)
Parceria	Interna: troca e diálogo entre as editorias e as equipes Externa: seja na USP ou fora dela os profissionais se prontificam a participar de palestras, conferências, oficinas
Caráter Pessoal	Apesar do jornal funcionar harmoniosamente e cada um dos membros da equipe colaborar para o todo, identifica-se um caráter pessoal marcante de três pessoas Cinderela Caldeira – Rádio e editoria de Atualidades Luiza Caires – editoria de Ciências Marcia Blasques – <i>Jornal da USP</i> (o todo)

Fonte: produção da autora (2023).

Dessas, destacamos a cobertura setorizada, a periodicidade e, principalmente, o caráter pessoal de toda a equipe que *veste a camisa* de um jornalismo comprometido com o interesse público. No caso da Luiza Caires, ela tem uma ligação muito forte com as ciências e a divulgação científica, e trouxe para si a responsabilidade de *pôr a mão na massa*, de trabalhar com a produção de um jornalismo científico de referência.

Mencionamos também a importância do estagiário, principalmente na editoria de Ciências, o que permite o aprendizado sobre o jornalismo científico e a formação de novos profissionais especializados, ainda mais considerando que somente 4,7% das universidades públicas (federais e estaduais) contam com o jornalismo científico como disciplina obrigatória.

(Oliveira e Oliveira, 2020)

Apesar de existir um reconhecimento da importância da comunicação por parte das últimas reitorias, o *Jornal da USP* é resultado de todo o trabalho que vem sendo feito há anos por sua equipe editorial. Um jornalismo solidificado no interesse público, que tem reconhecimento interno e externo, respeito por parte de quem faz e lê e força para brigar por um jornalismo científico que contribua para o acesso ao conhecimento científico de qualidade. “É uma equipe muito experimentada que procura caminhos novos para fazer o melhor serviço de comunicação possível para a universidade e para a sociedade”. (Serrano, 2021)

Diante dessas conclusões, consideramos que nossa hipótese foi confirmada: a ciência é uma pauta caracterizada no jornalismo realizado nas universidades públicas, em especial a Universidade de São Paulo, porque esse tipo de decisão editorial permite que se amplie o acesso à informação científica dentro e fora das instituições.

Do lado das empresas jornalísticas, o espaço dedicado à editoria de ciências tem sido cada vez menor e, na maioria das vezes, ganha força apenas em momentos de crise. Do outro, as universidades têm produzido esse tipo de conteúdo com certa regularidade.

Assim, o conteúdo produzido por essas universidades tem ocupado as lacunas deixadas pela grande mídia na cobertura da pauta de ciências, sendo inclusive, reproduzidos (em partes e/ou na íntegra) por esses veículos. Faz parte da política editorial desses veículos permitir que seu conteúdo seja usado/reproduzido livremente, mas desde que aferidos os créditos, ou seja, ocorra a citação da fonte de origem, o que infelizmente, nem sempre acontece.

O fim desta pesquisa, na verdade, representa o início de um percurso com muitas possibilidades para pensar a prática do jornalismo científico nas universidades. Para isso, sugerimos duas contribuições e dois desdobramentos.

A primeira contribuição se refere à criação de uma matriz (QUADRO 42) que auxilie futuros pesquisadores a compreender o universo das universidades, principalmente o que se refere à comunicação. A partir dos códigos (marcadores) estabelecidos nesta pesquisa para o levantamento das informações disponibilizadas nos sites das universidades públicas, é possível traçar um mapa geral do que é a instituição, da organização dos departamentos, das ferramentas comunicacionais, tipo de jornalismo produzido, assuntos abordados.

Quadro 42 – Matriz para a análise do conteúdo dos sites das universidades

Código (marcador)	Descrição/função
Nome	Nomenclatura correta
Sigla	Identificação mais comum
Data da fundação	Compreender o desenvolvimento histórico da instituição
Região geográfica	Em qual localidade geográfica do Brasil está
Estado	Em qual localidade do Brasil está
Site	Identificar se tem e, principalmente, a usabilidade e navegabilidade
Link/endereço	O registro facilita novos acessos e permite testar a usabilidade e a navegabilidade
Características gerais	É importante descrever todas as informações, clicar em todos os links. Isso ajuda a compreender a história, os setores e departamentos, projetos, personagens, produção jornalística e/ou outras ações de comunicação etc.
Tipo de jornalismo	Entender se separa (na home) notícias de caráter institucional das de caráter científico
Indicação do Departamento/Setor Comunicação	Está claro que tem um que seja o responsável pela comunicação (interna e externa)
Nomenclatura	Coordenadoria, Secretaria, Assessoria, Departamento, uma única pessoa. Conforme a nomenclatura é possível estabelecer o status que o setor tem dentro da instituição
Descrição do Departamento	É importante descrever todas as informações, clicar em todos os links. Isso ajuda a compreender qual a função, ações, veículos e equipe
Responsável	Nome, identidade étnico racial e currículo. Ajuda a traçar o perfil de quem gerencia o setor
Contato	Endereço, Telefones, e-mails, redes sociais do setor de comunicação
Produce algum produto jornalístico	O que é feito: jornal, programas de rádio, podcast, boletim, newsletter, revista, <i>videocast</i> , telejornal, site, etc.
Produce jornalismo científico	Identificar o que existe
Quais são os produtos	O que é feito: jornal, programas de rádio, podcast, boletim, newsletter, revista, <i>videocast</i> , telejornal, etc.
Características do jornalismo científico	Objetivo, pautas (temas), fontes consultadas, rotina de produção, gêneros e formatos jornalísticos, redação e estilo
Espaço próprio para o jornalismo científico	Existem canais específicos e/ou são divulgados na <i>home</i>
Link (s) desse (s) espaço (s) para o jornalismo científico	É importante para registrar onde esses produtos estão, caso não seja na <i>home</i> , porque facilita novos acessos e permite sempre testar a usabilidade e navegabilidade
Redes sociais	Quais e o papel de cada uma. São institucionais e/ou voltadas a divulgação científica
Curso de jornalismo	Ao identificar se há o curso é possível verificar se há parcerias humanas (estagiários) ou materiais (espaços e equipamentos)
Observações gerais	Algum outro ponto que não se encaixa nos códigos anteriores

Fonte: produção da autora (2023).

Com essas informações em mãos, futuros pesquisadores poderão selecionar os códigos mais pertinentes às suas investigações e, a partir dos seus resultados, fazer análises quantitativas ou qualitativas.

No esforço em identificar os conceitos e as características do jornalismo científico nas

universidades, foi possível observar que o conceito e os valores jornalísticos são universais, no entanto, há questões que são muito específicas dessa prática, o que nos permite sugerir a criação de um guia descrito no quadro a seguir.

Quadro 43 – Guia de jornalismo científico para universidades públicas

Item	Característica
Objetivo	Produzir conteúdo informativo de qualidade e compartilhar o conhecimento científico produzido nas universidades. É importante mostrar que a universidade não está apartada da sociedade, por isso, colocar a universidade e seus pesquisadores para explicar, discutir temas que impactam as pessoas é importante; Contribuir para o aumento do acesso à informação; Contribuir para a defesa da cidadania e dos direitos humanos.
Fontes	Para além dos especialistas, é importante trazer personagens que são ou podem ser impactos pela pesquisa e/ou descoberta científica; Diversificação.
Equipe	Recomenda-se que uma pessoa seja a responsável por essa produção; Na impossibilidade, ao menos que tenha alguém que possa coordenar, direcionar os outros profissionais nessa prática quando possível.
Cobertura	Sugere-se a setorização, ou seja, definir claramente quais são os espaços para a divulgação da ciência; Algumas possibilidades: editoriais, seções.
Características e valores	Interesse público; Prestação de serviços; Ética; Apuração cuidadosa; Aprofundamento; Reflexão; Interpretação; Verdade; Veracidade; Postura político-ideológica; Mediação.
Redação e estilo	O estilo do jornalista é único, mas alguns direcionamentos na execução desse material devem ser levados em consideração: Textos mais curtos (tamanho); O uso do <i>lead</i> , mas não como uma camisa de força; Textos com explicações, analogias, metáforas, exemplificações; Contemplar diferentes ângulos; Usar imagens, tabelas, gráficos, infografia; Textos com subtítulos e inclusão de personagens; Não exclua os termos técnicos, mas procure trazer a melhor narrativa para explicá-lo; Leia uma, duas, quantas vezes por necessário antes da publicação; Priorizar as entrevistas presenciais; Vá além dos gêneros e formatos informativos e opinativos tradicionais (reportagens e artigos) e experimente publicar crônicas, perfis, entrevistas, depoimentos.
Canais	Todos que a universidade tiver a possibilidade, mas ao menos dois. Sugestões: jornal, programas de rádio, podcast, boletim, newsletter, revista, <i>videocast</i> , telejornal, site e Redes sociais.
Formatos	Híbrido, mesmo que seja caro produzir em papel, a depender do produto ele pode ser elaborado em ocasiões especiais ou ainda ser disponibilizado em pdf.
Periodicidade	Se o produto for um site, o ideal é que pelo menos uma vez por semana seja publicado algo novo conteúdo; Para outros meios, a frequência pode variar. O importante é ter constância para que o público crie vínculos.
Parcerias	Construção de relacionamentos contínuos e de confiança com os pesquisadores; Cooperação com outros departamentos (estagiários, espaços e equipamentos); Participar de eventos externos que ampliam as relações e a visão de fora para a universidade e seus produtos; Buscar editais (desde que não infrinja o estatuto do servidor público) que tragam recursos para questões específicas: projeto, compra de equipamento, a produção de uma reportagem e/ou produto especial.

Fonte: produção da autora (2023).

A proposta do guia não pretende determinar padronizações, mas auxiliar as instituições, principalmente as que ainda não fazem jornalismo científico. Para as que têm uma equipe

pequena e produzem eventualmente, as orientações visam à otimização do trabalho.

Por fim, os resultados oferecem subsídios para criar produtos midiáticos que auxiliem na divulgação de informações sobre jornalismo científico produzido nas universidades públicas. Em um primeiro momento, existe a possibilidade de se produzir *podcasts* e/ou programas radiofônicos com os áudios das entrevistas já existentes. Esse conteúdo pode ser veiculado na *Rádio USP* em algum horário específico da programação e/ou no *Universidade 93,7* também transmitido na *Rádio USP*, mas com data e horário já estabelecidos. Posteriormente, outras universidades podem ser entrevistadas. Há um vasto material que garantiria a sua periodicidade.

Há também a possibilidade de se procurar escolas públicas e, junto aos professores de ciências, oferecer oficinas de jornalismo científico utilizando como referência de conteúdo e texto os produtos de jornalismo científico das universidades. A partir do conteúdo trabalhado em sala de aula e com o guia em mãos do que é um bom jornalismo científico, os alunos colocariam em prática o exercício da sua própria produção. Seria uma maneira de amplificar o alcance desse material sem sobrecarregar os jornalistas das instituições e orientar midiaticamente o público.

Como sugestão de pesquisas futuras, consideramos ser importante identificar qual é o real público desses produtos, pois essas informações auxiliariam o direcionamento das instituições para uma prática comunicativa mais completa. É interessante também estudar se há essas práticas em outros países, a começar nos vizinhos latino-americanos e, conseqüentemente, identificar sua práxis.

REFERÊNCIAS

ADUSP. **SCS extingue versão impressa do *Jornal da USP* e reduz TV à web**. São Paulo: 14 de mar. de 2016. Disponível em: <<https://adusp.org.br/defesa-da-universidade/scs-extingue-versao-impressa-do-jornal-da-usp-e-reduz-tv-a-web/>>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

ALEXINO, Ricardo. Divulgação científica como prática de resistência em tempos de pandemia e negacionismo. **Cátedra Intercom** [online], 18 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AefeLzPUebw>>. Acesso em: 5 de out. de 2021a.

_____. **Jornalismo Científico e Divulgação Científica**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 11 de nov. de 2021b.

ALVES-MAZZOTTI, A. Procedimentos e instrumentos de coleta de dados. In: ALVES-MAZZOTTI, A.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências sociais e naturais**. São Paulo: Thomson, 2001.

ANDIFES. **REITORES e gestores de comunicação tratam sobre comunicação pública das universidades federais**. Brasília: 13 de dez. de 2022. Disponível em: <<https://www.andifes.org.br/?p=95160>>. Acesso em: 27 de dez. de 2022.

ASSIS, Machado de. **Ressurreição**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2013.

ATLAS DA NOTÍCIA. Disponível em: <<https://www.atlas.jor.br/>>. Acesso em: 14 de nov. de 2023.

BARRETO, Virgínia Sá. Epistemologia & Transmetodologia em comunicação. Um olhar nos espaços e tempos de uma experiência de tese. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2008.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BELANDI, Caio; GOMES, Irene. Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior da população se declara parda. **IBGE**, 22 de dez. de 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>>. Acesso em: 3 de jan. de 2024.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**: ensaio. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1960.

BERGER, Guy. Prefácio. In: POSETTI, Julie. **Jornalismo, Fake News & Desinformação**: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2019.

BERNARDES, Júlio. Nova técnica identifica “impressão digital” do câncer em amostras de

saliva e urina. *Jornal da USP*, 20 de mar. de 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/nova-tecnica-identifica-impressao-digital-do-cancer-em-amostras-de-saliva-e-urina/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

BIMBER, B.; GIL DE ZÚÑIGA, H. The unedited public sphere. *New Media & Society*, 2020, 22 (4), p. 700-715. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1461444819893980>>. Acesso em: 10 de abr. de 2021.

BLASQUES, Marcia. Encontro discute a comunicação na Universidade. *Jornal da USP*. São Paulo, 20 de ago. de 2012. Disponível em: <<https://www5.usp.br/16480/encontro-discutiu-a-gestao-da-comunicacao-na-universidade>>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

_____. *Jornal da USP*. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 28 de abr. de 2020a.

_____. *Jornal da USP e suas pautas*. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 20 de jul. de 2020b.

_____. *Jornal da USP*. In: Canal USP YouTube. *Workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitários*. São Paulo, 21 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=molY7X1AW2s&list=PLAudUnJeNg4uQn_7hJ2cLR5Q SvSCJperf&index=15>. Acesso em: 7 de jan. de 2022..

_____. *Home do Jornal da USP*. Visita técnica na redação, São Paulo, 2 de ago. de 2022 (a).

_____. *Podcast e Jornal da USP*. Visita técnica na redação, São Paulo, 16 de dez. de 2022 (b).

BLUM, Deborah; HATCH, Joshua; JACKSON, Nicholas Jackson. *Manual de Edição em Jornalismo Científico do KSJ MIT*. Cambridge, Mass.: Massachusetts Institute of Technology, 2020. Disponível em: <<https://ksjhandbook.org>>. Acesso em: 4 de jan. de 2022.

BOND, F. Fraser. *Introdução ao Jornalismo*: uma análise do quarto poder em todas as suas formas. Tradução Cícero Sandroni. Rio de Janeiro, Agir Editora, 1962.

BORGES, Diélen. *A produção do jornalismo científico na Universidade Federal de Uberlândia*. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 20 de dez. de 2022.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.

BUCCI, Eugênio. *O Estado de Narciso*: A comunicação pública a serviço da vaidade particular. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

_____. *A Superintendência de Comunicação Social e as mídias da USP*. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 22 de mar. de 2021.

BUENO, W.C. Jornalismo científico: conceito e funções. *Revista Ciência e Cultura*, São

Bernardo do Campo, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, set. 1985.

_____. Jornalismo científico: resgate de uma trajetória. **Revista Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 30, 1998, p. 209-220.

_____. José Reis: a divulgação científica como compromisso. **Revista Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 38, 2002, p. 226-235.

_____. Jornalismo científico, lobby e poder. *In*: DUARTE, Jorge; TEIXEIRA, Antonio (orgs). **Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação**. Brasília/Distrito Federal: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.

_____. Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória. *In*: PORTO, C. M. (org.). **Difusão e cultura científica: alguns recortes**. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/68>>. Acesso em: 1º de nov. de 2021.

_____. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**. Londrina, v.15, n. 1, especial, 2010, p.1-12. Disponível em: <[10.5433/1981-8920.2010v15n1esp1](https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1esp1)>. Acesso em: 12 de jun. de 2021.

_____. A divulgação da pesquisa científica no Brasil: a visibilidade da pesquisa nos portais das universidades brasileiras. **Ação midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**. Curitiba: UFPR. n. 7, 2014.p. 1-15.

_____. A divulgação científica no universo digital: o protagonismo dos portais, blogs e mídias sociais. *In*: PORTO, C., OLIVEIRA, K. E., and ROSA F., eds. **Produção e difusão de ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares** [online]. Ilhéus: Editus, 2018, pp. 55-67.

_____. **Jornalismo científico e divulgação científica**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 9 de nov. de 2021.

_____. **Jornalismo Científico: teoria, prática e pesquisa**. São Paulo: JORCOM/Contexto Comunicação e Pesquisa, 2022.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAIRES, Luiza. **Jornal da USP**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 30 de jul. de 2020.

_____. Diálogo entre gerações. **1º Congresso Brasileiro de Divulgação Científica** [online], 27 de set. de 2021 (a). Disponível em: <<https://www.academica.jor.br/congresso/>>. Acesso em: 28 de set. de 2021.

_____. Editoria de Ciências. *In*: Canal USP YouTube. **Workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitários**. São Paulo, 21 de out. de 2021 (b). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m0LY7X1AW2s&t=312s>>. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

_____.; MOURA, Sebastião. Visível a olho nu, maior bactéria do mundo surpreende

cientistas com características nunca vistas. *Jornal da USP*, 23 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/visivel-a-olho-nu-maior-bacteria-do-mundo-surpreende-cientistas-caracteristicas-nunca-vistas/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

_____. **Editoria de Ciências**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 7 de nov. de 2022.

CALDAS, Graça. Comunicação, educação e cidadania: o papel do jornalismo científico. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Ponte Editores, 2003.

_____. Mídia, meio ambiente e mobilização social. In: VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone (orgs). **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print Editora, 2009.

_____. Estado da arte e desafios na formação e na pesquisa em divulgação científica. **1º Congresso Brasileiro de Divulgação Científica** [online], 30 de set. de 2021. Disponível em: <<https://www.academica.jor.br/congresso/>>. Acesso em: 1º de out. de 2021.

CALDAS, G; SOUSA, C.M. de; ALBERGUINI, A.; DINIZ, A. O desafio da formação em Jornalismo Científico. In: XIV Compós, 2005 [**Anais**]. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos-2005/papers/o-desafio-da-formacao-em-jornalismo-cientifico>>. Acesso em: 9 de out. de 2021.

CALDEIRA, Cinderela. Editoria Atualidades. In: Canal USP YouTube. **Workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitários**. São Paulo, 21 de out. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7X1AW2s&t=312s>>. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

_____. **Rádio USP**. Visita técnica na redação, São Paulo, 2 de ago. de 2022a.

_____. **Jornal da USP – editoria de Atualidades e o Jornal da USP no Ar 1º edição**. Reunião de pauta online, São Paulo, 4 de ago. de 2022b.

CALVO HERNANDO, Manuel. **Manual de periodismo científico**. Barcelona: Bosch, 1997.

_____. La difusión del conocimiento al público: cuestiones y perspectivas. In: **Revista Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 29, 1998. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/CSO/article/view/7853/6789>>. Acesso em: 1º de abr. de 2022.

CANAL USP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCN1ihdoKXeizYi7Hyp4WwQ>>. Acesso em: 21 de set. de 2023.

CANAL USP. **Workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitários**. São Paulo, 21 de out. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=molY7X1AW2s&t=312s>>. Acesso em: 9 de maio. De 2023.

CAPES. **A Pesquisa no Brasil: Promovendo a excelência.** Relatório *Clarivate Analytics, Grupo Web of Science*. Brasília: 2019. Disponível em: <<http://mailer.periodicos.capes.gov.br/?m=119&p=view&pi=ViewBrowserPlugin&uid=edf951d3441015d84a766ebab43ce8a1>>. Acesso em: 20 de out. de 2021.

CARIBÉ, R. de C. do V. Comunicação científica: reflexões sobre o conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**. Paraíba, vol. 25, n. 3, set./dez. 2015, p. 89-104. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/23109/14530>>. Acesso em: 9 de dez. de 2021.

CASTELFRANCHI, Yuri. Trajetória e desafios da divulgação científica no Brasil. **1º Congresso Brasileiro de Divulgação Científica** [online], 28 de set. de 2021. Disponível em: <<https://www.academica.jor.br/congresso/>>. Acesso em: 29 de set. de 2021.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **Percepção pública da C&T no Brasil – 2019**. Resumo Executivo. Brasília: 2019. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_publica_CT.pdf>. Acesso em: 17 de jun. de 2021.

CENTRO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL. Disponível em: <<https://www.cte.uerj.br/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

CIÊNCIA AO PÉ DO OUVIDO. Disponível em: <<https://podcasters.spotify.com/pod/show/cienciaaopedoouvido>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

CIÊNCIA NA RUA. Disponível em: <<https://ciencianarua.net/projeto/>>. Acesso em: 8 de jan. de 2022.

CIÊNCIA USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/sinopses-podcasts/ciencia-usp/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

CHAGAS, Catarina; MASSARANI, Luisa. **Manual de sobrevivência para divulgar ciência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

CHAIMOVICH, Hernan. O Porquê da Universidade Pública. **Jornal da USP no Ar, rádio USP**. São Paulo: 10 de maio de 2019. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/universidade-publica-tem-papel-social-intelectual-e-economico/>>. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

CJE VÍDEOS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@cjeusp/videos>>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

_____. Cientistas no Brasil. YouTube, 1º de dez. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@cjeusp/videos>>. Acesso em: 10 de dez. de 2021.

COGECOM. **Carta do Rio de Janeiro – Cogecom**. Rio de Janeiro, 21 de out. de 2020. Disponível em: <<http://cogecom.andifes.org.br/wp-content/uploads/2021/04/C%C3%B3pia-de-Carta-Cogecom-RJ-Minuta.pdf>>. Acesso em: 16 de fev. de 2021.

COMUNICA UFU. Disponível em: <<https://comunica.ufu.br/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

COMUNICA UFU CIÊNCIA. Disponível em: <<https://comunica.ufu.br/ciencia/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

CONTERNO, Ivan. Antes constipado do que morto: pesquisa sobre técnica inusitada de sobrevivência de escorpiões rende Prêmio IgNobel a cientistas da USP. *Jornal da USP*. São Paulo: 27 de set. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/antes-constipado-do-que-morto-pesquisa-sobre-tecnica-inusitada-de-sobrevivencia-de-escorpioes-rende-premio-ignobel-a-cientistas-da-usp/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

CÔRREA, Elizabeth Nicolau Saad. **As mudanças das mídias da USP**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 16 de abr. de 2023.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade**: para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

CRUZ, Adriana. Editoria Institucional e a Assessoria de Imprensa. In: **Workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitários**. Canal USP YouTube. São Paulo: 21 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=molY7X1AW2s&list=PLAudUnJeNg4uQn_7hJ2cLR5Q SvSCJperf&index=15>. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 23 de dez. de 2021.

DIÁLOGOS NA USP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLAudUnJeNg4vKPiEY2H2Ar92vP7I2ATYn>>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

DIAS, Valéria. *Jornal da USP* e a editoria de Ciências. In: **Workshop Jornalismo científico: a experiência da editoria de Ciências do Jornal da USP**. Canal IEA Youtube. São Paulo: 6 de jun. de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H6wPcDU0Stg&t=5711s>>. Acesso em: 28 de nov. de 2023.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005

_____. **Comunicação pública**: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Pública. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. O papel da Comunicação Pública – entrevista com Jorge Duarte. In: **Observatório de Mídia** – Gênero, Democracia e Direitos Humanos. Pernambuco: 27 de mar. de 2019. Disponível em: <<http://www.obmidia.org/noticias/o-papel-da-comunicacao-publica-entrevista-com-jorge-duarte/683>>. Acesso em: 02 de out. de 2021.

ESCOBAR, Herton. Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre. **Revista eletrônica ComCiência**. Dossiê Divulgação Científica. Campinas: 4 de abr. de 2018.

Disponível em: <<https://www.comciencia.br/divulgacao-cientifica-faca-agora-ou-cale-se-para-sempre/>>. Acesso em: 6 de dez. de 2021.

_____. Recheados de “carbono azul”, manguezais ganham destaque no combate às mudanças climáticas. *Jornal da USP*. São Paulo: 16 de dez. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/recheados-de-carbono-azul-manguezais-ganham-destaque-no-combate-as-mudancas-climaticas/>>. Acesso em: 18 de dez. de 2022.

EXAME. Salles sugeriu aproveitar pandemia para "passar a boiada" no Meio Ambiente. 22 de maio de 2020. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/salles-sugeriu-aproveitar-pandemia-para-passar-a-boiada-no-meio-ambiente/>>. Acesso em: 1º de nov. de 2023.

VITORIO, Tamires. 17 frases de Marie Curie para enfrentar mais sobre a vida e a ciência. *In: Exame*. São Paulo: 16 de jan. de 2021. Disponível em: <<https://exame.com/ciencia/17-frases-de-marie-curie-para-entender-mais-sobre-a-vida-e-a-ciencia/>>. Acesso em: 11 de jan. de 2024.

FAIAD, Caio. Bolsonaro mentiu sobre a pesquisa científica brasileira?. *Medium*, 13 de abr. de 2019. Disponível em: <<https://medium.com/boletimantidoto/bolsonaro-mentiu-sobre-a-pesquisa-cient%3%ADfca-brasileira-91fb3e647f73>>. Acesso em: 22 de jan. de 2022.

FARIA, Armando Medeiros de. Imprensa e interesse público. *In: DUARTE, Jorge (orgs). Comunicação pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Pública*. São Paulo: Atlas, 2007.

FENAJ. Código de ética dos jornalistas brasileiros. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>>. Acesso em: 23 de dez. de 2021.

FERRARI, Luís Carlos. A produção do jornalismo científico na Universidade Federal de Santa Catarina. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 12 de jan. de 2023.

FERREIRA, Pedro. A produção do jornalismo científico na universidade. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 07 de nov. de 2022.

FIGARO, Roseli. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. *Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos*. Rio Grande do Sul: vol. 16, nº 2, mai/ago, 2014. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.162.06>>. Acesso em: 28 de abr. de 2023.

FIORAVANTI, Carlos Henrique. Um enfoque mais amplo para o jornalismo científico. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v.36, n. 2, jul./dez. 2013, p.315-332. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1794/1654>>. Acesso em: 16 de dez. de 2021.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia; PRADO, Magaly (orgs). *Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração*. v.3. São Paulo: Saraiva, 2009.

FONSECA, André Azevedo. Comunicação das universidades ainda despreza interesse público. **Observatório da Imprensa**. São Paulo: 18 de jun. de 2019, edição 1042. Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/ciencia/comunicacao-das-universidades-ainda-despreza-interesse-publico/>>. Acesso em: 30 de dez. de 2021.

FUNDAÇÃO GRUPO BOTICÁRIO. **Edital Conexão Oceano oferece bolsas para a produção de reportagens e prêmio para fotografias**. Disponível em: <<https://www.fundacaogrupoboticario.org.br/pt/acontece-por-aqui/Paginas/Edital-Conexao-Oceano-oferece-bolsas-para-a-producao-de-reportagens-e-pr%C3%AAmio-para-fotografias.aspx>>. Acesso em: 18 de dez. de 2022.

FUSARO, William Casagrande. **A produção do jornalismo científico na universidade**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 10 de jan. de 2023.

GELFERT, A. Fake news: a definition. **Informal Logic**, 2018, 38 (1), p. 84-117. Disponível em: <https://informallogic.ca/index.php/informal_logic/article/view/5068/4350>. Acesso em: 15 de abr. de 2021.

GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojciech Andrzej. Popularização da ciência: uma revisão conceitual. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**. Santa Catarina: vol. 24, nº1, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/1546>>. Acesso em: 18 de jun. de 2022.

HERCOVITZ, Heloisa. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (org). **Metodologia da pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HUDEC, Vladimir. **O que é o jornalismo**: essência, características, funções sociais e princípios de seu desenvolvimento. Tradução: Maria Manuel Ricardo. Lisboa: Editorial Caminho, 1980.

IBOPE INTELIGÊNCIA. **O Brasil e os influenciadores digitais**. 2020. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2019/11/Influenciadores-digitais-ibope.pdf>>. Acesso em: 30 de nov. de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS. **Principais vozes da ciência no Twitter em 2021**: mapeando a conversa de cientistas e especialistas sobre a covid-19. Disponível em: <<https://www.ibpad.com.br/blog/ibpad-e-science-pulse-mapeiam-principais-influenciadores-cientificos-no-twitter/>>. Acesso em: 6 de jan. de 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Confiança na ciência no Brasil em tempos de pandemia**. Resumo Executivo. Brasília: 15 de dez. de 2022. Disponível em: <https://www.inctcpct.ufpa.br/wpcontent/uploads/2022/12/Resumo_executivo_Confianca_Ciencia_VF_Ascm_5-1.pdf>. Acesso em: 21 de out. de 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Sinopse Estatística da Educação Superior 2018**. Brasília: 17 de nov. de 2020. Disponível em: <<http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 5 de out. de 2021.

_____. **Censo da educação superior mostra aumento de matrículas no**

ensino a distância. Brasília: 3 de out. de 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/10/censo-da-educacao-superior-mostra-aumento-de-matriculas-no-ensino-a-distancia>>. Acesso em: 31 de out. de 2022.

IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie. **Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo.** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2019. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>>. Acesso em: 1º de mar. de 2022.

IVANISSEVICH, Alicia Maria. A mídia como intérprete: como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. *In:* BOAS, Sergio Vilas (org). **Formação & Informação científica: jornalismo para iniciados e leigos.** São Paulo: Summus Editorial, 2005.

JORNAL BEIRA DO RIO. Disponível em: <<https://beiradorio.ufpa.br/>>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

_____. Disponível em: <<https://beiradorio.ufpa.br/index.php/edicoes-digitalizadas>>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

JORNAL DA UNESP. Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/>>. Acesso em: 5 de jan. de 2024.

JORNAL DA UNICAMP. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju>>. Acesso em: 5 de jan. de 2024.

JORNAL DA USP. **Articulistas.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br/>>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

_____. **Atualidades.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br/home-atualidades/>>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

_____. **Ciências.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br/home-ciencias/>>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

_____. **Jornal da USP: Um retrato diário da produção da Universidade.** São Paulo: 22 de dez. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/noticias/jornal-da-usp-um-retrato-diario-da-producao-da-universidade/>>. Acesso em: 02 de out. de 2023.

_____. **Expediente.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br/expediente>>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

_____. **Home.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br>>. Acesso em: 21 de set. de 2023.

_____. **Podcasts.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br/podcasts/>>. Acesso em: 26 de set. de 2023.

_____. **Workshop do Gecom apresenta as mídias da Universidade.** São Paulo: 21 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/workshop-sobre-as-midias-da-usp-reune-os-profissionais-de-comunicacao-da-universidade/>>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

_____. **Novo “Jornal da USP” é tema de congresso na Espanha.** São Paulo: 9 de maio de 2017. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/novo-jornal-da-usp-e-tema-em-congresso-na-espanha/>>. Acesso em: 24 de fev. de 2022.

_____. **Universidade 93,7 – 15 anos no ar pela Rádio USP.** São Paulo: 21 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/universidade-937-15-anos-no-ar-pela-radio-usp/>>. Acesso em: 2 de nov. de 2023.

_____. **Cátedra Alfredo Bosi promove dois minicursos gratuitos nesta semana.** São Paulo: 3 de out. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/catedra-alfredo-bosi-promove-dois-minicursos-gratuitos-nesta-semana/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

JORNAL NOTÍCIA UEL. Disponível em: <<https://www.uel.br/com/portal/pages/jornal-noticia-uel.php>>. Acesso em: 17 de ago. de 2023.

JOVEM PAN. **Os Pingos nos Is.** YouTube, 9 de abr. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FSOAahACT_Y&t=277s>. Acesso em: 22 de jan. de 2022.

JÚPITER. **Sistema de Gestão Acadêmica da Pró-Reitoria de Graduação.** São Paulo: USP. Disponível em: <<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=CJE0551&codcur=27120&codhab=4>>. Acesso em: 3 de jan. de 2024.

KASSAB, Álvaro Kassab. **A produção do jornalismo científico na universidade.** [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 01 de mar. de 2023.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir.** São Paulo: Geração, 2004.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade.** SP: Ed. Loyola, 1992.

LAGE, N. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2019.

LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. **A produção do jornalismo na Universidade Federal de São Paulo.** [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 20 de jan. de 2023.

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em comunicação.** São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação. *In*: BRAGA, J.L.; LOPES, M.I.V.; MARTINO, L.C. (orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação.** São Paulo: Paulus, 2010.

_____. Esboço para uma história dos estudos em comunicação no Brasil e na América Latina: processos de institucionalização do campo. *In*: CROVI DRUETTA, Delia; CIMADEVILLA, Gustavo (orgs.). **Del mimeógrafo a las redes digitales.** SP: ALAIC, 2018.

_____. **Metodologia da Pesquisa em Comunicação** [informação oral, disciplina]. São Paulo: ECA-USP, 2021.

MALULY, Luciano Victor Barros; PARRA, Felipe. ECA-USP Contra as Fake News. **Universidade** **93,7**. São Paulo: 2021. Disponível em: <<https://www.usp.br/radiojornalismo/index.php/category/eca-usp-contra-as-fake-news/>>. Acesso em: 1º de mar. de 2022.

MANDAVILLI, Apoorva. Como a ciência funciona. *In*: BLUM, Deborah; HATCH, Joshua; JACKSON, Nicholas Jackson. **Manual de Edição em Jornalismo Científico do KSJ MIT**. Cambridge, Mass.: Massachusetts Institute of Technology, 2020. Disponível em: <<https://ksjhandbook.org>>. Acesso em: 4 de jan. de 2022.

MARQUES DE MELO, José. Impasse do jornalismo científico. **Revista Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo, n. 7, 1982.

_____. Hipólito da Costa, precursor do jornalismo científico no Brasil. *In*: GUIMARÃES, Eduardo. **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Pontes Editores, 2001.

MARQUES DE MELO, José; RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalismo científico: teoria e prática**. São Paulo: Intercom, 2014.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

MARTINO, Luiz Claudio. Panorama da pesquisa empírica em comunicação. *In*: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Claudio (orgs). **Pesquisa empírica em Comunicação**. São Paulo: SP, 2010.

MARIZ, Fabiana. **A produção do jornalismo científico na universidade**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 07 de nov. de 2022.

MASSARANI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20**. 1998. Dissertação (mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<https://www.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=462&sid=27>>. Acesso em: 5 de maio. de 2022.

_____. Estado del arte de la divulgación de la ciencia en América Latina. **JCOM América Latina**, 1 (01), A01, 2018. Disponível em: <https://jcomal.sissa.it/article/pubid/JCOMAL_0101_2018_A01/>. Acesso em: 5 de mai. de 2022.

_____. Jornalismo científico na América Latina: registro histórico do Primeiro Seminário Interamericano realizado na região em 1962. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.44, n.1, jan./abr. de 2021, p.273-285. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/interc/a/GzWjv5n6BnxVQKxWXxt4K6C/?lang=pt&format=pdf>>.

Acesso em: 9 de out. de 2021.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus Editorial, 2008a.

_____. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008b.

MORA, Ana María Sánchez; MORA, Carmen Sánchez. **Glosario de términos relacionados con la divulgación**: una propuesta. México: Universidade Autonoma do México, nov-jan de 2003. Disponível em: <http://www.divulgacion.ccg.unam.mx/webfm_send/8549>. Acesso em: 14 de jun. de 2022.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (orgs.). **Ciência e público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

MORIN, Edgard. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Tradução Edgar de Assis Carvalho. Natal, Edufrn, 2000a.

_____. **Saberes globais e saberes locais**: o olhar transdisciplinar. RJ: Garamond, 2000b.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. RS: Editora Sulina, 2015.

MOURA, Mariluce. Divulgação científica como práticas de resistência em tempos de pandemia e negacionismo. **Cátedra Intercom** [online]. 18 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AefeLzPUebw>>. Acesso em: 5 de out. de 2021.

MUNIZ, Ricardo Whiteman. **A ciência como pauta jornalística**. YouTube. Tocantins: 7 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rEO1kWJfZGY>>. Acesso em: 7 de nov. de 2021.

NADER, Helena. Conferência de Abertura. **1º Congresso Brasileiro de Divulgação Científica** [online], 27 de set. de 2021. Disponível em: <<https://www.academica.jor.br/congresso/>>. Acesso em: 27 de set. de 2021.

NAOE, Aline; PACHECO, Denis; DIAS, Hérika; ESCOBAR, Herton; Caires, Luiza. 10 mitos sobre a universidade pública no Brasil. **Jornal da USP**. São Paulo: 28 de jun. de 2019. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/universidade/10-mitos-sobre-a-universidade-publica-no-brasil/>>. Acesso em: 28 de jan. de 2022.

NASCIMENTO, Tatiana Galieta. Definições de Divulgação Científica por jornalistas, cientistas e educadores em ciências. **Ciência em Tela**. Rio de Janeiro: v.1, nº 2, 2008. Disponível em: <<http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0208nascimento.pdf>>. Acesso em: 14 de mai. de 2022.

NETO, Josafá Bonifácio. **A produção do jornalismo científico na Universidade Federal de Sergipe**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 13 de jan. de 2023.

NETTO, José de Moura Leite. **Jornalismo científico e a RedeComCiência**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 12 de nov. de 2021.

NOGUEIRA, Pablo. **A produção do jornalismo científico na universidade**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 10 de jan. de 2023.

NOVOS CIENTISTAS. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/sinopses/os-novos-cientistas/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

OLIVEIRA, Fábíola de. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Graciele Almeida; OLIVEIRA, Diogo Lopes de. Jornalismo científico na graduação das universidades públicas. **Ciência de Fato**. Unicamp: 1º de jun. de 2020. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/cdf/2020/06/01/jc-universidades-publicas>>. Acesso em: 24 de dez. de 2021.

_____. Jornalismo científico em tempos de Pandemia. *In*: SANTOS, Ronaldo Pereira; POCHMANN, Marcio. **Brasil pós-pandemia: reflexões e propostas**. São Paulo: Alexa Cultural, 2020.

O PEROBAL. Disponível em: <<https://operobal.uel.br/>>. Acesso em: 5 de jan. de 2024.

PARK, R.E. A notícia como forma de conhecimento. *In*: STEINBERG, Charles S (org). **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1966, pp. 169-185.

PEREIRA JUNIOR, A. E. V. Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento. **Revista FAMECOS**. Rio Grande do Sul: v.21, n.3, set./dez. de 2014, p. 860-877. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/17810/12567>>. Acesso em: 20 de mar. de 2020.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Apontamentos para epistemologia e métodos na pesquisa em Comunicação no Brasil. **Comunicação e sociedade** [online], nº 33, 29 de jun. de 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cs/287>>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

PEZZOTTI, Renato. **Coronavírus: crescem audiência e relevância de notícias**. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/23/coronavirus-crescemaudiencia-e-relevancia-de-noticias.htm>>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

PILATI, Ronaldo. **Ciência e pseudociência: por que acreditamos apenas naquilo em que queremos acreditar**. SP: Ed. Contexto, 2022.

PINTO, Ana Estela Sousa. **Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios**. São Paulo: Publifolha, 2012.

RÁDIO USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio/>>. Acesso em: 21 de set. de 2023.

RAMÍREZ, Francisco Esteve; MORAL, Javier Fernández del. **Áreas de especialización Periodística**. Madrid: Editorial Fragua, 1999.

REDAÇÃO. Desmente Bolsonaro: Mais de 95% da produção científica do país vem de Universidades públicas. **Jornal GGN**. 13 de abr. de 2019. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/educacao/desmente-bolsonaro-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-pais-vem-de-universidades-publicas/>>. Acesso em: 22 de jan. de 2022.

REVISTA DARCY. Disponível em: <<https://revistadarcy.unb.br/>>. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

REVISTA ESPAÇO ABERTO. Disponível em: <<https://www5.usp.br/tag/revista-espaco-aberto/>>. Acesso em: 20 de set. de 2023.

_____. Disponível em: <<https://www.usp.br/espacoaberto/>>. Acesso em: 20 de set. de 2023.

REVISTA USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/revistausp/revistausp120/>>. Acesso em: 21 de set. de 2023.

REYNOSO, Elaine. **La cultura científica en los museos en el marco de la educación informal**. Tese de Doutorado. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2012.

RISSO, Carla de Araujo. **Capas que contam histórias: a trajetória do Jornal da USP**. Curitiba: Appris, 2021.

ROCHA, Mariana; MASSARANI, Luiza. PEDERSOLI, Constanza. La divulgación de la ciencia en América Latina: términos, definiciones y campo académico. In: **Aproximaciones a la investigación en divulgación de la ciencia en América Latina a partir de sus artículos académicos**. Memoria Académica. Rio de Janeiro: Fiocruz-COC, 2017, pp. 39-58. Disponível: <<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.4668/pm.4668.pdf>>. Acesso em: 28 de jan. de 2022.

RODRIGUES, Meghie. É preciso pensar sobre as relações de poder na ciência e jornalismo. **Ciência Fundamental, Folha de S. Paulo**. São Paulo: 12 de abr. de 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/ciencia-fundamental/2023/04/e-preciso-pensar-sobre-as-relacoes-de-poder-na-ciencia-e-jornalismo.shtml>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

RODRIGUES, Rosyane. **A produção do jornalismo científico na universidade**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 17 de nov. de 2021.

_____. **A produção do jornalismo científico na Universidade Federal do Pará**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 21 de dez. de 2022.

ROLLEMBERG, Marcelo. *Prefácio*. In: RISSO, Carla de Araujo. **Capas que contam histórias: a trajetória do Jornal da USP**. Curitiba: Appris, 2021.

ROSABONI, Camilly. No pós-abolição, ex-escravos e imigrantes têm similar ascensão social no oeste paulista. **Jornal da USP**. São Paulo: 29 de nov. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/diversidade/no-pos-abolicao-ex-escravos-e-imigrantes-tem-similar->

[ascensao-social-no-oeste-paulista/](#)>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

_____. Misturando expressões culturais, samba e punk convivem harmoniosamente em bairro paulistano. *Jornal da USP*. São Paulo: 8 de dez. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/diversidade/misturando-expressoes-culturais-samba-e-punk-convivem-harmoniosamente-em-bairro-paulistano/>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de Conteúdo Categorial:** manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SANTOS, Thaís Helena dos. Editoria Universidade. *In: Workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitários*. Canal USP YouTube. São Paulo: 21 de out. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=moIY7X1AW2s&t=312s>>. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

SCHMIDT, Sarah. Os caminhos da desinformação nas redes sociais na pandemia. **Revista Pesquisa FAPESP**. São Paulo: 7 de out. de 2021. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/os-caminhos-da-desinformacao-nas-redes-sociais-na-pandemia/>>. Acesso em: 15 de nov. de 2023.

SEGURADO, Rosemary. **Desinformação e Democracia:** A guerra contra as fake News na internet. São Paulo: Hedra, 2021.

SERRANO, Luiz Roberto. **A Superintendência de Comunicação Social**. [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 24 de jul. de 2020.

_____. *Jornal da USP*. *In: Workshop Jornal da USP - Jornalismo em ambientes universitários*. Canal USP YouTube. São Paulo: 21 de out. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=moIY7X1AW2s&t=312s>>. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

_____. Os desafios para o jornalismo científico no Brasil. *In: Jornal da USP*. São Paulo: 15 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/os-desafios-para-o-jornalismo-cientifico-no-brasil/>>. Acesso em: 10 de out. de 2023.

_____. O jornalismo científico como esteio para o desenvolvimento. *In: Jornal da USP*. São Paulo: 20 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/o-jornalismo-cientifico-como-esteio-para-o-desenvolvimento/>>. Acesso em: 10 de out. de 2023.

_____. O espaço nas mídias digitais. *In: Jornal da USP*. São Paulo: 21 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/o-espaco-nas-midias-digitais/>>. Acesso em: 10 de out. de 2023.

_____. O que é preciso para ser um bom jornalista científico. *In: Jornal da USP*. São Paulo: 22 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/o-que-e-preciso-para-ser-um-bom-jornalista-cientifico/>>. Acesso em: 10 de out. de 2023.

_____. A tendência e uma crítica à cobertura de ciência na grande imprensa. *In: Jornal da USP*. São Paulo: 23 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/a-tendencia-e-uma-critica-a-cobertura-de-ciencias-na-grande-imprensa/>>. Acesso em: 10 de out. de 2023.

_____. O sombreamento entre jornalismo e divulgação científicos. *In: Jornal da USP*. São Paulo: 24 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/o-sombreamento-entre-jornalismo-e-divulgacao-cientificos/>>. Acesso em: 10 de out. de 2023.

_____. A importância de José Reis na cobertura de Ciência no Brasil. *In: Jornal da USP*. São Paulo: 27 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/a-importancia-de-jose-reis-na-cobertura-de-ciencia-no-brasil/>>. Acesso em: 10 de out. de 2023.

_____. **Jornal da USP e a editoria Diversidade**. Visita técnica na redação. São Paulo: 2 de ago. de 2022 (a).

_____. **O texto no Jornal da USP**. Visita técnica na redação. São Paulo: 12 de set. de 2022 (b).

_____. **Gêneros e formatos no Jornal da USP**. Visita técnica na redação. São Paulo: 19 de out. de 2022 (c).

_____. **Reportagem especial sobre manguezais**. Visita técnica na redação. São Paulo: 16 de dez. de 2022 (d).

SHALDERS, André. Passando a boiada: 5 momentos nos quais Ricardo Salles afrouxou regras ambientais. **BBC**, 1º de out. de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364652>>. Acesso em: 1º de nov. de 2023.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**: notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SMAILI, Soraya; MINHOTO, Maria Angélica; ARANTES, Pedro. Todo filme de desastre começa com cientistas sendo ignorados (as). Mais uma vez o governo Bolsonaro ataca cientistas e busca a catástrofe. **Folha de S. Paulo**, SoU_Ciência, São Paulo: 9 de dez. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/sou-ciencia/2022/12/todo-filme-de-desastre-comeca-com-cientistas-sendo-ignoradosas.shtml>>. Acesso em: 13 de dez. de 2022.

SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Relatório de Gestão 2015-2017**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

TÁ NA MÃO. Disponível em: <<https://tanamao.unifesp.br/in%C3%ADcio>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

TEIXEIRA, Danielle Tavares. **A produção do jornalismo científico na Universidade na Universidade do Estado de Mato Grosso**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 17 de jan. de 2023.

TEIXEIRA, Luiz Fernando Boaventura. **O impacto humano da falta de diversidade nas redações brasileiras**. Reuters Institute for Study of Journalism: Reino Unido, Oxford, 2022. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/human-impact-lack-diversity-brazilian-newsrooms>>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

THEME, Ana Cláudia. **A produção do jornalismo científico na Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 30 de jan.

de 2023.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980.

TORQUATO, Francisco Gaudêncio. **Comunicação empresarial, comunicação institucional: conceitos, estratégias, sistemas, estrutura, planejamento e técnicas**. São Paulo: Summus, 1986.

TÔZO, Carla de Oliveira. **O papel da divulgação científica na formação das crianças: a experiência da Estação Ciência**. Dissertação (mestrado em Comunicação). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.

_____. A experiência do Canal Ciência USP durante a pandemia. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Bahia, modalidade virtual, UFBA: 1º a 10 de dez. de 2020. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2330-1.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

_____. A Universidade de São Paulo e a produção do conhecimento científico: um estudo do podcast *Ciência USP*. In: IV Simpósio Nacional do Rádio, modalidade virtual, UFMT, Cuiabá: 5 a 7 de maio de 2021. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/simposionacionaldoradio/simpnacradio>>. Acesso em: 20 de ago. de 2021.

_____. Panorama das mídias da Universidade de São Paulo. **REGIT**. São Paulo: v. 16, nº. 2, p. 123-133, jul/dez. de 2021. Disponível em: <http://www.revista.fatecitaqua.edu.br/index.php/regit/article/view/REGIT16-A9/pdf_196>. Acesso em: 5 de dez. de 2021.

_____; MALULY, Luciano Victor Barros. Série de Entrevistas – Cientistas no Brasil. In: 20º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo (ENPJ), Associação Brasileira de Ensino do Jornalismo (Abej), modalidade virtual, UFPI, Piauí: 9 a 11 de ago. de 2021. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://soac.abejor.org.br/?conference=20ENPJ&schedConf=20ENPJ&page=schedConf&op=program>>. Acesso em: 12 de set. de 2021.

_____. O *Jornal da USP* e a cobertura de Ciências. In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), modalidade virtual, UNICAP, Pernambuco: 4 a 9 de out. de 2021. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-sa/carla-de-oliveira-tozo.pdf>>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.

_____. José de Moura Leite Neto – reflexão sobre o jornalismo de ciência e o papel da Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência. **Revista Alterjor**. São Paulo: v. 25, nº1, 17 de fev. de 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/192943/180092>>. Acesso em: 12 de mar. de 2022.

_____. Wilson da Costa Bueno: O jornalismo científico ontem e hoje. **Revista Alterjor**.

São Paulo: v.26, n.º.2, p.151-157, 24 de jul. de 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/199075/184224>>. Acesso em: 15 de ago. de 2022.

_____. *Jornal da USP* e sua contribuição para a divulgação da Ciência. **Série Alterjor**. São Paulo: v.1, p. 163-178, 18 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/879/797/2913>>. Acesso em: 20 de set. de 2022.

_____. O jornalismo científico produzido em ambientes universitários: a experiência da Universidade Federal do Pará e Universidade Estadual de Londrina. In: 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), UFPB, Paraíba: 5 a 9 de set. de 2022. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0704202210311962c2eba79860b.pdf>>. Acesso em: 23 de jan. de 2023.

_____. *Jornal da USP* como agente da divulgação da Ciência e do combate à desinformação. In: **IV Conferência Internacional Comunicar Ciência**, modalidade virtual, Universidade Beira do Interior, Portugal: 6 e 7 de out. de 2022, Disponível em: <<https://www.comunicarciencia.ubi.pt/2022/>>. Acesso em: 22 de out. de 2023.

_____. O jornalismo científico produzido nas (pelas) universidades públicas: algumas reflexões. In: Anais do 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), UFC, Fortaleza: 9 a 11 de nov. de 2022. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2022/trabalhos/o-jornalismo_cientifico-produzido-nas-pelas-universidades-publicas-algumas-refle?lang=pt-br>. Acesso em: 9 de jan. de 2024.

_____. A produção do jornalismo científico em ambientes universitários: a experiência do *Jornal da USP*. In: VII Encontro Regional Sudeste de História da Mídia (Rede Alcar Sudeste), USP, São Paulo: 30 de nov. e 1º de dez de 2022. **Anais [resumo] eletrônicos**. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/sites/default/files/inline-files/Anais%20Alcar%20v2-1.pdf>>. Acesso em: 5 de mar. de 2023.

_____. O jornalismo científico produzido pelas universidades públicas: a experiência do *Jornal da USP*. In: FARIAS, Luiz Alberto de; OHLSON, Márcia Pinheiro; SERRALHEIRO, Vinícius Alves (orgs). **Conexão Pós** – Contribuições da Pesquisa em Comunicação no Contexto [pós] pandêmico – 50 anos PPGCOM-ECA-USP. São Paulo: ECA-USP, 2023.

_____. As Universidades Públicas Brasileiras e a Produção do Jornalismo Científico Universitário. **Série Alterjor** - A ciência do jornalismo (& muito mais). São Paulo: v. 2, p. 28-37, 9 de maio de 2023. Disponível em: <<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/993/913/3405>>. Acesso em: 14 de ago. de 2023.

_____. A produção do jornalismo científico pelas universidades públicas: a experiência do *Jornal da USP*. **Revista Alterjor** - Dossiê Alcar Sudeste 2022. São Paulo: v.28, n.º 2, p. 99-120, jul/dez. de 2023. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/212457/198585>>. Acesso em: 5 de jan. de

2024.

_____ ; MALULY, Luciano Victor Barros; MUÑOZ, Daniel Azevedo. A Produção do Jornalismo Científico em Cinco Universidades Federais do Brasil. *In*: 14º Encontro Nacional de História da Mídia (Rede Alcar), UFF, Rio de Janeiro: 2 a 4 de ago. de 2023. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-14o-encontro-2023/>>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

_____. A contribuição do jornalismo científico produzido nas universidades públicas para o acesso ao conhecimento científico de qualidade. *In*: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), PUC: Minas Gerais: 5 a 8 de set. de 2023. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0812202318052964d7f419e6251.pdf>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

_____. A prática do jornalismo científico no *Jornal da USP* em prol da informação de qualidade. *In*: Anais do 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), UnB, Brasília: 8 a 10 de nov. de 2023. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/a-pratica-do-jornalismo-cientifico-no-jornal-da-usp-em-prol-da-informacao-de-qua?lang=pt-br>>. Acesso em: 10 de jan. de 2024.

_____. A produção do jornalismo científico nas universidades públicas brasileiras. *In*: XVIII Congresso Ibero Americano de Comunicação (Ibercom), Nur, Bolívia: 25 a 28 de out. de 2023. Disponível em: <<https://www.ibercom2023.org/dti-12-estudos-de-jornalismo/>>. Acesso em: 10 de jan. de 2024.

TV UERJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FKcx_4XRNUI>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

UCKUS, Fabiana. Consumo de mídia durante a pandemia de coronavírus no Brasil. **Comscore**. 14 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/Consumo-de-midia-durante-a-pandemia-de-coronavirus-no-Brasil>>. Acesso em: 25 de set. de 2020.

UEL. Disponível em: <<https://portal.uel.br/home/>>. Acesso em: 17 de ago. de 2023.

UERJ. Disponível em: <<https://www.uerj.br/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

UERJ NOTÍCIAS. Disponível em: <<https://www.uerj.br/todas-as-noticias/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

UFS CIÊNCIA. Disponível em: <<https://ciencia.ufs.br/conteudos/noticias>>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

_____. Disponível em: <<https://ciencia.ufs.br/conteudo/72184-pesquisa-da-ufs-avalia-eficacia-de-produto-natural-para-silagem-de-milho-e-capim>>. Acesso em: 23 de jul. de 2023.

UFSC. Disponível em: <<https://ufsc.br/>>. Acesso em: 21 de ago. de 2023.

UFSC. **Jornalismo científico**. Disponível em: <<https://agecom.ufsc.br/jornalismo-cientifico/>>. Acesso em: 21 de ago. de 2023.

UNB CIÊNCIA. Disponível em: <<https://www.unbciencia.unb.br/>>. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

UNEMAT NOTÍCIAS. Disponível em: <<https://unemat.br/noticias>>. Acesso em: 23 de jul. de 2023.

_____. Disponível em: <<https://unemat.br/noticias/17-7-2023-agricultores-de-mato-grosso-preservam-grande-diversidade-genetica-de-mandioca>>. Acesso em: 23 de jul. de 2023.

UNESP. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/aci_ses/>. Acesso em: 17 de ago. de 2023.

UNICAMP. **Home**. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/>>. Acesso em: 17 de ago. de 2023.

_____. **Secretaria de Comunicação**. Disponível em: <<https://www.sec.unicamp.br/>>. Acesso em: 17 de ago. de 2023.

UNIFESP. **Home**. Disponível em: <<https://www.unifesp.br/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

_____. **DCI**. Disponível em: <<https://www.unifesp.br/reitoria/dci/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/missao>>. Acesso em: 30 de ago. de 2023.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: <<https://www5.usp.br/>>. Acesso em: 19 de set. de 2023.

_____. **Encontro discute a comunicação na Universidade**. São Paulo: 30 de ago. de 2012. Disponível em: <<https://www5.usp.br/16480/encontro-discutiui-a-gestao-da-comunicacao-na-universidade>>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

_____. **Encontro na USP debate o diálogo entre a Universidade e a imprensa**. São Paulo: 25 de abr. de 2013. Disponível em: <<https://www5.usp.br/26063/usp-debate-o-dialogo-entre-a-universidade-e-aimprensa/>>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

_____. **Relatório de Gestão 2014-2017 – Uma Universidade em evolução**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

USP TALKS. Disponível em: <<https://usptalks.prp.usp.br/pt/home/>>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

VASCONCELOS, Gabriel. Interação entre universidade e empresa no país é subestimada. **Jornal Valor Econômico**. São Paulo: 6 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/01/06/interacao-entre-universidade-e-empresa->

[no-pais-e-subestimada.ghtml](#)>. Acesso em: 22 de jan. de 2022.

VELOSO, Serena. **A produção do jornalismo científico na Universidade de Brasília**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 22 dez. 2022.

VICTOR, Cilene. **Sustentabilidade**: pauta jornalística ou marketing verde?. *In*: VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone (orgs). **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print Editora, 2009.

VIEIRA, VANESSA. **A produção do jornalismo científico na Universidade de Brasília**. [Entrevista online concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 17 de jan. de 2023.

VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. **Folha de S. Paulo**. São Paulo: 24 de jul. de 2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2407200308.htm>>. Acesso em: 23 de maio. de 2023.

_____. The spiral of scientific culture and cultural well-being: Brazil and Ibero-America. *In*: **Sage Journals**. 24 de out. de 2011, v. 21, Issue 1. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0963662511420410>>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

VOGT, Carlos e POLINO, Carmelo (orgs). **Percepção Pública da Ciência**: resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp e FAPESP, 2003.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <<https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>>. Acesso em: 1º de mar. de 2022.

WATANABE, Phillipe. Veja números, frases e polêmicas de Ricardo Salles à frente do Ministério do Meio Ambiente. **Folha de S.Paulo**. São Paulo: 23 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2021/06/veja-numeros-frases-e-polemicas-de-ricardo-salles-a-frente-do-ministerio-do-meio-ambiente.shtml>>. Acesso em: 1º de nov. de 2023.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. Tradução de Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Paulus, 2006.

ZAGO, Marco Antonio. “Ou as universidades se reestruturam, ou correrão o risco de se tornarem irrelevantes”, alerta presidente da Fapesp. [Entrevista concedida a] Rafael Revadam. *In*: **Jornal da Ciência**. 23 de mar. de 2023. Disponível em: <<https://www.jornaldaciencia.org.br/ou-as-universidades-se-reestruturam-ou-correrao-o-risco-de-se-tornarem-irrelevantes-alerta-presidente-da-fapesp/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2023.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: Autores Associados, 2001.

APÊNDICE

Este trabalho possui um repositório virtual com a transcrição das entrevistas, planilhas de Excel com o levantamento de informações das universidades federais e estaduais e alguns prints de e-mails, além de mensagens de WhatsApp com os(as) entrevistados(as) que comprovaram o "aceite" em participar da pesquisa.

Optamos por esse formato para que o arquivo final da tese não fique muito pesado.

Para acessar o repositório acesse o link ou o QrCode abaixo:

<https://drive.google.com/drive/folders/1O0dLHh5rXUang5cyw4Y8p7r4Qj5pJmFD?usp=sharing>

